

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

Luis Fernando Catelan Encinas

GRAVITY'S RAINBOW, DE THOMAS PYNCHON:
PARANOIA, TÉCNICA MODERNA E NARRATIVA

São Paulo
2019

Luis Fernando Catelan Encinas

GRAVITY'S RAINBOW, DE THOMAS PYNCHON:
PARANOIA, TÉCNICA MODERNA E NARRATIVA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Filosofia sob a orientação do Prof. Dr. Ricardo Nascimento Fabbrini.

São Paulo
2019

A Herbert, *in memoriam*.

AGRADECIMENTOS

A realização desta tese contou com o apoio de várias pessoas e instituições, às quais eu gostaria de agradecer.

Em primeiro lugar, à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Aos funcionários do Departamento de Filosofia, nas pessoas de Marie Marcia Pedroso, Geni Ferreira Lima, Luciana Bezerra Nóbrega e Lucas Martins de Castro Neto, pela gentileza e atenção dispensadas.

Ao professor Ricardo Nascimento Fabbrini, por aceitar orientar esta tese. Também agradeço-o pela confiança e autonomia que conferiu a mim, desde o início dos trabalhos.

Aos professores Celso Fernando Favaretto, Bernardo Barros Coelho de Oliveira e Hélio Salles Gentil, pela grata e honrosa oportunidade de tê-los em minha banca.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio e financiamento de minha pesquisa.

À minha família (Mãe, Leandro, Lauren), que tanto me ajudou e apoiou ao longo de todos estes anos.

Aos meus amigos, Gustavo Basso, Mateus Carvalho, Gustavo Guapo, Fabiano “Babi” Soares, Kenny Nascimento, Mateus Bassols, Letícia Migliorini, pela máxima inspiração.

Aos colegas do Laboratório de Pesquisa, Dimas, Ramon, Israel, Júlia, Álvaro, Felipe, Robson, Gabriel, pela amizade.

Agradeço, por fim, à Fernanda Palo Prado, pelo seu apoio irrestrito, sua leitura deste texto, sua companhia e afeto.

SEM VOCÊS ESTE TRABALHO TERIA SIDO IMPOSSÍVEL!

Um milhão de burocratas estão diligentemente tramando a morte e alguns deles até sabem disso. (Thomas Pynchon, em “Gravity’s Rainbow”)

Se a sociedade estabelecida controla toda comunicação normal, validando-a ou invalidando-a de conformidade com as exigências sociais, então os valores estranhos a essas exigências podem talvez não ter qualquer outro meio de comunicação a não ser o meio anormal da ficção. A dimensão estética ainda conserva uma liberdade de expressão que permite ao escritor e ao artista chamar os homens e as coisas por seus nomes – dar nome ao que seria de outro modo inominável. (Herbert Marcuse, em “A ideologia da sociedade industrial”)

RESUMO:

Instalado no centro de uma tradição literária cujo tema é a aniquilação, *Gravity's Rainbow* (1973), romance do escritor norte-americano Thomas Pynchon, descreve as formas de dominação tecnológica mais temíveis – todo um universo de possibilidades formais correspondente à experiência histórica de pós-guerra na qual o problema (paranoicamente motivado) da aniquilação veio a ocupar um lugar de destaque nas produções literárias da segunda metade do século XX (a exemplo de William Burroughs, Don DeLillo, entre outros). Do mesmo modo, o livro de Pynchon também está inserido na melhor tradição do romance. Neste sentido, poder-se-ia dizer que as estéticas e temáticas de *Gravity's Rainbow* não são de todo peculiares; ao contrário, fazem parte de uma longa e venerável tradição que recua no tempo e na história. Peculiar, no entanto, é o talento de Pynchon como romancista em juntar e articular inúmeros domínios e registros, compondo um amálgama indiferenciado de linguagens e formas absolutamente ímpar, o que nos faz pensar sobre as potencialidades da forma romance depois das vanguardas em Pynchon, forma esta que, surgindo inicialmente na Inglaterra, no século XVIII, reterritorializou-se em toda parte, e dá mostras, até o presente, de grande vitalidade. Assim, o presente estudo busca apreender a maneira como o romance de Thomas Pynchon elabora algumas tendências formais e temáticas próprias à experiência histórica de pós-guerra em que o problema da aniquilação ocupou lugar de destaque em algumas criações literárias, com ênfase na questão da paranoia elevada à categoria de problema, no significado da técnica moderna nas sociedades contemporâneas e no problema “narrativo” da anulação do sentimento de direção (a perda de tensão em direção a uma *meta*), enquanto elementos centrais de certo romance contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Thomas Pynchon; aniquilação; paranoia; técnica moderna; narrativa contemporânea.

ABSTRACT:

Set in the center of a literary tradition whose theme is annihilation, *Gravity's Rainbow* (1973), novel of the American writer Thomas Pynchon, describes the most formidable forms of technological domination – a whole universe of formal possibilities corresponding to the post-war historical experience in which the (paranoically motivated) problem of annihilation came to occupy a prominent place in the literary productions from the second half of the 20th century (like William Burroughs, Don DeLillo, among others). Similarly, Pynchon's book is also embedded in the best tradition of the novel. In this sense, it could be said that the aesthetics and thematics of *Gravity's Rainbow* are not at all peculiar; on the contrary, they are part of a long and venerable tradition that goes back in time and history. Peculiar, however, is the Pynchon's talent as a novelist in joining and articulating innumerable domains and records, composing an undifferentiated amalgam of absolutely unique languages and forms, which makes us think about the potentialities of the novel form after the vanguards in Pynchon, form which, first appearing in England in the eighteenth century, has been reterritorialized everywhere, and shows up in the present days with great vitality. Thus, the present study seeks to capture the way in which Thomas Pynchon's novel elaborates some formal and thematic tendencies proper to the post-war historical experience in which the problem of annihilation occupied prominent place in some literary creations, with an emphasis on the subject of paranoia raised to the category of problem, in the meaning of modern technique in contemporary societies, and in the "narrative" problem of the nullification of the sense of direction (the loss of tension towards a *goal*), as central elements of a certain contemporary novel.

KEYWORDS: Thomas Pynchon; annihilation; paranoia; modern technique; contemporary narrative.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. O ROMANCE: UMA APRESENTAÇÃO.....	12
2. A HISTÓRIA DO FOGUETE V-2.....	22
3. FORMA & MATÉRIA	30
4. A TÉCNICA ENQUANTO COLUNA VERTEBRAL DO LIVRO DE PYNCHON	111
5. O FOGUETE SEGUNDO PYNCHON.....	134
6. O PROBLEMA DA PARANOIA	154
<i>EXIT</i> : À guisa de conclusão.....	197
APÊNDICE	203
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	206

INTRODUÇÃO

Essa não é uma análise literária tradicional: questões tais como posição do narrador, caracterização de personagem, tempo e espaço etc. não estão no centro da presente investigação, que tem como enfoque principal não um ponto de vista normativo, mas sim histórico-filosófico.

Interessa-nos no livro de Pynchon: (1) a questão da paranoia elevada à categoria de problema; (2) o significado da técnica na vida contemporânea; e (3) o problema “narrativo” da anulação do sentimento de direção, ou antes, a perda de tensão em direção a uma *meta*. Pode-se argumentar dizendo que essas características não constituem nenhuma novidade, e que elas já aparecem em outros autores, mas o caso é que elas não aparecem em nenhuma outra obra antes juntas, reunidas em um mesmo plano de composição.

Procuremos explicitar melhor as partes componentes deste trabalho tal como apresentadas acima. No que respeita ao problema da paranoia, em *Gravity's Rainbow*, esta já não é o problema de uma biografia individual, mas uma situação coletiva, que, como tal, revela seu sentido na economia da própria ficção, sob a forma de estilo de conexão; já em relação ao significado da técnica, o livro de Pynchon busca refletir sobre o impacto da tecnologia nas sociedades modernas, sobretudo no que diz respeito à sua significação e intencionalidade, tomando como modelo para a condução de tal reflexão o foguete V-2; e, no que tange ao terceiro ponto, o problema “narrativo” da anulação do sentimento de direção, este aparece como consequência da nova compreensão do sentimento da existência, marcado não só por novas representações do tempo, como igualmente pela incerteza e insegurança generalizadas (aproximando, assim, forma e mundo histórico). O que significa “paranoia” no livro de Pynchon; qual o significado de uma narrativa que não chega ao fim mas que se desintegra; e, finalmente, qual a significação da técnica nas sociedades modernas (o que nos interessa, portanto, não é o avanço da técnica em si, mas seu efeito sobre os seres humanos) – estas três partes ou eixos são, reunidas, o cerne da nossa leitura do romance de Thomas Pynchon, e às quais tentaremos esclarecer dentro dos limites da presente investigação.

Outros autores aqui citados (que, além do próprio Pynchon, inclui nomes tais como William Burroughs, Don DeLillo e David Foster Wallace) não implicam uma valorização particular ou exclusiva dos mesmos. Entre eles, alguns há que, pela extensão de suas obras e pelo reconhecimento alcançado, já podem ser considerados até mesmo “canônicos” (segundo a terminologia de Harold Bloom). Nossa seleção, neste sentido, foi eminentemente histórica, baseada em exemplos mais ou menos coincidentes. Explico. Quando se analisa as obras desses autores, notam-se certas coincidências na escolha de suas temáticas e problemáticas que, como tais, parecem apontar para um certo consenso ou padrão que ultrapassa a esfera do simples gosto individual e, como tal, parece afetar a própria constituição de certo romance contemporâneo. O que pretendemos com isso é apontar para o fato de que o livro de Pynchon deve ser entendido não como produto do “gênio” (na acepção romântica da palavra) mas como algo pertencente a uma constelação maior e, portanto, como estando ligado à própria tradição do romance, tanto norte-americano quanto universal, de Cervantes, à Melville e Joyce. (Não temos, no entanto, a intenção de oferecer uma vista geral histórica do desenvolvimento do gênero romance nem de empenhar-se na exegese das várias transformações, reformas ou inovações pelas quais o gênero passou desde o seu aparecimento, mas apenas situar o livro de Pynchon dentro do cenário maior da tradição do romance, especialmente do romance da segunda metade do século XX, a partir dos autores acima mencionados.)

A questão que se coloca é: Pynchon modifica ou apenas consolida alguma estética herdada? Ora, parte dessa herança se ligaria ao trabalho dos modernistas, cuja influência e autoridade generalizadas ele e seus contemporâneos dificilmente poderiam ter evitado. Mas para os escritores de ficção que amadureceram na metade do século XX, o modernismo não era mais um modelo literário incontornável e inviolável. Muitos autores dessa geração, incluindo Pynchon, começaram o trabalho de reformular suas premissas, preparando o terreno para um deslocamento de seus eixos formais e temáticos, em busca de um tema e uma forma que correspondesse à experiência dos anos de após-guerra. E, ao procurar ampliar suas abordagens formais e temáticas, estes autores estavam também a reavaliar as configurações de força e poder atuantes no mundo, bem como a questão da capacidade do indivíduo para enfrentá-las, o que significa que o mundo que os romancistas passavam a explorar ficava, de algum modo, além da existência individual e dos limites da razão, com seus jogos de poder,

suas estruturas conspiratórias, seus sistemas tecnológicos, suas ameaças à sobrevivência.

É nesse contexto, por exemplo, que vem à luz o primeiro romance de Pynchon, *V.*, de 1963, em sua tentativa de reconstruir o mundo da história a partir dos processos entrópicos em funcionamento através dela. Nesta direção, será preciso entender *Gravity's Rainbow* também em relação ao primeiro livro de Pynchon, onde aparecem já configuradas questões próprias também a este último – por exemplo, nas tramas conspiratórias reunidas segundo uma nova ideia de tempo ou do acontecer histórico, representado em termos de uma sincronicidade, onde os eventos transcorrem em paralelo, girando em torno à ideia de aniquilação (sem mencionar ainda o projeto de investigar sob as superfícies da história, ou abaixo das versões oficiais desta, que representa uma conexão particularmente forte entre o primeiro romance de Pynchon e *Gravity's Rainbow*). Neste sentido, retornaremos em vários momentos desse trabalho a essas particularidades, que ligam o livro de Pynchon a sua produção romanesca inicial, com vistas a um maior entendimento no que tange às temáticas e configurações que lhes são afins.

Assim, o processo de “ler” o livro de Pynchon exige muito mais do que simplesmente curiosidade. Para participar de seus motivos formais e temáticos será necessário mobilizar muitos outros elementos extraídos não somente do universo literário bem como àqueles extraídos da história e da filosofia, demandando portanto um envolvimento e um esforço maiores. Nesse sentido, além dos tradicionais críticos e especialistas da obra de Pynchon, que inclui nomes como Richard Poirier, Douglas Fowler, Leo Bersani, Tony Tanner, David Seed, Steven Weisenburger, Luc Herman, David Cowart, Joseph Slade, entre outros, fartamente citados neste trabalho, muitos outros foram arregimentados, com o propósito de tentar esclarecer suficientemente a riqueza e abrangência desse romance, incluindo autores tais como Herbert Marcuse, Erich Fromm, Hannah Arendt, Eric Voegelin, Gilles Deleuze, Christopher Lasch, Richard Evans, etc.

Como se poderá perceber ao longo da leitura, nosso trabalho possui um determinado sentido de composição, no qual alguns dos tópicos ou temas principais reaparecem ou são retomados em outra parte, numa espécie de processo contínuo de intensificação dos seus conteúdos (a exemplo da questão da paranoia, esboçada inicialmente no primeiro capítulo e retomada no último capítulo, em uma análise mais

detida). Na verdade, essa tendência se manifesta em vários momentos do nosso trabalho, com a discussão relativa à significação da técnica moderna nas sociedades contemporâneas, com os deslocamentos e saltos espaço-temporais constituídos no interior do romance em termos de simultaneidades, entre outros motivos e temas aqui tratados.

Por último: considerar o livro de Pynchon como fruto exclusivo de seu tempo, ou seja, como produto da Guerra Fria, seria incorrer numa equivocada sobredeterminação temporal. É evidente que há ecos de dita “guerra” em sua elaboração, a começar pelo ano de sua publicação, 1973. Porém, seria um erro dar-lhe peso excessivo, se se tem em conta os elementos que o compõem. Pois, no que diz respeito, por exemplo, ao clima de paranoia predominante na obra, este nunca se restringiu historicamente apenas ao período da Guerra Fria, tendo estado presente antes e depois de sua vigência, e isso a História há de atestar com inúmeros exemplos (retornaremos a isso na parte final). Talvez mais ainda do que a Guerra Fria, há outro acontecimento histórico que imprime marca maior sobre o livro: a Segunda Guerra Mundial. Assim, não se trata de negar, por exemplo, que as ansiedades da Guerra Fria não participem da efetiva configuração do livro de Pynchon; antes, o que pretendemos dizer é que o que Pynchon talvez pretenda com seu livro é precisamente buscar as origens de tais ansiedades, remontando-as historicamente ao fim da Segunda Guerra Mundial.

Na falta de melhor designação chamaremos de literatura contemporânea o romance pynchoniano aqui tratado, assim como tentaremos apontar algumas de suas características. Nesse sentido, considerar o livro de Pynchon como fundamental para uma compreensão de certa narrativa contemporânea está entre os objetivos deste estudo.

1. O ROMANCE: UMA APRESENTAÇÃO

Tendo como cenário uma Europa devastada ao fim da Segunda Guerra Mundial (mas se estendendo, além da Europa, à África, Ásia e América do Norte), *Gravity's Rainbow*, de Thomas Pynchon,¹ projeta-se em um panorama técnico-científico que descortina todo o conjunto de conhecimentos e valores de um momento histórico absolutamente determinante: o pós-guerra.

Pela sua própria monumentalidade, *Gravity's Rainbow* presta-se a um número quase ilimitado de leituras, abrindo-se a múltiplas interpretações, quer pela diversidade de temas, quer pelos níveis de realidade e de discursos por ele mobilizados (“esta estrutura inquietante [...] de muitos níveis”,² como afirma uma passagem auto-reflexiva do romance). Percorrendo uma imensa gama de conhecimentos, *Gravity's Rainbow* transgride as fronteiras entre alta e baixa cultura, entre decoro literário e baixo calão, entre ciência e metafísica especulativa, que, unidos, formam um enorme sistema de afinidades morfológicas, um composto de vários registros e domínios justapostos, a deslizar uns sobre os outros, compondo assim uma rede intrincada – e por que não dizer quase insondável posto que é de uma complexidade nunca inteiramente capaz de se abranger ou deslindar? – de relações entre personagens ficcionais e acontecimentos históricos, a girar em torno de um centro (o foguete V-2).

Nesse sentido, pelo seu imenso complexo temático – história, ciência, tecnologia, música, cinema, guerra, psicologia, religião, drogas, etc. – o livro de Pynchon torna-se suscetível de múltiplas interpretações, abrindo-se a uma riqueza

¹ Thomas Ruggles Pynchon Jr., nascido a 8 de maio de 1937, estudou física e depois língua e literatura inglesa na Universidade de Cornell (Ithaca, NY) entre 1953 e 1955 e, em seguida, serviu na Marinha dos Estados Unidos como membro do Signal Corps (comando do Exército dos Estados Unidos que desenvolve, testa, fornece e gerencia comunicações e dá suporte a sistemas de informação para o comando das forças armadas). Também trabalhou como redator editorial da Boeing em Seattle entre 1960 e 1962. Muito pouco se sabe sobre sua vida privada ou suas atividades públicas. Desde a publicação de seus primeiros contos – reunidos em *Slow Learner* (1984), escritos no início dos anos 1960 – ele raramente concedeu entrevistas ou participou de sessões de autógrafos. Esta reclusão tornou-se o seu bem mais vendável quando seus romances *Vineland* (1990) e *Mason & Dixon* (1997) foram promovidos. De lá para cá, sua existência continua transcorrendo no mais completo anonimato. Atualmente, Pynchon vive em Manhattan com sua mulher e agente Melanie Jackson e seu filho, Jackson Pynchon. Para mais detalhes, ver Stuart Sim (ed.). *The Routledge Companion to Postmodernism*. New York: Routledge, 2005.

² PYNCHON, 2006, p. 546.

imagética que desafia a crítica e o público.³ Como “romance histórico”, por exemplo, tendo como cenário a Europa devastada ao final da Segunda Guerra Mundial, *Gravity’s Rainbow* transmite-nos uma visão quase profética da história; como ficção científica, mostra-nos a contingência do homem em um mundo dominado pela tecnologia; como obra mitológica, pela sua estrutura simbólica e inúmeras alusões a diversos mitos, incluindo os da própria modernidade; como obra cômica, pelas frequentes passagens e efeitos de desenho animado; como romance filosófico e religioso, pelo tratamento que dá a formas de conhecimento e a experiências de transcendência (como sessões espíritas⁴).

Portanto, pela própria extensão e complexidade do livro de Pynchon, não procederemos a uma “leitura” linear, seguindo a ordem mais ou menos lógica dos capítulos. *Gravity’s Rainbow* rompe com esses esquemas demasiadamente simples. Devemos, pois, abandonar quaisquer expectativas desde a primeira página, deixando-nos guiar pela espiral de imagens e acontecimentos bem como pelos diferentes aspectos que compõem a obra.

³ Para Tony Tanner, o livro de Pynchon é instigante sob vários aspectos: entre outras coisas, pelo grande número de personagens, pelas referências científicas e tecnológicas, pela intertextualidade e, principalmente, pela dificuldade quanto ao assunto do livro, tanto no sentido de definir do que ele trata, como do que ele pretende expressar, além da dificuldade com a qual se depara o leitor diante da recusa do autor por uma “exposição” que obedeça ao processo causal. Ver Tony Tanner, *Thomas Pynchon*. London: Methuen, 1982.

NOTA: Todas as traduções de *Gravity’s Rainbow* executadas nesta tese, em que não constam o nome do tradutor, são de nossa autoria, e têm como base a edição da Penguin (2006). Foram utilizadas, como texto de apoio para nossas traduções, as edições brasileira e portuguesa da obra de Pynchon, lançadas respectivamente pelas editoras Companhia das Letras (1998) e Bertrand Editora (2012). Ver Referências bibliográficas.

⁴ Somente a título de exemplo: dois episódios da primeira parte do romance envolvem sessões espíritas. A primeira delas se passa em Snoxall, um prédio na capital londrina. Os participantes dessa sessão, ocorrida em meados de dezembro de 1944, incluem Milton Gloaming, estatístico ligado à Seção Psi; Selena Feldspath, ali presente para contatar o espírito de seu falecido marido, Roland, cuja morte está envolta em mistério; e Carroll Eventyr, o médium espírita, sentado em frente à Selena. Do outro lado, no reino da morte, Roland fala através do “Controle” (outro nome para o espírito que, do outro lado, fala pelo, ou sobre, o espírito consultado), um alemão de nome Peter Sachsa, morto em 1930 por um golpe de cassete desferido por um policial durante uma manifestação de rua em Neukölln, Berlim. A mensagem de Roland, de nenhum consolo para a viúva de luto deste lado do muro da vida, diz respeito ao problema do *controle*. A segunda ocorre mais à frente, num *flashback* diretamente para a Berlim dos anos 1929-30, em que Leni Pökler acaba de deixar seu marido, Franz, e toma sua filha, Ilse, e vai para a casa de seu amante, Peter Sachsa. Ali, ela encontra uma sessão espírita em andamento: Sachsa, ainda entre os vivos, é o médium, e o cliente é um diretor-geral da IG Farben chamado Smaragd, ansioso para entrar em contato com o espírito de Walther Rathenau, o ministro da Reconstrução após a Primeira Guerra Mundial e, posteriormente, ministro das Relações Exteriores, morto a tiros por dois homens da extrema-direita alemã em uma rua de Berlim, em 1922.

E no entanto, no que respeita ao nosso trabalho, tudo não passará de um recorte, isolando diferentes aspectos do romance e analisando-os separadamente.⁵ A quase infinita justaposição de eventos e personagens que há em *Gravity's Rainbow* torna quase impossível uma verdadeira apresentação que esgote integralmente o seu conteúdo. E isto porque nenhum elemento do texto é suscetível de uma só interpretação. Na verdade, a única coisa que é possível constatar de imediato e que corresponde à natureza do livro de Pynchon, sua conectividade, é a multiplicidade de sentidos, a riqueza de referências quase ilimitadas, que impossibilita toda e qualquer formulação unívoca de seus conteúdos.⁶ (Neste sentido, a análise do livro de Pynchon exige o seu desenvolvimento num universo multidimensional, em que qualquer evento ou acontecimento narrado participa de vários sistemas inter-relacionados, que se sobrepõem e – por que não? – muitas vezes são antagônicos.)

Mas, afinal, como caracterizar o livro de Pynchon? Mescla singular de pesadelo vivo e desenho animado, o livro de Pynchon pode ser caracterizado como uma fantasia horripilante em torno de motivos extraídos da própria história, que, sem ser romance histórico, não obstante, é profundamente histórico e referencial em relação ao período que enfoca, a Segunda Guerra Mundial, na medida em que expõe o absurdo e a monstruosidade desse conflito, em tudo que possui tem de desumano, caótico e aleatório.

Mesmo assim, é preciso reconhecer que *Gravity's Rainbow* é precisamente um pesadelo, um fluxo de imagens e acontecimentos que possui baixa densidade referencial (excetuando-se os relativos ao foguete V-2), no sentido de que nem de longe evoca algo como o comentário interpretativo de um historiador sobre eventos que, por exemplo, qualquer romance histórico bem realizado parece sempre conter ou implicar em suas páginas, por conta de seus constantes deslocamentos na direção do fantástico, da ilusão, do sonho, etc.

⁵ Este é o modo de análise que a maioria dos críticos, entre os quais Richard Poirier e David Seed, utilizam e que será igualmente seguido nesta tese, mesmo ao preço da “deformação” ao separar-se as tramas do romance, cuja retórica e estilo conectivo, como veremos, são peculiarmente resistentes à crítica analítica.

⁶ Queremos, com isso, apenas ressaltar que o livro de Pynchon faz convergir para si um conjunto de imagens e formas que reflete um espectro de significações que se refratam, por assim dizer, num arco-íris de possibilidades interpretativas.

No entanto, esta obra-prima considerada por muitos como “pós-moderna”⁷ é precisamente isso: uma explosão de registros e domínios justapostos, uma experiência romanesca singular, um exercício de enciclopedismo autoral a girar em torno de um intrincado tecido de eventos, no qual conexões de diferentes espécies se sobrepõem, constituindo variáveis capazes de fazer ruir qualquer determinação ou certeza. Para se ter uma ideia: no livro de Pynchon, os próprios fatos sobre o foguete assim como a tecnologia que o tornou possível, ou estão envoltos em mistério impenetrável ou são simplesmente ignorados. Por exemplo: o que é exatamente o Schwarzgerät? O tesão do bebê Tyrone foi condicionado pelo cheiro do Imipolex G, um cheiro que de alguma forma precede a chegada dos foguetes sobre Londres? E, mais importante, o que significam todas essas indefinições e incertezas? São questões que permanecem indecifráveis, pois nunca iremos adquirir todas as informações ou as afirmações necessárias para resolver tais questões, o que acaba por incidir diretamente sobre a própria significação do romance, tornando-o vagamente definível, ou mesmo enviesado, *paranoicamente* enviesado.

Gravity's Rainbow trabalha com um complexo temático que se irradia em várias direções numa abrangência multidimensional, partindo de uma matriz que retrata o quadro da condição humana em uma sociedade instrumentalizada cujos valores se centram em uma tecnologia desumanizadora, da qual o centro é o foguete V-2.

⁷ Críticos da atualidade como Fredric Jameson, Linda Hutcheon, David Mikics e Steven Connor, entre outros, citados em nossa bibliografia, são unânimes em considerar *Gravity's Rainbow* uma obra “pós-moderna”, atribuindo-lhe algumas das características comumente associadas ao “pós-moderno” enquanto estrutura formal, tais como: a quebra metaficcional do quadro narrativo, incluindo estórias dentro de estórias; transgressão da fronteira entre ficção e não-ficção; realismo mágico, ou o uso do fantástico dentro de um mundo narrativo realista; referência a lugares e práticas “marginais”, “menores” ou subculturais; e, finalmente, o uso livre da citação. Contudo, a noção de “pós-moderno” é uma noção frágil, imprecisa e ambígua, designando tanto uma continuação do moderno quanto o seu fim e a sua superação. Como tal, nascido nos anos 1970 no âmbito da sociologia, e adotado primeiramente no terreno da arquitetura, o conceito passou para o terreno literário. Seus teóricos e defensores, apresentam-no como resultante do não cumprimento das promessas iluministas e das suas pretensões progressistas, claramente frustradas. Neste sentido, sua definição oscila, de teórico para teórico, entre o estabelecimento de uma periodização histórica, uma descrição de traços formais, ou, ainda, uma enumeração de posturas filosóficas e existenciais. Há, no entanto, certo consenso com respeito ao seu início: o pós(-segunda)-guerra. Para maiores esclarecimentos, cf. Andreas Huyssen, “Mapeando o pós-moderno”, In: *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991; cf. também o ensaio de Fredric Jameson, “Pós-modernidade e sociedade de consumo”, In: *Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo: 1985. Ver Referências bibliográficas.

Pois bem. Para delinear o cenário abrangente do mundo contemporâneo, em que a tecnologia, enquanto força, transcende limites geográficos e políticos, Pynchon tece uma rede de conexões, na qual saber científico e formação social se entrelaçam, num cenário em que interesses individuais chocam-se com interesses corporativistas, ressaltando, assim, a fragmentação individual e social que conduzirá finalmente suas personagens à paranoia, na tentativa de explicar as estranhas forças a atuar sobre o homem, que o faz sentir-se objeto ou vítima de uma conspiração cujas causas esbarram na estrutura de um sistema que visa organizar o mundo da vida segundo critérios tecnológicos.

A preocupação paranoide de suas personagens com relação a uma conspiração – que supõem planetária – aparece de forma reiterada nas três primeiras obras de Pynchon, confirmando sua propensão por materiais temáticos relacionados à obsessão paranoica. Em *V.* (1963), por exemplo, aparece a “derradeira Conspiração Que Não Tem Nome”.⁸ Édipa Maas, heroína de *O Leilão do Lote 49* (1966), uma dona-de-casa suburbana da Califórnia, vive perturbada pela incerteza de estar alucinando ou de ser vítima de uma conspiração “tão labiríntica que deve ter um significado maior do que uma simples brincadeira”.⁹ Do mesmo modo, as personagens de *Gravity’s Rainbow* sentem o peso de uma “conspiração incalculável”,¹⁰ onde a paranoia megalomaniaca é o afeto operatório principal, vindo a se constituir no motivador central para as muitas personagens da trama, ao mesmo tempo em que faz com que as muitas tramas do romance se tornem cada vez mais interconectadas, até finalmente convergirem para um mesmo ponto: o Foguete.

O caso é que o livro de Pynchon, ambicioso e ao mesmo tempo intencionalmente inconclusivo, dramatiza a dificuldade de manter-se incólume em um mundo sem significado ou padrões coerentes e, como tal, funciona explorando o que poderíamos chamar de patologia da busca de sentido. Como dissemos acima, os seus personagens suspeitam de “conspirações” em toda parte, mas sem nunca se obter uma visão clara de tal conspiração. Isso, conforme vários comentadores apontam, conduz à paranoia, servindo como uma espécie de substituto para a religião porque fornece a ilusão de que a realidade, ou antes, a história, obedece a algum princípio interno de racionalidade, que dificilmente é reconfortante, mas que é preferível aos horrores da

⁸ PYNCHON, 1988, p. 255.

⁹ PYNCHON, 1993, p. 154.

¹⁰ PYNCHON, 2006, p. 530.

antiparanoia. “Se há algo de confortante – religioso, até – na paranoia, há também a antiparanoia, em que nada tem ligação com nada, um estado que muitos de nós não consegue suportar por muito tempo.”¹¹ O ponto focal do livro de Pynchon, neste sentido, é que ele produz uma ilusão de sentido, um enredo em que tudo se conecta. “A paranoia é a descoberta de que tudo está conectado.”¹² Contudo, a narrativa de Pynchon não leva a lugar algum, sua obra se torna uma paródia da busca (romântica?) por sentido e da pretensa individualidade que a acompanha.

Antes de avançarmos, porém, neste como em outros pontos, convém considerarmos o pano de fundo do livro de Pynchon, que tem como elemento estruturador o foguete V-2,¹³ a grande criação técnico-científica da Alemanha nazista, o qual, se não possibilitou a Hitler vencer a guerra, tornou possível, mais tarde, a conquista do espaço por americanos e russos.¹⁴ Assim, para Pynchon, é o domínio da técnica moderna, via tecnologia de foguetes, que fornece onexo histórico, ou seja, da criação do foguete V-2, de tudo o que se seguiu depois com o fim da Segunda Guerra Mundial, até a conquista definitiva do espaço, unindo, desta forma, presente, passado e futuro.¹⁵

O título da obra refere-se à trajetória parabólica da V-2, o caminho em forma de arco-íris formado pelo foguete,¹⁶ que se move sob a influência da gravidade, após a desativação do motor (“Brennschluss”¹⁷), assim como à própria circularidade da trama, que, como um arco parabólico – representada na queda de um foguete –, liga o começo e o final da obra.

¹¹ PYNCHON, 2006, p. 441.

¹² PYNCHON, 2006, p. 717.

¹³ V-2, do alemão: Vergeltungswaffe 2, “Arma de Retaliação 2”. O nome indicava sua função como um meio de retaliação, como uma vingança contra a destruição das cidades alemãs pelos bombardeios aliados, denunciando, assim, a suposição de que seu objetivo moral era maior do que sua eficácia militar.

¹⁴ “Se no fim de contas a V-2 deve permitir ao homem ir à Lua e instaurar um equilíbrio do terror nuclear, esse programa futurista não propiciou à Alemanha nazista a possibilidade de ganhar a guerra.” (MICHEL, 1981b, p. 122)

¹⁵ “Isso remete de volta a pessoas e desenvolvimentos historicamente verificáveis, e para a frente, a partir da época de *Gravity’s Rainbow*, para as gerações futuras, para a trajetória encapsulada de homens no espaço.” (POIRIER, 2003, p. 51)

¹⁶ A imagem favorita de Pynchon neste romance é, sem sombra de dúvida, a parábola, a forma do arco-íris do título do romance e, é claro, da trajetória do foguete V-2 que, como tal, representa também um ritmo, uma ascensão e uma queda. Retornaremos a essa imagem e ao seu provável significado em outros momentos desse trabalho.

¹⁷ Brennschluss (do alemão: fim da combustão): Fim da ascensão do foguete, quando o combustível é cortado, dando então lugar à força da gravidade.

Ao situar as ações ou os enredos de seu livro num período de nove meses, entre dezembro de 1944 e setembro de 1945 (com numerosos *flashbacks* elegantemente construídos que chegam até ao século XVII e, ao final do romance, um surpreendente salto para os anos 1970), Pynchon tem como pano de fundo histórico um período que se destacou por inúmeros avanços tecnológicos e militares, cujo epicentro está no foguete V-2. Contudo, o vasto conjunto temático atesta uma intertextualidade que, por sua vez, revela o enciclopedismo do autor e a complexidade da obra, na qual tecnologia, história, ciência, política, economia e sociedade evidenciam a pluralidade de registros e domínios contidos na obra, configurando-se a partir de teias de relações vastas e complexas, histórica e socialmente determinadas, em que se articulam diferentes campos de experiência.

O livro abre-se com uma imagem de um foguete V-2 caindo sobre a cidade de Londres (um sonho do “Pirata” Prentice sobre a evacuação de Londres, com ares de pesadelo):

Um grito atravessa o céu. Já aconteceu antes, mas nada que se compare a esta vez. É tarde demais. A Evacuação ainda prossegue, mas é tudo teatro. Não há luz dentro dos vagões. Não há luz em parte alguma.¹⁸

Estas linhas iniciais situam a “narrativa” em uma atmosfera de ameaça e pesadelo, que se estenderá por todo o livro, o qual se encerrará com a mesma imagem de destruição iminente: um foguete V-2 prestes a cair sobre um cinema em Los Angeles. Uma “figura humana”, confundindo seu brilho com uma estrela no céu noturno, acreditando, assim, tratar-se da primeira estrela da noite, faz um pedido, mas:

Aquilo *não era uma estrela*, estava caindo, um brilhante anjo da morte. E na escura e terrível expansão da tela, algo persiste, um filme que não aprendemos a ver... agora é um *close* de um rosto, um rosto que todos conhecemos – E é bem aqui, bem nesta escura e silenciosa moldura, que a ponta afilada do Foguete, caindo aproximadamente um quilômetro e meio por segundo, absolutamente e para sempre sem som, alcança sua última distância imensurável, acima do telhado deste velho cinema, o último delta-t.¹⁹

¹⁸ “A screaming comes across de sky. It has happened before, but there is nothing to compare it to no. It is too late. The Evacuation still proceeds, but it’s all theatre. There are no lights inside the cars. No light anywhere.” (PYNCHON, 2006, p. 03)

¹⁹ “But it was *not a star*, it was falling, a bright angel of death. And in the darkening and awful expanse of screen something has kept on, a film we have not learned to see... it is now a closeup of the face, a face we all know – And it is just here, just at this dark and silent frame, that the pointed tip of the Rocket,

Será, pois, no intervalo entre o grito que atravessa o céu, provocado pelo foguete, do início do livro, e o foguete silencioso que desce à grande velocidade, ao fim, que se desenrolará todo o romance, ligando, como um arco parabólico, o começo e o final da obra.²⁰ Tal salto para o futuro, ao passar o tempo da ação na “narrativa”, de 1945 para os anos 1970, e o espaço, da Europa para a América, assume a dimensão simbólica do teatro em que a humanidade assiste à própria destruição: o Foguete que, a avançar um quilômetro e meio por segundo, está prestes a cair sobre o teatro, clímax tecnológico da supremacia aeroespacial alemã entre 1944 e 1945, transformado em um míssil descendo sobre o (fictício) Teatro Orpheus em Los Angeles.

Ora, se o foguete V-2 é o sinal exterior e visível do poder tecnológico em *Gravity's Rainbow*, há um simbolismo histórico crucial no fato de que, no final do romance, uma V-2 aparentemente voe da Europa para a América, refletindo assim uma mudança no centro de gravidade do poder que ocorreu quando a guerra acabou, ao mesmo tempo em que nos convida a ver uma continuidade entre 1944-45 e o mundo contemporâneo.

Sendo reconhecidamente quase impossível sumarizar as quase oitocentas páginas de *Gravity's Rainbow*, povoadas de centenas de personagens, a viver episódios que transcorrem simultaneamente ou em sucessão, tentaremos informar sobre o plano geral da obra.

O livro está dividido em quatro partes numeradas pelo autor, cada uma delas precedida por uma epígrafe. A primeira parte, denominada “Além do Zero” [*Beyond the Zero*], que traz uma epígrafe em que Wernher von Braun – um dos engenheiros responsáveis pelo desenvolvimento do foguete V-2 –, é composta de vinte e uma sub-partes ou episódios, que se passam, em sua maior parte, no Hospital St. Verônica, um antigo asilo para doentes mentais localizado na costa sul da Inglaterra, onde está sediada a “White Visitation”, uma unidade de guerra psicológica ligada ao Serviço de Inteligência Britânico, em que psicólogos, estatísticos e médiuns, bem como

falling nearly a mile per second, absolutely and forever without sound, reaches its last unmeasurable gap above the roof of this old theatre, the last delta-t.” (PYNCHON, 2006, p. 775)

²⁰ “A trajetória parabólica do foguete, arqueando-se da primeira à última página, domina o arco narrativo de *Gravity's Rainbow*: com um começo ou lançamento, um meio ou Brennschluss e um fim um instante antes do impacto sobre o Teatro Orpheu.” (HERMAN e WEISENBURGER, 2013, p. 167)

pessoas ligadas à ciência e à guerra, agrupam-se, a qual vem a descobrir que um mapa de Londres, assinalando as conquistas (ou fantasias) sexuais de Tyrone Slothrop, tenente do exército americano, parece antecipar os locais de impacto dos temíveis foguetes V-2.

A segunda parte, intitulada “Um Perm’ au Casino Hermann Goering” [*Un Perm’ au Casino Hermann Goering*], com apenas oito sub-partes ou episódios, tendo como epígrafe uma alusão a “King Kong”, feita pelo produtor de cinema Merian C. Cooper à atriz Fay Wray, leva a personagem Tyrone Slothrop para a Riviera Francesa, tendo como palco, como indicado pelo próprio título, um hotel-cassino, onde a personagem é instruída, por um agente do serviço secreto inglês, Sir Stephen Dodson-Truck, na tecnologia do foguete, auxiliado pela jovem Katje Borgesius, com a finalidade de colher dados sobre o condicionamento de Slothrop, em sua infância, na América, e sua relação com o foguete, o qual, acreditando-se vítima de uma conspiração, e, deste modo, decidido a desvendar a terrível trama, sai em busca da verdade.

A terceira parte, com o título de “Na Zona” [*In the Zone*], a mais longa das quatro partes, com trinta e dois episódios, crucial para o desenvolvimento temático do livro de Pynchon, cuja epígrafe é uma fala tirada de “O Mágico de Oz”, pronunciada por Dorothy a seu cãozinho Toto ao chegarem a Oz, tem como pano de fundo a viagem da personagem Tyrone Slothrop através da Alemanha em direção a Nordhausen, em busca do foguete, na Zona ocupada por russos, ingleses e americanos depois do colapso do Terceiro Reich, focalizando os locais de fabricação e montagem do foguete V-2, o pessoal técnico e os engenheiros – que inclui as personagens Franz Pökler e Kurt Mondaugen – engajados com a tecnologia de foguetes, bem como a estória do Schwarzkommando, tropa de hereros ligados ao Foguete que vivem na Zona, de seu líder, Oberst Enzian, e de seu meio-irmão, o oficial da inteligência soviética Vaslav Tchitcherine.

A quarta e última parte, denominada “A Contraforça” [*The Counterforce*], com suas doze sub-partes ou episódios, e tendo como epígrafe uma interrogação-exclamação atribuída por Pynchon ao presidente Richard Nixon, depois de se fragmentar em vários episódios descontínuos, como uma sequência de cenas justapostas (sincronizando, desta forma, a desintegração de Slothrop com o desmantelamento progressivo das imagens e temas do romance), é seguida de um salto espaço-temporal,

que projeta o leitor para os anos 1970, para um teatro em Los Angeles, sobre o qual desce uma V-2.

O livro de Pynchon termina, assim, justamente com a queda do Foguete, lançado da Europa em 1945, diretamente sobre um teatro de Los Angeles, nos anos 1970, refletindo, desta forma, um curso histórico que, como a descida final do Foguete no livro, é irreversível.²¹

Se, neste ponto, não fizermos referência explícita ao Foguete, entendido como o mais importante elemento configurador do romance (se estendendo desde o título do livro até o sentido metafórico explicitado em seu conteúdo), muito do que acontece em *Gravity's Rainbow* perde sua força ou significação, tanto que se poderia perguntar se o livro de Pynchon é possível sem tal referência. Assim, passemos, sem mais delongas, à história do foguete V-2, recontando-lhe todos os passos, desde a sua criação, para finalmente podermos avançar em nossas análises temáticas e formais da obra.

²¹ “Para Pynchon, o horror cômico adicional do faustianismo peculiar a este século é que ele não pode mais ser localizado na louca heroicidade dos indivíduos. É, em vez disso, parte do empreendimento burocrático, dos sistemas tecnológicos que estabeleceram a história em um curso que, como a descida final do foguete do livro, é ‘irreversível’.” (POIRIER, 1978, p. 168)

2. A HISTÓRIA DO FOGUETE V-2

Como vimos, o livro de Pynchon unifica vários elementos e registros de experiência, entre imagética, personagens e ação, em torno de uma única metáfora central: o foguete V-2. Acompanhem, agora, a real história por trás da criação do foguete, fatos esses dos quais Pynchon se apropriou livremente para a construção de seu romance.²²

O Tratado de Versalhes restringiu a Alemanha em todos os níveis de armamento, o que levou as forças armadas, desesperada por recuperar seu poder e prestígio, a iniciarem pesquisas de novas armas que pudessem aumentar o poder de fogo dos contingentes pouco numerosos.²³ Contudo, nem a indústria nem as universidades davam atenção ao desenvolvimento de foguetes de alta propulsão. Apenas alguns cientistas se ocupavam disso, e o pessoal encarregado de armamentos do Exército alemão viu-se logo obrigado a entrar em contato com eles e apoiá-los financeiramente. Mas nenhum progresso estava sendo feito. Além disso, havia o perigo de falatórios e vazamentos, quebrando, assim, o sigilo do empreendimento. Não restava outra coisa a fazer senão montar uma estação experimental de foguetes à propulsão no próprio campo de provas do Departamento de Armamentos do Exército, em Kummersdorf, próximo a Berlim.

Antes disso, porém, um grupo de jovens berlinenses reunidos em torno da Verein für Raumschiffahrt,²⁴ uma organização fundada em 1927, que, instalados em um arsenal desativado, localizado no subúrbio de Reinickendorf, em Berlim, fundaram um campo de testes, que batizaram de Rakettenflugplatz [Aeroporto de Foguetes], a partir do qual disparavam foguetes miniaturizados em direção a Lua. O grupo não passou

²² A estória de Franz Pökler, neste sentido, é igualmente paradigmática quando se procura estudar tal ficcionalização da matéria histórica, personagem essa cujo percurso como técnico do programa de mísseis balísticos alemão segue a exata cronologia dos fatos históricos, a se confiar na obra até hoje mais importante sobre o assunto: *The rocket and the Reich*, de Michael J. Neufeld. Ver Referências bibliográficas.

²³ Para mais detalhes, cf. Walter Dornberger, *V-2: the nazi rocket weapon*. Canada: Ballantine Books, 1958. Ver Referências bibliográficas.

²⁴ Verein für Raumschiffahrt (VfR) (Sociedade para Navegação Espacial): Clube de fogueteiros amadores alemão, pré-Segunda Guerra Mundial, de cujas fileiras saíram os engenheiros de foguete para a Wehrmacht, entre eles, o próprio Wernher von Braun. Fundado em 5 de junho de 1927, em Breslau, Alemanha.

despercebido, mas acabou por opor os desejos dos fogueteiros berlinenses, em sua busca idealista pelo voo espacial, aos interesses dos oficiais do exército alemão, que queriam foguetes como armas e, como tais, capazes de fornecer o dinheiro necessário para fazer um foguete servir a tal propósito:

O Departamento de Armamentos do Exército estava demonstrando cada vez mais interesse pelos fogueteiros amadores da Verein für Raumschiffahrt, e a VfR tinha recentemente começado a disponibilizar para o Exército registros de seus experimentos. As empresas e as universidades – segundo o Exército – não queriam arriscar capital ou mão-de-obra no desenvolvimento de algo tão fantástico como um foguete. O Exército não tinha para onde se voltar senão para inventores particulares e clubes como o VfR. (...) Dentro da Sociedade, as opções eram bastantes claras. Sem dinheiro, a VfR estava sufocando – o Exército tinha o dinheiro, e já os estava financiando indiretamente. A escolha era entre construir o que o Exército queria – artefatos práticos – ou continuar levando na pobreza crônica, sonhando com expedições para Vênus.²⁵

Entre eles, destacava-se um jovem e rico aristocrata prussiano, Wernher von Braun, uma das figuras mais controvertidas da Segunda Guerra Mundial, vindo a ser posteriormente considerado, por uns, o pioneiro e visionário da conquista do espaço e, por outros, um criminoso de guerra.²⁶

Depois de estudar engenharia mecânica na Universidade Técnica de Berlim, e de fazer seu doutorado em física aplicada, sobre motores propelidos a combustível líquido, von Braun conseguiu financiamento do Exército e criou um centro de experimentos em Peenemünde, no extremo norte da ilha de Usedom, na costa do mar Báltico. Membro do Partido Nazista a partir de 1937, e da SS três anos depois, Braun tinha as credenciais e as conexões bem como o charme e o carisma necessários para persuadir os militares a aumentar os financiamentos para seu improvável projeto. Contudo, aquilo que inicialmente representara a possibilidade de superação das

²⁵ “The Army Weapons Department was showing an ever-quickening interest in the amateur rocketeers of the Verein für Raumschiffahrt, and the VfR had recently begun making available to the Army records of their experiments. The corporations and the universities – the Army said – didn’t want to risk capital or manpower on developing anything as fantastic as a rocket. The Army had nowhere to turn but to private inventors and clubs like the VfR. (...) Within the Society, the lines were drawn clear enough. Without money the VfR was suffocating – the Army had the money, and was already financing them in roundabout ways. The choice was between building what the Army wanted – practical hardware – or pushing on in chronic poverty, dreaming of expeditions to Venus.” (PYNCHON, 2006, p. 407)

²⁶ Posteriormente, já nos Estados Unidos, como pioneiro e visionário das viagens espaciais, von Braun liderou o desenvolvimento do foguete Saturno V, que levaria pela primeira vez os astronautas americanos à Lua, em julho de 1969. Para mais detalhes, cf. Michael J. Neufeld, *Wernher von Braun: Dreamer of Space, Engineer of War*. New York: Alfred A. Knopf, 2007.

fronteiras espaciais, para deixar a Terra, veio a converter-se numa poderosa arma de destruição.

Porém, os problemas que von Braun e sua sempre crescente equipe precisavam resolver eram gigantescos: o combustível tinha de ser estável, assim como potente; a aerodinâmica dos foguetes, confiável; os sistemas de navegação, eficientes. Braun lutou para conseguir financiamento para equipamentos imprescindíveis como aço e componentes indispensáveis tais como giroscópios, transmissores etc., e conseguiu técnicos e trabalhadores especializados, competindo com áreas da economia de guerra nazista que tinham prioridade sobre o desenvolvimento de foguetes experimentais.²⁷

O ponto de viragem, no entanto, foi Braun ter conseguido convencer Albert Speer da importância do projeto. “Desde o inverno de 1939 eu mantinha estreita colaboração com a base experimental de Peenemünde (...). Eu me sentia à vontade naquele círculo de jovens cientistas e inventores *apolíticos*, à frente dos quais se achava Wernher von Braun, então com vinte e sete anos, rapaz que tinha sempre um objetivo e pensava no futuro de modo realista”, lembrou posteriormente Speer.²⁸

Mas assim como o foguete V-2 não surgira de súbito, também sua concretização não fora o clímax. O objetivo nunca tinha sido esse. A partir deste ponto, a criação da V-2 se ligará definitiva e inextricavelmente à organização social e ao imaginário nacional-socialista de dissolução e morte.²⁹

Ao visitar Peenemünde, pouco depois de sua nomeação como Ministro dos Armamentos, ao lado do general Friedrich Fromm, o marechal-de-campo Erhard Milch e o almirante Karl Witzell, Speer observou o primeiro lançamento de um foguete controlado por controle remoto. Neste ponto, a força da técnica é tão grande que deixa de ser um simples meio, um simples instrumento, para converter-se em objeto de admiração e êxtase místico:

²⁷ NEUFELD, 1997, p. 13, 22-23, 108-37.

²⁸ SPEER, 1975, p. 407 [itálico meu]. E ainda: “Aquilo, nos seus começos, exercia um fascínio sobre mim, podendo ser considerado o planejamento de um milagre. Aqueles técnicos, cheios de visões fantásticas, aqueles românticos calculistas, impressionavam-me profundamente, todas as vezes que eu ia a Peenemünde. Espontaneamente, senti-me vinculado a eles, sem saber bem a razão.” (SPEER, 1975, p. 407)

²⁹ Como bem salientam Deleuze & Guattari (1997, p. 76), “o princípio de toda tecnologia é mostrar como um elemento técnico continua abstrato, inteiramente indeterminado, enquanto não for reportado ao *agenciamento* que a máquina supõe. A máquina é primeira em relação ao elemento técnico: não a máquina técnica, que é ela mesma um conjunto de elementos, mas a máquina social ou coletiva (...)”.

Sem nenhuma armação de apoio, erguia-se um projétil de aspecto fantástico, da altura de um prédio de quatro andares, entre os pinos laterais. (...) Alguns flocos de fumaça anunciaram que estavam cheios os tanques de combustível. No instante previsto, inicialmente vacilante, depois soltando um rugido de gigante, o foguete levantou-se lentamente, sobre a sua base, e pareceu imóvel, em uma fração de segundo, sobre a sua calda de fogo, para logo subir e, soltando um silvo, desaparecer entre as nuvens baixas no céu. Wernher von Braun estava radiante. Eu fiquei atônito, admirado daquela maravilha técnica, da sua precisão, da supressão da lei da gravidade (...).³⁰

Profundamente impressionado com a “magia técnica” do foguete, Speer ouvia explicações dos especialistas sobre “a que distância se achava o projétil, quando, um minuto e meio depois do lançamento, um silvo de intensidade crescente indicava a descida do foguete, nas imediações. O projétil caiu a um quilômetro de distância do local onde estávamos”.³¹ Ficava cada vez mais próxima a “rotinização” de sua força jubilosa.

Ninguém se surpreendeu, no entanto, quando, ao saber das notícias a respeito do lançamento, Hitler não se convenceu do futuro do projeto, opondo fortes restrições ao foguete, fazendo prevalecer suas suspeitas sobre se “algum dia poderia ser garantida a direção do foguete”.³² Contudo, seu ceticismo foi vencido depois de Speer ter feito o relato da primeira tentativa bem-sucedida, em outubro de 1942, quando um dos foguetes percorreu cento e noventa quilômetros, vindo a cair a apenas quatro quilômetros do seu alvo. Foi então a vez de Hitler ficar entusiasmado: pediu que fossem produzidos cinco mil foguetes para serem lançados contra Londres. Em julho de 1943, após a exibição em privado de um filme, Braun finalmente convenceu Hitler de que o foguete se tornaria “a arma decisiva da guerra”³³:

Somente Keitel, Jodl, Buhle, Schmundt, Günse e os demais ajudantes puderam assistir à sua apresentação, na sala de cinema da “Toca do Lobo”. O prédio estava rodeado de homens da SS, da guarda pessoal de Hitler. Braun [acompanhado do general Walter Dornberger, o chefe responsável pelo departamento de armas do Exército alemão] ilustrou sua apresentação com diapositivos. (...) Durante a apresentação, Hitler aplaudia freneticamente e deleitava-se ao imaginar as cenas horríveis entre a população depois da detonação de um tal artefato. Ele ficou entusiasmado com a apresentação, concedeu

³⁰ SPEER, 1975, p. 408.

³¹ SPEER, 1975, p. 408.

³² SPEER, 1975, p. 408-409.

³³ SPEER, 1975, p. 410.

imediatamente o título de professor a von Braun e prometeu visitar seus laboratórios em Peenemünde.³⁴

Com esse apoio, o programa de foguetes finalmente prosperou. Porém, antes que se passasse muito tempo, foi necessário transferir a produção de Peenemünde para um local mais seguro. É que o serviço de inteligência dos Aliados e os voos de reconhecimento haviam revelado informações alarmantes a respeito de Peenemünde e de outros locais onde eram desenvolvidas armas secretas, e uma frota de quase 600 bombardeiros da RAF [Royal Air Force] foi enviada para o complexo de Peenemünde, na noite de 17 de agosto de 1943, com o objetivo de destruí-lo (Operação Hidra).³⁵ O local sobreviveu ao ataque, mas um estrago considerável havia sido causado. É a narrativa de *Gravity's Rainbow* que nos informa sobre este devastador ataque aéreo britânico:

Quanto mais subia-se a península, menor a destruição. Um estranho gradiente de morte e destruição, do sul para o norte, em que os mais pobres e indefesos sofriam mais – como, aliás, o gradiente correria de leste para oeste em Londres um ano depois, quando os foguetes começassem a cair. A maioria das mortes ocorreu entre os “trabalhadores estrangeiros”, um eufemismo para prisioneiros civis trazidos de países sob ocupação alemã. O túnel aerodinâmico e a casa de medições estavam intactos, a fábrica de componentes apenas ligeiramente danificada.³⁶

Enquanto isso, a máquina de guerra nazista se esforçava cada vez mais no sentido de assumir o total controle sobre a nova arma. Desejando exercer seu próprio poder sobre o programa de foguetes, Heinrich Himmler convenceu Hitler de que a produção deveria ser transferida para um local subterrâneo, ficando assim protegida da ação destruidora dos bombardeiros aliados. Himmler indicou então um oficial de alto

³⁴ EBERLE e UHL, 2007, p. 159-160.

³⁵ Capitaneado pelo capitão John Searby, os bombardeiros ingleses despejaram 1.593 toneladas de explosivos em três ondas de assalto sobre Peenemünde. O general Walter Dornberger viu “sua bela Peenemünde” devastada por aquilo que ele mesmo chamará de “uma noite de fogo”. Walter Thiel, especialista em propulsão, e o engenheiro-chefe Erich Walther foram mortos, assim como 735 cientistas e trabalhadores estrangeiros. A vila dos cientistas, a usina-piloto de fabricação em série do foguete, os estaleiros dos protótipos e os bancos de ensaio foram ou destruídos ou danificados. O general Hans Jeschonneck, chefe do Estado-maior da Luftwaffe, suicidou-se perante a amplitude da catástrofe. Cf. Jean Michel, *Dora*, Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1981. Ver Referências Bibliográficas.

³⁶ “The farther up the peninsula, the less damage. A strange gradient of death and wreckage, south to north, in which the poorest and most helpless got it worst – as, indeed, the gradient was to run east to west, in London a year later when the rockets began to fall. Most of the casualties had been among “foreign workers,” a euphemism for civilian prisoners brought in from countries under German occupation. The wind tunnel and the measuring house were untouched, the pre-production works only slightly damaged.” (PYNCHON, 2006, p. 430)

escalão da SS, Hans Kammler,³⁷ para estabelecer esse novo centro de produção. Kammler, o qual desempenhara um papel significativo no Ministério da Aviação, no setor de construções, até a primavera de 1942, quando foi designado responsável pelo departamento de construção do Escritório Central de Economia e Administração da SS, foi por fim designado, no verão de 1943, para trabalhar na execução do programa de foguetes.³⁸

Depois de avaliarem várias possibilidades, Speer, Kammler e a equipe do foguete se decidiram por um velho complexo de minas desativadas próximo à cidade de Nordhausen, nas montanhas Harz, Alemanha.³⁹ Kammler rapidamente começou a providenciar a conversão das minas em um novo centro para a produção de foguetes, conhecido como *Mittelwerk* (Fábrica Central),⁴⁰ bem como a organizar a transferência do equipamento e dos documentos que restaram em Peenemünde para a nova fábrica. Novamente, é Pynchon quem nos fornece mais informações a esse respeito:

Na primavera, quando os ventos em Peenemünde se deslocaram para o sudoeste, e os primeiros pássaros voltaram, os homens foram transferidos para a fábrica subterrânea em Nordhausen, nas montanhas do Harz. Os trabalhos em Peenemünde, após o ataque Britânico, começaram a declinar. O plano – novamente de Kammler – agora era dispersar as unidades de teste e produção pelo território da Alemanha, para prevenir outro ataque Aliado, possivelmente fatal.⁴¹

³⁷ “Aos quarenta e dois anos, saído de uma respeitável família burguesa, universitário distinto, o *Brigadeführer* SS Hans Kammler era o diretor dos serviços de construção da SS, e, como tal, responsável por essas ‘maravilhas arquiteturais’ que eram Auschwitz, Treblinka e Maidanek. A ele se devia até a entrada em funcionamento de uma inovação de porte: a câmara de gás.” (MICHEL, 1981a, p. 121-122)

³⁸ “Kammler, alto funcionário do Ministério da Aviação, no setor das construções, até a primavera de 1942, foi naquela época nomeado por Himmler chefe do grupo de construções das SS e, no verão de 1943, transferido para operar na execução do programa de foguetes. No decurso dessa sua atividade, Kammler revelou-se um homem calculista, frio, destituído do senso de piedade, fanático na consecução de um resultado, que ele sabia calcular com tanto cuidado quanto falta de escrúpulos.” (SPEER, 1975, p. 416)

³⁹ “Nesses vales solitários, perto da cidade de Nordhausen, a cem quilômetros a oeste de Leipzig, uma imensa rede de túneis e de galerias perfurava a colina de Kohnstein. De lá, se extraía, há séculos, o sulfato de sódio. Em 1938, a firma Ammoniak, filial da IG Farben, se interessou pelo assunto. Nesse mesmo ano, uma firma do governo a Wifo (*Wirtschaftliche Forschungsgesellschaft* – Companhia de pesquisas econômicas) foi encarregada de estocar ali combustível na previsão da guerra. Kammler sugeriu ampliar esse conjunto.” (MICHEL, 1981a, p. 122)

⁴⁰ “Em 10 de setembro de 1943, de seu ‘covil do lobo’, Hitler aprovava a criação desse complexo de usinas subterrâneas, e decidia dar-lhe o nome de *Mittelwerk*.” (MICHEL, 1981a, p. 123)

⁴¹ “In the spring, when the winds at Peenemünde had shifted around to the southwest, and the first birds were back, Pöckler was transferred to the underground factory at Nordhausen, in the Harz. Work at Peenemünde, after the British raid, had begun to fall off. The plan – again Kammler’s – was now to disperse testing and production around Germany, to prevent another and possibly fatal Allied attack.” (PYNCHON, 2006, p. 433)

Finalmente, em meados de dezembro de 1943, Speer escreveu para Kammler felicitando-lhe por ter conseguido estabelecer o novo centro de produção em dois meses, um feito que, segundo Speer, “excede sobremaneira qualquer outra coisa já feita na Europa, insuperável até mesmo de acordo com os padrões americanos”.⁴² Detalhe: utilizando mão de obra (escrava) fornecida pelo campo de Mittelbau-Dora, composta em sua maior parte de prisioneiros de guerra e deportados.

Contudo, os foguetes continuavam a explodir durante os testes de voo, e a primeira produção dos modelos V-2, tirados às pressas da linha de montagem na Mittelwerk, mostrou-se igualmente insatisfatória. Ajustes e aperfeiçoamentos constantes significaram nada menos que 65 mil mudanças no projeto do foguete até o fim da guerra. Apenas em setembro de 1944, quando os problemas iniciais foram finalmente solucionados, os primeiros foguetes foram lançados contra Londres.⁴³

A fábrica de Mittelwerk conseguiu, nesse período, construir cerca de 6 mil foguetes. No total, 3.200 foguetes V-2 foram lançados com sucesso, grande parte deles não na direção da Inglaterra, mas em alvos na Bélgica (Antuérpia). Não havia defesa contra eles, que se aproximavam do solo quase em linha vertical, a uma velocidade que não podia ser freada (superior a 5.000 km/h). Entretanto, não podiam carregar mais que uma carga pequena de explosivos, não conseguindo, portanto, causar grandes estragos. Além de altamente dispendioso,⁴⁴ o número de pessoas mortas pelo foguete não ultrapassou os 5 mil.⁴⁵ (No final das contas, as V-2 tinham causado menos mortes que os bombardeios aéreos aliados sobre a Alemanha,⁴⁶ sem falar, evidentemente, das bombas atômicas lançadas em Hiroshima e Nagasaki.) A V-2 foi, por isso, como Michael Neufeld bem observou, “uma arma ímpar: mais pessoas morreram fabricando-

⁴² Citado em NEUFELD, 1997, p. 211-212.

⁴³ NEUFELD, 1997, p. 226-230.

⁴⁴ Como informa Adam Tooze (2013, p. 686), como único projeto de armamento do regime nazista nos últimos anos da guerra, o programa A4 estava orçado em 2 bilhões de *reichsmarks*, soma considerável para uma arma que não podia fazer mais do que infligir destruição aleatória nos subúrbios de Londres e Antuérpia.

⁴⁵ NEUFELD, 1997, p. 238-264.

⁴⁶ “É difícil fazer hoje uma ideia, mesmo que aproximada, da medida da devastação das cidades alemãs ocorrida durante os últimos anos da Segunda Guerra Mundial (...). É certo que consta nos *Strategic bombing surveys* dos Aliados, nos levantamentos do Departamento Federal Alemão de Estatísticas e em outras fontes oficiais, que apenas a Royal Air Force lançou, em 400 mil voos, 1 milhão de toneladas de bombas sobre a zona inimiga; que, das 131 cidades atingidas (...) algumas foram quase totalmente arrasadas; que a guerra aérea deixou em torno de 600 mil vítimas civis na Alemanha (...).” (SEBALD, 2011, p. 13)

a do que morreram sendo atingidas por ela”⁴⁷, se recordarmos que foi o campo de Mittelbau-Dora quem forneceu a mão de obra (escrava) para a fabricação e montagem do foguete.

O foguete V-2, a poderosa arma de guerra alemã, deixou uma influência permanente no desenvolvimento dos futuros foguetes que seriam usados na exploração espacial bem como no desenvolvimento de novas tecnologias,⁴⁸ ao mesmo tempo em que foi um empreendimento de desumanização e morte perpetrado pela técnica moderna.⁴⁹ Resta-nos agora indagar sobre a forma em que o livro de Pynchon configura tais horrores. O modo como o romance trabalha formalmente tal matéria é o assunto dos próximos capítulos.

⁴⁷ NEUFELD, 1997, p. 264.

⁴⁸ A Operação “Paperclip”, aprovada pelo Estado-Maior dos Estados Unidos no final de 1945, foi vital para a adoção da tecnologia nazista de mísseis balísticos. Wernher Von Braun e centenas de outros especialistas em foguetes foram fundamentais no desenvolvimento das armas norte-americanas, bem como do programa espacial da NASA. Cf. Michael J. Neufeld, *Wernher von Braun: Dreamer of Space, Engineer of War*, New York: Alfred A. Knopf, 2007. Ver referências Bibliográficas.

⁴⁹ Retornaremos a este ponto mais a frente, em “A técnica enquanto coluna vertebral do livro de Pynchon”.

3. FORMA & MATÉRIA

Se é verdade que a forma responde pelo mundo histórico que ela configura, nesse sentido, a forma do romance contemporâneo corresponde à nova Incerteza.⁵⁰ Ora, na contemporaneidade o mundo se volatilizou, tornou-se vacilante, inconsistente, e o romance, acompanhando estas transformações, como que a delirar a própria formação histórica que a informa, adquiriu estes mesmos traços de indiferenciação e indiscernibilidade.⁵¹

Não por acaso o livro de Pynchon tem como cenário a Europa devastada de fim de conflito, marcado por um forte processo de dissolução, como sendo seu momento inaugural. O fato é que as três grandes invenções da modernidade: indivíduo, razão e história – precisamente estas três categorias encontram-se, aqui, submetidas ao mais intenso processo de dissolução:

“Ninguém mais se importa com o santuário do momento, ou com últimos mistérios: foram anos demais de racionalidade. A pilha de papéis cresceu demais, foi longe demais.”⁵²

Ora, isto fica ainda mais claro se entendermos que a modernidade tardia é uma reação específica frente ao moderno, frente ao projeto fundacionista da modernidade (a qual colocou diante de si a tarefa de libertar a si mesma de toda tradição em favor do novo).⁵³ Porque é disto que efetivamente se trata: uma reação a estes autênticos artigos de fé da modernidade. Consideremos, pois, a tendência dissolvente da modernidade tardia, ao submeter o projeto moderno ao mais intenso processo de *dissolução*.

⁵⁰ “O momento histórico é constitutivo nas obras de arte; as obras autênticas são as que se entregam sem reservas ao conteúdo material histórico da sua época e sem a pretensão sobre ela. São a historiografia inconsciente de si mesma da sua época (...).” (ADORNO, 2008, p. 207)

⁵¹ O fato é que toda construção literária que surge num determinado momento histórico revela traços de sua proveniência na própria forma, o que nos leva à tese empírica de que a configuração romanesca retira seu dinamismo formal e temático das situações conflitivas contemporâneas: a história informa a forma.

⁵² “No one else here cares for the penetralia of the moment, or last mysteries: there have been too many rational years. The paper has piled too thick and far.” (PYNCHON, 2006, p. 433)

⁵³ Sobre isto, cf. o artigo de Fredric Jameson, “Pós-modernismo e sociedade de consumo”. Ver Referências bibliográficas.

Mais do que o simples desejo, portanto, de criar um estilo autoral único, a forma como Pynchon busca anular tais categorias representa um gesto de verdadeira honestidade intelectual em consonância com seu próprio tempo, reportando assim sua arte à máquina social ou coletiva que lhe corresponde objetivamente, ou seja, o mundo do pós-guerra.⁵⁴ (Nesse sentido, aquilo que Pynchon transformou em objeto literário foi a atmosfera de um momento histórico, de algo que se desdobrava no horizonte da história como tensão irresolvida, e não o ambiente de uma situação individual, particular.)

A verdadeira força do livro de Pynchon, portanto, não corresponde ao sentido de nenhuma delimitação ou certeza, mas, ao contrário, pela mais completa indeterminação.⁵⁵

Mesmo o sentido último do fenômeno slothropiano, no paralelo existente entre as aventuras sexuais da personagem e as quedas dos foguetes sobre Londres, para o qual todos se esforçam por encontrar uma causa, permanece inacessível, ou antes, indeterminado. Uns acreditam tratar-se de uma “excentricidade estatística”, outros de “precognição”, e outros ainda de “psicocinesia” (todos na “White Visitation”, na verdade, são levados a se perguntar se os hormônios sexuais de Slothrop não fazem parte, de alguma forma, do sistema de guiagem do foguete). Não saber, ou não ter certeza, parece ser a regra aqui:

Quando Slothrop foi descoberto, no final de 1944, pela “White Visitation” – embora ele já fosse conhecido por muitos como o famoso Bebê Tyrone –, tal como ocorreu quando da descoberta do Novo Mundo, cada um julgava ter descoberto uma coisa diferente. Roger Mexico acha que é uma excentricidade estatística. Mas agora ele sente que os fundamentos de sua disciplina estão um pouco abalados, mais do que deveria ocorrer por efeito de uma excentricidade. (...) Rollo Groast acha que é precognição. “Slothrop é capaz de prever quando um foguete vai cair num determinado lugar. Sua sobrevivência até o presente é prova de que ele vem agindo com base em informações antecipadas, evitando as áreas no momento em que o foguete deveria cair.” O Dr. Groast não tem certeza de como, ou mesmo se, a sexualidade entra na história. Mas Edwin Treacle, o mais freudiano dos pesquisadores de fenômenos psíquicos, acha que o dom de Slothrop é psicocinesia. Slothrop, com a força de sua mente, *faz* com que os foguetes caiam onde caem. Ele pode não empurrá-los

⁵⁴ “O mundo do escritor do pós-guerra consiste em um imenso sistema burocratizado e conspiratório ao qual os homens e mulheres estão essencialmente escravizados, tenham ou não consciência disso, e do qual não é possível escapar (...)” (LASCH, 1986, p. 88)

⁵⁵ É possível que o livro de Pynchon seja, ao fim e ao cabo, um texto a respeito do indeterminado, até mesmo um texto indeterminado, o que não significa dizer que o livro seja um puro jogo verbal, um romance sem assunto.

fisicamente no céu: mas talvez ele interfira nos sinais elétricos dentro do sistema de guiagem do foguete. Seja lá como for que ele faz isso, a sexualidade entra em jogo na teoria do Dr. Treacle.⁵⁶

Mas quem é, afinal, Tyrone Slothrop? Vejamos. Slothrop é um oficial do Exército americano e membro do Serviço de Inteligência em Londres, para quem, como personagem-centro da trama, a maioria das personagens voltam sua atenção, envolvidas de alguma forma com suas experiências.

A vida de Slothrop revela um conjunto de forças a conspirar contra ele, forças que, desde a infância, vem utilizando-o como objeto de experimentos científicos, tendo sido submetido a condicionamento pavloviano quando ainda criança com o plástico Imipolex G.

Com o fim de garantir a sua educação, seu pai vendeu-o à IG Farben, segundo o próprio Slothrop, como uma “peça de carne” e, desde então, estava sob vigilância:

Uma bela maneira de descobrir que seu pai, há 20 anos, fez um negócio com alguém para garantir sua educação. (...) Fui vendido, Jesus Cristo, vendido à IG Farben como uma peça de carne. Vigilância? (...) Isso significa que Slothrop tem estado sob sua observação – talvez desde que nasceu? Éééé...⁵⁷

Descobre que, em virtude de negociações e acordos entre firmas, Slothrop é transferido como propriedade para a Companhia Química Grössli: é o empreendimento “Schwarzknabe”. Schwarzknabe é o código de Slothrop na transação e, através dela, o comprador e o vendedor e o comprador estipulam os termos do compromisso. Segundo o contrato:

“O vendedor se compromete a continuar a exercer suas obrigações de vigilância, até o momento em que o agente da Schwindel possa ser substituído por um seu equivalente, aceitabilidade essa a ser

⁵⁶ “When Slothrop was discovered, late in 1944, by “The White Visitation” – though many there have always known him as the famous Infant Tyrone – like the New World, different people thought they’d discovered different things. Roger Mexico thinks it’s a statistical oddity. But he feels the foundations of that discipline trembling a bit now, deeper than oddity ought to drive. (...) Rollo Groast thinks it’s precognition. “Slothrop is able to predict when a rocket will fall at a particular place. His survival to date is evidence he’s acted on advance information, and avoided the area at the time the rocket was supposed to fall.” Dr. Groast is not sure how, or even if, sex comes into it. But Edwin Treacle, that most Freudian of psychical researchers, thinks Slothrop’s gift is psychokinesis. Slothrop is, with the force of his mind, causing the rockets to drop where they do. He may not be physically highballing them about the sky: but maybe he is fooling with the electrical signals inside the rocket’s guidance system. However he’s doing it, sex does come into Dr. Treacle’s theory.” (PYNCHON, 2006, p. 86-87)

⁵⁷ “Nice way to find out your father made a deal 20 years ago with somebody to spring for your education. (...) I’ve been sold, Jesus Christ I’ve been sold to IG Farben like a side of beef. Surveillance? (...) Does this mean Slothrop has been under their observation – m-maybe since he was born? Yaahhh...” (PYNCHON, 2006, p. 290-291)

determinada pelo vendedor”. (...) Na lista do passivo do “Schwarzknabe” aparece uma conta por pagar devida à Universidade de Harvard, cerca de US\$ 5000, incluindo os juros, “conforme acordo (verbal) com Schwarzvater”.⁵⁸

Slothrop percebe então que se tornou objeto de interesse de um imenso cartel que atua em todos os níveis para chegar à produção ou montagem de um foguete teleguiado. Percebe ainda que está ligado ao Foguete por certa reação que tem com este, quando o foguete começa a cair sobre Londres. Pesquisadores interpretam tal reação como resultante do condicionamento a que foi submetido pelo Dr. Laszlo Jamf na infância. A narrativa documenta o fato com objetividade, em um discurso informativo:

Por volta de 1920, o Dr. Laszlo Jamf observou que, se Watson e Rayner conseguiram condicionar com sucesso o “Bebê Albert” com um reflexo de horror diante de tudo que tivesse pêlos, inclusive sua Mãe com uma boá peluda, então Jamf certamente poderia fazer o mesmo com seu bebê Tyrone e o reflexo sexual do menino.⁵⁹

Jamf tem seu “Bebê” da mesma forma que Watson & Rayner tiveram o seu, acreditando, por meio das experiências levadas a efeito com o menino, que o pequeno Tyrone, sob um determinado estímulo, dava uma determinada resposta, no caso, a excitação sexual:

Um pau ou está duro ou não está. É uma coisa binária, elegante. O trabalho de observação pode até ser feito por um estudante. Estímulo não-condicionado = acariciar o pênis com cotonete de algodão anti-séptico. Resposta não-condicionada = tesão. Estímulo condicionado = x . Resposta condicionada = tesão quando x está presente, sem necessidade de carícias, bastando apenas o tal x .⁶⁰

Segundo a narrativa, tal reflexo desenvolvido no ainda bebê Tyrone deveria, após a fase de testes, ter sido descondicionado ou extinto além do zero (daí o título da primeira parte):

Normalmente, de acordo com a tradição neste campo, o otariozinho teria sido descondicionado. Jamf deveria, em termos Pavlovianos, ter

⁵⁸ “‘Seller agrees to continue surveillance duties until such time as Schwindel operative can be relieved by purchaser equivalent, acceptability to be determined by seller.’ (...) Listed as a ‘Schwarzknabe’ liability is the unpaid remainder of a bill to Harvard University, about \$5000 worth including the interest, ‘as per agreement (oral) with Schwarzvater’.” (PYNCHON, 2006, p. 290)

⁵⁹ “Back around 1920, Dr. Laszlo Jamf opined that if Watson and Rayner could successfully condition their ‘Infant Albert’ into a reflex horror of everything furry, even of his own Mother in a fur boa, then Jamf could certainly do the same thing for his Infant Tyrone, and the baby’s sexual reflex.” (PYNCHON, 2006, p. 85)

⁶⁰ “But a harden, that’s either there, or it isn’t. Binary, elegant. The job of observing it can even be done by a *student*. Unconditioned stimulus = stroking penis with antiseptic cotton swab. Unconditioned response = hardon. Conditioned stimulus = x . Conditioned response = hardon whenever x is present, stroking is no longer necessary, all you need is that x .” (PYNCHON, 2006, p. 86)

‘extinguído’ o reflexo-tesão por ele criado, antes de deixar o bebê ir. Provavelmente ele o fez. Mas como disse o próprio Ivan Petrovich [Pavlov], “Não apenas devemos falar de extinção parcial ou completa de um reflexo condicionado, como também temos de levar em conta que a extinção pode ir *além* do ponto de redução de um reflexo a zero. Não podemos, portanto, julgar o grau de extinção *apenas* pela magnitude do reflexo ou de sua ausência, pois pode haver ainda *uma extinção silenciosa além do zero*.” Os itálicos são do Sr. Pointsman.⁶¹

Mas há dúvidas se o Dr. Laszlo Jamf assim procedeu:

Um reflexo condicionado pode sobreviver em um homem, por 20 ou 30 anos? O Dr. Jamf se limitou a extingui-lo somente até o zero – esperado até que o bebê demonstrasse tesão zero na presença do estímulo *x*, e então parou? Ele se esqueceu – ou ignorou – a “extinção silenciosa além do zero”? Se a ignorou, por quê? Teria o Conselho Nacional de Pesquisa alguma coisa a ver com isso?⁶²

Pois bem. Anos mais tarde, quando o foguete V-2 começou a cair sobre Londres, em setembro de 1944, Slothrop torna-se novamente objeto de interesse para a pesquisa de outro pavloviano, o Dr. Edward W. A. (“Ned”) Pointsman, membro de um grupo de pesquisadores do Hospital St. Verônica, onde – como dissemos – está sediada a “White Visitation”, em uma unidade psicológica para tratar de problemas causados pela guerra, denominada PISCES (Psychological Intelligence Schemes for Expediting Surrender⁶³).

A personagem se tornará então objeto de estudo e discussão científica entre Pointsman e o grupo de pesquisadores e técnicos da “White Visitation”, no intuito de solucionar o enigma slothropiano.

Para Pointsman, o cérebro do tenente americano abriga um processo psicofísico singular e enigmático que parece reverter causa e efeito; e uma vez que ele tenha desvendado experimentalmente seu misterioso desafio à lógica determinista, ele restaurará a soberana lei da causalidade. Pointsman, que lidera o grupo, quer expor

⁶¹ “Now ordinarily, according to tradition in these matters, the little sucker would have been deconditioned. Jamf would have, in Pavlovian terms, “extinguished” the hardon reflex he’d built up, before he let the baby go. Most likely he did. But as Ivan Petrovich himself said, ‘Not only must we speak of partial or of complete extinction of a conditioned reflex, but we must also realize that extinction can proceed *beyond* the point of reducing a reflex to zero. We cannot therefore judge the degree of extinction only by the magnitude of the reflex or its absence, since there can still be *a silent extinction beyond the zero*.’ Italics are Mr. Pointsman’s.” (PYNCHON, 2006, p. 86)

⁶² “Can a conditioned reflex survive in a man, dormant, over 20 or 30 years? Did Dr. Jamf extinguish only to zero – wait till the infant showed zero hardons in the presence of stimulus *x*, and then stop? Did he forget – or ignore – the ‘silent extinction beyond the zero’? If he ignored it, why? Did the National Research Council have anything to say about that?” (PYNCHON, 2006, p. 86)

⁶³ Em inglês: Agência de Inteligência Psicológica para Agilizar a Capitulação. Como tudo o mais no romance, não está inteiramente claro de quem é a capitulação. Dos alemães? De Slothrop? As incertezas se somam e se avolumam.

Slothrop ao foguete alemão e, deste modo, observar a relação de causa e efeito entre a queda do foguete e os (supostos⁶⁴) encontros sexuais da personagem, no intuito de esclarecer o enigma:

“Nós também temos em mente um estímulo bem estruturado. O mesmo, aliás, que despertou nosso interesse inicial. Queremos expor Slothrop ao foguete alemão...”⁶⁵

Pointsman sabe que Slothrop mantém um mapa marcado com estrelas coloridas que determinam os lugares onde teve relações amorosas que coincidem com os locais de queda do foguete. Roger Mexico, o matemático e estatístico do grupo, que também elaborou um mapa que assinala o local da queda dos foguetes, e que coincide exatamente com o de Slothrop:

É o mapa que deixa todo mundo perplexo, o mapa onde Slothrop assinala suas conquistas. As estrelas formam uma distribuição de Poisson, tal como no mapa de Roger Mexico em que assinala os ataques com foguetes. Só que, bem, a coisa não é só a distribuição. Os dois padrões são absolutamente idênticos. Eles são iguais, quadrado por quadrado. Os slides que Teddy Bloat tem tirado do mapa de Slothrop foram projetados sobre o de Roger, e as duas imagens, as estrelas de moças e os círculos de foguetes, coincidem perfeitamente. Uma estrela sempre aparece *antes* do ataque de foguete correspondente. O ataque pode vir rapidamente em apenas dois dias, ou lentamente em até dez dias. O retardo médio é de cerca de 4,5 dias.⁶⁶

Mexico admitia, ao contrário de Pointsman, o terreno das probabilidades e do acaso no levantamento estatístico relativo às quedas de foguetes sobre Londres, fazendo uso da equação de Poisson⁶⁷:

⁶⁴ Num comentário de Pointsman, a meio do romance: “Admitimos que os dados iniciais parecem demonstrar uma quantidade de casos em que os nomes no mapa de Slothrop não parecem dispor de correspondências no corpo de fatos que conseguimos estabelecer ao longo de sua cronologia aqui em Londres.” (PYNCHON, 2006, p. 275)

⁶⁵ “We also happen to have in mind a very structured stimulus. Same one, in fact, that got us interested to begin with. We want to expose Slothrop to the German rocket...” (PYNCHON, 2006, p. 84)

⁶⁶ “It’s the map that spooks them all, the map Slothrop’s been keeping on his girls. The stars fall in a Poisson distribution, just like the rocket strikes on Roger Mexico’s map of the Robot Blitz. But, well, it’s a bit more than the distribution. The two patterns also happen to be identical. They match up square for square. The slides that Teddy Bloat’s been taking of Slothrop’s map have been projected onto Roger’s, and the two images, girl-stars and rocket-strike circles, demonstrated to coincide. Helpfully, Slothrop has dated most of his stars. A star always comes *before* its corresponding rocket strike. The strike can come as quickly as two days, or as slowly as ten. The mean lag is about 4½ days.” (PYNCHON, 2006, p. 87)

⁶⁷ Batizada com o nome do matemático francês Siméon Denis Poisson (1781-1840), a fórmula é útil para calcular a probabilidade de ocorrências extremamente raras, mas que, no entanto, podem ocorrer, uma vez que existem muitas oportunidades. Por exemplo, a equação de Poisson é comumente utilizada no cálculo da probabilidade de emissões radioativas, bem como no de acidentes de cavalaria, número de guerras por ano, etc.

Os foguetes *estão* se distribuindo sobre a extensão de Londres exatamente como a equação de Poisson contida nos livros prevê. À medida que os dados vão chegando, Roger cada vez mais parece um profeta. O pessoal da Seção Psi fica olhando para ele quando o vêem nos corredores. Não se trata de precognição, ele tem vontade de anunciar na cafeteria ou em algum outro lugar... (...) Sua saleta é agora dominada por um mapa reluzente, uma janela que dá para uma paisagem diferente da de Sussex no inverno, nomes escritos e ruas como patas de aranha, uma Londres espectral, dividida em 576 quadrados, cada um com um quarto de quilômetro quadrado de área. A equação de Poisson diz, para um número total de bombas escolhido arbitrariamente, quantos quadrados não serão atingidos, quantos serão atingidos por uma, por duas, por três, e assim por diante.⁶⁸

Pointsman, diante da coincidência de dados fornecidos tanto pelo mapa de Slothrop como pelo do de Roger, vê reforçada sua teoria, observando que Slothrop reage à explosão do foguete que precede ao som de sua queda, em uma inversão. O pavloviano então conclui que a explosão da V-2 é o estímulo que provoca o reflexo (ereção), em uma sequência invertida: primeiro, a explosão, em seguida, o som de sua queda:

Suponhamos, argumenta Pointsman, que o estímulo *x* de Jamf era algum ruído forte, tal como era no experimento de Watson-Rayner. Suponhamos que, no caso de Slothrop, o reflexo do tesão não foi completamente extinto. Nesse caso, ele deveria ficar de pau duro perante qualquer ruído alto precedido pelo mesmo tipo de sinistra acumulação que ele tivesse encontrado no laboratório de Jamf – como os cães ainda hoje encontram no laboratório do próprio Pointsman. Isso aponta para a V-1: qualquer ruído próximo o bastante para fazê-lo dar um salto deveria estar provocando-lhe uma ereção: o som do motor a zunir cada vez mais alto, depois o desligamento do motor e o silêncio, o suspense a acumular-se – e então a explosão. Pronto, o pau endurece. Mas ah, não. Em vez disso, Slothrop só tem ereções quando esta sequência se dá *ao contrário*. Primeiro a explosão, depois o som da aproximação: a V-2. Mas o estímulo, de alguma maneira, *deve* ser o foguete, alguma aparição precursora, algum duplo do foguete presente para Slothrop (...).⁶⁹

⁶⁸ “The rockets *are* distributing about London just as Poisson’s equation in the textbooks predicts. As the data keep coming in, Roger looks more and more like a prophet. Psi Section people stare after him in the hallways. It’s not precognition, he wants to make an announcement in the cafeteria or something... (...) His little bureau is dominated now by a glimmering map, a window into another landscape than winter Sussex, written names and spidering streets, an ink ghost of London, ruled off into 576 squares, a quarter square kilometer each. Rocket strikes are represented by red circles. The Poisson equation will tell, for a number of total hits arbitrarily chosen, how many squares will get none, how many one, two, three, and so on.” (PYNCHON, 2006, p. 55-56)

⁶⁹ “Suppose, Pointsman argues, that Jamf’s stimulus *x* was some loud noise, as it was in the Watson-Rayner experiment. Suppose that, in Slothrop’s case, the hardon reflex wasn’t completely extinguished. In that case he ought to be getting one on at any loud noise that’s preceded by the same kind of ominous buildup he would’ve found in Jamf’s lab – as dogs to this day find in Pointsman’s own lab. That points to the V-1: any doodle close enough to make him jump ought to be giving him an erection: the sound of the motor razzing louder and louder, then the cutoff and silence, suspense building up – then the explosion.

O caso obceca Pointsman, para quem Slothrop, ainda que não seja um assassino, é um doente, ou antes, um monstro, que precisa ser tratado e mantido sob estrito controle:

Mesmo que o Americano não seja legalmente um assassino, ele é doente. A etiologia deve ser investigada, o tratamento encontrado. (...) O que quer que venhamos a encontrar, não pode haver dúvida de que ele [Slothrop] é, fisiologicamente, historicamente, um monstro. *Nunca devemos perder o controle*. O pensamento dele perdido no mundo dos homens, após a guerra, enche-me com um profundo temor que eu não posso extinguir...⁷⁰

Temos informações suficientes sobre Slothrop para dizer quem ele é – sabemos seu lugar de nascimento, sua história familiar, sua ocupação, etc. –, contudo, à medida que o romance avança, especialmente quando ele começa a “se diluir” e a se dispersar pela Zona, perdendo sua densidade pessoal, a questão que se coloca é: o que ele é? Neste ponto, Slothrop é tudo, menos uma identidade, menos uma pessoa. Vejamos.

Uma tarde, estando deitado de braços e pernas abertas, completamente à vontade ao sol, Slothrop se transforma numa encruzilhada, consagrando-se, então, “como um colecionador de sentidos”,⁷¹ todos ligados à forma quadripartida do Foguete:

Por essa época, ele já havia se sintonizado com outras expressões quadripartidas – variações do moinho cósmico de Frans van der Groov – suásticas, símbolos de ginástica FFFF num círculo simetricamente invertido e posto para trás, Frisch Fromm Fröhlich Frei sobre portas asseadas em ruas pacatas, e encruzilhadas (...). Os campanários de igrejas cor de areia elevam-se sobre os horizontes de Slothrop, projetando-se para os quatro lados como aletas de foguete a orientar os pináculos aerodinâmicos... talhada no arenito, ele encontra à sua espera a marca da consagração, uma cruz encerrada num círculo. Por fim, deitado, uma tarde, de braços e pernas abertas, completamente à vontade ao sol, nos arredores de uma das antigas cidades da Peste, ele próprio se transforma numa cruz, numa encruzilhada, numa intersecção viva (...).⁷²

Boing, a hardon. But oh, no. Slothrop instead only gets erections when this sequence happens *in reverse*. Explosion first, then the sound of approach: the V-2. But the stimulus, somehow, *must* be the rocket, some precursor wraith, some rocket’s double present for Slothrop (...).” (PYNCHON, 1998, p. 87-88)

⁷⁰ “Even if the American’s not legally a murderer, he is sick. The etiology ought to be traced, the treatment found. (...) Whatever we may find, there can be no doubt that he is, physiologically, historically, a monster. *We must never lose control*. The thought of him lost in the world of men, after the war, fills me with a deep dread I cannot extinguish...” (PYNCHON, 2006, p. 146-147)

⁷¹ “Slothrop é consagrado (e sacrificado) como um colecionador de sentidos no dia em que se torna uma encruzilhada.” (BERSANI, 2003, p. 161)

⁷² “By which time he had become tuned to other fourfold expressions – variations on Frans Van der Groov’s cosmic windmill – swastikas, gymnastic symbols FFFF in a circle symmetrically upside down

Slothrop já não é uma “pessoa”: primeiro, ele se transforma numa encruzilhada, em seguida, se dispersa pela Zona, dispersão a partir da qual surgirão novas derivações, novas individualizações: “Alguns acreditam que fragmentos de Slothrop desenvolveram personalidades coerentes por conta própria. Se assim for, não há como saber quais dos habitantes atuais da Zona são derivações de sua dispersão inicial.”⁷³ Já não existe aqui um sujeito que alcance alguma forma de densidade pessoal. Diríamos, antes, que o que se constitui agora é uma zona de indeterminação, de indiscernibilidade, como se Slothrop tivesse atingido o ponto que precede qualquer diferenciação personológica, enquanto algo desprovido de contornos, indefinível e descentrado.

Decomposto e disperso por toda a Zona. Tornou-se impossível encontrar Slothrop como identidade fixa; sua individualidade dispersou-se.⁷⁴ Ele já não é uma “pessoa”, mas um albatroz depenado, desnudado:

Tyrone se transformou num albatroz depenado. Depenado, o cacete – *desnudado*. Disperso por toda a Zona. É pouco provável que seja possível “encontrar” Tyrone algum dia, no sentido convencional de “positivamente identificado e apreendido”. Somente penas...⁷⁵

Slothrop desaparece, torna-se “disperso”. Aqui, Pynchon parece forçar a linguagem tecnológica para servir a fins humanísticos e espirituais, pois a palavra “dispersão”, um termo da física de partículas, refere-se à dispersão de um feixe de radiação, mas também evoca o *sparagmos*, o desmembramento ritual e a dispersão do

and backward, Frisch Fromm Frölich Frei over neat doorways in quiet streets, and crossroads (...). The sand-colored churchtops rear up on Slothrop’s horizons, apses out to four sides like rocket fins guiding the streamlined spires... chiseled in the sandstone he finds waiting the mark of consecration, a cross in a circle. At last, lying one afternoon spread-eagled at his ease in the sun, at the edge of one of the ancient Plague towns he becomes a cross himself, a crossroads, a living intersection (...).” (PYNCHON, 2006, p. 637)

⁷³ “Some believe that fragments of Slothrop have grown into consistent personae of their own. If so, there’s no telling which of the Zone’s present-day population are offshoots of his original scattering.” (PYNCHON, 2006, p. 757)

⁷⁴ Para McHale (2013, p. 208), a dispersão de Slothrop é ambivalente. Por um lado, pode ser entendida como uma derrota psíquica, uma perda do eu para os sistemas de controle incipientes do pós-guerra; por outro, pode ser vista como uma libertação, uma fuga do “albatroz do ego” (p. 635) com o qual Slothrop foi sobrecarregado por aqueles que o condicionaram e manipularam no passado. Nesta última leitura, na opinião de McHale, o eu programado daria lugar a uma condição de “apenas sentir-se natural” (p. 638), livre de condicionamentos ou inibições. Outra hipótese interpretativa, de natureza mítico-órfica, é aventada a seguir.

⁷⁵ “Tyrone has become one plucked albatross. Plucked, hell – *stripped*. Scattered all over the Zone. It’s doubtful if he can ever be ‘found’ again, in the conventional sense of ‘positively identified and detained’. Only feathers...” (PYNCHON, 2006, p. 726)

bode expiatório divino. Como uma espécie de Orfeu ou Cristo, Slothrop morre pelos pecados do mundo moderno.⁷⁶

(O desaparecimento de Slothrop a um quinto do término do romance deixa sem solução o enigma específico de seus traumas infantis e de sua relação com o foguete V-2, o que confirma o caráter de *indecidibilidade* do romance tal como enunciado por nós no início desse trabalho, ao mesmo tempo em que serve como uma metáfora para o destino do próprio texto, em seu desmembramento ou desmantelamento final.⁷⁷)

Num último esforço, tentando determinar o paradeiro final de Slothrop, o narrador recorre ainda ao Tarô, seguindo o método de adivinhação proposto por Arthur Edward Waite, e atentando para o fato de que as cartas mais esperançosas tiradas encontram-se invertidas, a significar “nenhuma felicidade evidente ou cataclismo redentor”:

Existe também uma história sobre Tyrone Slothrop, que ele foi enviado para a Zona para estar presente a sua própria montagem – talvez, sussurram vozes altamente paranoicas, *a montagem de seu tempo* (...). O plano deu errado. Em vez disso, ele está sendo decomposto e espalhado. Suas cartas foram abertas, à maneira Céltica, na ordem sugerida pelo Sr. A. E. Waite, postas na mesa e lidas, mas são cartas de um debilóide fracassado: apontam apenas para um longo e confuso futuro, para mediocridade (...) – para nenhuma felicidade evidente ou cataclismo redentor. Todas as suas cartas promissoras estão invertidas, sendo a mais infeliz de todas a do Enforcado, que já era para estar de cabeça para baixo, a falar de suas esperanças e temores secretos...⁷⁸

Uma das cartas mais misteriosas do tarô, o Enforcado ou Dependurado é paradoxal, misterioso e imbuído da frustração de tentar resolver uma questão difícil, representando, portanto, uma situação enigmática, desafiadora, contígua à ideia de

⁷⁶ “Em certo sentido, Slothrop morre pelos pecados do mundo moderno, e sua dispersão coincide, em *Gravity’s Rainbow*, com a fundação da Contraforça, um grupo anárquico dedicado a resistir ou reverter a tecnologia de violência e morte.” (COWART, 2011, p. 13)

⁷⁷ “A dispersão de Slothrop serve também como metáfora para o próprio romance (...). Um trabalho tão amplamente enciclopédico quanto *Gravity’s Rainbow* deve necessariamente parecer um monte de imagens fragmentadas. Mas dos fragmentos dispersos do enredo labiríntico, surge uma certa unidade. É uma unidade amplamente conferida ao texto pelas variações recorrentes de sua metáfora mais central, aquela que dá forma e significado ao todo – a da ascensão e queda.” (SMITH, 2012, p. 168)

⁷⁸ “There is also the story about Tyrone Slothrop, who was sent into the Zone to be present at his own assembly – perhaps, heavily paranoid voices have whispered, *his time’s assembly* (...) The plan went wrong. He is being broken down instead, and scattered. His cards have been laid down, Celtic style, in the order suggested by Mr. A. E. Waite, laid out and read, but they are the cards of a tanker and feeb: they point only to a long and scuffling future, to mediocrity (...) – to no clear happiness or redeeming cataclysm. All his hopeful cards are reversed, most unhappily of all the Hanged Man, who is supposed to be upside down to begin with, telling of his secret hopes and fears...” (PYNCHON, 2006, p. 752-753)

iniciação. Iconograficamente, a carta expõe um homem pendurado por um dos pés atado a uma trave de madeira. Há um halo sobre a cabeça do suposto mártir, o que parece apontar para a crucificação crística. Nota-se ainda que a árvore do sacrifício é de madeira viva, com folhas, semelhante à parreira, e o rosto manifesta entendimento, não sofrimento.⁷⁹ Contudo, como vimos, no tarô de Slothrop o 12º Arcano encontra-se invertido, o que só ressalta o tratamento satírico-paródico que Pynchon deu ao papel de Slothrop enquanto Orfeu.⁸⁰

Ainda na mesma passagem, coloca-se em xeque a própria existência do Dr. Jamf, como peça de ficção slothropiana, para ajudá-lo a negar certos desejos que nunca seria capaz de admitir para si, desejos estes envolvendo a aniquilação sua e da sua espécie:

Nunca houve um Dr. Jamf (...) Jamf era apenas uma ficção, para ajudá-lo a explicar o que ele sentia tão terrivelmente, tão imediatamente nos seus genitais por aqueles foguetes cada vez que explodiam no céu... para ajudá-lo a negar o que ele não podia de modo algum admitir: que ele poderia estar apaixonado, sexualmente apaixonado, pela sua morte, e pela de sua espécie.⁸¹

O narrador também se refere ao que poderia ser uma derradeira aparição de Slothrop,⁸² uma fotografia na capa do único disco lançado pelo The Fool, um conjunto de rock inglês dos anos sessenta cuja aparência, segundo o narrador, recorda o Rolling Stones da primeira fase:

Dizem que existe uma última fotografia dele no único disco lançado pelo The Fool, um grupo de rock inglês – sete músicos, num estilo arrogante que lembra os Stones da primeira fase, perto de um antigo local onde caíra um foguete, no East End, ou na margem sul do Tâmis. É primavera, e o tomilho silvestre floresce numa extraordinária renda branca que se estende sobre a capa verde que

⁷⁹ Para mais informações, cf. Sarah Bartlett, *A bíblia do tarô*. São Paulo: Pensamentos, 2011. Ver Referências bibliográficas.

⁸⁰ Para David Seed, os paralelos entre as ações de Slothrop e o mito de Orfeu são repetidamente paródicos. “Orfeu é um viajante (Slothrop veio da América); ele é associado com a lira ou harpa (Slothrop com uma gaita ou ‘harpa’); ele está apaixonado por Eurídice, que é mantida no submundo após sua morte (Slothrop forma repetidamente ligações sexuais com parceiros que morrem ou são devotados à morte); Orfeu desce para o submundo, Slothrop para dentro de uma privada e a uma fábrica subterrânea; e a morte de Orfeu nas mãos das Mênades corresponde à dispersão de Slothrop.” (SEED, 1988, p. 163)

⁸¹ “There never was a Dr. Jamf (...) Jamf was only a fiction, to help him explain what he felt so terribly, so immediately in his genitals for those rockets each time exploding in the sky... to help him deny what he could not possibly admit: that he might be in love, in sexual love, with his, and his race’s, death.” (PYNCHON, 2006, p. 753)

⁸² É verdade que a figura de Slothrop ainda ressurgirá nos desejos expressos de personagens tais como Pig Bodine, Katje Borgesius, Enzian e Tchitcherine, ou no episódio em que ele tenta retornar à sua casa em Massachusetts, mas todas essas aparições tem o caráter de meras projeções, como lembranças e memórias de outros personagens.

agora oculta e suaviza a verdadeira forma do velho entulho. Não há como saber qual dos rostos é o de Slothrop: dos créditos que aparecem na ficha técnica o único que poderia aplicar-se a ele é “Harmônica, trombeta de brinquedo – um amigo”. Mas conhecendo seu Tarô, seria de esperar que ele fosse encontrado entre os Humildes, entre as almas cinzentas e preteridas, à deriva na luz hostil do céu, na escuridão do mar...⁸³

Slothrop e romance, ambos decompostos e dispersos. Mas o que isso significa? Já dissemos. Que o romance associa seu próprio “destino” ao destino de Slothrop, anunciando, desta forma, o seu dismantelamento final enquanto texto, testemunho da unidade estabelecida por Pynchon entre configuração romanesca e caracterização de personagem – tão estreitamente ligados e tão bem conexos, que não se pode separá-los.

E quanto a Franz Pökler, uma das poucas personagens do livro de Pynchon delineada com profundidade e consistência, qual a sua relação, enquanto personagem, com a economia geral do texto? Sua estória, que se desenrola por dezenas de páginas, possuindo uma continuidade estrutural praticamente inexistente em outras partes do romance, nos esclarece sobre questões temáticas caras à obra, especialmente aquelas ligadas ao problema da técnica, bem como aquelas ligadas às relações sucessivamente adquiridas entre matéria ficcional e matéria histórica. Vejamos.

Franz Pökler dedica-se, juntamente com outros técnicos, às pesquisas para o desenvolvimento do foguete V-2, envolvendo-se de forma irresistível com uma corporação militar-industrial, que soube explorar o sonho espacial do engenheiro, para, deste modo, atraí-lo para o programa de recrutamento de jovens técnicos qualificados a “cooperarem” no projeto, os quais desconheciam inteiramente a violência inerente a este.⁸⁴

⁸³ “There’s supposed to be a last photograph of him on the only record album ever put out by The Fool, an English rock group – seven musicians posed, in the arrogant style of the early Stones, near an old rocket-bomb site, out in the East End, or South of the River. It is spring, and French thyme blossoms in amazing white lacework across the cape of green that now hides and softens the true shape of the old rubble. There is no way to tell which of the faces is Slothrop’s: the only printed credit that might apply to him is ‘Harmonica, kazoo – a friend’. But knowing his Tarot, we would expect to look among the Humility, among the gray and preterite souls, to look for him adrift in the hostile light of the sky, the darkness of the sea...” (PYNCHON, 2006, p. 757)

⁸⁴ “Como uma ‘ereção de aço’ (p. 329), a V-2 apela aos jovens que desejam compensar sua impotência com sonhos de poder tecnológico, desconhecendo a violência inerente ao projeto.” (HERMAN e WEISENBURGER, 2013, p. 115)

É impossível pensar em Franz Pökler sem pensar em Wernher von Braun (ou mesmo em Albert Speer⁸⁵): técnicos inteiramente submetidos à influência nazista, a qual se entregaram, incondicionalmente, sem nenhuma crítica. Como von Braun, Pökler aceitara, submisso, as imposições do governo nacional-socialista para a construção do foguete V-2, que, desviado da ciência “pura”, passará a trabalhar no desenvolvimento de armas, oferecendo-nos, assim, segundo Douglas Fowler, um relato “perfeito da captura e dos usos da espécie mais rara e mortal do século XX, o cientista de sensibilidade e inteligência, que permite que o complexo industrial-militar utilize seus dons a fim de fazer progredir uma tecnologia de morte”.⁸⁶

Para Pökler, o Foguete representava a possibilidade de superação das fronteiras espaciais:

“Nós todos vamos usá-lo, algum dia, para deixar a Terra. Para transcender.” (...) “As fronteiras não vão significar nada. Vamos ter todo o espaço sideral...”⁸⁷

Pökler era entusiasmado por foguetes, entusiasmo esse causado por um “desejo romântico de transcendência”, de escapar à gravidade e cruzar o espaço sem preocupação de fronteiras ou barreiras divisórias, que finalmente conduziria a humanidade a uma dimensão quase mítica de exploração espacial, em que voar seria tão natural quanto respirar:

Um mapa sem fronteiras nacionais, inseguro e fascinante, em que voar era tão natural quanto respirar – mas eu vou cair... não, levantando-se, olhe para baixo, não há nada a temer, desta vez é bom... sim, voando com perfeição, está funcionando... sim...⁸⁸

Apenas tardiamente é que Pökler percebe que estava sendo usado para a afirmação de forças destrutivas, forças essas engajadas na realização do projeto nazista de poder. Antes disso, porém, Pökler, imerso no mais completo silêncio, “nadando em

⁸⁵ “Se, alguns meses antes, eu [Speer] estivera entusiasmado com a possibilidade de realizar construções, agora estava inteiramente submetido à influência do feitiço de Hitler, a quem eu me entregara, incondicionalmente, sem capacidade de nenhuma crítica. Eu estava disposto a acompanhá-lo a qualquer parte. (...) Anos depois, na prisão de Spandau, li a opinião de Cassirer a respeito dos homens que pelo seu próprio impulso desdenharam o mais alto privilégio do ser humano: o de serem pessoas donas delas mesmas. Eu era então um desses homens.” (SPEER, 1975, p. 59)

⁸⁶ FOWLER, 1980, p. 45.

⁸⁷ “We’ll all use it, someday, to leave the earth. To transcend. (...) Borders won’t mean anything. We’ll have all outer space.” (PYNCHON, 2006, p. 406)

⁸⁸ “A map without any national borders, insecure and exhilarating, in which flight was as natural as breathing – but I’ll fall... no, rising, look down, nothing to be afraid of, this time it’s good... yes, firmly in flight, it’s working... yes...” (PYNCHON, 2006, p. 417)

seus oceanos de fantasia, desejos de morte e misticismo de foguete”,⁸⁹ não protesta e nada faz para reverter sua situação, tornando-se, assim como outros técnicos (a exemplo de Mondaugen), ao mesmo tempo, vítima e porta-voz do ideário nazista: “Franz é precisamente o tipo de pessoa que eles querem. Eles sabem como usar *isso*. Eles sabem como usar todo mundo”.⁹⁰ No fundo, o que o Estado nacional-socialista fez foi aproveitar a relação, desprovida de crítica, entre tais técnicos e seu trabalho, já que a aparente neutralidade moral da técnica impedia-os de refletirem adequadamente sobre a sua própria tarefa.⁹¹ Como dirá Pökler a certa altura (em um diálogo com Weissmann): “Produção. Nós estamos mais envolvidos aqui com pesquisa e desenvolvimento. Não é uma arma para nós, é muito mais um ‘laboratório voador’, como disse uma vez o Dr. Thiel.”⁹²

Cientista puro, pesquisa desinteressada. Como técnicos, tais homens foram certamente os mercenários da guerra moderna. Alheios a considerações humanitárias, eles consideraram a pesquisa científica como um ideal que se bastava a si próprio.⁹³ Podendo seguir suas linhas de pesquisa sem serem importunados, pouco lhes importava a que causa servissem.⁹⁴ O que conta é a “ciência pura”, não os homens: “Neutralidade científica. (...) Mãos que poderiam muito bem torturar pessoas como cachorros e nunca sentir a dor delas...”⁹⁵ Pökler ilustra, desta forma, o cientista e técnico inteiramente voltado para o objeto de sua pesquisa e, como tal, é explorado pelo Major Weissmann,⁹⁶

⁸⁹ “(...) swimming his seas of fantasy, death-wish, rocket-mysticism.” (PYNCHON, 2006, p. 157)

⁹⁰ “Franz is just the type they want. They know how to use *that*. They know how to use nearly everybody.” (PYNCHON, 2006, p. 157)

⁹¹ Como aponta Speer em suas memórias, esse fenômeno, com o passar do tempo, foi “se tornando tanto mais perigoso quanto mais empenhado estivesse o técnico em sua tarefa, por imposição das necessidades da guerra, pois o técnico não conhecia diretamente as consequências da sua atuação anônima” (SPEER, 1975, p. 243).

⁹² “Production. We’ve been so involved here with the research-and-development end. It’s not a weapon for us so much as a “flying laboratory”, as Dr. Thiel said once.” (PYNCHON, 2006, p. 434)

⁹³ Burroughs, em *Naked Lunch*, também nos oferece a imagem de um cientista “puro” na figura do inescrupuloso Dr. Benway: “SCHAFER: Vou te dizer, eu não consigo deixar de sentir algo de... bem, algo de *maligno* a respeito disso. BENWAY: Bobagem, meu garoto... Somos cientistas... Cientistas puros. Pesquisa desinteressada, e maldito seja os que gritarem ‘Chega, *isso já é demais!*’ Essa gente não é melhor que os idiotas do partido. SCHAFER: Sim, sim, claro... mas ainda assim... eu não consigo tirar esse fedor de meus pulmões... BENWAY: Nenhum de nós consegue... Nunca cheirei nada remotamente parecido com isso...” (BURROUGHS, 2010, p. 110)

⁹⁴ “Como qualquer crença existente, a técnica pode servir às forças sociais as mais diabólicas, e o tecnicismo não tem uma visão menos estreita que a religião militante.” (HORKHEIMER, 2015, p. 83)

⁹⁵ “Scientist-neutrality. (...) Hands that could as well torture people as dogs and never feel their pain...” (PYNCHON, 2006, p. 59)

⁹⁶ Também conhecido, no romance, como Capitão Blicero, Weissmann (em alemão: “homem branco”), veio a assumir o codinome “Blicero”, presumivelmente por causa de seu significado etimológico, ligado à brancura e ao vazio da morte, numa alusão a Blicher, apelido que os antigos germânicos davam à Morte – ou o Morte, como eles dizem –, que consideravam branca, “branca de descorada, branca de vazio” (p.

“um novo tipo de militar, parte vendedor, parte cientista”,⁹⁷ que usa de crueldade e sadismo para garantir a sua dedicação absoluta, como homem, e como técnico, à causa do foguete.

Pökler encarna, pois, a figura do técnico que se encerra em sua técnica, que aí desenvolve qualidades notáveis e cuja consciência se satisfaz em desempenhar religiosamente sua função, julgando que a política a cujo serviço coloca seu conhecimento não lhe diz respeito, deixando-se envolver e dominar pela ideologia nacional-socialista. A personagem, em toda a sua ambivalência, ilustra bem essa situação.

“Eles estão usando você para matar pessoas”, disse-lhe [sua esposa] Leni, tão explicitamente quanto podia. “Esse é o único trabalho deles, e você está os ajudando.” (...) “Ah você é cego”, cuspiu-lhe na cara sua cegueira tal como o fazia todos os dias, isso e mais “Kadavergehorsamkeit”⁹⁸, uma bela palavra que ele já não consegue imaginar em nenhuma outra voz senão a dela...⁹⁹

Assim, Pökler torna-se presa de um complexo militar e econômico centrado na V-2, posto que o Terceiro Reich tinha interesse em sua *expertise* em materiais plásticos como ex-aluno do Professor-Doutor Laszlo Jamf, descobridor do polímero Imipolex G. Contudo, tarde demais ele compreende que sua neutralidade permitiu que *Eles* traçassem um quadro em sua vida fragmentada pela racionalização e pela paranoia. Entregue, pois, à falta de sentido de uma existência meramente funcional como engenheiro de foguetes, Pökler aliena-se de si próprio e do mundo, passando a viver apenas a objetividade científica, persistindo numa visão ingênua e teimosa do Foguete como voltado não para a destruição e a morte, mas – como vimos – como algo para transcender a Terra. Ora, ainda um jovem estudante de engenharia química, Pökler deixava-se já levar por um entusiasmo de cientista pelas promessas de transcendência de uma química revolucionária, em virtude do lendário e místico sonho de Kekulé, em

327). O nome foi posteriormente latinizado para “Dominus Blicero”, que Weissmann, encantado, adotou como seu codinome na SS.

⁹⁷ “(...) a brand new military type, part salesman, part scientist” (PYNCHON, 2006, p. 407)

⁹⁸ A expressão *Kadavergehorsamkeit*, também utilizada por Adolf Eichmann durante seu julgamento (ver mais a frente, em nota de rodapé), advém do *Perinde ac cadáver* (obediente como um cadáver) dos jesuítas e se refere, no contexto nazista, ao dever de obediência incondicional dos SS, tal como estabelecido por Heinrich Himmler. Para mais detalhes, cf. Christian Ingrao, *Crer e destruir: os intelectuais na máquina de guerra da SS nazista*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015, p. 311ss. Ver Referências bibliográficas.

⁹⁹ “‘They’re using you to kill people’, Leni told him, as clearly as she could. ‘That’s their only job, and you’re helping them.’ (...) ‘Oh you’re blind’, spitting it as she spat his blindness at him every day, that and ‘Kadavergehorsamkeit’, a beautiful word he can no longer imagine in any voice but hers...” (PYNCHON, 2006, p. 406-407)

1865. Nesse “grande Sonho que revolucionou a química e tornou a IG possível”,¹⁰⁰ o famoso químico descobriu que a fórmula da molécula de benzeno possuía a forma de um anel, ou seja, uma estrutura cíclica, descoberta essa que abrirá caminho para a química aromática, representando assim um grande avanço tecnológico que levou não apenas a novas sínteses, mas também a novas formas de poder:

Não antes do sonho: antes de ele ser levado a vê-la, para que outros pudessem ser seduzidos por sua beleza física, e começassem a pensar nela como um plano, uma base para novos compostos, novos arranjos, para que surgisse todo um ramo de química aromática para unir-se com o poder secular e descobrir novos métodos de síntese, para que surgisse uma indústria alemã de pigmentos que se tornaria a IG...¹⁰¹

Num longo parágrafo em que Pynchon descreve o entusiasmo do jovem Pökler com as aulas de Laszlo Jamf, podemos vê-lo aí atraído pela imagem da “Grande Serpente que morde a própria cauda, a Serpente sonhadora que envolve o Mundo”,¹⁰² símbolo da perfeita harmonia da natureza, que tanto fascinava os alunos de Laszlo Jamf, entre os quais, o próprio Pökler:

“O Ciclo aromático que conhecemos hoje”, o velho professor de Pökler, Laszlo Jamf, nesse ponto de sua fala retirava do bolso da sua calça um hexágono de ouro com a cruz-de-malta alemã no centro, uma medalha de honra da IG Farben, e diz, com seu senso de humor de velhinho adorável, que para ele aquela cruz não representava a Alemanha e sim a tetravalência do carbono – “mas *quem*”, erguendo as mãos abertas, igual um regente de banda, “quem, enviou, o *Sonho*?” Nunca se sabe direito até que ponto as perguntas de Jamf são puramente retóricas. “Quem mandou essa nova serpente para nosso ruinoso jardim, já demasiado sujo, superpovoado demais para ser visto como lugar da inocência – a menos que inocência seja a passagem neutra e silenciosa de nossa era para as maquinarias da indiferença – coisa que a Serpente de Kekulé viera para – não para destruir, mas para definir para nós sua perda... tínhamos recebido certas moléculas, certas combinações e não outras... usávamos o que encontrávamos na

¹⁰⁰ “(...) great Dream that revolutionized chemistry and made the IG possible.” (PYNCHON, 2006, p. 417) No trecho do sonho em questão, Pynchon enfatiza as estruturas formais do inconsciente, observando que, para que o “material certo” encontre “o caminho para o sonhador certo, todo mundo, tudo o que está envolvido, deve estar exatamente no lugar esperado” (p. 417). Esses padrões são os arquétipos do inconsciente coletivo, como formulado por “Jung”, que nos deu “a ideia de uma fonte ancestral na qual todos compartilham o mesmo material onírico” (p. 417). Em outras palavras, as revelações oníricas viriam do domínio dos mortos, o mundo ancestral, governado, sugere Pynchon, por “burocracias do outro lado” (p. 417).

¹⁰¹ “Not until the dream: until he was made to see it, so that others might be seduced by its physical beauty, and begin to think of it as a blueprint, a basis for new compounds, new arrangements, so that there would be a field of aromatic chemistry to ally itself with secular power, and find new methods of synthesis, so there would be a German dye industry to become the IG...” (PYNCHON, 2006, p. 418-419)

¹⁰² “Kekulé dreams the Great Serpent holding its own tail in its mouth, the dreaming Serpent which surrounds the World.” (PYNCHON, 2006, p. 419)

Natureza, sem questionar, talvez com vergonha – mas a Serpente sussurrou, ‘*Elas podem ser mudadas, e novas moléculas podem ser criadas a partir dos destroços das que foram dadas...*’ Alguém aqui pode me dizer o que mais ela sussurrou para nós? Vamos – quem sabe? Você. Diga-me, *Pökler* –” Seu nome desabou sobre ele como um trovão, e é claro que não era o Prof.-Dr. Jamf, e sim um colega que morava no mesmo corredor, que tinha ficado de plantão naquela manhã.¹⁰³

Pökler não apenas sonha com a significação do sonho de Kekulé como também estabelece conexões que lhe falam de novas combinações moleculares relevantes para a indústria de plástico que, por sua vez, propiciará a tecnologia necessária para que, depois de vencida a gravidade, o Foguete perfeito possa resistir no espaço.

Foi seu velho amigo do T.H. de Munique, o engenheiro elétrico Kurt Mondaugen (literalmente “olhos da lua”, indicando sua função como espectador), “um desses místicos alemães que cresceram lendo Hesse, Stefan George e Richard Wilhelm”,¹⁰⁴ quem lhe apresentou ao Foguete, uma noite nos subúrbios de Berlim, depois de passar o dia todo fora de casa, a colar cartazes anunciando uma produção cinematográfica barata. Ato fundador, que mudaria para sempre a vida de Franz Pökler:

Ele [Pökler] havia passado o dia todo fora, o marido proletário, colando cartazes anunciando alguma alegre fantasia cinematográfica de Max Schlepzig, enquanto Leni estava deitada grávida, forçada a se virar na cama quando a dor nas costas ficava insuportável, na sua lixeira mobiliada no último Hinterhöfe do cortiço. Já estava bem escuro e muito frio quando o balde de cola ficou vazio e todos os anúncios já estavam pregados, prontos para serem mijados, rasgados, riscados com suásticas. (...) Ele havia vagado, exausto, em direção ao

¹⁰³ “‘The aromatic Ring we know today’, Pökler’s old prof. Laszlo Jamf, at this point in the spiel removing from his fob a gold hexagon with the German formée cross in the center, a medal of honor from IG Farben, joking, in his lovable-old-fart manner, that he likes to think of the cross not as German so much as standing for the tetravalency of carbon – ‘but *who*’, lifting his open hands on each beat, like a bandleader, ‘who, sent, the Dream?’ It is never clear how rhetorical any of Jamf’s questions are. ‘Who sent this new serpent to our ruinous garden, already too fouled, too crowded to qualify as any locus of innocence – unless innocence be our age’s neutral, our silent passing into the machineries of indifference – something that Kekulé’s Serpent had come to – not to destroy, but to define to us the loss of... we had been given certain molecules, certain combinations and not others... we used what we found in Nature, unquestioning, shamefully perhaps – but the Serpent whispered, ‘*They can be changed*, and new molecules assembled from the debris of the given...’ Can anyone tell me what else he whispered to us? Come – who knows? You. Tell me, *Pökler* –’ His name fell on him like a thunderclap, and of course it wasn’t Prof.-Dr. Jamf after all, but a colleague from down the hall who had pulled reveille duty that morning.” (PYNCHON, 2006, p. 420)

¹⁰⁴ “One of these German mystics who grew up reading Hesse, Stefan George, and Richard Wilhelm (...).” (PYNCHON, 2006, p. 409)

norte, até Reinickendorf, um bairro de pequenas fábricas, telhados de metal enferrujado, bordéis, galpões, extensões de tijolo entregues à noite e ao desuso, oficinas de reparo onde a água dos tanques para resfriar as peças estava estagnada, coberta de espuma. Apenas uma ou outra luzinha aqui e ali. Vazio, terrenos baldios cobertos de mato, ninguém nas ruas: um bairro onde quebram-se vidros todas as noites. Deve ter sido o vento que o levava por uma estrada de terra, passando por uma velha guarnição do exército agora ocupada pela polícia local, por entre barracões e depósitos de ferramentas, chegando a uma cerca de arame com um portão. Encontrou o portão aberto, e entrou. Deu-se conta de um som, em algum lugar à sua frente. (...) Através de uma abertura no bastião viu um pequeno ovo de prata, com uma chama, pura e firme, saindo de baixo, iluminando a forma de homens de ternos, casacos, sobretudos, assistindo de casamatas e trincheiras. Era um foguete, em sua plataforma: um teste estático. O som começou a mudar, a interromper-se de vez em quando. Para Franz, em seu maravilhamento, o som não parecia ameaçador, apenas diferente. Porém a luz foi ficando mais forte, e os observadores de repente começaram a jogar-se no chão, e o foguete então soltou um rugido crepitante, uma longa explosão, vozes gritando *abaixem-se* e ele deitou-se no momento exato em que o objeto prateado despedaçou-se, uma tremenda explosão, metal zunindo pelo ar, Franz abraçando o chão, os ouvidos zumbindo, não sentido nem mesmo o frio, sem mesmo saber naquele momento se ainda estava dentro de seu corpo... Pés aproximaram-se correndo. Ele olhou para cima e viu Kurt Mondaugen. O vento durante toda a noite, talvez o ano todo, os havia reunido. Isso é o que ele passou a acreditar, que foi o vento. A maior parte da gordura do tempo de estudante foi substituída agora por músculos, seu cabelo rareava, sua tez era mais bronzeada que qualquer coisa que Franz tinha visto na rua naquele inverno, morena mesmo nas dobras de concreto de sombra e chamas que vinham do combustível de foguete espalhado para todos os lados, mas era Mondaugen com certeza, sete ou oito anos depois, porém eles se reconheceram de imediato. Eles tinham vivido na mesma fria mansarda na Liebigstrasse, em Munique. (...) Andavam no mesmo Schnellbahnwagen ruidoso, com seus três braços de contato frágeis como pernas de inseto guinchando ao longo dos fios aéreos, para ir à T.H.: Mondaugen fizera engenharia elétrica. Ao se formar, ele fora para o Sudoeste Africano, para trabalhar em algum tipo de projeto de pesquisa sobre rádio. Se corresponderam por um tempo, depois param. A reunião continuou até bem tarde, numa cervejaria de Reinickendorf, gritaria de universitários entre bebedores da classe trabalhadora, um jubiloso e grandioso velório para o teste do foguete – rabiscando em guardanapos de papel encharcados, todos falando ao mesmo tempo em torno da mesa cheia de copos, discutindo em meio à fumaça e ao barulho sobre fluxo de calor, impulso específico, fluxo do propulsor... “Foi um fracasso”, Franz cambaleando sob a lâmpada, às três ou quatro da manhã, um sorriso largo no rosto, “fracassou, Leni, mas eles só falam em sucesso! Vinte quilogramas-força de empuxo e só uns poucos segundos, mas *ninguém nunca fez isso antes*. Eu não podia acreditar Leni eu vi algo que, que ninguém nunca fez antes...”¹⁰⁵

¹⁰⁵ “He’d been out all day, the proletarian husband, out pasting up bills to advertise some happy Max

A alma de Pökler agita-se quando ele presencia esse teste de foguete estático em Reinickendorf, um subúrbio de Berlim. Depois, o encontro com o antigo colega de faculdade, Kurt Mondaugen, que participava do teste, agita ainda mais o seu entusiasmo pelo foguete, que, em seu estande de teste, não pareceu ameaçador para Pökler em seu maravilhamento diante desse acontecimento único, mesmo quando aquele se despedaça numa “tremenda explosão”. Como colegas de universidade, Mondaugen e Pökler, como vimos, moraram “na mesma fria mansarda na Liebigstrasse”, próxima a Technische Hochschule, em Munique. Estudante de engenharia elétrica, Mondaugen, depois de formado, “fora para o Sudoeste Africano, para trabalhar em algum tipo de projeto de pesquisa sobre rádio”. Os dois amigos se corresponderam por um tempo, mas depois pararam, quando então se reencontraram, “sete ou oito anos depois”, por ocasião do teste estático em Reinickendorf.

Aqueles que leram o primeiro romance de Pynchon se lembrarão de Mondaugen, onde ele aparece como a personagem central do capítulo 9. Aí, segundo a

Schleppzig film fantasy, while Leni lay pregnant, forced to turn when the pain in her back got too bad, inside their furnished dustbin in the last of the tenement's Hinterhöfe. It was well after dark and bitter cold by the time his paste bucket was empty and the ads all put up to be pissed on, torn down, swastikaed over. (...) He had wandered, bone-tired, miles northward into Reinickendorf, a quarter of small factories, rusted sheeting on the roofs, brothels, sheds, expansions of brick into night and disuse, repair shops where the water in the vats for cooling the work lay stagnant and scummed over. Only a sprinkling of lights. Vacancy, weeds in the lots, no one in the streets: a neighborhood where glass breaks every night. It must have been the wind that was carrying him down a dirt road, past the old army garrison the local police had taken over, among the shacks and tool cribs to a wire fence with a gate. He found the gate open, and pushed through. He'd become aware of a sound, somewhere ahead. (...) Through a gap in the breastwork he saw then a tiny silver egg, with a flame, pure and steady, issuing from beneath, lighting the forms of men in suits, sweaters, overcoats, watching from bunkers or trenches. It was a rocket, in its stand: a static test. The sound began to change, to break now and then. It didn't sound ominous to Franz in his wonder, only different. But the light grew brighter, and the watching figures suddenly started dropping for cover as the rocket now gave a sputtering roar, a long burst, voices screaming get down and he hit the dirt just as the silver thing blew apart, a terrific blast, metal whining through the air where he'd stood, Franz hugging the ground, ears ringing, no feeling even for the cold, no way for the moment of knowing if he was still inside his body... Feet approached running. He looked up and saw Kurt Mondaugen. The wind all night, perhaps all year, had brought them together. This is what he came to believe, that it was the wind. Most of the schoolboy fat was replaced now by muscle, his hair was thinning, his complexion darker than anything Franz had seen in the street that winter, dark even in the concrete folds of shadow and the flames from the scattered rocket fuel, but it was Mondaugen sure enough, seven or eight years gone but they knew each other in the instant. They'd lived in the same drafty mansarde in the Liebigstrasse in Munich. (...) They'd ridden the same rattling Schnellbahnwagen with its three contact arms frail as insect legs squeaking along the wires overhead to the TH.: Mondaugen had been in electrical engineering. On graduating he'd gone off to South-West Africa, on some kind of radio research project. They had written for a while, then stopped. Their reunion went on till very late, in a Reinickendorf beer hall, undergraduate hollering among the working-class drinkers, a jubilant and grandiose post-mortem on the rocket test – scrawling on soggy paper napkins, all talking at once around the glass-cluttered table, arguing through the smoke and noise heat flux, specific impulse, propel-lant flow... “It was a failure,” Franz weaving under their electric bulb at three or four in the morning, a loose grin on his face, “it failed, Leni, but they talk only of success! Twenty kilograms of thrust and only for a few seconds, but *no one's ever done it before*. I couldn't believe it Leni I saw something that, that no one ever did before...” (PYNCHON, 2006, p. 162-164)

narrativa, o engenheiro elétrico recém-formado veio para o Sudoeste Africano, em 1922, em um projeto de pesquisa para estudar “perturbações atmosféricas no rádio”,¹⁰⁶ e depois de procurar refúgio, por ocasião de uma revolta local, na vila de um fazendeiro local chamado Foppl, ele acaba decifrando uma espécie de código em sinais eletromagnéticos registrados num oscilógrafo. A “festa-sítio” que, então, transcorre na vila de Foppl gira em torno da recordação dos esforços para conter o grande levante herero de 1904-1907, quando as tropas alemãs, ao cumprirem uma “ordem de extermínio” (*Vernichtungs Befehl*) emitida pelo general von Trotha, quase levaram o povo herero à completa extinção. Ora, ao integrar a narrativa desse capítulo sobre Mondaugen ao restante do romance, Pynchon consegue um notável equilíbrio entre facticidade histórica e criação ficcional que transforma a estória de Mondaugen, como contada por Herbert Stencil, personagem central em *V.*,¹⁰⁷ em uma desconcertante narrativa, ao mesmo tempo convincente e sombria, sobre a empresa colonial desumanizadora, o genocídio herero e a origem do *Konzentrationslager* [campo de concentração] alemão:

Aquela fora uma forma popular de matar durante a Grande Rebelião de 1904-1907, quando os hereros e hotentotes, que geralmente lutavam entre si, organizaram um levante simultâneo mas não coordenado contra a incompetente administração alemã. O general Lothar von Trotha, tendo demonstrado a Berlim, durante as campanhas da China e da África Oriental, uma certa habilidade na supressão de populações pigmentadas, fora enviado para cuidar dos hereros. Em agosto de 1904, von Trotha emitiu sua “*Vernichtungs Befehl*”, pelo qual as forças alemãs recebiam ordens para exterminar sistematicamente todo herero, homem, mulher e criança que pudessem encontrar. Dos estimados 80 mil hereros que viviam no território em 1904, um censo oficial alemão feito sete anos depois estabelecia a população herero em apenas 15.130, um decréscimo de 64.870. Similarmente, os hotentotes foram reduzidos no mesmo período em cerca de 10 mil, os berg-damaras em 17 mil. Descontando-se as causas naturais durante aqueles anos nada naturais, calcula-se que von Trotha, que ficou apenas um, liquidou cerca de 60 mil pessoas.

¹⁰⁶ PYNCHON, 1988, p. 259.

¹⁰⁷ A propósito do enredo do romance em questão: *V.*, composto de 16 capítulos e um epílogo, intercala seções dentro de uma narrativa linear passada no ano de 1956, centradas em redor de uma personagem de nome Benny Profane, que ocorrem principalmente em Nova York, e uma série de capítulos históricos que se espalham ao longo de um complicado esquema temporal entre 1898 e 1943, ligados pela busca de outra personagem, Herbert Stencil, por uma figura misteriosa chamada V. (que, por alguma razão, se viu sempre envolvida em vários acontecimentos históricos do século XX, desde a crise de Fachoda até o cerco de Malta na Segunda Guerra Mundial), personagens estas cujas vidas, nos capítulos finais do romance, se cruzam para então, juntamente com Paola Majistral, embarcarem em uma viagem para Malta, em busca da misteriosa figura.

Isso representa apenas 1 por cento de seis milhões, mas ainda é bastante.¹⁰⁸

Ora, o que Pynchon parece fazer é aproveitar muitos desses tópicos, como se fossem partes destacáveis do primeiro romance, e desdobrá-los em *Gravity's Rainbow*, retornando a esse método representacional, crucial para a caracterização subsequente de Mondaugen. Assim é que algumas personagens contidas primeiramente em *V.*, o que inclui também o jovem tenente Weissmann, retornam a *Gravity's Rainbow*, fazendo com que a estória seja retomada do ponto em que o primeiro romance a deixou.¹⁰⁹

Mas voltando a Pökler. Pynchon parece mesmo insistir na apresentação de Pökler como um exemplo de personificação do sonho nazista de transcendência, donde seu entusiasmo juvenil pelas aulas de Jamf, em que este falava do leão (besta louca?) existente no homem, remetendo assim ao anseio de poder sem limites nacional-socialista:

“Por mais que afirmemos, da boca pra fora, nosso compromisso com a Razão”, disse ele [Jamf] à turma de Pökler no T.H., “com a moderação e a transigência, mesmo assim, o leão permanece. Existe um leão em cada um de vocês. Ou bem ele é domado – por muita matemática, por detalhes de *design*, por procedimentos empresariais – ou bem ele permanece selvagem, um eterno predador. O leão não conhece sutilezas nem meias soluções. Ele não aceita *compartilhar* coisa alguma! Ele toma, ele agarra! Ele não é um Bolchevique ou um Judeu. Você jamais ouvirá falar em relatividade do leão. Ele quer o absoluto. Vida e morte. Vencer e perder. Nada de tréguas ou arranjos, mas a alegria do salto, do rugido, do sangue.” Se isso é química Nacional-Socialista, culpe essa alguma-coisa-que-está-no-ar, o Zeitgeist. Sim, culpe isso. O Prof.-Dr. Jamf não estava imune. Nem ele nem seu aluno Pökler.¹¹⁰

A “alegria do salto”, aqui, significa o prazer de ir além e, portanto, de transcender, despreocupado de princípios éticos e morais, em uma imagem de violência

¹⁰⁸ PYNCHON, 1988, p. 275.

¹⁰⁹ Como ressalta Seed (1988, p. 99) a esse respeito, o método panorâmico de *V.* não dá a Pynchon oportunidades suficientes para perseguir todas as questões aí levantadas e, por esta razão, ele reviverá o material do Sudoeste Africano em *Gravity's Rainbow*, estabelecendo linhas de continuidade histórica e ficcional com a ascensão do nazifascismo.

¹¹⁰ “‘Whatever lip-service we may pay to Reason’, he told Pökler’s class back at the T.H., ‘to moderation and compromise, nevertheless there remains the lion. A lion in each one of you. He is either tamed – by too much mathematics, by details of design, by corporate procedures – or he stays wild, an eternal predator. ‘The lion does not know subtleties and half-solutions. He does not accept *sharing* as a basis for anything! He takes, he holds! He is not a Bolshevik or a Jew. You will never hear relativity from the lion. He wants the absolute. Life and death. Win and lose. Not truces or arrangements, but the joy of the leap, the roar, the blood.’ If this be National Socialist chemistry, blame that something-in-the-air, the Zeitgeist. Sure, blame it. Prof.-Dr. Jamf was not immune. Neither was his student Pökler.” (PYNCHON, 2006, p. 587)

e dominação, a serviço da tecnologia. Com a inflação e a depressão de Weimar nos anos 1920, no entanto, a ideia de Pökler de “leão” passou a associar-se a certo rosto, um rosto cinematográfico, o do ator Rudolf Klein-Rogge¹¹¹ – “a quem Pökler idolatrava, e a quem queria ser igual”¹¹² –, especialmente em *Metropolis* (1927, de Fritz Lang), no papel do cientista maluco Rothwang:

Grande filme. Exatamente o tipo de mundo com que Pökler e evidentemente muitos outros sonhavam naquela época, uma Cidade-Estado Empresa onde a tecnologia era a fonte do poder, o engenheiro trabalhava em estreita colaboração com o administrador, as massas labutavam invisíveis nos subterrâneos e o poder derradeiro cabia a um único líder no topo, paternal e benevolente e justo, que usava ternos com um aspecto magnífico e de cujo nome Pökler não conseguia lembrar-se, de tão absorto estava com Klein-Rogge no papel do inventor maluco que Pökler e seus colegas, co-discípulos de Jamf, desejavam ser – indispensável para aqueles que administravam Metropolis, porém, no final, o indomável leão que podia deitar tudo aquilo abaixo, garota, Estado, massas, ele próprio, afirmando sua realidade contra todos eles num último mergulho clamoroso do telhado para a rua...¹¹³

A imagem se encaixa perfeitamente no quadro organizacional da Alemanha nazista, com os trabalhadores escravos embaixo e o Führer paternal no topo. Ora, Pökler será um dos engenheiros em Peenemünde, cujos trabalhadores vêm de Trassenheide e, posteriormente, no complexo de Nordhausen, cuja fábrica subterrânea, semelhante à Metropolis, dependerá para sua produção do trabalho escravo oriundo do campo de Dora.

¹¹¹ Rudolf Klein-Rogge (1885-1955), além de *Metropolis* (1926), aparece em outros filmes de Fritz Lang, incluindo *Dr. Mabuse der Spieler* (1922) e *Die Nibelungen* (1923-24). Estes filmes, juntamente com *Der müde Tod* (1921), também de Fritz Lang, são todos citados em *De Caligari a Hitler*, de Siegfried Kracauer, como exemplos de filmes que expuseram “as profundas tendências psicológicas predominantes na Alemanha de 1918 a 1933, tendências que influenciaram o curso dos acontecimentos no período de tempo acima mencionado (...)” (KRACAUER, 1988, p. 07). Kracauer argumenta que personagens como o arqui-criminoso Dr. Mabuse e o cientista maluco Rothwang ilustravam a crescente fascinação ou aceitação do gênio ou tirano do mal na sociedade alemã à época. Quando Pynchon faz de *Metropolis* em particular o longa favorito do cinéfilo politicamente apático Franz Pökler, ele parece ter em mente as teorias de Kracauer.

¹¹² “(...) the actor Rudolf Klein-Rogge, whom Pökler idolized, and wanted to be like.” (PYNCHON, 2006, p. 588)

¹¹³ “Great movie. Exactly the world Pökler and evidently quite a few others were dreaming about those days, a Corporate Citystate where technology was the source of power, the engineer worked closely with the administrator, the masses labored unseen far underground, and ultimate power lay with a single leader at the top, fatherly and benevolent and just, who wore magnificent-looking suits and whose name Pökler couldn’t remember, being too taken with Klein-Rogge playing the mad inventor that Pökler and his codisciples under Jamf longed to be – indispensable to those who ran the Metropolis, yet, at the end, the untamable lion who could let it all crash, girl, State, masses, himself, asserting his reality against them all in one last roaring plunge from rooftop to street.” (PYNCHON, 2006, p. 588)

Pois bem. A personagem viverá a ilusão, alimentada inicialmente a partir dos desenvolvimentos da química aromática, representada por Jamf, de realizar a imaginação romântica alemã de ir além, de transcender, que culminará por fim no foguete V-2.

Foi quando Pökler então começou a sonhar com o Foguete com certa frequência:

Quando ele [Pökler] começou a sonhar com o Foguete com alguma frequência, às vezes não era um foguete de fato, literalmente, mas uma rua que ele sabia ficar em um determinado bairro da cidade, uma rua em uma determinada área que continha algo que ele achava ser-lhe necessário. As coordenadas estavam bem claras em sua mente, mas a rua lhe escapava. Com o passar dos anos, à medida que o Foguete ia ficando pronto, prestes a se tornar operacional, as coordenadas mudavam do cartesiano x e y do laboratório para o azimute e o alcance da arma quando implementada: uma vez ele se ajoelhou no chão do banheiro de sua velha pensão em Munique, entendendo que se ele se voltasse exatamente para um determinado ponto cardeal sua oração seria ouvida: ele estaria seguro. Usava um manto de brocado dourado e laranja. Era a única luz no recinto. Depois disso, aventurou-se pela casa, sabendo que havia pessoas dormindo em todos os quartos, mas se sentindo abandonado. Ele foi acender uma luz – mas no ato de acionar o interruptor deu-se conta de que o quarto já estava iluminado, e que ele havia acabado de apagar tudo, *tudo...*¹¹⁴

Gestos como o de Pökler só possuem significação quando sentimentos de inferioridade, ou, mais exatamente, a falta de sentido de uma existência meramente funcional, ameaçam sufocar a individualidade. Estaríamos, assim entendido, diante de um novo tipo de homem, marcado pela mais completa indeterminação, sem uma posição definida no mundo, como o sujeito das incertezas e da insegurança, em relação a si mesmo e ao mundo?

Como se, por alguma razão, Pökler fosse incapaz de determinar o seu próprio lugar no mundo:

Mas o fardo de seu pobre eu Berlinense persistia. Pökler falava com ele, ouvia-o, sondava-o, e mesmo assim ele não se dissolvia ou fugia,

¹¹⁴ “When he began to dream about the Rocket with some frequency, it would sometimes not be a literal rocket at all, but a street he knew was in a certain district of the city, a street in a certain small area of the grid that held something he thought he needed. The coordinates were clear in his mind, but the street eluded him. Over the years, as the Rocket neared its fullness, about to go operational, the coordinates switched from the Cartesian x and y of the laboratory to the polar azimuth and range of the weapon as deployed: once he knelt on the lavatory floor of his old rooming house in Munich, understanding that if he faced exactly along a certain compass-bearing his prayer would be heard: he’d be safe. He wore a robe of gold and orange brocade. It was the only light in the room. Afterward he ventured out into the house, knowing people slept in all the rooms, but feeling a sense of desertion. He went to switch on a light – but in the act of throwing the switch he knew the room had really been lit to begin with, and he had just turned everything out, *everything...*” (PYNCHON, 2006, p. 406)

mas persistia, mendigava em todas as soleiras de porta de sua vida, implorando silenciosamente com os olhos, com as mãos que tinham plena consciência de seu ofício culposo. Muita labuta em Peenemünde e companhia agradável na estalagem de Herr Halliger na Oie – tudo para fazer hora até chegar o bom tempo para os testes de lançamento – e Pökler mais vulnerável do que jamais estivera na vida. Suas frias noites sem mulher, os carteados e partidas de xadrez, as noitadas de cerveja só com homens, os pesadelos dos quais era preciso escapar sozinho porque agora não havia mais nenhuma outra mão que o sacudisse, ninguém para abraçá-lo quando as sombras apareciam na corrediça da janela – tudo isso dominou-o naquele Novembro, talvez com sua conivência. Um reflexo protetor. Porque alguma coisa assustadora estava acontecendo. Porque uma ou duas vezes, nas densas madrugadas de efedrina, assentindo com a cabeça ja, ja, stimmt, ja, para alguma imagem que havia não dentro de sua cabeça mas *em cima* dela, que ele sentia balançar-se, passando pelas bordas de seu campo de visão, balançando-se e quase equilibrando-se – ele tinha a sensação de estar à deriva... uma qualquer assunção de Pökler para dentro de cálculos, traçados, gráficos, ou mesmo para dentro de todo equipamento bruto que houvesse... a cada vez, logo que isso acontecia, ele entrava em pânico e retirava-se de novo para o reduto do Pökler desperto, coração aos pulos, mãos e pés doloridos, sua respiração ofegando com um *hunh* proferido baixinho – Alguma coisa estava para pegá-lo, alguma coisa aqui, em meio aos papéis. O medo da extinção chamado Pökler sabia que era o Foguete, acenando para ele. Embora ele também soubesse que numa extinção como esta ele poderia estar livre de sua solidão e de seu fracasso, mesmo assim ele não estava inteiramente convencido...¹¹⁵

Ora, Pynchon parece insistir na imagem da personagem como a imagem perfeita do espírito germânico de então voltado para a procura tecnológica, a qual vai absorver por completo sua identidade pessoal. A alegoria do “eu Berlinense” mendigando a oportunidade de afirmação de seus anseios, a estender a mão marcada por um trabalho perverso, presentifica a impotência desse homem para resistir a um ideal

¹¹⁵ “But the burden of his poor Berlin self lingered. He had spoken to it, listened, probed, and yet it would not dissolve or flee, it persisted, beggar in all the doorways of his life, beseeching silently with eyes, with hands quite sure of their guiltmaking craft. Busywork at Peenemünde and good company at Herr Halliger’s inn on the Oie – all marking time till good firing weather – and Pökler more vulnerable than he’d ever been. His cold and womanless nights, the card and chess games, the all-male beer-drinking sessions, the nightmares he had to find his own way up out of because there was no other hand now to shake him awake, nobody to hold him when the shadows came on the window shade – all caught up with him that November, and maybe he allowed it to. A protective reflex. Because something scary was happening. Because once or twice, deep in the ephedrine pre-dawns nodding ja, ja, stimmt, ja, for some design you were carrying not in but *on* your head and could feel bobbing, out past your sidevision, bobbing and balanced almost – he would become aware of a drifting-away... some assumption of Pökler into the calculations, drawings, graphs, and even what raw hardware there was... each rime, soon as it happened, he would panic, and draw back into the redoubt of waking Pökler, heart pounding, hands and feet aching, his breath catching in a small voiced *hunh* – Something was out to get him, something here, among the paper. The fear of extinction named Pökler knew it was the Rocket, beckoning him in. If he also knew that in something like this extinction he could be free of his loneliness and his failure, still he wasn’t quite convinced... So he hunted, as a servo valve with a noisy input will, across the Zero, between the two desires, personal identity and impersonal salvation.” (PYNCHON, 2006, p. 412)

que se traduz na anulação de sua identidade, ao mesmo tempo em que contribui para a consolidação de uma política de morte.

Fato é que a imensa loucura do Estado nazista subjugou aos indivíduos de maneira tal que estes *rejeitaram* toda responsabilidade pelo que faziam. Será o caso de dizer que isso foi conseguido mediante a *divisão do trabalho*, de maneira que ninguém tivesse já a inteira responsabilidade pelo que estava a fazer? Isso parecia valer igualmente para a construção do Foguete:

Somente ter trabalhado com aquilo [com aerodinâmica] até ao ponto em que o ar era demasiado fino para fazer diferença. O que aquilo fazia depois disso já não era da sua responsabilidade. (...) Pergunte à seção de guiagem, eles é que apontavam para onde ele [o foguete] estava indo. Não acha um pouco esquizóide (...) dividir um perfil de voo em segmentos de responsabilidade? Era meia bala, meia flecha. *Aquilo* exigia isso, não nós. (...) Ou você está absolutamente sozinho, sozinho com sua própria morte, ou você participa do empreendimento maior, e participa da morte dos outros. Não somos todos um só? Qual é sua opção?¹¹⁶

(Esta divisão do trabalho ocorria também nas organizações do partido e do Estado sob a forma de duplicação, e estimulada por Hitler como meio de fortalecer sua própria posição:

Hitler sempre procurava que em cada ramo da atividade governamental operasse mais de um escritório. Mais de uma dúzia de diferentes departamentos reclamavam por controlar a direção da Propaganda, da Política Econômica e dos Serviços de Inteligência. (...) A duplicação das organizações do partido e do Estado, compostas de um ou mais departamentos encarregados da mesma função, era buscada deliberadamente. Em definitivo, isso reduzia a eficiência, mas fortalecia a posição de Hitler porquanto lhe permitia contrapor um departamento a outro.¹¹⁷

Ou como diz Hannah Arendt:

Todos os níveis da máquina administrativa do Terceiro Reich eram submetidos a uma curiosa duplicação de órgãos. Com fantástica meticulosidade, os nazistas duplicaram no partido, através de algum órgão, todas as funções administrativas do Estado (...).¹¹⁸

¹¹⁶ “Only worked with it up to the point where the air was too thin to make a difference. What it did after that was none of his responsibility. (...) Ask the guidance section, they pointed it where it was going. Do you find it a little schizoid (...) breaking a flight profile up into segments of responsibility? It was half bullet, half arrow. It demanded this, we didn’t. You are either alone absolutely, alone with your own death, or you take part in the larger enterprise, and you share in the deaths of others. Are we not all one?” (PYNCHON, 2006, p. 461)

¹¹⁷ BULLOCK, 1959, p. 337.

¹¹⁸ ARENDT, 1989, p. 446. Segundo relata Franz Neumann a esse propósito: “Os nacional-socialistas trataram de erigir ao lado da maquinaria burocrática do estado uma maquinaria do partido rival daquela, e que abarcasse todas as atividades estatais (...). No primeiro momento houve um ministério dos negócios

Tal artifício nos é igualmente relatado pelo narrador de *Gravity's Rainbow*, ao informar que, para cada agência ou órgão do governo, o Partido Nazista criava uma duplicata: “Para cada agência governamental, o Partido Nazista criava uma duplicata. Comissões repartiam-se, fundiam-se, brotavam por geração espontânea, desapareciam.”¹¹⁹)

A ingenuidade de Pökler quanto à crença de uma ciência e tecnologia voltadas para o bem da humanidade, mergulha-o em um labirinto em que é levado a aceitar as pressões e as mentiras de um sistema empenhado em projetar um estado tecnocrático autoritário em que relações de fraternidade e respeito humano tornam-se fatores descartáveis, contribuindo assim para seu isolamento e vazio existenciais. De início, Pökler possui uma visão voltada inteiramente, como diz Molly Hite, para a “pureza arquitetônica de uma cosmologia centrada no Foguete”,¹²⁰ o que lhe abre perspectivas de transcendência, ao mesmo tempo em que, paradoxalmente, enreda-o numa teia de morte:

“Eles estão usando você para matar pessoas”, disse-lhe Leni, tão claramente quanto podia. “Esse é o único trabalho deles, e você está os ajudando.” “Nós todos vamos usá-lo, algum dia, para deixar a Terra. Para transcender.” Ela riu. “Transcender”, vindo de Pökler? “Algum dia”, esforçando-se sinceramente, “eles não terão mais de matar. As fronteiras não vão significar nada. Vamos ter todo o espaço sideral...” “Ah você é cego”, cuspiu-lhe na cara sua cegueira tal como o fazia todos os dias, isso e mais “Kadavergehorsamkeit” (...).¹²¹

Aquilo que, inicialmente, pois, representara uma tecnologia e uma ciência empenhadas na concretização de um antigo sonho da humanidade veio, paradoxalmente, a se tornar, nas mãos dos nazistas, uma poderosa arma de destruição, desenvolvida para matar pessoas: “A personificação masculina de uma tecnologia que abraçava o poder

estrangeiros do partido (Alfred Rosenberg), um ministério da justiça do partido (Hans Frank), um ministério do trabalho do partido (Konstantin Hierl) e um ministério da guerra do partido (Ernst Röhm). O próprio Hitler pôs fim a essas tentativas em 30 de junho de 1934” (NEUMANN, 1943, p. 99-100).

¹¹⁹ “For every government agency, the Nazi Party set up a duplicate. Committees fissioned, merged, generated spontaneously, disappeared.” (PYNCHON, 2006, p. 428)

¹²⁰ HITE, 1983, p. 125.

¹²¹ “‘They’re using you to kill people’, Leni told him, as clearly as she could. ‘That’s their only job, and you’re helping them.’ ‘We’ll all use it, someday, to leave the earth. To transcend.’ She laughed. ‘Transcend’, from Pökler? ‘Someday’, honestly trying, ‘they won’t have to kill. Borders won’t mean anything. We’ll have all outer space...’ ‘Oh you’re blind’, spitting it as she spat his blindness at him every day, that and ‘Kadavergehorsamkeit’ (...).” (PYNCHON, 2006, p. 406-407)

não pelos seus usos sociais, mas somente por aquelas oportunidades de rendição, rendição pessoal e sombria, ao Vazio, ao delicioso e gritante colapso...”¹²²

Contudo, em sua formação profissional e intelectual, Franz Pökler não corrobora em nada o clichê do nazista inculto, porquanto teve acesso à universidade (o T.H. de Munique). Não encarna o “inimigo do gênero humano”, como foi descrito, por exemplo, Adolf Eichmann por ocasião de seu julgamento,¹²³ tampouco é a encarnação do “mal banal” (na expressão de Hannah Arendt, em *Eichmann em Jerusalém*¹²⁴), alguém sem alma e sem rosto humano. (A esse propósito, quando fez a cobertura, em 1961, do processo de Adolf Eichmann em Jerusalém, Hannah Arendt chegou à conclusão de que Eichmann não era nem sádico, nem psicopata, nem perverso sexual, nem monstruoso, nem acometido por nenhuma patologia aparente; que o mal estava nele, mas que ele não apresentava nenhum sinal de perversão, que era normal, pavorosamente normal, uma vez que era mero agente de uma inversão da lei que fizera do crime e do assassinato a norma.¹²⁵ Por conseguinte, embora confessando as atrocidades que cometera, ao enviar milhões de indivíduos para as câmaras de gás, restringia-se a afirmar que somente se limitara a obedecer ordens.¹²⁶) Pökler é, antes, um engenheiro de grande talento, extremamente competente em sua função. Mas somente no âmbito de suas atividades como engenheiro: provavelmente num posto de comando, em que tivesse que tomar decisões, estaria completamente perdido; porém, como quadro médio e subalterno seria certamente o orgulho de qualquer governo ou empresa em qualquer parte do mundo.

¹²² “The male embodiment of a technologue that embraced power not for its social uses but for just those chances of surrender, personal and dark surrender, to the Void, to delicious and screaming collapse...” (PYNCHON, 2006, p. 588)

¹²³ “Senhoras, senhores, honorável Corte, diante de vocês se encontra o destruidor de um povo, um inimigo do gênero humano. Nasceu como homem, mas viveu como uma fera na selva. Cometeu atos abomináveis. Atos tais que quem os comete não merece já ser chamado homem.” (BRAUMAN e SIVAN, 1999, p. 108)

¹²⁴ O subtítulo do livro de Hannah Arendt é “Um relato sobre a banalidade do mal”. A expressão se repete no corpo do texto, logo antes do epílogo, em itálico: “(...) a lição da temível *banalidade do mal*, que desafia as palavras e os pensamentos”, In: *Eichmann em Jerusalém*, São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 274.

¹²⁵ “O problema com Eichmann era exatamente que muitos eram como ele, e muitos não eram nem pervertidos, nem sádicos, mas eram e ainda são terrível e assustadoramente normais.” (ARENDRT, 1999, p. 299)

¹²⁶ “Era assim que as coisas eram, essa era a nova lei da terra, baseada nas ordens do Führer; tanto quanto podia ver, seus atos eram os de um cidadão respeitador das leis. Ele [Eichmann] cumpria o seu *dever* (...); ele não só obedecia *ordens*, ele também obedecia à *lei*. (...) Como além de cumprir aquilo que ele concebia como deveres de um cidadão respeitador das leis, e também agia sob ordens (...), ele acabou completamente confuso e terminou frisando alternativamente as virtudes e os vícios da obediência cega, ou a ‘obediência cadavérica’ (*kadavergehorsam*), como ele próprio a chamou (...).” (ARENDRT, 1999, p. 152)

Isso, no entanto, não significava que Pökler fosse apolítico; segundo o narrador, ele era até relativamente politizado; ele apenas parecia insistir em acreditar que o universo em redor do Foguete era alguma coisa especial, “preservada contra o tempo”:

Não era verdade que Pökler obedecia como um cadáver. Ele *era* politizado, até certo ponto – havia política suficiente no campo de foguetes. (...) Toda a sua formação havia encorajado um olhar para as analogias – em equações, em modelos teóricos – mas ele insistia em pensar que a VfR era alguma coisa especial, preservada contra o tempo.¹²⁷

Pökler simplesmente nunca quis enxergar o que estava acontecendo. Ele não era burro. Foi pura irreflexão o que o predispôs a se tornar um técnico a serviço do regime nazista. Na verdade, nem com a maior boa vontade do mundo se pode extrair qualquer profundidade diabólica de Pökler. Ele simplesmente se recusava a enxergar a realidade. Pökler é, neste sentido, uma expressão da recusa sistemática de aperceber a realidade, e esta recusa não é pura ignorância, mas um desejo deliberado de não compreender, de não querer *ver*. E isso fica patente no que diz respeito ao campo de Dora, e à situação de sua filha, Ilse, como prisioneira no campo:

Ele [Pökler] não poderia (...) ter ignorado a verdade. Que ele conhecesse a verdade com os seus sentidos, mas permitira que todas as evidências fossem mal catalogadas, onde não iriam aborrecê-lo. Sabia de tudo (...). Pökler ajudara com sua própria cegueira. Ele sabia de Nordhausen, e do campo de Dora: ele podia *ver* – os corpos desnutridos, os olhos dos prisioneiros estrangeiros sendo levados para o trabalho às quatro da manhã num frio de rachar e na escuridão, milhares de pés se arrastando em seus uniformes listrados. Ele também soube, desde o início, que Ilse estava vivendo num campo de reeducação. Mas foi somente em Agosto (...) que ele finalmente conseguiu juntar ambos os dados. Durante meses, enquanto o pai dela, do outro lado do arame farpado ou dos muros, cumpria diligentemente suas obrigações, ela estivera presa a apenas poucos metros dele, espancada, talvez violada... (...) Enquanto ele viveu, e desenhou em papel, esse reino invisível havia prosseguido, nas trevas exteriores... todo esse tempo...¹²⁸

¹²⁷ “But really he did not obey like a corpse. He *was* political, up to a point – there was politics enough out at the rocket field. (...) All his training had encouraged an eye for analogies – in equations, in theoretical models – yet he persisted in thinking the VfR was special, preserved against the time.” (PYNCHON, 2006, p. 407)

¹²⁸ “He could not (...) have been ignorant of the truth. That he had known the truth his sense, but allowed all the evidence to be misfiled where it wouldn’t upset him. Known everything (...). Pökler helped with his own blindness. He knew about Nordhausen, and the Dora camp: he could *see* – the starved bodies, the eyes of the foreign prisoners being marched to work at four in the morning in the freezing cold and darkness, the shuffling thousands in their striped uniforms. He had known too, all along, that Ilse was living in a re-education camp. But it wasn’t till August (...) that he could finally put the two data together. For months, while her father across the wire or walls did his dutiful hackwork, she had been prisoner

Os campos de concentração são a forma mais radical de dominação humana moderna. A abordagem de Pynchon sobre os campos dá-se, no entanto, de forma lateral, periférica. Ora, em *Gravity's Rainbow*, o campo de Mittelbau-Dora funciona como uma espécie de sinédoque para todo o sistema de campos nazista. E enquanto estava conectado a outras instalações, o campo de Dora é o foco de Pynchon por conta de seu papel na produção dos foguetes V-2.

Não que Pynchon desconsidere o genocídio nazista perpetrado contra os judeus nos assim chamados “campos de morte”. Dora tinha um pouco disso também, embora muitos outros também tivessem sido mantidos em trabalho escravo e assassinados ali: franceses, holandeses, belgas, italianos, alemães, tchecos, húngaros, russos, poloneses, etc.¹²⁹ É verdade que *Gravity's Rainbow* raramente representa a violência da guerra em suas páginas e em seu tratamento de Dora não encontramos cenas de tortura ou de execução, embora seja provável que Pynchon soubesse delas. O mais próximo que o romance chega de tais momentos é com a observação do narrador de que os trabalhadores que giravam os tornos em um túnel de fabricação em Nordhausen tinham suas “articulações dos dedos... ensanguentados contra rodas de engrenagem, os poros, vincos e depressões [dos dedos] apunhalados por finas lascas de aço”.¹³⁰ Isso, no entanto, não passa de um detalhe insignificante se comparado à violência e aos horrores cometidos em Dora.

Mas consideremos o episódio final do “passeio” de Pökler por Dora, quando, abandonando seus trabalhos nos subterrâneos em Nordhausen, cruza o campo pouco antes das tropas americanas libertarem os internos, e finalmente confronta a realidade do campo:

Os odores de merda, morte, suor, doença, mofo, mijo, a respiração de Dora, envolveram-no enquanto ele se esgueirava olhando para os cadáveres nus sendo retirados agora que os Americanos estavam tão próximos, para serem empilhados na frente dos crematórios, os pênis dos homens balançando, os dedos dos pés redondos e brancos como pérolas... cada rosto tão perfeito, tão individual, lábios tensos em sorrisos de caveira, toda uma platéia silenciosa suspensa no momento

only a few meters away from him, beaten perhaps violated... (...) While he lived, and drew marks on paper, this invisible kingdom had kept on, in the darkness outside... all this time...” (PYNCHON, 2006, p. 435, 440)

¹²⁹ “Nós, deportados da França, da Bélgica, da Holanda, da Itália, da Tchecoslováquia, da Hungria, da Iugoslávia, da Rússia, da Polónia e da Alemanha, íamos conhecer essa prisão subterrânea sob um outro vocábulo, o melodioso nome de código escolhido pelos escravagistas nazistas: Dora.” (MICHEL, 1981a, p. 123)

¹³⁰ “(...) knuckles were bloodied against grinding wheels, pores, creases and quicks were stabbed by the fine splinters of steel...” (PYNCHON, 2006, p. 307)

final da piada... e os vivos, empilhados, dez em cada colchão de palha, os mais fracos chorando, tossindo, derrotados... Todos os seus vácuos, todos os seus labirintos, tinham estado do outro lado do muro. Enquanto ele [Pökler] viveu, e desenhou em papel, esse reino invisível prosseguira, nas trevas exteriores... todo esse tempo...¹³¹

É o inferno do holocausto, o “reino invisível”, do outro lado do qual, na Mittelwerke, “todos os seus vácuos, todos os seus labirintos” tinham estado, enquanto seguia com suas tarefas.

Qual é então a especificidade do campo de Dora em relação a outros campos se todos eles, ao fim e ao cabo, significaram a morte do homem, material e metafisicamente falando?¹³² Em que então o seu poder é diferente de outros campos, tais como Buchenwald ou Auschwitz por exemplo? São Herman e Weisenburger quem responde:

Uma diferença é que o foguete racionalizou o poder e a dominação em Dora. (...) Operou como uma fábrica de trabalho forçado para a fabricação de foguetes V-2; Auschwitz e Buchenwald eram fábricas para exterminar os judeus europeus. A Krupp e a Siemens fabricaram aço e componentes para o V-2; a fábrica da Bayer AG produziu o Zyklon B utilizado para as vítimas das câmaras de gás em Auschwitz e Buchenwald, que eram os pontos finais de um *telos* iniciado décadas antes, no Sudoeste Africano por exemplo. Em contraste, as operações em Peenemünde e Mittelbau-Dora eram os pontos de início do foguete e da era do foguete, cujo término é o Teatro Orfeu, no final do romance. O extermínio é a lógica que conduz os dois processos históricos. O foguete é o tropo mestre do romance para este momento, quando se pode ver que o Ocidente mudou de um modo de extermínio étnico-racial, que em breve será chamado de genocídio, para um processo para reduzir o globo a cinzas. O foguete é o destino.¹³³

Este é talvez um bom ponto de partida para questionarmos a crença iluminista de que educação e informação produzem “esclarecimento”, e que este, por si

¹³¹ “The odors of shit, death, sweat, sickness, mildew, piss, the breathing of Dora, wrapped him as he crept in staring at the naked corpses being carried out now that America was so close, to be stacked in front of the crematoriums, the men’s penises hanging, their toes clustering white and round as pearls... each face so perfect, so individual, the lips stretched back into death-grins, a whole silent audience caught at the punch line of the joke... and the living, stacked ten to a straw mattress, the weakly crying, coughing, losers... All his vacuums, his labyrinths, had been the other side of this. While he lived, and drew marks on paper, this invisible kingdom had kept on, in the darkness outside... all this time...” (PYNCHON, 2006, p. 439-440)

¹³² “Os campos de concentração, tornando anônima a própria morte e tornando impossível saber se um prisioneiro está vivo ou morto, roubaram da morte o significado de desfecho de uma vida realizada. (...) A morte apenas selava o fato de que ele jamais havia existido.” (ARENDRT, 1989, p. 503)

¹³³ HERMAN e WEISENBURGER, 2013, p. 139.

só, conduziria a valores “humanistas”, quando, na verdade, o que se dá é precisamente o contrário.¹³⁴

Ora, o que a história nos ensina é que o conhecimento não produz necessariamente virtude, da mesma forma que a ignorância não implica necessariamente em violência – consideremos, nesse sentido, o movimento nacional-socialista, cuja violência não decorre da ignorância de seus líderes ou partidários, os quais, em sua maioria, possuíam formação superior (a exemplo de Joseph Goebbels, doutor em Filosofia¹³⁵).

Tal indicação sugere ser questionável a ideia de que fosse de alguma maneira menos provável uma sociedade econômica e culturalmente avançada como a alemã (pátria de Kant, de Beethoven e de Goethe) cair em um abismo de violência e destruição do que uma sociedade menos desenvolvida. Neste sentido, o exemplo da Alemanha nacional-socialista mostra efetivamente que as ideias de “esclarecimento” podem converter-se em seu contrário e resultar numa autodestruição radical da racionalidade. Como salienta Richard Evans:

A existência de grandes realizações culturais ao longo de séculos não torna a degenerescência na barbárie política mais inexplicável do que sua ausência; cultura e política simplesmente não se impõem uma à outra de maneira tão simples e direta. Se a experiência do Terceiro Reich nos ensina alguma coisa, é que o amor por música, arte e literatura de grande qualidade não provê as pessoas de nenhum tipo de imunidade moral ou política contra a violência, a atrocidade ou a subserviência à ditadura.¹³⁶

Fato é que Pynchon nos fornece um quadro da Alemanha nazista como o protótipo de uma sociedade tecnologicamente avançada, e de Franz Pökler – por exemplo – como o arquétipo do engenheiro e tecnólogo; contudo, a sociedade alemã produziu os horrores da Segunda Guerra Mundial ou, melhor dizendo, concedeu uma licença a monstros para o cometimento de tais horrores, não como resultado de sua

¹³⁴ Percepção semelhante àquela que Adorno e Horkheimer expressam na *Dialética do Esclarecimento* (1947), ao exporem o vínculo entre racionalidade e barbárie, entendendo a catástrofe nazi-fascista não como um desvio do programa iluminista, mas como seu desdobramento lógico, resultante do desencantamento do mundo: “No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. Porém, a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal. O programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 19).

¹³⁵ Goebbels obteve seu doutorado em 1921 pela Universidade de Heidelberg, vindo a ingressar no NSDAP no fim de 1924, posteriormente Ministro da Propaganda e, depois de julho de 1944, “Plenipotenciário Geral para a Guerra Total”. Para mais detalhes, cf. Peter Longerich, *Joseph Goebbels: uma biografia*, Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

¹³⁶ EVANS, 2016, p. 24.

condição de sociedade tecnicamente perfeita, mas como consequência de sua desintegração intelectual e moral.

Neste sentido, denominar como “regressão à barbárie” aos acontecimentos envolvendo o Terceiro Reich é tomar condenação moral por pensamento filosófico.¹³⁷ Por outro lado, conceber a catástrofe nazista como um aspecto do fenômeno complexo e contraditório da modernidade envolve reconhecer a possibilidade de haver um lado sombrio da mesma.¹³⁸

Uma coisa, no entanto, é certa: o fenômeno “Adolf Hitler” não se esgota em sua pessoa. Seu sucesso deve ser situado no quadro geral de uma sociedade arruinada intelectual e moralmente, no qual figuras que em outros tempos seriam consideradas grotescas e marginais podem ascender ao poder por representarem formidavelmente o povo que as admira. Como bem salienta Alan Bullock, o homem teve votos.¹³⁹

Um recuo na história alemã pode ajudar-nos a entender melhor tal “recaída”. Em redor de 1930, o sonho do socialismo pós-Primeira Guerra Mundial estava abalado e, graças ao impacto de Hitler como líder popular, os alemães que ainda tinham outras convicções políticas abraçaram o nacional-socialismo porque este canalizava seu ressentimento em relação às nações estrangeiras inimigas (especialmente a França). Ainda mais receptivos à ideologia nazista do que a classe trabalhadora e a burguesia (liberal e católica) eram os estratos mais baixos da classe média.¹⁴⁰ Estes

¹³⁷ “É lamentável ouvir continuamente dizer que o nacional-socialismo não é mais do que uma regressão à barbárie, à tenebrosa Idade Média, aos tempos anteriores aos modernos progressos da humanidade, sem que os que assim falam se interroguem, por um só instante, sobre o fato de que foi precisamente esta secularização da vida que sustentou a ideia de humanidade que constituiu o próprio terreno em que os movimentos religiosos anticristãos, como o nacional-socialismo, se puderam gerar e desenvolver.” (VOEGELIN, 2002, p. 21)

¹³⁸ Acreditamos que o nacional-socialismo não pode ser reduzido exclusivamente à sua base material político-econômica, mas deve ser considerado também a partir de seu substrato psicológico e religioso, a fim de se compreender as motivações, por assim dizer, metafísicas que animaram tal movimento. Neste sentido, o nazismo não deve ser encarado somente como produto de um dinamismo exclusivamente econômico, resultante das tendências expansionistas do imperialismo alemão, ou como fenômeno essencialmente político, resultante da conquista do Estado por um partido político apoiado por grupos industriais, mas tendo-se em conta também a relevância dos fatores psicológicos e religiosos para seu efetivo estabelecimento.

¹³⁹ “A verdade é que o nazismo não foi uma desgraça terrível que caiu sobre o povo alemão como um meteoro. Se achava enraizado em sua história, e se é bem sabido que a maioria do povo alemão não votou nunca em Hitler, não é menos verdade que treze milhões votaram.” (BULLOCK, 1959, p. 748)

¹⁴⁰ “Quando os nazistas e seus apoiadores industriais e militares iniciaram seu movimento, eles tinham de aliciar as massas, cujos interesses materiais não eram os deles. Apelaram aos estratos mais atrasados condenados pelo desenvolvimento industrial, isto é, espremidos pelas técnicas da produção em massa. Aqui, entre os camponeses, artesãos de classe média, comerciantes, donas de casa e pequenos industriais, deviam ser encontrados os protagonistas da natureza reprimida, as vítimas da razão instrumentalizada.

projetaram sua inferioridade social sobre a inferioridade nacional resultante da derrota de 1918. Hitler e o sistema nazista acabaram por administrar efetivamente as frustrações das classes média e trabalhadora da Alemanha, exercendo um poderoso apelo àquelas partes da população que desejavam um poder autoritário capaz de restaurar a grandeza do Reich alemão de antes da Primeira Guerra, unindo desta forma a ânsia de poder dos nazistas e o anseio de submissão da população a um poder externo esmagadoramente forte.¹⁴¹

Pois bem. A personagem de Pökler parece focalizar esse anseio por submissão e, apenas tardiamente, como vimos, ele percebe que se submeteu sem reservas a uma ideologia criminosa. (A estória de Pökler parece ter, assim, como tema principal a submissão à autoridade e a liberação espúria de toda responsabilidade que acompanha tal submissão.) Lutando “com o peso de seu pobre eu Berlinense”,¹⁴² ele abandona voluntariamente essa versão de si mesmo em favor do foguete que, como tal, era visto literalmente como o veículo da vingança nazista que restauraria a grandeza da Alemanha e, por conseguinte, também sua. Nomeando seu abandono e desamparo como um “medo da extinção”,¹⁴³ Pökler cede ao foguete, o qual estava “acendendo para ele”,¹⁴⁴ acreditando que talvez “nessa extinção ele poderia estar livre de sua solidão e fracasso”.¹⁴⁵

Foi assim então que Pökler, por um longo tempo, se imaginou hesitando entre duas possibilidades igualmente convincentes: por um lado, “identidade pessoal”, que lhe permitiria resistir à atração do foguete, assegurando assim sua liberdade e independência; por outro lado, a “salvação impessoal” em completa submissão à autoridade nazista, conforme encarnada em Weissmann, o SS destacado para o projeto V-2:

Sem o apoio ativo desses grupos, os nazistas jamais teriam chegado ao poder.” (HORKHEIMER, 2015, p. 136)

¹⁴¹ Isso se encaixa perfeitamente à tese de Wilhelm Reich em *Psicologia de massas do fascismo* (1933), de que Hitler extraiu seu apoio das massas sexualmente reprimidas que voluntariamente colaboraram com as formas autoritárias e ditatoriais do nacional-socialismo: “*Ora, é do nosso conhecimento que a repressão sexual serve para mecanizar e escravizar as massas humanas. Assim, sempre que se depara com a repressão autoritária e moralista da sexualidade infantil e adolescente, e com uma legislação sexual que a apoia, pode-se concluir, com segurança, a presença de fortes tendências autoritárias e ditatoriais no desenvolvimento social, independentemente dos chavões a que recorrem os respectivos políticos*” (REICH, 2001, p. 201). [A ênfase é do próprio Reich.]

¹⁴² PYNCHON, 2006, p. 412.

¹⁴³ PYNCHON, 2006, p. 412.

¹⁴⁴ PYNCHON, 2006, p. 412.

¹⁴⁵ PYNCHON, 2006, p. 412.

Assim ele perseguia, como uma válvula automática com uma entrada ruidosa faria, pelo Zero, entre os dois desejos, entre identidade pessoal e salvação impessoal. (...) Pökler teria que encontrar seu próprio caminho para seu sinal zero, sua trajetória verdadeira.¹⁴⁶

Outra personagem do livro de Pynchon que, assim como Franz Pökler, entrelaça realidade ficcional e realidade histórica é Oberst Enzian, líder do Schwarzkommando, a tropa de hereros ligados ao Foguete que vivem na Zona. Aqui, como no caso da estória de Franz Pökler, muitos dos fatos narrados tem como referência detalhes históricos muito bem documentados, a exemplo do (quase) extermínio do povo herero em 1904, dos quais Pynchon toma de empréstimo em seu processo de escritura, incorporando a factualidade histórica às suas criações ficcionais. Vejamos.

Os hereros do Schwarzkommando, originários do Sudoeste Africano, são um grupo que vive em Nordhausen, cidade em que está localizada a fábrica de foguetes, a *Mittelwerke*. Declarado território alemão em 1884, por Otto von Bismarck (1815-1898), os hereros do Sudoeste Africano viveram por várias décadas sob domínio de forças militares alemãs. Quando, por fim, tentaram rebelar-se contra as forças de ocupação, em 1904, foram massacrados pelas tropas do general Lothar von Trotha (1848-1920)¹⁴⁷:

Há quarenta anos, no Südwest, nós fomos quase exterminados. Não havia nenhuma razão. Você consegue entender isso? Nenhuma *razão*. Não conseguíamos encontrar conforto nem mesmo na Teoria da Vontade de Deus. Eram Alemães com nomes e reputações, homens em uniformes azuis que matavam de modo desajeitado e não sem alguma culpa. Missões de buscar-e-destruir, todos os dias. Isso continuou por dois anos. As ordens vinham de um ser humano, um

¹⁴⁶ “So he hunted, as a servo valve with a noisy input will, across the Zero, between the two desires, personal identity and impersonal salvation. (...) Pökler would have to find his own way to his zero signal, his true course.” (PYNCHON, 2006, p. 412)

¹⁴⁷ “O ritmo crescente de confisco de terras e de gado empreendido pelo governo colonial no início do século XX levou a ataques a fazendeiros alemães, resultando na morte de cerca de 150 colonos e no envio de 14 mil soldados por Berlim, sob o comando do general Lothar von Trotha (...)” (EVANS, 2018, p. 15) Segundo Seed: “Em 1904, como resultado de roubos de gado e maus-tratos generalizados, a tribo dos herero rebelou-se contra as autoridades alemãs. O então governador Major Leutwein foi substituído pelo general Lothar von Trotha, que emitiu uma *Vernichtungs Befehl* (ordem de extermínio) que resultou no massacre de quatro quintos da tribo. Após a derrota, os sobreviventes foram reunidos em campos de concentração em Lüderitzbucht, Ilha Shark e Swakopmund, e forçados a trabalhar na construção de portos ou ferrovias” (SEED, 1988, p. 95).

carniceiro escrupuloso chamado von Trotha. O polegar da misericórdia jamais pressionou sua balança.¹⁴⁸

A campanha do General von Trotha revelou-se, ao fim, uma política militar expressa e uma campanha sistemática de assassinato em massa. Os sobreviventes foram levados para a Alemanha, onde posteriormente vieram a formar uma tropa, o Schwarzkommando, para atuar como “juntas negras” no caso de uma eventual tomada das colônias inglesas e francesas, na África negra, pelos nazistas, que seriam, então, governadas seguindo o modelo alemão adotado para o Magreb.¹⁴⁹ Neste ponto, ficção e factualidade se conjugam:

Nas montanhas ao redor de Nordhausen e Bleicheröde, em minas abandonadas, vive o Schwarzkommando. Hoje em dia este nome não é mais um título militar: eles agora formam um povo, os Hereros da Zona, exilados do Sudoeste Africano há duas gerações. Os primeiros missionários Renanos começaram a trazê-los de volta para a Metrópole, aquele grande zoológico enfadonho, como espécimes de uma raça possivelmente condenada à extinção. (...) Outros foram levados de volta para a Alemanha como criados, por soldados que foram reprimir o grande levante Herero de 1904-1906. Mas foi só a partir de 1933 que a maioria dos atuais líderes chegaram, como parte de um plano – jamais admitido abertamente pelo partido Nazista – para a criação de juntas negras, de governos paralelos para a eventual tomada das colônias Britânicas e Francesas na África negra, seguindo o modelo Alemão adotado para o Magreb. Na época, o Südwest já era um protetorado administrado pela União Sul-Africana, mas o poder real ainda estava nas mãos das antigas famílias coloniais Alemãs, que cooperavam com os nazistas. Atualmente, existem diversas comunidades subterrâneas próximas à Nordhausen/Bleicheröde. Por aqui eles são conhecidos coletivamente como o Erdschweinhöhle.¹⁵⁰

¹⁴⁸ “Forty years ago, in Südwest, we were nearly exterminated. There was no reason. Can you understand that? No *reason*. We couldn’t even find comfort in the Will of God Theory. These were Germans with names and service records, men in blue uniforms who killed clumsily and not without guilt. Search-and-destroy missions, every day. It went on for two years. The orders came down from a human being, a scrupulous butcher named von Trotha. The thumb of mercy never touched his scales.” (PYNCHON, 2006, p. 367-368)

¹⁴⁹ A região do Magreb no norte da África inclui o que são hoje as nações da Líbia, Tunísia e Argélia. Durante a Segunda Guerra Mundial, o plano da Alemanha nazista, se o General Rommel tivesse sucesso em manter o norte da África, era usar a guarnição como base para recuperar antigas colônias do sudoeste da África. O plano, no entanto, falhou. Para mais detalhes, cf. Richard Evans, *O Terceiro Reich em Guerra*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2012, p. 534ss.

¹⁵⁰ “In the mountains around Nordhausen and Bleicheröde, down in abandoned mine shafts, live the Schwarzkommando. These days it’s no longer a military tide: they are a people now, Zone-Hereros, in exile for two generations from South-West Africa. Early Rhenish missionaries began to bring them back to the Metropolis, that great dull zoo, as specimens of a possibly doomed race. (...) Others were taken back to Germany as servants, by soldiers who went to put down the great Herero rising of 1904-1906. But only after 1933 did most of the present-day leadership arrive, as part of a scheme – never openly admitted by the Nazi party – for setting up black juntas, shadow-states for the eventual takeover of British and French colonies in black Africa, on the model of Germany’s plan for the Maghreb. Südwest by then was a protectorate administered by the Union of South Africa, but the real power was still with the old German colonial families, and they cooperated. There are several underground communities now near

Já exilados na Alemanha, os hereros passam a ocupar uma pequena faixa de terras circundada pelas montanhas Harz, vindo posteriormente a se tornar técnicos na montagem e construção dos foguetes V-2.¹⁵¹ Seu líder é Enzian, nome dado por Weissmann ao rapaz herero ainda nos Sudoeste Africano, nos anos 1920, numa referência à genciana de cores nórdicas, amarela e azul, da nona *Elegia de Duíno*, do poeta Rainer M. Rilke, cujo exemplar, recém-publicado, o (ainda) tenente Weissmann levava consigo:

O Capitão, num qualquer extravasamento sentimental, numa qualquer precognição, deu ao seu rapaz Africano o nome “Enzian”, o da montanhosa encosta de Rilke com gencianas de Nórdicas cores, trazida como uma palavra pura para os vales: Bring doch der Wanderer auch vom Hange des Bergrands nicht eine Hand voll Erde ins Tal, die alle unsägliche, sondern ein erworbenes Wort, reine, den gelben und blaun Enzian. [Pois o viandante não trás da encosta da montanha uma mão cheia de terra para o vale, de terra a todos indizível, mas sim uma palavra conquistada, pura, a genciana amarela e azul.]¹⁵²

Sentindo que o seu destino encontra-se ligado ao Foguete, Enzian julga-se predestinado a lutar pela posse do Foguete que, para seu povo exilado, representaria, na disposição de suas quatro aletas em formato de cruz, ecos estruturais da cosmologia formal de sua tribo, sob a forma de mandala. Ora, entre outras coisas, von Trotha destruiu a organização social das tribos herero no Südwest, gerando uma desintegração que as conduziu à escravidão e à aniquilação, e Enzian, neste sentido, vem a se tornar uma personagem em busca da unidade tribal perdida, representada, neste ponto, pelo simbolismo, em forma de mandala, do Foguete, e nas cinco posições do botão de lançamento da cabine de controle da V-2 (Klar, Entlüftung, Zündung, Vorstufe e Hauptstufe):

A aldeia era ela própria uma mandala. Klar é fertilização e nascimento, Entlüftung é o sopro, a alma. Zündung e Vorstufe são os signos masculinos, as atividades, fogo e preparação ou construção. E no centro, aqui, Hauptstufe. É o cercado onde a gente guardava o gado

Nordhausen/Bleicheröde. Around here they are known collectively as the Erdschweinhöhle.” (PYNCHON, 2006, p. 319-320)

¹⁵¹ Segundo Herman e Weisenburger, “as tropas de foguetes afro-alemãs constituem uma reescrita fantástica desse registro histórico [a saber, o genocídio dos hereros e a diáspora africana do início do século XX na Europa], que, no entanto, indica que um minúsculo remanescente de hereros trabalhou na Alemanha durante a guerra como servos e operários”. (HERMAN e WEISENBURGER, 2013, p. 192)

¹⁵² “The Captain, in some sentimental overflow, some precognition, gave his African boy the name ‘Enzian’, after Rilke’s mountainside gentian of Nordic colors, brought down like a pure word to the valleys: Bring doch der Wanderer auch vom Hange des Bergrands nicht eine Hand voll Erde ins Tal, die alle unsägliche, sondern ein erworbenes Wort, reine, den gelben und blaun Enzian.” (PYNCHON, 2006, p. 103)

sagrado. As almas dos ancestrais. Tudo igual aqui. Nascimento, alma, fogo, construção. Masculino e feminino, juntos. As quatro aletas do Foguete formavam uma cruz, outra mandala. A número um apontava para a direção de sua trajetória. A dois para altitude, a três para rotação e rolagem, a quatro para altitude. Cada par de pás opostas atuavam juntas, e moviam-se em sentidos opostos. Os opostos juntos. Você consegue ver como podíamos senti-lo falar a nós, mesmo que não cheguemos a colocá-lo de pé para adorá-lo. Mas ele estava esperando por nós quando viemos para o norte da Alemanha, tantos anos atrás... mesmo confusos e desarraigados como estávamos na época, *sabíamos* que nosso destino estava ligado ao dele. Que tínhamos sido deixados de lado pelo exército de von Trotha para que pudéssemos encontrar o Aggregat.¹⁵³

Pynchon, na delineação pormenorizada dos eventos ligados à saga dos hereros da Zona, prepara o leitor para a espécie de aura de mistério que envolve Enzian desde o seu nascimento, quando, antes de suas primeiras memórias conscientes terem início, sua mãe o tomou e o levou de volta para sua aldeia de origem. Uma partida e um retorno:

Antes de ter suas primeiras lembranças conscientes, alguma coisa o tomou, e o levou da aldeia circular de sua mãe no longínquo Kakau Veld, nas fronteiras da terra da morte (...). Isso lhe contaram anos mais tarde. Pouco tempo depois que ele nasceu, sua mãe o trouxe de volta para sua aldeia, de volta de Swakopmund. Em tempos normais, ela teria sido banida. Ela teve o filho fora do casamento, de um marinheiro Russo cujo nome ela não conseguia pronunciar. Mas, sob invasão Alemã, o protocolo era menos importante do que ajudar um ao outro. Embora os assassinos de azul voltassem vez após vez, de algum modo, Enzian sempre escapava. É um mito herodiano que seus admiradores ainda gostam de lembrar, para sua irritação.¹⁵⁴

Quando sua mãe novamente deixou sua aldeia de origem, levando Enzian consigo para se juntar, em reação à infame *Vernichtungs Befehl* (ordem de extermínio) de von Trotha, à grande jornada de Samuel Maherero¹⁵⁵ através do deserto do Kalahari,

¹⁵³ “The village itself was a mandala. Klar is fertilization and birth, Entlüftung is the breath, the soul. Zündung and Vorstufe are the male signs, the activities, fire and preparation or building. And in the center, here, Hauptstufe. It is the pen where we kept the sacred cattle. The souls of the ancestors. All the same here. Birth, soul, fire, building. Male and female, together. The four fins of the Rocket made a cross, another mandala. Number one pointed the way it would fly. Two for pitch, three for yaw and roll, four for pitch. Each opposite pair of vanes worked together, and moved in opposite senses. Opposites together. You can see how we might feel it speak to us, even if we don’t set one up on its fins and worship it. But it was waiting for us when we came north to Germany so long ago... even confused and uprooted as we were then, we knew that our destiny was tied up with its own. That we had been passed over by von Trotha’s army so that we would find the Aggregat.” (PYNCHON, 2006, p. 572-573)

¹⁵⁴ PYNCHON, 2006, p. 327.

¹⁵⁵ Chefe herero que conduziu seu povo através do Kalahari ao exílio na vizinha Bechuanalândia [terra dos bechuanos, cujo chefe, o rei Khama, havia providenciado assistência aos hereros em fuga para fazer a longa jornada através do deserto do Kalahari], onde veio a morrer em 1923. Para maiores esclarecimentos, cf. Steven Weisenburger, *A “Gravity’s Rainbow” companion: sources and contexts for Pynchon’s novel*. Athens: University of Georgia Press, 2006, p. 194-195. Ver Referências bibliográficas.

durante a qual sua mãe morreu, junto com centenas de outros, de modo que Enzian acordou entre os mortos, ele foi encontrado por um grupo de Ovatjimba, “os mais pobres dos hereros”,¹⁵⁶ que o levaram e cuidaram dele, sendo subseqüentemente deixado próximo à aldeia de sua mãe, a fim de que entrasse nela sozinho, completando assim seu segundo ciclo de partida e retorno¹⁵⁷:

Ele [Enzian] tinha aprendido a andar havia uns poucos meses quando sua mãe o levou com ela para se juntar a Samuel Maherero, na grande jornada através do Kalahari. Das histórias contadas sobre aqueles anos, esta é a mais trágica. Os refugiados estavam no deserto havia muitos dias. Khama, reis dos Bechuanos, mandou-lhes guias, bois, carroças, e água para ajudá-los. Aqueles que chegaram primeiro foram alertados a beber a água aos pouquinhos. Mas quando os retardatários chegaram, todos os outros estavam dormindo. Não havia ninguém para avisá-los. (...) Eles beberam até morrer, centenas de almas. A mãe de Enzian estava entre elas. Ele havia adormecido sob um couro de vaca, exausto, faminto e com sede. Acordou cercado de mortos. Diz-se que ele foi encontrado ali por um grupo de Ovatjimba, que o levaram e cuidaram dele. Eles o deixaram perto da aldeia de sua mãe, para que ele entrasse sozinho. (...) Ele não encontrou quase ninguém lá. Muitos haviam seguido Maherero, alguns tinham sido levados para a costa e confinados em aldeias, ou para trabalhar na estrada de ferro que os Alemães estavam construindo no deserto. Muitos outros morreram após comer a carne do gado morto pela peste bovina. (...) Sessenta por cento dos Hereros haviam sido exterminados. O resto estava sendo usado como animais. (...) Quando por fim a questão lhe ocorreu, não conseguiu encontrar nenhuma explicação para sua própria sobrevivência.¹⁵⁸

¹⁵⁶ PYNCHON, 2006, p. 320.

¹⁵⁷ Uma terceira reiteração desse “padrão” foi representada quando Enzian foi *levado* pelo então Tenente Weissmann *de volta* para a Alemanha, e para Bleicheröde, onde ele e o Schwarzkommando passaram a viver “em poços de minas abandonados” (p. 319).

¹⁵⁸ “Before his conscious memories began, something took him, in and out of his mother’s circular village far out in the Kakau Veld, at the borders of the land of death (...). He was told about it years later. Shortly after he was born, his mother brought him back to her village, back from Swakopmund. In ordinary times she would have been banished. She’d had the child out of wedlock, by a Russian sailor whose name she couldn’t pronounce. But under the German invasion, protocol was less important than helping one another. Though the murderers in blue came down again and again, each time, somehow, Enzian was passed over. It is a Herod myth his admirers still like to bring up, to his annoyance. He had been walking only for a few months when his mother took him with her to join Samuel Maherero’s great trek across the Kalahari. Of the stories told about these years, this is the most tragic. The refugees had been on the desert for days. Khama, king of the Bechuanas, sent guides, oxen, wagons and water to help them. Those who arrived first were warned to take water only little by little. But by the time the stragglers arrived, everyone else was asleep. No one to warn them. (...) They drank till they died, hundreds of souls. Enzian’s mother was among them. He had fallen asleep under a cowhide, exhausted from hunger and thirst. He woke among the dead. It is said that he was found there by a band of Ovatjimba, taken and cared for. They left him back at the edge of his mother’s village, to walk in alone. (...) He found hardly anyone remaining there. Many had gone on the trek, some had been taken away to the coast and herded into kraals, or to work on the railroad the Germans were building through the desert. Many others had died eating cattle dead of rinderpest. (...) Sixty per cent of the Herero people had been exterminated. The rest were being used like animals. (...) By the time the question occurred to him, he could find no way to account for his own survival.” (PYNCHON, 2006, p. 327-328)

Em uma narração povoada de alusões míticas e impregnada de misticismo primitivo, para cujo povo ele, Oberst Enzian, é “Nguarorerue”, ou seja, “aquele que foi provado”, o que não significa exatamente um líder, conforme o narrador explica, somos informados sobre vestígios remanescentes de antigos simbolismos tribais dos hereros, a exemplo da tira de couro usada pelos Vazios, como que a sugerir, em lugar de uma alma viva, representada em um cordão de couro com um nó, a própria morte, como se eles, os hereros da Zona, estivessem passando por seus últimos estágios antes da extinção definitiva, seja por meio um retorno mítico primitivo, conduzido por Enzian, seja por meio do suicídio racial, propugnado por seu rival Josef Ombindi, líder dos Vazios:

Ele é Nguarorerue aqui. A palavra não quer dizer exatamente “líder”, e sim “aquele que foi provado”. Enzian também é conhecido, mas só pelas costas, de Otyikondo, o Mestiço. Seu pai era um Europeu. Não que isso o torne único entre os Erdschweinhöhlens: a esta altura, já corre sangue Alemão, Eslavo e Cigano pelas veias de sua gente. Ao longo de duas gerações, movidos por acelerações desconhecidas antes dos tempos do Império, eles vêm desenvolvendo uma identidade cuja forma final poucos conseguem divisar. O Foguete terá uma forma final, mas não o seu povo. Eanda e oruzo perderam sua força aqui – as linhagens de mãe e pai foram deixadas para trás, no Südwest. Muitos dos primeiros emigrantes já haviam até se convertido à fé da Sociedade Missionária Renana muito antes de partirem. Em cada aldeia, quando ao meio-dia as sombras se recolhiam sob os pés de seus donos, naquele momento de terror e refúgio, o omuhona retirava de sua sacola sagrada, alma após alma convertida, o cordão de couro ali guardado desde o nascimento do indivíduo, e desfazia o nó de nascimento. Desfeito o nó, era mais uma alma morta para a tribo. Assim, hoje, no Erdschweinhöhle, cada um dos Vazios carrega uma tira de couro sem nó: é uma parte do velho simbolismo que ainda lhes é útil. Eles se autodenominam Otukungurua. Os entendidos em coisas Africanas, dirão que *devia* ser “Omakungurua”, mas eles são sempre cuidadosos – talvez seja por um motivo menos saudável do que cuidado – em salientar que *oma-* aplica-se apenas a seres vivos e humanos. *Otu-* é para os seres inanimados e os ascendentes, e é assim que eles se imaginam. Revolucionários do Zero, eles querem dar continuidade ao projeto iniciado pelos antigos Hereros após o fracasso da rebelião de 1904. Eles querem uma taxa de natalidade negativa. O programa deles é o suicídio racial. Eles devem terminar o programa de extermínio que os Alemães iniciaram em 1904.¹⁵⁹

¹⁵⁹ “He is Nguarorerue here. The word doesn’t mean ‘leader’ exactly, but ‘one who has been proven’. Enzian is also known, though not to his face, as Otyikondo, the Halfbreed. His father was a European. Not that it makes him unique among the Erdschweinhöhlens here: there’s German, Slavic and Gypsy blood mixed in by now too. Over the couple of generations, moved by accelerations unknown in the days before the Empire, they have been growing an identity that few can see as ever taking final shape. The Rocket will have a final shape, but not its people. Eanda and oruzo have lost their force out here – the bloodlines of mother and father were left behind, in Südwest. Many of the early emigrants had even gone

Assim provado, Enzian amadureceu na observação da verdade a respeito de uma colônia oprimida, que representava, no mundo capitalista, muito mais que mão-de-obra barata e novos mercados, como Karl Marx deixava supor, e a quem o narrador ridiculariza:

Uma geração atrás, o número cada vez menor de nascimentos de crianças vivas entre os Hereros era um tema de interesse médico em toda a África meridional. Os brancos preocupavam-se, como se tivessem um surto de peste bovina entre o gado. Que exasperador, ver a população subjugada diminuir assim, ano após ano. O que é uma colônia sem seus nativos de pele escura? Que graça tem, se eles todos vão morrer? Apenas uma ampla extensão de deserto, sem criadas, sem trabalhadores rurais, sem operários para a construção civil e as minas – espere, espere um minuto aí, sim, é Karl Marx, aquele velho racista manhoso, saindo de mansinho, com os dentes trincados, sobranceiras arqueadas, tentando fazer de conta que é só uma questão de Mão-de-Obra Barata e Mercados Ultramarinos... Ah, não. Colônias são muito, muito mais que isso. Colônias são a latrina da alma Européia, onde o sujeito pode baixar suas calças e relaxar, desfrutando o cheiro de sua própria merda. Onde ele pode agarrar sua presa esguia rugindo com toda a força sempre que lhe aprouver, e beber seu sangue com prazer incontido. Não é? Onde ele pode chafurdar, em pleno cio, e entregar-se a uma maciez, a uma escuridão receptiva de membros, de cabelos tão lanosos quanto os pêlos de sua própria genitália proibida. Onde a papoula, a cannabis e a coca crescem ricamente, verdejantes, e não com as cores e o estilo da morte, como fazem a cravagem e o agárico, as pragas e fungos nativos da Europa. A Europa Cristã sempre foi morte, Karl, morte e repressão. Lá fora, nas colônias, a vida pode ser indulgente, a vida e a sensualidade podem ser cultivadas em todas as suas formas, sem prejuízo para a Metrópole, nada que suje aquelas catedrais, aquelas estátuas de mármore branco, aqueles pensamentos nobres... Nenhuma notícia jamais chega lá. Os silêncios aqui são vastos o suficiente para absorver todo comportamento, não importa o quão sujo, o quão animalesco ele seja...¹⁶⁰

over to the faith of the Rhenish Missionary Society long before they left. In each village, as noon flared the shadows in tightly to their owners, in that moment of terror and refuge, the omuhona took from his sacred bag, soul after converted soul, the leather cord kept there since the individual's birth, and untied the birth-knot. Untied, it was another soul dead to the tribe. So today, in the Erdschweinhöhle, the Empty Ones each carry one knotless strip of leather: it is a bit of the old symbolism they have found useful. They call themselves Otukungurua. Yes, old Africa hands, it *ought* to be "Omakungurua," but they are always careful – perhaps it's less healthy than care – to point out that *oma-* applies only to the living and human. *Otu-* is for the inanimate and the rising, and this is how they imagine themselves. Revolutionaries of the Zero, they mean to carry on what began among the old Hereros after the 1904 rebellion failed. They want a negative birth rate. The program is racial suicide. They would finish the extermination the Germans began in 1904." (PYNCHON, 2006, p. 321)

¹⁶⁰ "A generation earlier, the declining number of live Herero births was a topic of medical interest throughout southern Africa. The whites looked on as anxiously as they would have at an outbreak of rinderpest among the cattle. How provoking, to watch one's subject population dwindling like this, year after year. What's a colony without its dusky natives? Where's the fun if they're all going to die off? Just a big hunk of desert, no more maids, no field-hands, no laborers for the construction or the mining – wait, wait a minute there, yes it's Karl Marx, that sly old racist skipping away with his teeth together and his eyebrows up trying to make believe it's nothing but Cheap Labor and Overseas Markets... Oh, no.

Como observa Douglas Fowler, a respeito deste mesmo trecho, “Marx é ridicularizado aqui em *Gravity’s Rainbow* porque suas concepções de criar um Estado para um novo homem sempre ignoraram a selvageria na condição humana”.¹⁶¹ Neste sentido, a brutalidade do ser humano, para a personagem paranoica de Enzian, representa um reflexo de uma ordem regida e desejada por *Eles*, e que dramatiza uma situação racial e moral em que o sentido do sobreviver é posto em questão, ou antes, em xeque. Assim, os imensos silêncios dos hereros refletem a aceitação de um destino ditado por estruturas desumanas, baseada na crença da inutilidade de qualquer reação, decidindo, ao contrário, por um processo deliberado de auto-extermínio, de aniquilação auto-infringida¹⁶²:

Alguns dos homens mais racionais da medicina atribuíram o declínio de nascimentos entre os Hereros a uma deficiência de Vitamina E na dieta – outros, à dificuldade de fertilização, dado o formato longo e estreito dos úteros das mulheres Herero. Mas por trás de todas essas explicações razoáveis, de todas essas especulações científicas, nenhum branco Africânder conseguia expressar o modo como se *sentia* em relação a isso... Algo sinistro estava movendo-se no veld: ele estava começando a olhar para aqueles rostos, principalmente os das mulheres, alinhados do outro lado da cerca de espinhos, e sabia, para além de qualquer prova lógica: *havia* uma mente tribal em ação aqui, e ela optara pelo suicídio... Intrigante. Talvez nós não tenhamos sido tão justos quanto poderíamos ter sido, quando tomamos seu gado e suas terras... e depois os campos de trabalho forçado, é claro, o arame farpado e as paliçadas... Talvez eles não tenham mais vontade de viver neste mundo. Mas é típico deles desistir, ir morrer num canto... por que eles não tentam negociar? Poderíamos encontrar uma solução, *alguma* solução... Era uma escolha simples para os Hereros, entre dois tipos de morte: a morte tribal ou a morte Cristã. A morte tribal fazia sentido. A morte Cristã não fazia sentido algum. Mas para os Europeus, que caíram no seu próprio Conto do Menino Jesus, o que estava acontecendo com os Hereros era um mistério tão indevassável

Colonies are much, much more. Colonies are the outhouses of the European soul, where a fellow can let his pants down and relax, enjoy the smell of his own shit. Where he can fall on his slender prey roaring as loud as he feels like, and guzzle her blood with open joy. Eh? Where he can just wallow and rut and let himself go in a softness, a receptive darkness of limbs, of hair as woolly as the hair on his own forbidden genitals. Where the poppy, and cannabis and coca grow full and green, and not to the colors and style of death, as do ergot and agaric, the blight and fungus native to Europe. Christian Europe was always death, Karl, death and repression. Out and down in the colonies, life can be indulged, life and sensuality in all its forms, with no harm done to the Metropolis, nothing to soil those cathedrals, white marble statues, noble thoughts... No word ever gets back. The silences down here are vast enough to absorb all behavior, no matter how dirty, how animal it gets...” (PYNCHON, 2006, p. 321)

¹⁶¹ FOWLER, 1980, p. 176.

¹⁶² Segundo David Seed, Pynchon, para compor tal retrato, baseara-se na evidência histórica de que os hereros começaram a ceder a uma espécie de desejo de morte coletivo, transpondo seus sobreviventes, não apenas para a Zona, mas para o próprio exército alemão, que foi originalmente responsável pelo seu massacre. Ainda segundo Seed, “em apenas cerca de cinquenta anos, os hereros passaram da unidade tribal, por meio da conversão ao cristianismo e a colonização, para um estado de limbo cultural, que não pertence nem a seu passado nem a um futuro europeu” (SEED, 1988, p. 181).

quanto os cemitérios de elefantes, ou os lemingues correndo em direção ao mar. Embora não o admitam, os Vazios que vivem exilados na Zona, Europeizados no idioma e no pensamento, separados da velha unidade tribal, também acham o porquê da coisa misterioso. Porém apegam-se a ele, tal como uma mulher doente apegam-se a um amuleto. Não pensam em termos de ciclos, de retornos, estão apaixonados pelo glamour do suicídio de todo um povo – a atitude, o estoicismo e a bravura. (...) Os Vazios podem garantir que chegará o dia em que os últimos Hereros da Zona morrerão, o zero final para uma história coletiva vivida integralmente. Isso tem um certo apelo.¹⁶³

(O caso é que há vários vínculos estranhos e perturbadores entre esses primeiros campos de trabalhos forçados germano-africanos e os construídos na Alemanha nazista três décadas depois. Por exemplo: foi graças a tais campos de trabalho no Sudoeste Africano que a palavra *Konzentrationslager* – campo de concentração – apareceu pela primeira vez na língua alemã, em 1905. O primeiro comissário imperial do Sudoeste Africano alemão foi um certo Dr. Heinrich Göring, pai do Hermann que, em 1933, estabeleceria os primeiros campos nazistas. Também foi naqueles campos africanos que se realizaram as primeiras experiências médicas alemãs com cobaias humanas: Theodor Mollison e Eugen Fischer, dois dos professores de Joseph Mengele, fizeram pesquisas com os hereros.¹⁶⁴ E se recordarmos que o primeiro romance de Pynchon invoca a rebelião de 1922 no Sudoeste Africano para relembrar a campanha de extermínio de 1904-1907 contra os hereros como uma espécie de precursor do Holocausto judeu na Segunda Guerra Mundial, tais associações não

¹⁶³ “Some of the more rational men of medicine attributed the Herero birth decline to a deficiency of Vitamin E in the diet – others to poor chances of fertilization given the peculiarly long and narrow uterus of the Herero female. But underneath all this reasonable talk, this scientific speculating, no white Afrikaner could quite put down the way it *felt*... Something sinister was moving out in the veld: he was beginning to look at their faces, especially those of the women, lined beyond the thorn fences, and he knew beyond logical proof: there *was* a tribal mind at work out here, and it had chosen to commit suicide... Puzzling. Perhaps we weren’t as fair as we might have been, perhaps we did take their cattle and their lands away... and then the work-camps of course, the barbed wire and the stockades... Perhaps they feel it is a world they no longer want to live in. Typical of them, though, giving up, crawling away to die... why won’t they even negotiate? We could work out a solution, *some* solution... It was a simple choice for the Hereros, between two kinds of death: tribal death, or Christian death. Tribal death made sense. Christian death made none at all. It seemed an exercise they did not need. But to the Europeans, conned by their own Baby Jesus Con Game, what they were witnessing among these Hereros was a mystery potent as that of the elephant graveyard, or the lemmings rushing into the sea. Though they don’t admit it, the Empty Ones now exiled in the Zone, Europeanized in language and thought, split off from the old tribal unity, have found the why of it just as mysterious. But they’ve seized it, as a sick woman will seize a charm. They calculate no cycles, no returns, they are in love with the glamour of a whole people’s suicide – the pose, the stoicism, and the bravery. (...) The Empty Ones can guarantee a day when the last Zone-Herero will die, a final zero to a collective history fully lived. It has appeal.” (PYNCHON, 2006, p. 322)

¹⁶⁴ Ver Anne Applebaum, *Gulag: uma história dos campos de prisioneiros soviéticos*. São Paulo: Ediouro, 2004, p. 34ss.

parecerão absurdas.¹⁶⁵ Como se, ao conceber o romance, Pynchon enxergasse as ações alemãs no Sudoeste Africano contra os hereros como análogas às ações do nacional-socialismo contra os judeus, sugerindo que os materiais do Sudoeste Africano, apesar de sua aparente distância histórica, apresentam um nexos implícito com o período nacional-socialista.)

A busca de Enzian consiste, no final, em acabar com os silêncios e a passividade dos hereros e em despertar uma reação, a fim de impedir que a vida deles chegasse ao zero final, em uma busca que progride em sentido contrário. Enzian volta, então, seu pensamento, numa jornada que recapitula seus deuses e sua estória tribal, ao ancestral primeiro, ao primeiro homem, Adão, para assim, no presente, como peregrino em Nordhausen, buscar impedir que seu povo seja sacrificado como animal sagrado no altar d'*Eles*:

Omumborombanga... Mukuru... primeiro ancestral... Adão... ainda suando, mãos desajeitadas e dormentes após um dia de trabalho, ele tem um minuto para ficar a relembrar esta hora do dia lá no Südwest, em local elevado, participando do pôr-do-sol, ao ar livre, vendo a bruma acumular-se, parte nevoeiro, parte poeira do gado que regressa aos kraals para ser ordenhado e dormir... (...) Mas nós, Hereros da Zona, sob a terra, quanto tempo esperaremos neste norte, neste local de morte? Será para renascer? ou teremos realmente sido enterrados pela última vez, enterrados de frente para o norte, como todo o resto dos nossos mortos, e como todo o gado sagrado alguma vez sacrificado aos ancestrais? O Norte é a região da morte. Pode não haver deuses, mas há uma configuração: nomes, por eles mesmos, podem não ter magia, porém o ato de nomear, o ato físico de enunciar, obedece a configuração. Nordhausen significa habitações do norte. O Foguete tinha que ser produzido em um lugar chamado Nordhausen. A cidade adjacente foi chamada Bleicheröde como uma confirmação, um pouco de redundância para que a mensagem não se perdesse.¹⁶⁶

¹⁶⁵ Segundo nos informa David Seed, “os hereros chamaram a atenção de Pynchon quando pesquisava para *V.* e, para seu terceiro romance [*Gravity's Rainbow*], ele seguiu seu interesse com mais leituras, porque viu analogias entre o tratamento alemão dado aos hereros e aos judeus (...)” (SEED, 1988, p. 181). Sobre isso, ver, no Apêndice, a resposta de Pynchon à carta de Thomas Hirsch, reproduzida por Seed e traduzida por nós ao fim deste trabalho, onde aparecem melhor esclarecidas tais analogias, estabelecidas, como dito, primeiramente em *V.* e retomadas, em nova grade e formato, em *Gravity's Rainbow*.

¹⁶⁶ “Omumborombanga... Mukuru... first ancestor... Adam... still sweating, hands from the working day gone graceless and numb, he has a minute to drift and remember this time of day back in Südwest, above ground, participating in the sunset, out watching the mist gather, part fog, part dust from the cattle returning to the kraals to milking and sleep... (...) But we, Zone-Hereros, under the earth, how long will we wait in this north, this locus of death? Is it to be reborn? or have we really been buried for the last time, buried facing north like all the rest of our dead, and like all the holy cattle ever sacrificed to the ancestors? North is death's region. There may be no gods, but there is a pattern: names by themselves may have no magic, but the act of naming, the physical utterance, obeys the pattern. Nordhausen means dwellings in the north. The Rocket had to be produced out of a place called Nordhausen. The town

Esta passagem ilustra o simbolismo de “Norte” em *Gravity’s Rainbow* como *locus* de morte. Ora, os hereros deixaram (forçados) o Sul, lugar de sua cultura e de sua liberdade, constituído como sentido de vida e transcendência; levados para o Norte, são conduzidos para a região da morte, região sem calor e sem cor; a ausência de cor, ou seja, o branco, conota o frio, literal e metafórico, da morte; com isso, Nordhausen vem a ser o local adequado para a montagem e produção do Foguete, que, como tal, denota um instrumento ou um meio de aniquilação. Bleicheröde, uma redundância para “morte”, significa, neste sentido, a estrada ou o caminho que leva à morte (segundo Weisenburger, *Bleich* significa branco e *rode*, clareira, como numa floresta¹⁶⁷). Assim, Bleicheröde reflete um lugar de morte, de vazio. Da mesma forma, no Livro de Jó (26, 7) está escrito: “Estende o norte sobre o vácuo, suspende a terra sobre o nada”. O Norte é entendido aqui como a região do demônio, dos incrédulos e dos maus. Esta concepção, ao que tudo indica, se baseia em Jeremias (1, 13-14): “Pela segunda vez dirigiu-se a mim a palavra do Senhor, e assim falou: ‘Que estás vendo?’ ‘Vejo, respondi, uma caldeira fervente cujo vapor toma a direção norte-sul.’ Disse-me o Senhor: ‘É do Norte que vai transbordar a desgraça sobre todos os habitantes da Terra’”. O vento norte significaria, portanto, o demônio, concepção esta derivada de Jó (26, 7): “Estende o norte sobre o vácuo, suspende a terra sobre o nada”. Da mesma forma, o narrador de *Gravity’s Rainbow* se pergunta pelo significado de norte: “Norte? Qual o investigador que alguma vez foi conduzido para *norte*? Aquilo que se deve procurar está a sul (...). Por perigos e empreendimentos enviam-nos para ocidente, por visões, para oriente. Mas que é o norte?”¹⁶⁸

O Norte é, assim, a região da morte, do Norte vem a desgraça. Pensemos em Hitler e no nacional-socialismo, pensemos na técnica moderna e no foguete V-2, pensemos nos Hereros da Zona...

Como já apontamos anteriormente, Enzian é conhecido como “o Mestiço”, por ser filho de um marinheiro russo que viveu, por um tempo, com uma jovem herero no Sudoeste Africano. Foi abandonado pelo pai quando este retornou à Rússia, e, como tal, é meio-irmão de Tchitcherine, oficial do serviço de inteligência soviético (também

adjoining was named Bleicheröde as a validation, a bit of redundancy so that the message would not be lost.” (PYNCHON, 2006, p. 326-327)

¹⁶⁷ WEISENBURGER, 2006, p. 147.

¹⁶⁸ “North? What searcher has ever been directed *north*? What you’re supposed to be looking for lies south (...). For danger and enterprise they send you west, for visions, east. But what’s north?” (PYNCHON, 2006, p. 720)

uma personagem em busca não apenas do Foguete como também de uma oportunidade de matar Enzian):

O pai de Tchitcherine era um artilheiro na nau capitânia do Almirante Rozhdestvenski, o *Suvorov*. A frota ficou parada em Lüderitzbucht uma semana, tentando pegar carvão. Tempestades açoitavam o pequeno e congestionado porto. O *Suvorov* a toda hora lançava-se contra seus navios carvoeiros, abrindo rombos em seus cascos, destruindo muitas de suas próprias peças de artilharia de 12 libras. Borrascas varriam o convés, pó de carvão rodopiava e grudava-se a tudo, homens e aço. Os marinheiros trabalhavam dia e noite, com holofotes montados no convés à noite, carregando sacos de carvão, cegados pelo brilho intenso, escavando, suando, tossindo, murmurando. Alguns enlouqueceram, uns poucos tentaram suicídio. O Velho Tchitcherine, após dois dias dessa vida, passou ausente sem autorização (AWOL), e assim permaneceu até que tudo estivesse terminado. Encontrou uma jovem Herero que tinha perdido seu marido durante o levante contra os Alemães. Não era isso que ele havia planejado ou mesmo sonhado ao abandonar o navio. O que sabia ele sobre a África? Tinha uma esposa em São Petersburgo, e uma criança que mal era capaz de se desvirar no berço. Até então, Kronstadt era o mais longe que ele já tinha estado de casa. Ele só queria um descanso dos grupos de trabalho, e do jeito que as coisas estavam caminhando... (...) Assim, ele esperou até que o mestre-de-armas se virasse para acender um cigarro, e então se afastou (...) e encontrou em terra firme o negrume honesto da moça Herero, tão solene, que lhe pareceu um sopro de vida depois de um longo confinamento, e ficou com ela nas fímbrias da plana e pesarosa cidadezinha, próxima à estrada de ferro, numa casa de um só cômodo, construída com ramos tenros, caixotes, juncos, barro. A chuva soprava. Os trens gritavam e bufavam. O homem e a mulher ficavam na cama, bebendo kari, que é feita com batata, ervilha e açúcar, e que em Herero significa “bebida da morte”. Era quase Natal, e ele deu a ela uma medalha que havia ganho num exercício de tiro no Báltico, muitos anos antes. Quando ele se foi, eles já haviam aprendido um o nome do outro e umas poucas palavras nas respectivas línguas – medo, feliz, sono, amor... (...) Mas ele foi embora. Seu futuro era a frota do Báltico, isso era algo que nem ele nem a moça questionavam. A tempestade passou, a neblina cobriu o mar. Tchitcherine se foi, enfiado num compartimento escuro e fedorento, abaixo da linha da água do *Suvorov*, bebendo sua vodka Natalina e contando histórias sobre os bons tempos que passara num lugar que não balançava, à margem do veld seco, com algo quente e amável em torno de seu pênis que não era seu próprio punho.¹⁶⁹

¹⁶⁹ “Tchitcherine’s father was a gunner on the Admiral’s Rozhdestvenski flagship, the *Suvorov*. The fleet paused in Lüderitzbucht for a week, trying to take on coal. Storms lashed through the crowded little harbor. The *Suvorov* kept smashing up against her colliers, tearing holes in the sides, wrecking many of her own 12-pound guns. Squalls blew in, clammy coal dust swirled and stuck to everything, human and steel. Sailors worked around the clock, with searchlights set up on deck at night, hauling coal sacks, half blind in the glare, shoveling, sweating, coughing, bitching. Some went crazy, a few tried suicide. Old Tchitcherine, after two days of it, went AWOL, and stayed away till it was over. He found a Herero girl who’d lost her husband in the uprising against the Germans. It was nothing he had planned or even dreamed about before going ashore. What did he know of Africa? He had a wife back in Saint Petersburg,

Ocorre que o velho Tchitcherine deixara a jovem herero grávida, e Enzian nasceu poucos meses depois da morte do artilheiro, próximo a ilha de Tsuxima, ao cair da tarde de 27 de maio de 1905, segundo informações obtidas pelo próprio Tchitcherine e reunidas por ele em um dossiê:

Tchitcherine a deixara grávida, e a criança nasceu poucos meses depois da morte do artilheiro, perto dos rochedos íngremes e florestas verdes de Tsuxima, ao cair da tarde de 27 de Maio. Os Alemães registraram o nascimento e o nome do pai (ele o havia escrito para ela, como costumam fazer os marinheiros – dera à moça seu nome) no arquivo central de Windhoek. Mãe e filho receberam um passe de viagem para retornarem à sua aldeia de origem, pouco tempo depois. Um recenseamento feito pelo governo colonial para saber quantos nativos haviam sido mortos, feito imediatamente depois que Enzian foi devolvido por bosquímanos à mesma aldeia, lista a mãe como falecida, mas seu nome está nos registros. Um visto datado de Dezembro de 1926 para Enzian entrar na Alemanha, e mais tarde um pedido de cidadania Alemã, estão arquivados em Berlim.¹⁷⁰

Contudo, não foi fácil para Tchitcherine reunir essas poucas informações a respeito de seu meio-irmão, tendo como ponto de partida não mais do que uma ou duas palavras na documentação do almirantado russo, sem contar o Tratado de Rapallo¹⁷¹

and a child hardly able to roll over. Up till then Kronstadt was the farthest he'd been from home. He only wanted a rest from the working parties, and from the way it looked... (...) So he waited till the master-at-arms turned to light a cigarette, and then just walked away and found ashore the honest blackness of the solemn Herero girl, which seemed to him a breath of life after long confinement, and stayed with her at the edge of the flat sorrowful little town, near the railroad, in a one-room house built of saplings, packing-cases, reeds, mud. The rain blew. The trains cried and puffed. The man and woman stayed in bed and drank kari, which is brewed from potatoes, peas, and sugar, and in Herero means "the drink of death". It was nearly Christmas, and he gave her a medal he had won in some gunnery exercise long ago on the Baltic. By the time he left, they had learned each other's names and a few words in the respective languages – afraid, happy, sleep, love... (...) But he went back. His future was with the Baltic fleet, it was something neither he nor the girl questioned. The storm blew out, fog covered the sea. Tchitcherine steamed away, shut back down in a dark and stinking compartment below the Suvorov's waterline, drinking his Christmas vodka and yarning about his good times in a space that didn't rock, back at the edge of the dry veld with something warm and kind around his penis besides his lonely fist." (PYNCHON, 2006, p. 355-356)

¹⁷⁰ "Tchitcherine had left her with a child, born a few months after the gunner went down in sight of the steep cliffs and green forests of Tsushima, early in the evening of 27 May. The Germans recorded the birth and the father's name (he had written it down for her, as sailors do – he had given her his name) in their central files at Windhoek. A travel pass was issued for mother and child to return to her tribal village, shortly after. A census by the colonial government to see how many natives they'd killed, taken just after Enzian was returned by bushmen to the same village, lists the mother as deceased, but her name is in the records. A visa dated December 1926 for Enzian to enter Germany, and later an application for German citizenship, are both on file in Berlin." (PYNCHON, 2006, p. 357)

¹⁷¹ Acordo entre a URSS e a Alemanha, firmado em 16 de abril de 1922, que continha extensos acordos comerciais, incluindo o levantamento das restrições comerciais entre os dois países, permitindo assim que grandes empresas industriais alemãs (especialmente a Krupp) vendessem parte da sua produção para os soviéticos. A poderosa ala direitista da Alemanha ficou furiosa com o reconhecimento dado ao novo regime comunista e, em 24 de junho de 1922, o ministro das Relações Exteriores Walter Rathenau, que negociou o tratado em nome da Alemanha, foi baleado e morto.

que, na época, estava em vigor, de modo que havia muitas linhas abertas para Berlim e, consequentemente, sobre Enzian:

Não foi fácil reunir todos esses pedaços de papel. Tchitcherine tinha como ponto de partida não mais do que uma ou duas palavras na documentação do Almirantado. Mas isso foi no tempo de Feodora Alexandrevna, a tal do corpete de pelica, e a facilidade de acesso era um pouco melhor para Tchitcherine do que é agora. O Tratado de Rapallo também estava em vigor, de modo que havia muitas linhas abertas para Berlim. Aquele estranho pedaço de papel... em seus momentos de grandeza pessoal mais doentia, fica bastante claro para ele como seu homônimo e o Judeu assassinado montaram juntos uma elaborada peça de teatro em Rapallo, e que o verdadeiro e único objetivo daquilo tudo era revelar a Vaslav Tchitcherine a existência de Enzian... a vida de caserna no Oriente, tal como certas drogas, torna essas coisas incrivelmente claras...¹⁷²

Na verdade, Tchitcherine enxergava Enzian como uma outra parte de si mesmo, uma versão de alguma coisa que havia dentro dele, e que ele precisava destruir: “Tchitcherine é um homem complexo. É quase como se... ele visse Enzian como... uma outra *parte* de si próprio – uma versão negra de alguma coisa que há dentro *dele*. Uma coisa que ele precisa... liquidar.”¹⁷³ Ou então: “O pequeno Estado que ele [Tchitcherine] está construindo no vácuo Alemão baseia-se numa necessidade compulsiva que ele desistiu de tentar entender, uma necessidade de aniquilar o Schwarzkommando e o seu mítico meio irmão, Enzian.”¹⁷⁴

Por quê? Como entender esse ódio para além do fato “paterno”? Alguma razão *política*? Tentemos, nesse ponto, uma interpretação para este singular fenômeno. Não são Tchitcherine e Enzian, afinal, rivais intoleráveis que se tem de suprimir se não quiser ser suprimido?

Ele é constante lá atrás, a ocidente, o meio-irmão Africano e os seus livros de poesia sulcados e juncados de letras Teutônicas em negro de madeira queimada – ele espera, enfarruscando as páginas uma a uma,

¹⁷² “It took no small amount of legwork to assemble all these pieces of paper. Tchitcherine had nothing to start with but a brief word or two in the Admiralty papers. But this was in the era of Feodora Alexandrevna, she of the kidskin underwear, and the access situation was a little better for Tchitcherine than it is now. The Rapallo Treaty was also in force, so there were any number of lines open to Berlin. That weird piece of paper... in his moments of sickest personal grandeur it is quite clear to him how his own namesake and the murdered Jew put together an elaborate piece of theatre at Rapallo, and that the real and only purpose was to reveal to Vaslav Tchitcherine the existence of Enzian... the garrison life out East, like certain drugs, makes these things amazingly clear.” (PYNCHON, 2006, p. 357)

¹⁷³ “Tchitcherine is a complex man. It’s almost as if... he thinks of Enzian as... another *part* of him – a black version of something inside himself. A something he needs to... liquidate.” (PYNCHON, 2006, p. 508)

¹⁷⁴ “The little State he is building in the German vacuum is founded on a compulsive need he has given up trying to understand, a need to annihilate the Schwarzkommando and his mythical half-brother, Enzian.” (PYNCHON, 2006, p. 342)

lá do outro lado (...). Virado para oriente, o rosto negro [de Enzian] mantendo-se em vigia em qualquer talude invernal ou muro cor de terra feito de uma pedra de fino grão sobre as planas vastidões da Prússia, da Polônia, as léguas de prados à espera, tal como o Tchitcherine se torna agora todos os meses mais tenso e alisado pelo vento no seu flanco ocidental, vendo a História e a Geopolítica movê-los seguramente para a confrontação (...).¹⁷⁵

Pois bem. É como se o nacional-socialismo, representado na figura de Enzian, fosse, em tudo e por tudo, o contrário, ou antes, o antagonista do comunismo soviético representado na figura de Tchitcherine, e que, no entanto, lhe é de tal modo aparentado que se pode efetivamente tomar a ambos como dois irmãos, ainda que rivais.

Trata-se, no caso do nacional-socialismo, não mais da vida econômica ou da classe social, como no comunismo soviético, e sim da vida biológica.¹⁷⁶ Os fatores da hereditariedade, ou antes, os do “sangue” ou da raça, no nacional-socialismo, fazem as vezes dos fatores econômicos ou de classe no comunismo soviético.¹⁷⁷ Nesse sentido, o poder das classes, de um lado, e o das raças, do outro, move e *deve* mover a história humana.

Entretanto, não há diferença entre eles.¹⁷⁸ São ambos formas de uma essência única: o Estado do Partido.¹⁷⁹ Também no nacional-socialismo os capitalistas não são padrões. O Estado fornece a eles plano e programa, toma deles a produção e o

¹⁷⁵ “He is constant back there, westward, the African half-brother and his poetry books furrowed and sown with Teutonic lettering burntwood-black – he waits, smudging the pages one by one, out across (...). Facing east, the black face keeping watch from some winter embankment or earth-colored wall of a fine-grained stone into low wastes of Prussia, of Poland, the leagues of meadow waiting, just as Tchitcherine grows each month now more taut and windsmooth at his westward flank, seeing History and Geopolitics move them surely into confrontation (...).” (PYNCHON, 2006, p. 346-347)

¹⁷⁶ “A ideia de nação esvaziou-se de toda e qualquer substância. (...) Deixemos a Nação para os democratas e os liberais. Devemos deixar esquecer essa ideia. Substituí-la-emos por um princípio mais novo, o da raça. Não são os povos delimitados pela história que darão os materiais indispensáveis à construção do edifício da ordem futura. Seria empresa fútil reformar e corrigir fronteiras e povoamentos. Já não se tratará mais de concorrência de nações, mas de luta de raças – eis a noção que nos convém fixar.” (RAUSCHNING, 1940, p. 244)

¹⁷⁷ “A capacidade de adquirir e manter uma superioridade decisiva na luta pela existência foi expressa por Hitler com a ideia de raça, cujo papel é tão decisivo na mitologia nazista como a luta de classe na ideologia marxista.” (BULLOCK, 1959, p. 352)

¹⁷⁸ Com uma diferença talvez (?): Hitler transformou a Alemanha num imenso campo de ruínas e esteve a ponto de fazer naufragar o mundo inteiro, enquanto Stálin pegou a Rússia no arado, e deixou-a na bomba atômica. Para mais detalhes, cf. Svetlana Aleksievitch, *O fim do homem soviético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. Ver Referência bibliográfica.

¹⁷⁹ Tal formulação está contida em *Vida e destino*, de Vassili Grossman, em um dos mais importantes capítulos da obra, em que o velho bolchevique Mostovskói, detido em um campo de concentração alemão, é convocado pelo oficial da SS Liss para um exercício de xadrez político, em que o oficial nazista, por fim, apresenta as semelhanças entre ambos os regimes, que, segundo este, seriam iguais já que em ambos “o Estado é o Partido”. Cf. Vassili Grossman, *Vida e destino*, Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. Ver Referências bibliográficas.

lucro.¹⁸⁰ No caso nacional-socialista, retêm 6% do lucro, como pagamento.¹⁸¹ O Estado partidário soviético também determinava um plano, um programa, e tomava-lhes a produção. E aqueles que mandavam, os operários, também recebiam salário do seu Estado partidário. Também havia uma bandeira vermelha dos trabalhadores pairando sobre o Estado nacional-socialista, que também apelava para a unidade e para o esforço nacional e produtivo, quando dizia exprimir o sonho do proletariado (racial) alemão,¹⁸² o qual permaneceu, até o último momento, certo da liderança incontestada e infalível de Hitler.¹⁸³ (O fato é que o proletariado alemão, em lugar de configurar-se como sujeito histórico revolucionário, rendeu-se ao nacional-socialismo, combatendo ao lado deste até o final trágico.)

Duas faces de uma mesma moeda. Para instaurar o socialismo na Rússia era necessário liquidar a liberdade do camponês de semear e vender, e Stálin não vacilou: liquidou milhões de *kulaks*.¹⁸⁴ Da mesma forma, Hitler achava que o nacionalismo

¹⁸⁰ “Não há dúvida de que, no curso da guerra, o regime [nazista] interveio de maneira cada vez mais intrusiva na economia, em uma extensão que ia muito além de apenas conduzi-la em certas direções ou de forçá-la a operar no contexto político de uma guerra global. O controle de preços e câmbio, a regulamentação da distribuição de mão de obra e de matérias-primas, a limitação dos dividendos, a racionalização forçada, a fixação e a refixação de metas de produção e muito mais constituíram uma deformação drástica do mercado. (...) Desse modo, a indústria passou a servir cada vez mais aos propósitos e interesses de um regime político impulsionado pela ideologia.” (EVANS, 2012, p. 394) Ou ainda, segundo Hannah Arendt: “No começo, os nazistas demonstraram certa tendência de conservar a mão de obra técnica e administrativa, permitir a lucratividade nos negócios e exercer domínio econômico sem excesso de interferência. Quando a guerra eclodiu, a Alemanha ainda não estava completamente totalitarizada (...). Somente em 1942 – portanto com Speer – é que as normas do domínio totalitário passaram a prevalecer sobre tudo, mesmo sobre a economia.” (ARENDR, 1989, p. 459-460)

¹⁸¹ “As relações do nacional-socialismo com seus grandes capitalistas são grosseiramente hipócritas, sobretudo depois das reformas do ministro Speer: os responsáveis continuam a pregar a livre-iniciativa, mas as indústrias são todas submetidas a um plano, e seus lucros, limitados a 6%, com o Estado apropriando-se do resto, além da produção.” (LITTELL, 2007, p. 365) Para mais detalhes, cf. também Adam Tooze, *O preço da destruição: construção e ruína da economia alemã*. Rio de Janeiro: Record, 2013, p. 620ss. Ver Referências bibliográficas.

¹⁸² “A teoria do proletariado racial alemão é a genuína doutrina nacional-socialista e sua expressão mais perigosa. É a mais falaciosa e, ao mesmo tempo, a mais atraente. (...) Explora o ódio aos judeus, a aversão ao capitalismo e, finalmente, usa (...) a fraseologia e o simbolismo marxistas. É evidente que a finalidade da doutrina do proletariado racial alemão é seduzir as classes trabalhadoras.” (NEUMANN, 1943, p. 219-220)

¹⁸³ “Speer visitou o front do Reno, àquela época [fevereiro de 1945], e certa noite, num abrigo subterrâneo iluminado apenas por uma lanterna de trincheira, viu-se entre um grupo de mineiros alemães. A escuridão não permitia que o reconhecessem, e ele pôde, então, escutar em silêncio a conversa de seus companheiros e dela tirar novas conclusões políticas. Esses mineiros (...) representavam o comum dos soldados e trabalhadores alemães; e ficou claramente patenteado que ainda acreditavam em Hitler acima de tudo. Estavam persuadidos de que ele, e só ele, compreendia a classe operária, da qual saíra, bem como os mistérios de uma política que permanecera desconhecida ao resto da raça germânica, e era o único capaz de operar o milagre, que consistia em salvá-los daquela situação desesperada.” (TREVOR-ROPER, 19--, p. 137)

¹⁸⁴ *Kulaks*: agricultores que empregavam lavradores em suas terras. No governo de Stálin o termo passou a designar qualquer proprietário um pouco mais abastado que era contra a coletivização forçada. Foram perseguidos e expropriados.

alemão, o movimento nacional-socialista, era estorvado por um inimigo, o povo judeu, e, desse modo, decidiu exterminar milhões de judeus. (A aniquilação dos *kulaks* como classe social, para o comunismo soviético, e o extermínio dos judeus como entidade racial, para o nacional-socialismo, constituem o mesmo movimento, que, no primeiro caso, está representado por uma categoria sociológica [classe] e, no segundo, por uma categoria biológica [racial].) O expurgo do Partido, em 1937-8, foi o que Stálin provavelmente *enxergou* do expurgo da SA de Ernst Röhm, em 1934: Hitler também não hesitara em livrar-se de seu peso.¹⁸⁵ Ou, então, o episódio da assim chamada “conspiração dos médicos”, entre 1948 e janeiro de 1953, em que um grupo de médicos, a maioria dos quais judeus, foi acusado por Stalin de haver tramado eliminar escalões superiores da URSS, o qual tem uma notável e funesta semelhança com a perseguição contra os judeus levada a cabo por Hitler:

O elemento novo mais dramático desse último expurgo planejado por Stálin, nos últimos anos de sua vida, foi uma importante mudança de ideologia: a introdução de uma conspiração mundial judaica. Durante anos, os fundamentos para essa mudança haviam sido cuidadosamente elaborados numa série de julgamentos nos países satélites – o julgamento de Rajk na Hungria, o caso Ana Pauker na Romênia e, em 1952, o julgamento de Slansky na Tchecoslováquia. Nessas medidas preparatórias, altos funcionários do partido foram escolhidos por suas origens “burgueso-judaicas” e acusados de sionismo; aos poucos, essa acusação foi alterada para implicar agências notoriamente não-sionistas (especialmente o Comitê Judaico-Americano – JOINT), insinuando que todos os judeus eram sionistas e que todos os grupos sionistas eram “assalariados do imperialismo norte-americano”. Naturalmente, nada havia de novo no “crime” do sionismo; mas, à medida que a campanha progredia e começava a concentrar-se nos judeus da União Soviética, outra mudança importante ocorreu: os judeus eram agora acusados de “cosmopolitismo” e não de sionismo, e o tipo de acusação que derivava desse slogan seguia cada vez mais de perto o modelo nazista de uma conspiração mundial judaica ao estilo [dos Protocolos] dos Sábios de Sião. Ficou surpreendentemente claro como fora profunda a impressão que esse fundamento da ideologia nazista deve ter causado a Stálin; a primeira indicação disso tornara-se evidente desde o pacto Hitler-Stálin.¹⁸⁶

¹⁸⁵ Também conhecido como Noite das Facas Longas, ocorrido no dia 30 de junho de 1934, o episódio consistiu numa série de execuções políticas extrajudiciais, tendo como alvos algumas lideranças da *Sturmabteilung* (SA), incluindo o próprio Ernst Röhm. Entre as vítimas também estavam proeminentes conservadores antinazistas (como o ex-chanceler Kurt von Schleicher e o político bávaro Gustav Ritter von Kahr), bem como membros da ala strasserista do partido nazista, incluindo seu líder, Gregor Strasser. Ao menos 85 pessoas morreram durante o episódio e milhares de opositores políticos foram presos. Com o expurgo, foi consolidado o apoio do exército alemão a Hitler. Para mais detalhes, cf. Richard Evans, *O Terceiro Reich no poder*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011, p. 38-61. Ver Referências Bibliográficas.

¹⁸⁶ ARENDT, 1989, p. 353.

Hitler e Stálin eram, neste sentido, não apenas irmãos sob a mesma pele, como também se admiravam mutuamente.¹⁸⁷ Hitler chamava-o inclusive de gênio, nutrindo por ele uma admiração sem reservas:

Podemos ter por Stálin uma admiração sem reservas. Realmente, é um gênio. Conhece admiravelmente a seus mestres, começando por Gengis Khan. Seus planos econômicos são de tal amplitude que unicamente nossos planos quadrienais os superam.¹⁸⁸

Hannah Arendt comenta tal fato:

O único homem pelo qual Hitler sentia respeito incondicional era “Stálin, o gênio”, e, embora no caso de Stálin e do regime soviético não possamos dispor (e provavelmente nunca venhamos a ter) a riqueza de documentos que encontramos na Alemanha nazista, desde o discurso de Khrushchev perante o XX Congresso do Partido Comunista, que também Stálin só confiava num homem, e que esse homem era Hitler. (Sabemos hoje que Stálin foi repetidamente advertido quanto ao iminente ataque de Hitler à União Soviética. Mesmo quando o adido militar soviético em Berlim o informou quanto ao dia do ataque nazista, Stálin recusou-se a crer que Hitler violaria o tratado.)¹⁸⁹

E o que dizer, então, dos campos de concentração nazistas e soviéticos, cujos sistemas foram construídos mais ou menos na mesma época, e que num nível muito profundo eram aparentados, tendo sido construídos para encarcerar pessoas não pelo que elas fizeram, mas pelo que elas eram?¹⁹⁰

Por fim: o que é o nazismo e o stalinismo senão o terror administrado como política de Estado?

¹⁸⁷ “Os próprios nazistas sabiam muito bem que tinham mais em comum com a versão stalinista de comunismo do que com o fascismo italiano (...).” (ARENDR, 1999, p. 194-195)

¹⁸⁸ HITLER, 2004, p. 468. Ou ainda: “Stálin é uma das figuras mais extraordinárias da história mundial. Começou como um pequeno funcionário e nunca deixou de ser um. Stalin não deve nada a retórica. Governa de seu escritório graças a uma burocracia que o obedece à risca.” (HITLER, 2004, p. 06)

¹⁸⁹ ARENDR, 1989, p. 359-360. Conforme atesta Orlando Figes, “Stálin ignorara os relatórios das agências de inteligência informando que os alemães se preparavam para uma invasão e até desconsiderou boletins de última hora confirmando uma concentração maciça de tropas alemãs na fronteira, julgando-os um plano dos ingleses para fazer com que a União Soviética entrasse em guerra (e mandou fuzilar os portadores dessas informações como ‘espíões ingleses’)” (FIGES, 2010, p. 441).

¹⁹⁰ “Diferentemente dos campos de criminosos condenados e dos campos de prisioneiros de guerra, os de concentração foram criados para um tipo específico de prisioneiro civil não-criminoso, membro de um grupo ‘inimigo’ ou, pelo menos, de uma categoria de pessoa que, pela raça ou suposta tendência política, era considerada perigosa ou estranha à sociedade. (...) E isso, enfim, é o que liga no sentido mais profundo os campos soviéticos e nazistas: em parte, ambos os regimes se legitimavam pelo estabelecimento de categoria de ‘inimigos’ e ‘subumanos’ aos quais perseguiam e destruíam em escala maciça.” (APPLEBAUM, 2004, p. 33-35)

O livro de Pynchon, enquanto um conjunto de itens reunidos, forma um todo indivisível: um *Aggregat* 4.

Composto a partir de vários elementos intencionalmente reunidos entre si, *Gravity's Rainbow* forma um conjunto coerente e operante entre os múltiplos elementos por ele articulados. Cada elemento constitui-se em uma unidade, que se articula sistemicamente com os demais, de maneira complexa e intrincada, permanecendo cada um deles, em suas diferentes formas, individualizados, singularizados.

A palavra alemã “*Aggregat*” – que, como vimos antes, dá nome a um conjunto de projetos de mísseis balísticos desenvolvido entre 1933-1945 por um programa de pesquisa da Wehrmacht, cujo maior sucesso foi o A4 – refere-se, etimologicamente, a um grupo de máquinas ou engrenagens trabalhando em conjunto; da mesma forma, o livro de Pynchon é formado pela combinação de suas quatro partes em um todo, como um conjunto de itens relacionados, colocando-os em funcionamento e conectando-os entre si, tomando, assim, parte um do outro, “partes móveis comportando-se conjuntamente com grande fiabilidade”.¹⁹¹

São várias as acepções simbólicas do número quatro. Como manifestação ou símbolo de completude e totalidade, está na raiz de muitas coisas: por exemplo, nas quatro causas de Aristóteles, na raiz quádrupla do princípio da razão suficiente de Schopenhauer, nas quatro funções psíquicas de Jung, como também no sagrado *tetraktys* dos pitagóricos, nos quatro humores da medicina hipocrática, no *quattuor coequeva* da teologia agostiniana, no quádruplo heideggeriano, o *tetrafármakon* da doutrina epicúrea, bem como nos quatro pontos cardeais, nas quatro estações, nos quatro elementos da Natureza, nas quatro fases da Lua, nas quatro letras do nome de Deus – e, por que não, nas quatro aletas do foguete?

Tal interpretação ganha ainda mais sentido se lembrarmos que Deus e homem, sociedade e cosmos são os principais complexos da realidade distinguidos pelas sociedades cosmológicas.¹⁹²

Ora, precisamente esses quatros complexos, em seu agregado, compreendem todo o campo de experiências contido no livro de Pynchon, que, ao reunirem a realidade terrena e a celeste, o desenvolvimento presente e o potencial

¹⁹¹ PYNCHON, 2006, p. 413.

¹⁹² “Deus e homem, sociedade e cosmos são os principais complexos da realidade distinguidos pelas sociedades cosmológicas como parceiros na comunidade do ser. Os quatro complexos em seu agregado compreendem todo o campo do ser (...)” Sobre este ponto, cf. Eric Voegelin, *Anamnese*. São Paulo: É Realizações, 2009, p. 131ss. Ver Referência bibliográficas.

futuro, formam um agregado correspondente de especulações que cobre todo o romance.

Como narrativa enciclopédica,¹⁹³ em lugar de enredo e estruturação convencionais, *Gravity's Rainbow* apresenta um caráter plurívoco, ao conter vários domínios e abranger uma extensa gama de experiências, indo da física à metafísica, da história à mística, operando portanto em vários níveis de registro, ao mesmo tempo deliberadamente instável, paródica, variada, enciclopédica, fragmentada – uma narrativa, no dizer de George Levine, “perfeitamente à vontade na análise técnico-científica e matemática, na reconstrução e documentação históricas, nas descrições sugestivas e sinistras, na conversa sobre filmes, nos saltos metafóricos de uma área de discurso para outra”.¹⁹⁴

Fato é que a ficção pynchoniana se caracteriza pelo uso das mais variadas formas de registro, tanto aqueles associados à cultura de massa – o desenho animado, o filme B, a estória em quadrinhos, o filme pornô – como também o jargão científico e tecnológico, abrangendo, portanto, diversos campos e temáticas, tais como física, matemática, química, filosofia, história, antropologia, música, quadrinhos, drogas, medicina, psicologia, unindo-os de maneira humorística, absurda, poética e sombria, formando, assim, um amálgama indiferenciado de registros e domínios justapostos, que, juntos, criam um denso tecido de interrelações:

Estas são nossas letras, nossas palavras: elas também podem ser moduladas, quebradas, reagrupadas, redefinidas, copolimerizadas uma à outra em cadeias mundiais que virão à tona aqui e ali por sobre longos silêncios moleculares, como as partes visíveis de uma tapeçaria.¹⁹⁵

O livro de Pynchon parece, neste sentido, não se conformar com os limites ficcionais e narrativos herdados de dito realismo, mesclando todos os domínios e registros livremente. Sua estrutura narrativa não segue o tempo linear do enredo, mas, antes, mistura vários segmentos temporais, ao mesmo tempo em que se movimenta livremente entre a narrativa ficcional e registros de natureza histórica, filosófica,

¹⁹³ “As narrativas enciclopédicas”, segundo Edward Mendelson, “tentam traduzir toda a gama de conhecimentos e crenças de uma cultura nacional, identificando as perspectivas ideológicas a partir das quais essa cultura molda e interpreta seu conhecimento. Porque eles são produtos de uma época em que o conhecimento do mundo é maior do que qualquer pessoa pode abranger, eles necessariamente fazem uso extensivo de sinédoque” (MENDELSON, 1976, p. 162).

¹⁹⁴ LEVINE, 2003, p. 61-62.

¹⁹⁵ “These are our letters, our words: they too can be modulated, broken, recoupled, redefined, copolymerized one to the other in worldwide chains that will surface now and then over long molecular silences, like the seen parts of a tapestry.” (PYNCHON, 2006, p. 360)

científica, etc. A tendência à fragmentação, tanto do ponto de vista do enredo como do ponto de vista da narração (que, cabe lembrar, já se encontrava presente nas obras da modernidade), é agora levada ao extremo, sem nenhuma preocupação com uma unidade ou coerência totalizadora, e a experimentação nele contida exercida menos na linguagem verbal do que na disposição narrativa.¹⁹⁶

No livro de Pynchon, os acontecimentos não se desenrolam segundo a ideia de sucessão, mas sim todos juntos, simultaneamente, como parte de um mesmo movimento. “Não se trata de causas. Tudo acontece junto. Em paralelo, não em série. (...) Cartografando diferentes sistemas de coordenadas (...). Todos são parte do mesmo movimento. Não A antes de B, mas tudo junto...”¹⁹⁷

A concepção de uma narrativa linear, já bastante abalada, cai agora definitivamente por terra. Obras como a de Pynchon investem de tal forma contra o antigo esquema narrativo que a antiga concepção de uma narrativa linear torna-se completamente obsoleta. O romance pynchoniano se define, deste modo, pela constituição de uma nova representação do tempo, não mais de natureza diacrônica ou linear, mas sincrônica, ao abandonar assim a ideia de sucessão pela ideia de simultaneidade.¹⁹⁸

Ora, o romance, tendo se recusado a permanecer, por assim dizer, numa trilha única, deparou-se com a possibilidade de descrever os fenômenos simultaneamente. Contudo, como sabemos, estes não podem ser tratados numa narrativa única, posto que não constituem uma mesma sequência. Assim sendo, certo número de narrativas diferentes terão de necessariamente ser inter-relacionadas e esta relação,

¹⁹⁶ Esse enfoque na disposição narrativa elabora o que Frye descreve como a prática especificamente modernista “de eliminar a predicação, de simplesmente justapor imagens sem fazer quaisquer asserções sobre sua relação (...)” (FRYE, 2013, p. 179).

¹⁹⁷ “Not cause. It all goes along together. Parallel, not series. (...) Mapping on to different coordinate systems (...). All are part of the same movement. Not A before B, but all together...” (PYNCHON, 2006, p. 162)

¹⁹⁸ É preciso, no entanto, que se diga que foi Joyce, em *Ulysses* (1922), quem, primeiro, enfrentou a questão da abordagem das sincronias. No capítulo *Rochedos Errantes*, composto de dezenove seções ou narrativas, Joyce busca retratar a movimentação de uma grande quantidade de personagens pelas ruas de Dublin, alternando cenas envolvendo os pontos de vistas das diferentes personagens, tendo a passagem da carruagem do vice-rei da Irlanda como elemento estruturante de ditas narrativas. Para mais detalhes, cf. Caetano W. Galindo, *Sim, eu digo sim: uma visita guiada ao Ulysses de James Joyce*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 175ss. Cf. também Don Gifford, *Ulysses annotated: notes for James Joyce's Ulysses*. Los Angeles: University of California Press, 1988, p. 260ss. Ver Referências bibliográficas.

portanto, não poderá ser a da narrativa linear. Pois bem. Ao estabelecer a relação entre duas ou mais séries de eventos paralelos, foi exigido do romance que tivesse uma visão sincrônica deles, o que, por sua vez, exigiu que eles fossem dispostos de forma simultânea. Deste modo, a narrativa deixa de ser uma sucessão para transformar-se em uma interconexão de partes que se condicionam e se implicam mutuamente no todo. O caráter puramente sucessivo dos eventos foi, neste ponto, inteira e definitivamente exorcizado: “Aqui não há tempo serial: todos os eventos estão aqui no mesmo momento eterno e por isso certas mensagens nem sempre ‘fazem sentido’: carecem de estrutura histórica, parecem extravagantes, ou insanas.”¹⁹⁹

Como sabemos, o esquema narrativo tende a organizar os fatos numa sequência linear: primeiro isso, depois aquilo, numa progressão de eventos através do tempo. E esses eventos, por sua vez, tendem a ser colocados em padrões que são percebidos por meio da noção de causalidade: não apenas “primeiro isso, depois aquilo”, mas também, “isso acontece por causa daquilo que aconteceu primeiro”. Ora, quando essa perspectiva toma conta da configuração romanesca, passamos a entender a “narração” como uma sequência progressiva de degraus e estágios, os primeiros causando (ou levando até) os seguintes, os seguintes seguindo adiante, e assim sucessivamente.

Em *Gravity's Rainbow*, ao contrário, os acontecimentos são apresentados de forma diferente, os tempos e fatos fluem diferentemente, assim como a multiplicidade de personagens, eventos, experiências etc., são reorganizadas de maneira diversa: certas coisas se destacam, outras recuam, e o espaço-tempo narrativo se encrespa e retorce, em uma perspectiva sincrônica, anulando qualquer ideia de sucessão causal espaço-temporal.²⁰⁰

Mas o caso é que a noção de causalidade é inaplicável para o caso que estamos a examinar aqui.²⁰¹ No livro de Pynchon, a ordem causal dos fatos narrados

¹⁹⁹ “No serial time over there: events are all there in the same eternal moment and so certain messages don't always ‘make sense’ back here: they lack historical structure, they sound fanciful, or insane.” (PYNCHON, 2006, p. 637)

²⁰⁰ Para ilustrar melhor o que dizemos, tomemos outro exemplo de abordagem sincrônica dos acontecimentos em *Gravity's Rainbow*, tendo agora o lançamento da bomba atômica sobre Hiroshima como elemento estruturante, a partir de três diferentes perspectivas: do momento de seu lançamento sobre a cidade japonesa (p. 707-708), do ponto de vista de um oficial do Exército americano estacionado no Pacífico (p. 654), e, finalmente, do próprio Slothrop, a partir da leitura de uma manchete de jornal, em algum ponto da Zona alemã desmilitarizada (p. 707).

²⁰¹ Cabe recordar que a física clássica está fundamentada na ideia de continuidade que, como tal, está intimamente ligada a outro conceito chave da física clássica: a noção de causalidade. Nesse sentido, todo

encontra-se alterada, ou antes, *ausente*. A causalidade (ou antes, a sua ausência) enquanto problema é, nele, não apenas um tema, como também uma estrutura que concorre para a sua efetiva configuração. (Na verdade, a própria noção de ordem causal em *Gravity's Rainbow* se torna desacreditada à medida que o romance progride e suas rupturas textuais se tornam cada vez mais subversivas, como uma espécie de reação ao princípio de causalidade.) No comentário de Luc Herman e Steven Weisenburger a esse respeito:

“Vocês querem causa e efeito.” (p. 676) Quase podemos ouvir a frustração e desdém do narrador por nós, deterministas, aqui no mundo real, especialmente quando o narrador diz “Tudo bem”, e fornece uma dose de causalidade supostamente simples e “natural”. Isso acontece muito tarde no romance, depois que a narração se fragmentou em todas as direções, então é como se o texto nos desafiasse a testar nossa fé na causalidade contra os escombros narrativos dessas páginas, ou mesmo de todo o texto.²⁰²

Sendo assim, no livro de Pynchon, os eventos não aparecem sequencialmente no tempo, mas surgem, ao contrário, agrupados ao redor de um centro: o Foguete. Divisamos, assim, em suas páginas, um princípio ordenador cujo motivo não é linear, mas, por assim dizer, radial, e que atrai os grupos de eventos, mantendo-os juntos, unidos, conectados. O livro de Pynchon é, nesse sentido, um grupo de elementos que formam um conjunto de relações reunido em torno de um centro (um *conjunto*, e não uma *totalidade*).

E por que, então, não dizer que a narrativa de *Gravity's Rainbow* possui a forma de uma elipse, onde tudo não é mais que referência ao centro, ou seja, ao próprio Foguete? Ora, no nosso entender, o livro de Pynchon se desenvolve segundo um movimento elíptico, em que as ideias e os problemas por ele colocados crescem em amplitude e profundidade por uma série de retornos e afastamentos, em redor do Foguete.

fenômeno físico poderia ser compreendido por um encadeamento contínuo de causas e efeitos, sendo que, a cada causa, corresponde um efeito, e a cada efeito, corresponderia uma causa. Assim, dois pontos separados por uma distância, no espaço e no tempo, estão, segundo tal princípio, ligados por um encadeamento contínuo de causas e efeitos. As consequências culturais e sociais de tal concepção, justificada pelos sucessos da física clássica, são incalculáveis, abrindo assim caminho para o conceito de determinismo. Ora, as equações da física clássica são de tal natureza que, se soubermos a posição e a velocidade de qualquer objeto num dado instante, podemos prever sua posição e velocidade em qualquer outro momento do tempo. Isto porque as leis da física clássica são leis deterministas, em que os estados físicos são funções de posições e de velocidades, resultando que, se especificarmos as “condições iniciais” (o estado físico num determinado instante), podemos prever com absoluta certeza o estado físico em qualquer outro momento dado do tempo. É portanto contra tais princípios que o livro de Pynchon estruturalmente parece se insurgir.

²⁰² HERMAN e WEISENBURGER, 2013, p. 96.

Fato é que, recusando a apresentar sua “narrativa” sob um esquema linear, Pynchon a dispõe elípticamente, esclarecendo, volta após volta, capítulo aqui, capítulo acolá, tal ou qual aspecto das personagens ou das situações envolvendo o Foguete. Nesse sentido, certo grau de estilo elíptico, ou antes, circular, parece caracterizar o romance de Pynchon, já que é impossível desenvolver linear e completamente todos os elementos que entram na simultaneidade fascinante da obra, a fim de apresentar fielmente a verdade interna do momento histórico por ele configurado. Como diz Steven Weisenburger:

Gravity's Rainbow se desdobra de acordo com um modelo circular. Através das quatro partes do romance, eventos históricos cruzam o calendário litúrgico cristão, sugerindo possibilidades de retorno e renovação. (...) De fato, alguém poderia muito bem ler *Gravity's Rainbow* como uma sátira sobre o desejo de grandes enredos ou metanarrativas, um desejo que a narrativa desmascara como a terrível dinâmica de uma cultura premida à beira de um inverno nuclear.²⁰³

Uma análise cuidadosa do livro nos revela tal estrutura, especialmente na parte 1, na qual vários episódios traçam um movimento circular complexo. O episódio 9, por exemplo, que começa com a personagem Jessica Swanlake parada em frente a uma janela e depois passa por uma sequência de *flashbacks* e cortes, que também envolvem mudanças na perspectiva, tudo sem nenhum dos marcadores espaço-temporais que convencionalmente sinalizam tais mudanças, até finalmente terminar com Jessica em pé, novamente, diante da janela. Novamente na parte 1, o episódio 14 é uma variante muito mais complexa deste padrão circular. O episódio tem início na residência do Pirata Prentice, em Londres, com Katje Borgesius em pé diante da lente da câmera de Osbie Feel; o primeiro *flashback*, focalizado por Katje, revela Blicero, Gottfried e Katje na base de lançamento de foguetes na Holanda; o segundo, focalizado agora em Blicero, remete-nos às experiências deste no Sudoeste Africano, nos anos 1920, junto ao (ainda) jovem Enzian. Então, voltamos momentaneamente para o segundo momento (na bateria de lançamento de foguetes na Holanda), a fim de iniciar um terceiro *flashback*, desta vez focalizado em um dos ancestrais de Katje no século XVII, Frans van der Groov, nas Ilhas Maurício; a narração termina remetendo o leitor ao local de onde começou, só que um pouco depois, com Katje em pé diante da lente da câmera de Osbie Feel.

²⁰³ WEISENBURGER, 2006, p. 03.

Ainda segundo Weisenburger, o caráter circular de *Gravity's Rainbow* remeteria à forma de uma mandala, com seus quatro quadrantes marcados por datas importantes no calendário litúrgico cristão, traçando um movimento em que o círculo de morte associado ao Foguete, com a aproximação do fim, a cair sobre o Teatro Orfeu, quase se fecha. Diz Weisenburger:

Gravity's Rainbow é traçado como uma mandala, com seus quadrantes cuidadosamente marcados por dias de festas cristãs que coincidiram, em 1944-45, com datas históricas importantes (...). As implicações desse esquema são diversas – e maravilhosamente complexas.²⁰⁴

Weisenburger passa, então, a enumerar essas coincidências entre as datas do calendário litúrgico cristão e as quatro partes do romance, resultando tal estrutura em um tema de salvação:

A parte 1 começa em 18 de dezembro de 1944, na época do Advento, e termina nove dias depois, a 26 de dezembro (...). A parte 2 começa em torno do Natal, com Slothrop recém-chegado a Mônaco, e termina em 20 de maio – Pentecostes, quando os cristãos celebram a descida do Espírito Santo aos discípulos, sete semanas depois da Páscoa. (...) A parte 3 começa com uma obscura referência aos quatro dias santos em meados de maio e termina na Festa da Transfiguração, celebrada em 6 de agosto pela Igreja Católica para marcar a revelação terrena final de Cristo de sua divindade (...). Mas 6 de agosto de 1945, foi também o dia em que Hiroshima foi bombardeada. A parte 4 começa com uma analepse até aquele dia, com Tyrone Slothrop no topo de uma montanha no centro da Alemanha, onde ele “se torna uma cruz, uma encruzilhada” e, a partir daí, começa a desaparecer do romance. Transfiguração: Hiroshima. Depois de referências espalhadas à bomba atômica, e insinuações narrativas de que bomba e foguete são tecnologias que serão unidas em breve, a parte 4 termina, nominalmente, por volta de 14 de setembro de 1945, na Festa da Exaltação da Santa Cruz, cuja contraparte fictícia é o “levantamento de foguetes” da V-2 número 00001 por Enzian e seus companheiros hereros. Figuralmente, a parte 4 termina com uma prolepsia e analepse quase simultâneas. O proléptico salto para frente no tempo nos leva a Los Angeles e ao Teatro Orpheus, por volta de 1970. O salto analéptico revela o disparo do Foguete 00000, com seu sacrifício de Gottfried (paz de Deus), que finalmente ocorre após muita expectativa na Charneca de Lüneburg, ao meio-dia, durante a Páscoa de 1945. Mas em 1945 o dia santo da Páscoa caiu no Dia da Mentira. Páscoa: Dia da Mentira. Essa coincidência ocorrera apenas quarenta e três vezes desde 500 d.C.; ocorreu novamente em 1956, mas não voltaria a acontecer durante o século XX. Esta é a forma de *Gravity's Rainbow*: uma mandala, com seus quatro quadrantes marcados por datas cruciais no calendário litúrgico cristão, que traça um movimento em que o

²⁰⁴ WEISENBURGER, 2006, p. 09.

círculo da morte redentora, ou a mentira (leia-o como quiser) está quase fechado.²⁰⁵

Como se vê, conforme nos mostra Weisenburger, a narração de *Gravity's Rainbow* marca o tempo mencionando algumas datas em estreita conexão com certos momentos do calendário litúrgico cristão e, como tal, a acumulação desses índices temporais define um período de nove meses na qual a principal ação do romance transcorre, ou seja, de meados de dezembro de 1944 até o início de setembro de 1945, compondo, desta forma, um círculo quase fechado ou mandala parcial ao qual Pynchon anexou uma infinidade de cortes e saltos, para frente e para trás, ao longo do tempo histórico.

Mas o que significa, afinal, essa forma circular incompleta que emerge do plano geral da obra? Será alguma espécie de recusa a um final, consistente com a experiência contemporânea? Ou, então, será porque a obediência ao fim acorrenta a ação e o pensamento a processos determinísticos? Não seria o abandono das causalidades que definem o romance realista um meio de resistência aos aparatos dedicados ao controle e à dominação denunciados pelo livro de Pynchon? Tentemos uma interpretação.

Vivemos em um mundo carente de formas que impliquem um sentido, ou antes, uma direção, e isto aparece refletido no livro de Pynchon, o que faz dele um texto altamente representativo destes tempos. Isto, no nosso entender, dá testemunho de sua força e vitalidade, as quais apóiam sua pertinência pela forma com que literalmente configura o mundo contemporâneo, seus anseios e temores. Portanto, muito mais do que o simples desejo de criar um “estilo” único, a forma como a narrativa pynchoniana anula o sentimento de direção [a um fim] representa um gesto de verdadeira honestidade intelectual em consonância com seu próprio tempo.

Pois bem. Se a modernidade tem como elemento fundamental o sentimento de direção,²⁰⁶ o movimento em direção a um *fim*, na contemporaneidade fica anulado tal sentimento.²⁰⁷ Ora, o que se pode dizer é que existe na “narrativa” pynchoniana

²⁰⁵ WEISENBURGER, 2006, p. 09-10.

²⁰⁶ “A construção do tempo dos modernos (...) fora expressa por uma assimetria entre ‘espaço de experiência’ e ‘horizonte de expectativa’, bem como por um ‘futuro aberto’ para o qual acreditava-se poder nos dirigir a partir do presente e que se acreditava poder formar e preparar no presente mediante o agir. Exatamente essa constelação gerou a impressão do curso histórico determinado em *uma* linha (‘do tempo’).” (GUMBRECHT, 1998, p. 284)

²⁰⁷ A tendência de anulação do sentimento de direção nas narrativas contemporâneas se manifesta igualmente em certa pintura contemporânea, sob a forma de anulação do sentimento de profundidade,

como que um esgotamento deste “caminhar para frente”, a perda de tensão em direção a uma *meta*:

Para Pynchon, significa que a arte fabrica uma ilusão de sentido – um “complô” no qual “todas as peças se encaixam” – sem a qual o peso da individualidade torna-se insuportável. A paranoia é a “descoberta de que *tudo está conectado*”. Todavia, a própria arte de Pynchon corta essa “descoberta”. Seus “complôs” não levam a parte alguma. (...) Tampouco Slothrop desvenda o “megacartel” que opera a moderna máquina de guerra. Ao contrário, sua perseguição à sinistra e esquiva “Firma” apenas reforça a suspeita de que vivemos em um mundo onde nada está ligado a nada, um mundo sem governo, controle ou direção discernível, no qual “as coisas apenas acontecem” e a história consiste de “fatos renovadamente criados de um momento para outro”.²⁰⁸

Consideremos, pois, o modo como o livro de Pynchon busca destruir esta *ilusão* de sentido. Fato é que a narrativa pynchoniana não se concretiza, não se realiza, é, antes, inconclusa, aporética; não tende para nenhum limite, para nenhum fim, deixando de ter, portanto, sentido ou *direção*. Já não caminha para frente, em direção a uma *meta*, mas desenvolve-se lateralmente.²⁰⁹ Deste modo, a narrativa não tende para nenhum limite nem nunca atinge seu fim,²¹⁰ (“como uma função matemática que se expande em uma série de potências *sem qualquer termo geral*, interminavelmente”²¹¹), e o segmento narrativo final de *Gravity’s Rainbow* testifica essa ideia de interrupção ou inacabamento, no momento em que o Foguete desce sobre o teatro, quando então é interrompido, e substituído por uma cançoneta que também é interrompida por um traço: “Agora todo mundo –”.²¹²

Existe, na crítica literária (a exemplo de Frank Kermode), certa preocupação com os finais: o desejado e esperado final da estória. No caso do livro de Pynchon, que, no último instante, concebe o impensável, mas que, em lugar de um fechamento ou conclusão, faz com que esse momento seja abruptamente interrompido com um traço,

esgotando-se nos limites da própria imagem, na obra de pintores tais como Jackson Pollock, Mark Rothko, Barnett Neuman, etc.

²⁰⁸ LASCH, 1987, p. 142-143.

²⁰⁹ Um bom exemplo do emprego desse procedimento narrativo é o romance de Jennifer Egan, *A visita cruel do tempo* (2010), em que as personagens e eventos não se desenvolvem de forma linear, mas lateralmente. A questão que se coloca é: onde encontrar a gênese ou o(s) precursor(es) desta “estratégia” narrativa?

²¹⁰ “A narrativa de *Gravity’s Rainbow* se aproxima de um fim, mas o evita. Combina a elegância de uma estrutura predeterminada e a ininteligibilidade da pura coincidência.” (WEISENBURGER, 2006, p. 11)

²¹¹ “Cada elocução uma flor fechada, capaz de esfoliação e infinita revelação (como uma função matemática que se expande como um botão florido em uma série de potências *sem qualquer termo geral*, interminavelmente, obscuramente, embora nunca completamente de surpresa)...” (PYNCHON, 2006, p. 96)

²¹² PYNCHON, 2006, p. 776.

impedindo assim a queda do Foguete sobre o teatro, deixando-a em suspenso, na iminência da destruição.²¹³

Ora, em uma tradição cultural como a ocidental, que trata o tempo histórico como primordialmente linear, existe a necessidade de experimentar, ou antes, de satisfazer tal anseio por um final (a narrativa como algo que move-se obrigatoriamente em direção a um “fim prometido”). Contudo, essa expectativa no livro de Pynchon encontra-se frustrada, sendo substituída por uma ideia de narração inteiramente outra, apartada, portanto, do paradigma de *fim*.

Está claro, pois, como diz Kermode, que, “em termos gerais, nossas ficções se apartaram, por certo, da simplicidade do paradigma de fim: elas se tornaram mais ‘abertas’”,²¹⁴ e *Gravity’s Rainbow* é prova disso: ele termina, obviamente, mas evita um final definitivo, mantendo-se em aberto, inconclusa²¹⁵ (em contraste, portanto, com os paradigmas narrativos tradicionais, ainda regidos por uma percepção bíblica do tempo, com um começo, um meio e um fim determinados, a dotar as narrativas de uma unidade completa²¹⁶), anulando, desta forma, a ideia mesma de sentido como também a própria forma.

Esta ausência de sentido ou direção manifesta-se igualmente no senso de desorientação das personagens, sobre cujos destinos e *fins* também pouco se sabe. Algumas personagens inclusive não possuem qualidades humanas, são insólitas demais,

²¹³ Exatamente como em *O Leilão do Lote 49*, que termina em uma nota de ameaça iminente, recusando assim a fechar o texto, simplesmente interrompendo a narrativa momentos antes de ser leiloado o possivelmente revelador lote 49. Reproduzo-o na íntegra, em seu derradeiro parágrafo, a título de comparação: “‘Já vai começar’, disse Genghis Cohen, oferecendo-lhe o braço. Na sala de leilões, os homens vestiam ternos de *mohair* preto e tinham rostos pálidos, cruéis. Acompanharam-na [Édipa Maas] com os olhos quando entrou, cada qual tentando esconder seus pensamentos. Loren Passarine pairava sobre o estrado como se manipulasse marionetes, os olhos brilhando, um sorriso experiente e implacável. Fixou o olhar em Édipa, sempre sorridente, como se dissesse: surpreende-me que você realmente tenha vindo. Ela sentou-se sozinha, nos fundos da sala, observando as nucas dos presentes, procurando adivinhar qual era seu alvo, seu inimigo, talvez sua prova. Um assistente fechou a pesada porta que dava para o saguão e suas ensolaradas janelas. Ouviu o ruído de um ferrolho que corria, o som ecoando por um instante. Passarine abriu os braços num gesto que parecia pertencer ao sacerdócio de alguma remota cultura, ou quem sabe como um anjo que descesse à terra. O leiloeiro limpou a garganta. Édipa acomodou-se na cadeira para esperar o leilão do lote 49” (PYNCHON, 1993, p. 166). Também em *V.*, nosso senso de fim é perturbado pelo fato de que seu epílogo acontece no passado (entre fevereiro e junho de 1919). Desta forma, a possibilidade de uma catástrofe, que paira constantemente sob o pano de fundo de *V.*, permanece em suspenso pela recusa de Pynchon em fornecer um final climático ao romance.

²¹⁴ KERMODE, 2000, p. 17.

²¹⁵ “O romance terminará. Poderá se evitar um final definitivo, mas haverá um fechamento: um falso ponto final (...)” (KERMODE, 2000, p. 142)

²¹⁶ “Os paradigmas fictícios tradicionais pertencem em realidade a um mundo no qual a relação entre princípio e fim não é muito clara: um mundo de seis dias, o esquema de mundo apertado de Santo Agostinho (...)” (KERMODE, 2000, p. 162-163)

com talentos especiais – “clarividentes e mágicos malucos, telecinéticos, viajantes astrais, coletores de luz”²¹⁷ – a exemplo de “Pirata” Prentice, que possui o estranho talento de “administrar” as fantasias de outras pessoas:

Bem, hrrump, heh, heh, não é que a Condição do Pirata o está atacando outra vez, quando ele menos espera, como sempre – vale à pena explicar aqui que boa parte do que os dossiês chamam de Pirata Prentice é um estranho talento para – bem, para penetrar nas fantasias dos outros: saber arcar com o fardo de *administrar* as fantasias deles (...).²¹⁸

Alguns teóricos do romance, no entanto, a exemplo de James Wood, enxergam nisso uma fraqueza, e criticam em Pynchon, entre outras coisas, o excesso de enredo(s) e a baixa densidade psicológica de suas personagens, ou seja, como rasos demais:

Não existe nada mais setecentista do que o amor de Pynchon pela multiplicação picaresca do enredo, seu arremedo de pedantismo que, ao mesmo tempo, é um amor pelo pedantismo, seu costume de apresentar personagens rasos dançando em cena por um instante, para despachá-los logo em seguida, seu gosto vaudeviliano por nomes bobos, piadinhas, reverses, disfarces, erros farsescos etc. Há como extrair prazer dessas telas agradáveis e cheias de gente, e há trechos de grande beleza, mas, tal como na farsa, a seriedade final paga um preço considerável: todos, no fundo, estão protegidos de ameaças reais porque ninguém existe de fato. As enormes turbinas da incessante criação de histórias fazem tanto barulho que não é possível ouvir ninguém.²¹⁹

No entanto, perguntemos: não estaria precisamente nisso a força da obra de Pynchon? E ainda: não seria talvez o caso de dizer que o livro de Pynchon recusa tanto as convenções do realismo formal quanto as do experimentalismo moderno, para então postar-se entre ambos e, assim, dar vida a uma nova configuração romanesca, híbrida, excessiva, saturada?

Ora, todos os elementos narrativos empregados no romance – desenrolar cronológico e causal dos eventos, enredos lineares, tensão de cada acontecimento na

²¹⁷ PYNCHON, 2006, p. 40. Dentro da economia geral do texto, alguns desses talentos especiais são mais ou menos decorativos, servindo apenas para adicionar textura, complexidade ou humor à narrativa, enquanto outros possuem funções narrativas centrais: por exemplo, as sessões espíritas de Carroll Eventyr facilitam os *flashbacks* da Inglaterra dos anos 1944-45 para o período de Weimar em Berlim, centrado em Peter Sachsa. Outros servem funções temáticas importantes dentro do projeto conceitual e temático maior do romance. Destes, o mais importante é “Pirata” Prentice.

²¹⁸ “Well, hrrump, heh, heh, here comes Pirate’s Condition creeping over him again, when he’s least expecting it as usual – might as well mention here that much of what the dossiers call Pirate Prentice is a strange talent for – well, for getting inside the fantasies of others: being able, actually, to take over the burden of managing them (...).” (PYNCHON, 2006, p. 12)

²¹⁹ WOOD, 2012, p. 126-127.

direção de um fim, etc. – buscam impor a imagem de um universo estável, coerente e inteligível. Por exemplo: na tradição do modernismo literário, o monólogo interior ainda pressupõe um mundo exterior inteligível, e suas personagens buscam desvendar as ilusões aparentes, na esperança de encontrar a verdade escondida por trás delas, mesmo que isso o leve ao coração do abismo. (Na ficção de Pynchon, a jornada interior não leva à parte alguma, nem mesmo a uma maior compreensão da história ou a um maior entendimento de si mesmo, e quanto mais se ascende na busca por um sentido, mais se evidencia a impossibilidade de um tal sentido [ainda que tal busca seja a única coisa que mantenha tais criaturas vivas].) Tais romances oferecem, pois, a ilusão de que o mundo obedece a algum princípio interno de racionalidade, a qual se liga a uma determinada visão de mundo, racionalista e sistemática, cujo desabrochar corresponde ao advento da era moderna. Contrariamente a isso, o romance pynchoniano, parece estar comprometido com a destruição desta *ilusão* de sentido, por meio do estabelecimento de uma narrativa sem por quê ou para quê, sem direção, sem objetivo, sem finalidade.

Sendo assim, a ausência de continuidade lógica ou narrativa será uma das principais marcas do romance contemporâneo, em que as relações narrativas são inteiramente modificadas: completamente esvaziada de sentido ou direção, a “narrativa” já não chega ao fim, mas se dissipa, esvai-se pouco a pouco – *desintegra-se*. É a falência das chamadas narrativas históricas ou tradicionais, em que a ausência de sentido ou direção se transforma em um dos problemas centrais do romance contemporâneo. (Tais “narrativas” não se realizam, não chegam ao fim, são indecíveis, e isso concorda com o sentimento da existência contemporânea, seu grau de incerteza. Tornamo-nos, com isso, incapazes de estabelecer inícios e pontos finais para as histórias narradas [neste ponto, a sequencialidade da narração é convertida numa dimensão de simultaneidades, deixando o final de ter qualquer efeito ou sentido²²⁰].)

Esse tipo de problemática poderia, na verdade, ser remetido à obra de Gustave Flaubert, especialmente ao seu romance *Educação Sentimental* (1869), porém, a ausência de sentido aqui está associada à ideia de desilusão (descrença), e longe de aboli-los, a narrativa flaubertiana conserva ainda a unidade estética e o sentido

²²⁰ “Se não é possível sentir o tempo como sucessão, o final deixa de ter efeito.” (KERMODE, 2000, p. 157)

monológico do texto. Em todo caso, todos estes romances são extremamente pobres em ação (consequência talvez de um rebaixamento da experiência e da supervalorização do pensamento abstrato?). Isso, contudo, não significa dizer que no romance não acontece mais nada;²²¹ acontece que ele não se preocupa (mais) com narrar estórias, mas em colocar problemas, deixando de ser narrativo e tornando-se *problemático*.²²² De fato, o que parece ter mudado em definitivo é o fato da narração não estar mais compreendida no romance, quando este deixou de ser narrativo ao abandonar o esquema sensorio-motor, o acontecer físico em séries de causa e efeito. (Assim, o romance abandonou definitivamente a ideia de sucessão, já que a sucessão existe desde o início como lei da causalidade.) É claro, portanto, que a narração continua presente no romance, mas não será mais a narração que contará, estando ali somente a título de índice,²²³ pois o romance não se confunde mais com o que se passa no tempo, porquanto não está colocado mais do lado da sucessão causal, mas está construído sobre novas formas de exposição, tais como a colocação em série, a justaposição, etc.²²⁴

Neste ponto, cabe mencionarmos o célebre estudo de Alain Robbe-Grillet sobre o “novo romance”, intitulado *Por um novo romance* (1963), o qual busca esclarecer as novas relações que se constituíram entre o homem e o mundo e de como o novo romance, em contraposição à antiga configuração romanesca, apreende a realidade circundante. Diz Robbe-Grillet:

A narrativa, tal como a concebem nossos críticos acadêmicos (...) representa uma ordem. Esta ordem, que com efeito pode ser qualificada de natural, está ligada a todo um sistema, racionalista e organizador, cujo desabrochar corresponde à tomada do poder pela classe burguesa. Nesta primeira metade do século XIX, que viu o apogeu – com a *Comédia Humana* – de uma forma narrativa, em

²²¹ “O próprio meio das ações é inativo, não porque não aconteça nada, mas porque o que acontece não pode ser mais conceitualizável nem narrável como encadeamento de ações (...)” (RANCIÈRE, 2017, p. 41-42)

²²² “Que o romance, notadamente depois de Joyce, tenha encontrado uma nova linguagem do tipo ‘Questionário’ ou ‘Inquisitório’, que ele tenha apresentado acontecimentos e personagens essencialmente problemáticos não significa, evidentemente, que não se esteja seguro de nada; não é, evidentemente, a aplicação de um método de dúvida generalizada, não é o signo de um ceticismo moderno, mas, ao contrário, a descoberta do problemático e da questão como horizonte transcendental, como foco transcendental que pertence de maneira ‘essencial’ aos seres, às coisas, aos acontecimentos. É a descoberta romanesca da Ideia (...)” (DELEUZE, 1988, p. 276)

²²³ “A narração continua sendo uma necessidade humana básica, mesmo desprovida de seqüências lineares de causas e efeitos, ou precisamente porque causas e efeitos claros estão em falta.” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 108)

²²⁴ No nosso entender, o romance contemporâneo é marcado precisamente pelo desenvolvimento de uma nova forma de “exposição”, com variações de espaço e de tempo, capaz de estabelecer a relação entre duas ou mais séries de eventos paralelos, ao dispô-los de forma simultânea.

relação à qual se compreende porque ela continua a ser para muitos algo como um paraíso perdido do romance, algumas certezas importantes estavam em circulação: em particular, a confiança numa lógica justa e universal das coisas. (...) Como a inteligibilidade do mundo não estava nem mesmo em questão, contar não apresentava problema algum. Mas eis que, a partir de Flaubert, tudo começa a vacilar, o sistema inteiro não é mais do que uma lembrança (...). No entanto, basta ler os grandes romances do começo de nosso século para constatar que, se a desintegração da intriga não fez mais do que tornar-se nítida no decorrer dos últimos anos, há muito tempo ela já tinha deixado de constituir o arcabouço da narrativa. (...) Narrar tornou-se literalmente impossível.²²⁵

Sendo assim, a ausência de continuidade lógica ou narrativa será uma das principais marcas do romance contemporâneo: as relações narrativas foram inteiramente modificadas, desaparece o âmbito da comunicação dotada de sentido (uma vez que aqui, em última instância, já não transcorre ação alguma) e, completamente esvaziada de sentido ou direção, a “narrativa”, como dissemos, já não chega ao fim, mas se dissipa, esvaindo-se pouco a pouco.

Então, se por um lado, como diz Robbe-Grillet, narrar tornou-se impossível, por outro, ela [a narrativa] é levada ao seu limite, a ponto de se converter numa espécie de “estudo” comparativo de determinados grupos de acontecimentos. (É o caso, por exemplo, de *Naked Lunch*, romance de William Burroughs, cujos acontecimentos se ligam, em sua maioria, ao problema do vício, ao reunir todas as figuras possíveis sobre este, a mais completa possível: vício em drogas, sexo, dinheiro, poder, etc.²²⁶)

É o que se poderia chamar também de uma entropização dos critérios narrativos em geral (a entropia enquanto a progressiva desordem de um sistema, até a sua completa desintegração²²⁷)?

²²⁵ ROBBE-GRILLET, 1969, p. 25.

²²⁶ Voltaremos a isso mais adiante, em nossa análise do livro de Burroughs.

²²⁷ Como é sabido, a entropia constitui o tema da segunda lei da termodinâmica. A primeira lei, o princípio da conservação de energia, se limita a formular a essência da dinâmica. Já o segundo princípio vai além e postula uma tendência uniforme do acontecer físico, o qual não está de modo algum condicionado *a priori* pelos conceitos fundamentais da dinâmica clássica. Ora, após o primeiro princípio ter esboçado o quadro rigoroso de um acontecer físico em séries de causa e efeito, o segundo princípio, com a introdução da irreversibilidade, traz à tona uma tendência da vida imediata, que contradiz fundamentalmente a essência da mecânica. Agora, se perseguirmos as consequências da doutrina da entropia, resultará, em primeiro lugar, que, teoricamente, todos os processos devem ser reversíveis. Esta é uma das exigências fundamentais da dinâmica. Assim exige com toda rigorosidade a primeira lei. Porém, resulta que, em realidade, com a segunda lei da termodinâmica, todos os processos naturais são irreversíveis. Nem sequer nas condições artificiais da experimentação pode-se reverter o processo mais simples, restabelecendo-o à sua condição anterior. Sobre esse ponto, cf. Oswald Spengler, *Der Untergang des Abendlands*, Erster Band: Gestalt und Wirklichkeit. München: C.H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung, 1923a, p. 601ss. Ver Referências bibliográficas.

“O próximo grande passo à frente poderá vir quando tivermos a coragem de jogar fora a causalidade de uma vez por todas, e partir para ver a coisa de outro ângulo.”²²⁸

E se, neste ponto, recordarmos as primeiras palavras do livro de Pynchon, isso não constituirá nenhuma surpresa: “Um grito atravessa o céu. Já aconteceu antes, mas nada que se compare a esta vez.”²²⁹ Um grito, ou seja, uma voz inarticulada, sem sentido, cruza o céu de um extremo a outro, como um relâmpago que, partindo de um ponto, brilha até o outro, indo de Oriente a Ocidente. Pois bem. Acreditamos que o problema do sentido, ou antes, da direção, está no centro dessa “narrativa” que, como tal, conforme o próprio texto, já ocorrera antes, isto é, já esteve presente em outros momentos da história – pois a nenhuma das grandes culturas ele é estranho –, mas, continua o texto, de forma alguma se compara a esta vez, pois, neste ponto da história, ele surge em sua forma mais extrema, ou seja, enquanto ausência consumada de sentido ou direção.

Porém, se, neste ponto, o sentido já não existe, é porque ele deixou de ser, ou é porque ele jamais existiu? E mais: devemos supor que o elemento “sentido” encontra-se presente em todo o aparato biológico humano, ou tratar-se-ia apenas de uma disposição espiritual do homem moderno? Afinal, a disposição espiritual do homem moderno não exige a imagem de um mundo em evolução, que tenha um começo e uma *meta*?²³⁰

Por fim, o que chama a atenção no livro de Pynchon é que aparentemente ele também não pretende ensinar nada. Um homem dá em cima de uma mulher e é tudo. Um soldado enche a cara e é tudo. Uma velha viúva morre numa explosão e é tudo. E é assim que ele descreve. É interessante, é engraçado, é triste, mas continuamos sem saber *para que* as pessoas vivem. Falta aqui também o sentido, o propósito, ou antes, a meta (não há, portanto, nenhuma moral, nenhuma causa, nenhum efeito ou consequência). No mais, as personagens de *Gravity's Rainbow* surgem como que do nada, são quase totalmente desprovidas de passado, sem uma origem própria ou definida.

²²⁸ “The next great breakthrough may come when we have the courage to junk cause-and-effect entirely, and strike off at some other angle.” (PYNCHON, 2006, p. 91)

²²⁹ “A screaming comes across de sky. It has happened before, but there is nothing to compare it to no.” (PYNCHON, 2006, p. 03)

²³⁰ “A necessidade mítica do homem ocidental exige a imagem de um mundo em evolução, que tenha um começo e um *objetivo*. (...) Ao homem do Ocidente o absurdo de um universo simplesmente estático é intolerável. É preciso pressupor-lhe um sentido.” (JUNG, 2006, p. 366)

Quaeritur: será porque o sentido aí realmente não tem importância alguma ou será porque essa importância é minimizada na contemporaneidade? Será o fim da história, da consciência histórica, tal como pretende Pointsman?

Ele [Pointsman] recorre a Mexico todas as manhãs como a uma cirurgia dolorosa. Cada vez mais incomodado pela aparência de menino, pelas brincadeiras de estudante. Mas é uma visita que ele tem que fazer. Como é que Mexico consegue jogar, tão à vontade, com estes símbolos de aleatoriedade e medo? Inocente como uma criança, talvez inconsciente – talvez – de que com este seu jogo ele destrói os elegantes salões da história, ameaça a própria ideia de causa e efeito. E se toda a *geração* de Mexico estiver assim? Será que o Pós-guerra vai se reduzir a uma sucessão de “eventos”, surgidos do nada de um momento para o outro? Nenhuma ligação? Será o fim da história?²³¹

O que se descortina aqui com a angústia de Pointsman não é justamente a possibilidade aterradora de a verdadeira história não ter nenhum sentido? Como diz Paul Ricoeur:

E se a história *efetiva* não tiver nenhum sentido? e se a reconciliação hegeliana não for senão uma invenção de filósofo? O nada cuja ameaça se anuncia é um nada de sentido (...), um nada de sentido no coração deste sentido presumido que deveria conferir propósito e missão (...).²³²

Para fornecer alguma contextualização interdisciplinar neste sentido, é preciso considerar o modo como a história é conceitualizada em certa historiografia contemporânea – como, por exemplo, no trabalho de Hayden White, autor de *Meta-história* (1973). Aí, White demonstra como a historiografia, assim como a literatura, tende a assumir certas qualidades formais – na obra de Ranke, Michelet, Tocqueville e Burckhardt, ora cômica, ora trágica, ora romântica, ora irônica. As implicações são óbvias. Os historiadores moldam seu material: a escrita da história, como a escrita de ficção, envolve seleção, subjetividade, “enredo” (o “sentido” da história entendido portanto como um problema de interpretação). White enfatiza esse ponto em um artigo de 1986:

Estamos inclinados a dizer que *certos* conjuntos de eventos históricos são intrinsecamente de natureza trágica ou cômica ou épica ou farsesca e que, portanto, eles admitirão um e apenas um modo de enredo (...). Mas eventos reais são trágico ou cômico ou épico ou farsesco somente

²³¹ “He [Pointsman] goes in to Mexico each morning as to painful surgery. Spooked more and more by the choirboy look, the college pleasantries. But it’s a visit he must make. How can Mexico play, so at his ease, with these symbols of randomness and fright? Innocent as a child, perhaps unaware – perhaps – that in his play he wrecks the elegant rooms of history, threatens the idea of cause and effect itself. What if Mexico’s whole *generation* have turned out like this? Will Postwar be nothing but “events”, newly created one moment to the next? No links? Is it the end of history?” (PYNCHON, 2006, p. 57)

²³² RICOEUR, 1968, p. 301.

quando vistos da *perspectiva* dos interesses dos grupos ou agentes específicos envolvidos nele. Trágico, cômico, épico e farsesco não são categorias *descritivas* de eventos reais. Quando aplicadas a eventos reais, tais categorias são, na melhor das hipóteses, *interpretativas*, o que equivale dizer, modos de atribuir significado a tais eventos, configurando-os como estórias de um tipo reconhecível (...).²³³

Pois bem. A ficção da continuidade, a ficção de causa e efeito, a ficção de uma história dotada de sentido ou direção: é isto que aparece colocado em xeque na obra de Pynchon:

“Simplesmente não sabemos para onde as coisas estão indo, ou qual é o significado disso tudo (...).”²³⁴

Voltemos ainda uma vez mais ao problema da forma. Ora, o romance de Pynchon tem um sentido, ou antes, uma forma, algo diversa do que tinha o romance, originalmente, no século XIX, com o “realismo formal”,²³⁵ ou mesmo na primeira parte do século XX, com o romance dito “moderno”,²³⁶ ao abandonar tanto o enfoque realista quanto o experimental.

Para ficarmos apenas com o romance moderno, é sabido que grande parte da produção romanesca do século XX se caracterizou, sobretudo, por uma série de experimentações estilístico-formais. Joyce, por exemplo, desenvolveu as “palavras-valises”; Beckett organizou a frase sobre várias camadas de significantes, de modo a expressar todo um horizonte de possibilidades semânticas; Huxley desenvolveu a técnica do “contraponto” narrativo; Roussel desenvolveu o “procedimento”, jogando com o duplo sentido das palavras; entre outros exemplos (Kafka, Woolf, Proust, etc.) – o que nos leva a concluir que o romance moderno é fortemente marcado pela ideia de

²³³ Hayden White, “Historical Pluralism”, In: *Critical Inquiry*, 12.3 (Spring 1986), p. 487. De fato, a historiografia contemporânea implodiu com a noção tradicional de uma história “oficial”, enfatizando a narratividade sobre um tempo histórico que foi desestabilizado, segundo Linda Hutcheon, por “uma preocupação pós-moderna em relação à multiplicidade e à dispersão da(s) verdade(s) (...)”. (HUTCHEON, 1991, p. 175)

²³⁴ “Just won’t know what things are coming to, or what’s the meaning of it all (...)” (PYNCHON, 2006, p. 767)

²³⁵ Ver Ian Watt, “O realismo e a forma romance”, In: *A ascensão do romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Ver Referências Bibliográficas.

²³⁶ “O século XIX assistiu ao crescimento e ao esplendor do gênero romanesco, sobretudo na França, na Inglaterra e na Rússia. No início do século XX, o gênero foi profundamente modificado por alguns autores: Proust, Joyce, Virginia Woolf. Esses romancistas já não se limitavam a narrar uma estória; introduziram na narrativa a exploração psicológica, a reflexão filosófica e estética, e inventaram novas técnicas como o monólogo interior, a mescla de vários segmentos temporais, as digressões ensaísticas e, no caso de Joyce, a experimentação linguística.” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 85)

experimentação formal²³⁷ e, como tal, preocupado com criar o novo, em *fazer* o novo (o *make it new* poundiano).

Ora, o texto joyceano, por exemplo, está completamente ancorado na experimentação linguística, o qual, em seus “belos jogos de malabarismo com as palavras”,²³⁸ institui uma linguagem a mais estilizada, em jogos de palavras, neologismos e hibridismos de todo tipo.²³⁹ Ora, não se deve procurar em *Gravity’s Rainbow*, como no romance joyceano, uma forma estilizada, mas uma forma indeterminada: com essa expressão buscamos designar uma obra em que a forma enquanto tal é continuamente rompida, adiada, reconduzida de volta ao indeterminado.²⁴⁰ Aqui, registros e domínios se sobrepõem, fronteiras não cessam de se deslocar, com um domínio ou registro como que a deslizar sobre o outro, e isto como consequência do apagamento das fronteiras nela operado. Aqui, nada possui função ou posição constantes, a narrativa muda de tom e consistência em frações de segundo, constituindo-se em autênticas zonas de indeterminação, que formam um sistema narrativo instável, em perpétuo desequilíbrio (aquilo que designamos anteriormente de entropização dos critérios narrativos).

Assim, definindo-se por uma enorme faixa de indeterminação a recobri-la, a “narrativa” pynchoniana não só não é estável como também não há linha de demarcação entre os diferentes registros e domínios que a compõe. Imagens de esbatimento se sucedem:

²³⁷ “Esta literatura moderna que escava uma ‘língua estranha em sua língua’ e, através de um número ilimitado de construções gramaticais superpostas, tende a uma expressão atípica, agramatical, como que visando ao fim da linguagem (poderíamos citar, entre outros e a título de exemplo, o livro de Mallarmé, os ensaios de Péguy, os sopros de Artaud, as agramaticalidades de Cummings, as dobraduras de Burroughs, *cut-up* e *fold-in*, mas também as proliferações de Roussel, as derivações de Brisset, as colagens Dada...)” (DELEUZE, 2006, p. 141)

²³⁸ “Joyce procurava despertar do pesadelo da história para poder fazer belos jogos de malabarismo com as palavras.” (PIGLIA, 2010, p. 194)

²³⁹ Sem pretender com isso esgotar o assunto, eis uma pequena amostra, espécie de trava-línguas joyciano, extraída de *Ulysses* (1922): “O peito do pé de Predo é Pedro é peto é petro é preto. (...) Almas, almos, palmas de almas aos palmos. (...) Ele entregou-lhe sua segundamelhor cama. Punkt Entregoulhessua Segundamelhor Entregoulhessua Camelhor Suacama Camegunda.” (JOYCE, 2012, p. 346-347, 362)

²⁴⁰ Conforme Herman & Weisenburger apontam: “Não queremos exagerar o grau em que Pynchon se desvia da ficção moderna. Ao contrário de Joyce em *Finnegans Wake* e outros escritores depois dele, Pynchon raramente cria sua própria linguagem. De fato, pode-se ver que ele zomba dessa tendência, invertendo-a (...)” (HERMAN e WEISENBURGER, 2013, p. 97). Acreditamos, no entanto, que o que distingue o livro de Pynchon em relação a *Ulysses*, por exemplo, é a paisagem não-humana (ou antes, pós-humana) que nele predomina, ficando distante, portanto, da paisagem eminentemente humana da obra de Joyce. Assim, se, por um lado, não se deve exagerar o grau em que a ficção pynchoniana se desvia formalmente da ficção moderna, por outro, não se pode subestimar o grau desse desvio com relação à sua matéria ou temática, inteiramente outra.

Parece um museu muito extenso, um lugar em muitos níveis, com alas novas que são geradas como se fossem tecido vivo – embora a coisa toda cresça em direção a uma forma final, aqueles que estão aqui dentro não podem vê-la. Em algumas das salas só se pode entrar assumindo-se o risco, e os monitores estão a postos junto a todas as entradas para tornar isso claro. A movimentação entre essas passagens se dá sem atrito, é fluente e rápida, muitas vezes impetuosa (...).²⁴¹

Devemos, neste sentido, considerar o modo como, nele, uma esfera ou domínio imiscui-se, intromete-se na outra, em que as fronteiras, esbatidas, não cessam de se deslocar. Porque o romance de Pynchon se caracteriza precisamente pelo apagamento das fronteiras (neste caso, entre o real e o fictício, o verossímil e o inverossímil²⁴²). “Esqueça essa estória de fronteiras, de subdivisões. Não existem mais. Foi tudo suspenso.”²⁴³

Aqui na Zona as categorias estão seriamente embaralhadas. O status do *nome* que você sente falta, ama, e agora busca, tornou-se ambígua e remota, porém isso é mais do que a burocracia da ausência de massa – alguns ainda vivem, alguns já morreram, mas muitos, muitos mesmo, já esqueceram o que são. Suas aparências não servem mais. Aqui embaixo são só invólucros deixados na luz, no escuro: imagens da Incerteza...²⁴⁴

Ora, entre as principais características que definiriam a ficção pynchoniana está o fato de que o autor mescla, dentro do próprio tecido narrativo, real e fictício, verossímil e inverossímil. E não se trata apenas de meras referências: Pynchon alterna, por exemplo, entre um registro erudito (demonstrando conhecimentos em todas as áreas imagináveis, de matemática à história moderna) e narrativas dignas de estórias em quadrinhos e desenhos animados.

Contudo, não temos razão para pensar que os registros ou domínios tenham necessidade de valores superiores que os comparariam, os selecionariam ou decidiriam

²⁴¹ “It seems to be some very extensive museum, a place of many levels, and new wings that generate like living tissue – though if it all does grow toward some end shape, those who are here inside can’t see it. Some of the halls are to be entered at one’s peril, and monitors are standing at all the approaches to make this clear. Movement among these passages is without friction, skimming and rapid, often headlong (...).” (PYNCHON, 2006, p. 546)

²⁴² “Muito da força extraordinária da prosa de Pynchon provém do apagamento da fronteira entre o real e o fictício, o verossímil e o inverossímil. Ela nos leva a questionar nossos pressupostos sobre essas oposições estanques, bem como nossas divisões rígidas entre o que pertence à esfera da literatura séria e o que só tem cabimento na subliteratura.” (BRITTO, 2016, p. 286)

²⁴³ “Forget frontiers now. Forget subdivisions. There aren’t any.” (PYNCHON, 2006, p. 298)

²⁴⁴ “But here in the Zone categories have been blurred badly. The status of the name you miss, love, and search for now has grown ambiguous and remote, but this is even more than the bureaucracy of mass absence – some still live, some have died, but many, many have forgotten which they are. Their likenesses will not serve. Down here are only wrappings left in the light, in the dark: images of the Uncertainty...” (PYNCHON, 2006, p. 308)

que um é “melhor” ou mais “verdadeiro” que o outro (“Não há sentidos nem órgãos preferidos aqui, todos estão igualmente em jogo...”²⁴⁵); ao contrário, não há critérios senão relativos ou horizontais, e cada registro ou domínio se avalia por ele próprio, pelos movimentos que traça, bem como pelos sentidos que constitui. No mais, um registro ou domínio é bom ou ruim, alto ou baixo, independentemente de todo e qualquer sistema de referências enquanto valor superior: não existe outro critério senão o sentido suficiente que cada domínio ou registro contém por si mesmo, as intensidades que ele constitui, as relações que estabelece, etc.

Transgressão dos limites e fronteiras e transferência de perspectiva de um domínio para outro caracterizam, portanto, o romance pynchoniano. (Na verdade, a obra de arte contemporânea parece ter como uma de suas principais características o inclusivismo de mundos ou realidades no plural, que faz com que as antigas delimitações ou fronteiras caiam em completo desuso, ou antes, desapareçam.) Registros de toda natureza estão aí *conectados* a modos de significação muito diversos, registros científicos, tecnológicos, políticos, históricos, ficcionais, etc., colocando em jogo não somente regimes de signos diferentes, mas também caracteres de estados de coisas e de conteúdos vividos.

No fim, o que *Gravity's Rainbow* faz é romper em definitivo com as regras narrativas tradicionais ao interligar múltiplas perspectivas, indo de um registro a outro, de uma personagem a outra, ou de um evento a outro, sem as sinalizações formais características.²⁴⁶

Tomemos novamente, como exemplo, o episódio 14, da primeira parte. Como tantos outros que poderíamos considerar, este episódio interliga múltiplas focalizações, da filmagem secreta de Katje por Osbie Feel em Londres, passando rapidamente à consciência de Katje enquanto se recorda dos episódios vividos na Holanda, na base de lançamento de foguetes do Capitão Blicero, em seguida para Blicero, no contexto das lembranças de seu período passado no Sudoeste Africano junto ao jovem herero Enzian, em seguida para Gottfried, e novamente para Katje, a quem retornamos antes que a narração faça um novo salto, agora para o seu ancestral e colonizador holandês Frans van der Groov nas Ilhas Maurício, para finalmente então

²⁴⁵ “No favored senses or organs here, all are equally play...” (PYNCHON, 2006, p. 446)

²⁴⁶ É importante esclarecer que Virginia Woolf, por exemplo, assim como Proust, Joyce ou Musil, já haviam rompido, de certa maneira e cada qual a seu próprio modo, com tais regras ou esquemas. Qual é a especificidade da ruptura realizada por Pynchon? – é a isso que tentamos responder nas linhas que se seguem.

retornarmos ao início, para o que parece ser a visão do cinegrafista, com Katje em pé diante da câmera. E tudo isso, como dissemos, sem nenhum dos marcadores espaço-temporais que convencionalmente sinalizam tais mudanças ou passagens. No dizer de Luc Herman e Steven Weisenburger:

Seguir essas transições complexas requer um leitor com muita paciência e habilidade, ou uma certa disposição intuitiva de rolar com as transições livres do texto, ou algum modo de consciência drogada – ou talvez todos os três jogando em combinação. (...) Há pouca simetria, muito menos qualquer estabilidade espaço-temporal, a essas mudanças recursivas, que nos levam a pensar: Onde e quando estou? E com quem estou vendo e pensando? Uma razão para essa confusão é que a narração negligencia qualquer uma das sinalizações convencionais, as frases que atribuem pensar ou ver, como em “ela lembrou” ou “ele vê”, “ocorreu a ela” ou “isso o lembrou de” – frases que normalmente marcam passagens ontológicas ou epistemológicas na narrativa (...).²⁴⁷

O que existe em *Gravity's Rainbow*, pois, é uma configuração romanesca produzida pela transgressão das antigas fronteiras, e essa transgressão muda a tessitura da ficção em seu duplo aspecto, de organização dos acontecimentos narrados e de relação entre os diversos registros e domínios nele empregados, em que a igualdade de todos os registros e de todos os domínios, conforme proclamada pelo livro de Pynchon, deve ser pensada como integralmente horizontal: uma configuração romanesca em que as coisas ou os elementos que a constitui são verdadeiramente iguais e estão em pé de igualdade, sejam elas reais ou imaginárias, conscientes ou subconscientes, verossímeis ou inverossímeis.²⁴⁸

Todos esses exemplos são, enfim, a manifestação mais extrema de uma super-fluidez geral do texto, em que o *status* de seus elementos está mudando constantemente, ao desrealizar-se a si mesmo, negando toda realidade estável e, portanto, toda certeza. (De fato, suas mudanças de tempo e de registro e o desmantelamento final do texto impedem que o livro de Pynchon se instale em um sistema fixo.) O estável desaparece, forçando o leitor a penetrar o texto a partir de novos modos.

²⁴⁷ HERMAN e WEISENBURGER, 2013, p. 164.

²⁴⁸ Outra forma característica de horizontalidade em *Gravity's Rainbow* se manifesta na maneira pela qual o narrador exhibe pseudo-especialistas – figuras como o especialista em cinema Mitchell Prettyplace, o analista de renome internacional Mickey Wuxtry-Wuxtry, ou o porta-voz anônimo da Contraforça, e o historiador e cabalista Steve Edelman – que falam não apenas de dentro da narrativa, mas também de posições iguais àquelas do narrador.

Pois bem. Estas mudanças de tempo e de registro no romance não coincidem com a experiência sensória do homem contemporâneo, que é levado de um registro a outro de experiência, passando de um a outro muito rapidamente, de forma abrupta e sem transição? Não é assim que o homem contemporâneo apreende o mundo ao seu redor?

Busquemos agora comparar as análises precedentes do livro de Pynchon com as de outra obra literária, o romance *Naked Lunch*, de William Burroughs (1914-1997), obra essa que, como já indicamos acima, é fortemente marcada pela experimentação formal, característico do romance moderno. Com este exemplo pretendemos apontar algumas diferenças como também algumas aproximações possíveis entre o romance moderno, que tem como principal marca a experimentação formal, e certo romance contemporâneo, com sua característica escrita por *justaposição*.²⁴⁹

Ora, entre todos os autores modernos que fundaram novos procedimentos estilísticos, visando novas possibilidades formais, pode-se afirmar que, entre as técnicas empregadas na composição de romances, o *cut-up* é uma das mais interessantes. Originalmente, a técnica do *cut-up* (ou “recorte”) surgiu nas artes plásticas, por meio de Brian Gysin, pintor inglês, colaborador e amigo de Burroughs em Tânger, Marrocos. Egresso do surrealismo, Gysin desenvolveu uma maneira diferente de intervir sobre uma tela de pintura ao dispor sobre a superfície da tela vários tipos de recortes, que incluíam textos literários e recortes de jornais. De modo análogo, alguns experimentos foram realizados com a técnica do *cut-up* em poemas cujos resultados tiveram forte impacto sobre Burroughs. O recurso consistia em escrever um poema de forma linear, que, em seguida, era recortado e novamente rearranjado, obtendo-se assim um novo texto baseado em princípios de colagem e edição não-linear, no qual se manifestaria a experiência de uma percepção fragmentada, determinada pelo entrecruzamento de inúmeras probabilidades, e cujo resultado será uma escrita aparentemente aleatória, contrária à ordem discursiva linear, em que cada registro narrativo é independente, regido por suas próprias leis e representações.

²⁴⁹ Justaposição pensada aqui não apenas como adjacência ou contiguidade, mas também como transbordo.

Em se tratando, portanto, de um procedimento linguístico geral, oposta à forma expressiva tradicional (discursiva), por si só já coloca a técnica do *cut-up* ao lado do romance dito moderno, com sua experimentação formal característica, tipicamente vanguardista.²⁵⁰

Antes de avançarmos, porém, convêm considerarmos alguns dados gerais sobre a obra e o autor.

Publicado no ano de 1959, *Naked Lunch* teve inúmeras versões, a maioria delas organizadas em Tânger. O romance cobre todo o período da vida de Burroughs em que esteve envolvido com drogas pesadas, e contra as quais lutava desde a metade dos anos 1940, em Nova York, e que na primavera de 1956 o arrastariam até o fundo mais lamentável de sua dependência, quando vivia num quarto no Bairro Nativo de Tânger.²⁵¹ Com relação ao título da obra, segundo o próprio Burroughs, ele teria sido uma sugestão do escritor e amigo Jack Kerouac. “O título foi sugerido por Jack Kerouac”, disse Burroughs. E acrescenta: “O título significa exatamente o que dizem suas palavras: Almoço NU – um momento congelado em que todos vêem o que está cravado na ponta de cada garfo”.²⁵²

Naked Lunch é uma narrativa não-linear, difícil de descrever em termos de enredo. Nela não atuam noções como causalidade e finalidade. O livro está estruturado como uma série de “vinhetas”, frouxamente ligadas, e seus temas estão arranjados de maneira justaposta, formando blocos de associações que exploram um campo global de coexistência. Tais justaposições acabam por expressar relações de natureza contrapontística, já que os elementos da narrativa se apresentam em estilhaços, ou antes, em fragmentos, se comportando como uma espécie de arte combinatória, com anotações sobre drogas, delírios, perspectivas, simetrias, cortes, montagens, etc. Ao fim, o livro de Burroughs se converte numa espécie de investigação não-linear sobre o caráter de determinados grupos de acontecimentos, em sua maioria ligados ao problema do vício,

²⁵⁰ Lembrando que o problema dos *cut-up* não é colocado por Burroughs de um modo abstrato ou universal, mas em conexão com as vanguardas literárias europeias (sobretudo francesas) da primeira metade do século XX, tais como o surrealismo e o dadaísmo. Para mais informações, cf. Malcolm Bradbury, *O romance americano moderno*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991, p. 163-164. Ver Referências bibliográficas.

²⁵¹ “Eu vivia em um quarto no Bairro Nativo de Tânger. Não tomava banho havia um ano, nem trocava minhas roupas ou as tirava do corpo, exceto para espetar uma agulha de hora em hora na carne de madeira fibrosa e cinzenta do vício terminal. Nunca limpava ou espanava o quarto. Caixas de ampolas vazias e lixo empilhavam-se até o teto. Luz e água haviam sido cortadas há muito por falta de pagamento. Eu não fazia absolutamente nada. Conseguia olhar para a ponta do meu sapato durante oito horas seguidas. Só me movia quando a ampulheta da *junk* acabava.” (BURROUGHS, 2010, p. 202-203)

²⁵² BURROUGHS, 2010, p. 199.

a fim de fixá-los como tais em expressões mais ou menos regulares. Como afirma o próprio Burroughs, seus capítulos foram compostos para serem lidos em qualquer ordem (“Você pode abordar *Naked Lunch* a partir de qualquer ponto de intersecção...”²⁵³): ao romper com o discurso horizontal ou linear, os capítulos se tornam independentes, se assemelhando a uma espécie de delírio, em que imagens se alternam e sucedem num único fluxo. Assim, ao juntar signos de campos semânticos distintos, rearranjando de maneira desconexa sentenças e parágrafos inteiros, assim como inserindo aleatoriamente historietas, anedotas e aforismos, o livro de Burroughs permite uma leitura não-linear, sem a necessidade de se seguir a ordem convencional dos capítulos.

Mas que tipo de experiência é afinal relatada em *Naked Lunch*? Drogas, todos os tipos de drogas: maconha, cocaína, benzedrina, nembutal, peiote, yagê, anti-histamínicos, etc. E, principalmente, heroína. O livro é um relato pormenorizado da doença da *junk*,²⁵⁴ ao longo de quase quinze anos da vida de Burroughs como dependente.

É claro que as drogas têm um papel importante na obra de Burroughs, contudo, Burroughs não é um mero *junky writer*. As drogas devem ser entendidas apenas como ponto de partida de toda a sua produção, ao percorrê-la de uma ponta à outra. Na verdade, Burroughs chegou a expandir o sentido de dependência para além da doença da *junk*, estendendo o termo para outros âmbitos da vida humana, como um modelo de controle. “As drogas têm um papel importante em minha obra”, dissera Burroughs, “porém estou mais interessado no vício em si mesmo, [como] um modelo de controle que torna possível a decadência dos potenciais biológicos humanos”.²⁵⁵ Consumo viciante.²⁵⁶

²⁵³ BURROUGHS, 2010, p. 187.

²⁵⁴ *Junk*: literalmente, “porcaria”, “refugo”, “lixo”, é um termo genérico para diversos medicamentos e substâncias relacionadas ao ópio (o extrato da papoula), que tem em comum propriedades narcóticas, analgésicas e hipnóticas. Seus derivados mais puros, extraídos diretamente da papoula, são conhecidos como opiáceos (por exemplo, a morfina, a codeína). Quando resultam de modificações parciais, são chamados de opiáceos semi-sintéticos (por exemplo, a heroína), enquanto os compostos sintéticos de ação semelhante à do ópio são conhecidos como opiáceos sintéticos ou opióides (por exemplo, a metadona).

²⁵⁵ MIRA e LANGER, 2001, p. 04.

²⁵⁶ Por exemplo: em *Junky* (1953), primeiro romance de Burroughs, o vício em drogas aparece como metáfora para os males da sociedade de consumo; e numa época em que as novas formas de servidão humana passam necessariamente pela simplificação e degradação do homem, como uma mercadoria, Burroughs parece correto em sua apreciação.

Evidentemente, existe toda uma tradição literária no Ocidente sobre o hábito das drogas. Grande parte dela remonta ao início do Romantismo. Em 1820, o inglês Thomas de Quincey publica *Confissões de um comedor de ópio*. O poeta francês Charles Baudelaire escreve *Paraísos artificiais* no ano de 1858. No século XX, nas décadas de 1920-1930, Walter Benjamin relata suas impressões resultantes das experiências com o haxixe, a mescalina e o ópio no texto *Sobre o haxixe e outras drogas*. Da mesma forma, Aldous Huxley publica o ensaio *As portas da percepção: céu e inferno* (1950), relatando suas experiências com a mescalina. Em 1958, o surrealista Jean Cocteau publica *Opium: o diário de uma cura*. E, mais recentemente, em 1993, o escocês Irvine Welsh publicou *Trainspotting*, posteriormente adaptado para o cinema, sobre um grupo de amigos viciados em heroína. Todavia, nenhuma dessas obras se iguala a *Naked Lunch* no que tange à experimentação formal, composta, como dissemos, a partir da técnica do *cut-up*, resultando assim num tipo de configuração romanesca em que todos os registros e fragmentos que a compõem se relacionam já não segundo as leis de causalidade ou segundo sua significação, mas antes por *justaposição*.

Nele, estão reunidos elementos de todo tipo, que colocam em questão não apenas registros formais diferentes, mas também caracteres de estados de coisas e de conteúdos vividos. Contudo, todos os tipos de coisas aqui reunidas e justapostas sobre uma mesma página, sobre um mesmo plano: acontecimentos, determinações históricas, pensamentos, indivíduos, formações sociais, etc., estão concebidas e arranjadas em termos de justaposição.

Busquemos, nessa direção, analisar alguns trechos do livro de Burroughs. Dois capítulos em especial ilustram bem tal característica, ao explorarem essa acumulação e inter-relação entre os diversos registros e domínios narrativos empregados de forma justaposta. O primeiro deles é “Hospital”, um dos capítulos que acumula mais registros, contendo pequenas notas sobre desintoxicação, pesadelos da abstinência, narrativas ficcionais, duas “vinhetas” com o Dr. Benway, uma cena passada num quarto de hospital, notas sobre o vício, etc., possuindo uma riquíssima variedade contrapontística, ao misturar diferentes registros narrativos, em sua maior parte ligados à doença da droga. O segundo capítulo em questão é “O Mercado”, capítulo esse que contém também uma variedade enorme de registros e domínios: uma sequência panorâmica da Cidade de Interzona, um relato sobre uma experiência com yagê, uma

sátira sobre as deliberações de um curandeiro com o auxílio de yagê num processo de assassinato, um episódio envolvendo Clem e Jody (personagens de Interzona), uma cena de tribunal com A.J., uma sátira sobre Cristo, Buda, Maomé e Confúcio; um mosaico composto de pequenas cenas, historietas e aforismos, uma anedota contada por A.J. sobre um garoto num bordel, e, por último, uma experiência do Dr. Benway, Iris, uma viciada em diidroxí-heroina. Ora, todas as relações aqui estabelecidas entre os diversos registros são estabelecidas por justaposição, e definem possibilidades, probabilidades de interação, ao mesmo tempo que todas estas relações constituem processos de correlação entre conjuntos de partes heterogêneas, enquanto uma coleção de relações justapostas.

Assim, como vimos em *Gravity's Rainbow*, também o livro de Burroughs trata de alguns dos temas centrais do pós-guerra, na última fase do modernismo ou início do assim chamado “pós-modernismo” norte-americano, tais como paranoia, cultura *pop*, estruturas de controle, tecnologia, aniquilação, etc., e o estilo do livro se caracteriza igualmente pelo uso das mais variadas formas de registro associados à cultura de massas, mas também o jargão científico e tecnológico, abrangendo, portanto, diversos campos e temáticas, e, assim como *Gravity's Rainbow*, une-os de maneira humorística, absurda, poética e sombria. E não somente isso. Ambos se definem igualmente pela constituição de uma nova representação do tempo, não mais de natureza diacrônica ou linear, mas sincrônica, ao abandonar, como vimos, a ideia de sucessão pela de simultaneidade. Ambos são marcados precisamente pelo desenvolvimento de uma nova forma de “exposição”, com variações de espaço e de tempo, capaz de estabelecer a relação entre duas ou mais séries de eventos paralelos, dispondo-os de forma simultânea, tornando irrelevante a nossa antiga compreensão espaço-temporal (causal), por meio de *justaposições*.

Da mesma forma em *Gravity's Rainbow* facilmente se percebe ecos de um dos episódios mais grotescos de *Naked Lunch*, o do cu falante (cujo protótipo seria acaso o sabonete falante de *Ulysses*?), o qual parece ter sido retomado e transformado por Pynchon, e a transformação é bastante instrutiva quando se busca comparar ambas as obras. Pynchon parece retomar Burroughs quando nos fornece, nas páginas de abertura de *Gravity's Rainbow*, a memorável monstruosidade de uma gigante e

salivante adenóide, “uma horrível transformação de plasma celular muito além da capacidade explicativa da medicina edwardiana”,²⁵⁷ que *assimila* seu antigo dono, o chefe do “gabinete de Novi Pazar no Ministério das Relações Exteriores”,²⁵⁸ Lorde Blatherard Osmo. Nesse sentido, a gigantesca adenóide de Pynchon se assemelha a uma versão talvez mais “simpática” do cu falante de Burroughs (ainda que não menos grotesca).

“Eu já lhe contei sobre o homem que ensinou seu cu a falar?”,²⁵⁹ a personagem de Burroughs, Dr. Benway, pergunta a “Dedos” Schafer. Benway passa então a contar a estória do cu falante:

Este homem trabalhava em um circo, sabe, e para começar era uma novidade como número de ventríloquo. Realmente engraçado, no começo. Ele fazia um número chamado “O Melhor Buraco”, que era uma doideira, vou te contar. Eu esqueci a maior parte, mas era inteligente. Algo como, “Oh, você ainda está aí embaixo, coisa velha?” “Nah! Eu tive que ir me aliviar.” Depois de algum tempo o cu começou a falar por conta própria. Ele entrava em cena sem nada preparado e seu cu improvisava, respondendo a todas as suas tiradas. Aí o cu desenvolveu uma espécie de ganchos encurvados e ásperos, à maneira de dentes, e começou a comer. Ele achou isso engraçadinho no início e bolou um número em torno da coisa, mas o cu abria caminho através das calças e começou a falar na rua, berrando que queria igualdade de direitos. Tomava porres também e tinha crises de choro, resmungando que ninguém o amava e que queria ser beijado como qualquer outra boca. No final, falava o tempo todo, dia e noite, você podia ouvi-lo por quarteirões berrando para que o cu se calasse e batendo nele com o punho e enfiando velas nele, mas nada adiantava e o cu disse para ele: “É você quem vai se calar no final! Não eu. Porque nós não precisamos mais de você por aqui. Eu posso falar e comer e *cagar*.”²⁶⁰

O cu, claro, vence, gerando um tecido viscoso que cobre e sufoca o corpo de seu hospedeiro:

Depois disso ele começou a acordar de manhã com uma geléia transparente como um rabo de girino por cima de toda a boca. Essa geléia era o que os cientistas chamam de T. in-D., Tecido Indiferenciado, que pode crescer em qualquer tipo de carne do corpo humano. Ele a arrancava da boca e os pedaços se prendiam em suas mãos como gasolina gelatinosa e cresciam, cresciam em qualquer lugar em que um pedaço caía. Então sua boca finalmente se fechou e a cabeça inteira teria sido amputada espontaneamente (...) – se não fosse pelos *olhos*, entende? Uma coisa que o cu *não podia* fazer era ver. Precisava dos olhos. Mas as conexões nervosas foram bloqueadas e

²⁵⁷ PYNCHON, 2006, p. 15.

²⁵⁸ PYNCHON, 2006, p. 15.

²⁵⁹ BURROUGHS, 2010, p. 110.

²⁶⁰ BURROUGHS, 2010, p. 111.

infiltradas e atrofiadas para que o cérebro não pudesse mais dar ordens. Ficou preso no crânio, exilado. Por um tempo você podia ver o sofrimento do cérebro por trás dos olhos, até que finalmente o cérebro deve ter morrido, porque os olhos *se apagaram*, e não havia mais sentimento neles que no olho de um caranguejo preso à ponta de uma haste.²⁶¹

A estória da adenóide gigante de Pynchon – assim como a de Byron a Lâmpada, uma lâmpada animada e revolucionária que aparece quase ao fim de *Gravity's Rainbow*²⁶² –, é infinitamente mais elaborada que a estória do cu falante de Burroughs. Vejamos.

O aparecimento da Adenóide, segundo a narrativa, se dá uma noite nas ruas de Londres, sob a vista do capitão Geoffrey “Pirata” Prentice, que busca aproximar-se da gigantesca criatura, que avança deslizante, como uma lesma, em sua direção. Horrorizado, Pirata recua, não sem antes contemplar de perto a estranha forma orgânica:

Era uma adenóide gigante. Pelo menos tão grande quanto a Catedral de St. Paul, e crescendo cada vez mais. Londres, talvez toda a Inglaterra, corria perigo mortal! Este monstro linfático outrora bloqueara a distinta faringe de Lorde Blatherard Osmo, que na época ocupava a seção de Novi Pazar no Ministério das Relações Exteriores (...). Em pouco tempo, cartolas cobrem as praças de Mayfair, perfume barato paira sem dono no East End iluminado pelos pubs enquanto a Adenóide prossegue em sua sanha, não engolindo vítimas ao acaso, não, a diabólica Adenóide tem um *plano principal*, escolher apenas certas personalidades que lhe são úteis – (...) ninguém sabe *o que* fazer... tenta-se sem muita convicção evacuar Londres, faetontes negros em um maciço cortejo de formigas atravessam as pontes de treliça, balões de observação estão estacionados no céu. “Está lá em Hampstead Heath, parada, apenas *respirando*, que nem... entrando e saindo...” “Algum tipo *de som* lá embaixo?” “Sim, é horrível... parece um *nariz* enorme sugando o muco... espere, agora está... começando a... ah, *não*... ah, meu Deus, eu não consigo descrever, é tão monstruoso –” o fio se parte, a transmissão é interrompida, o balão eleva-se no azul-celeste do amanhecer. Vêm equipes do Laboratório Cavendish para instalar no Heath ímãs enormes, terminais de arco voltaico, painéis de controle de ferro cheios de medidores e manivelas, o exército aparece, todo equipado para o combate, munidos com bombas do mais recente gás mortal – a Adenóide é bombardeada,

²⁶¹ BURROUGHS, 2010, p. 111-112.

²⁶² Lorde Byron é uma lâmpada carismática e “iluminada”, que se torna vítima de um poderoso cartel internacional de lâmpadas denominado Phoebus, com sede na Suíça. O *pastiche* aqui, de imediato, fica evidente, uma vez que “Phoebus” tem como referencial o deus-sol Apolo, fonte de luz e calor, mas que, no contexto de *Gravity's Rainbow*, numa espécie de paródia grotesca de si próprio em pequena escala, ilustra ameaça e repressão, que intenta controlar a durabilidade da Lâmpada Byron, cuja resistência perturba o mercado, que precisa ser queimada e extinta, para assim atender aos interesses do Sistema, tornando-se, deste modo, um símbolo de rebeldia e preterição, ao não se sujeitar ao papel que a Phoebus lhe destinou.

recebe choque-elétrico, é envenenada, muda de cor e forma aqui e ali, nódulos amarelos de gordura aparecem no topo das árvores... diante do pipocar dos flashes das câmaras da Imprensa, um horrendo pseudópode verde rasteja em direção ao cordão de isolamento formado pelas tropas e de repente *sshlop!* elimina todo um posto de observação com um dilúvio de um muco alaranjado nojento que *digere* os infelizes homens – os quais morrem não gritando, e sim rindo, se *divertindo*...²⁶³

Por dois anos e meio, a fantasia de Lorde Osmo sobrecarregou a mente de Prentice. O que finalmente pacifica a adenóide gigante e salva o Império britânico (ou pelo menos a cidade de Londres), apenas acumula ainda mais absurdo naquilo que já é absurdamente esquisito: alguém despeja na adenóide gigante grandes doses da “nova droga maravilhosa, a cocaína”.²⁶⁴ Fim da estória.

Pois bem. A estória do cu falante parece representar um certo interesse obsessivo no caráter banal ou estúpido da existência, ao mesmo tempo que parece refletir o desejo do próprio Burroughs em deixar que o episódio absorva toda a coerência ou razoabilidade que se possa pretender atribuir ao texto de *Naked Lunch* como um todo. Já a adenóide de Pynchon, por contraste, se coloca precisamente como um monstro de desenho animado, ao mesmo tempo que pavimentava o caminho para a compreensão de seu próprio texto como algo monstruoso e abrangente, capaz de aparentemente englobar tudo.

Edward Mendelson, como vimos, identificou Pynchon como um escritor de romances “enciclopédicos”, numa linhagem que vai de Dante a Joyce – narrativas em

²⁶³ “*It was a giant Adenoid. At least as big as St. Paul’s, and growing hour by hour. London, perhaps all England, was in mortal peril! This lymphatic monster had once blocked the distinguished pharynx of Lord Blatherard Osmo, who at the time occupied the Novi Pazar desk at the Foreign Office (...) Before long, tophats are littering the squares of Mayfair, cheap perfume hanging ownerless in the pub lights of the East End as the Adenoid continues on its rampage, not swallowing up its victims at random, no, the fiendish Adenoid has a master plan, it’s choosing only certain personalities useful to it – (...) no one knows what to do... a halfhearted attempt is made to evacuate London, black phaetons clatter in massive ant-cortege over the trusswork bridges, observer balloons are stationed in the sky, “Got it in Hampstead Heath, just sitting breathing, like... going in, and out...” “Any sort of sound down there?” “Yes, it’s horrible... like a stupendous nose sucking in snot... wait, now it’s... beginning to... oh, no... oh, God, I can’t describe it, it’s so beast –” the wire is snapped, the transmission ends, the balloon rises into the teal-blue daybreak. Teams come down from the Cavendish Laboratory, to string the Heath with huge magnets, electric-arc terminals, black iron control panels mil of gauges and cranks, the Army shows up in full battle gear with bombs full of the latest deadly gas – the Adenoid is blasted, electric-shocked, poisoned, changes color and shape here and there, yellow fat-nodes appear high over the trees... before the flash-powder cameras of the Press, a hideous green pseudopod crawls toward the cordon of troops and suddenly *sshlop!* wipes out an entire observation post with a deluge of some disgusting orange mucus in which the unfortunate men are *digested* – not screaming but actually laughing, *enjoying* themselves...” (PYNCHON, 2006, p. 15-16)*

²⁶⁴ PYNCHON, 2006, p. 17.

que um autor se compromete a tratar sua cultura de forma abrangente.²⁶⁵ Pynchon como que seduz o leitor com a promessa de algo como um quadro geral: leia este livro e você será capaz de entender esta época e seus descabros. No entanto, o romance de Pynchon nos apresenta apenas o reconhecimento de nossa própria pretensão de conhecer e abarcar tudo, que ao fim sempre se revela insatisfeita, a despeito da imensa quantidade de informações disponíveis. Ora, Pynchon parece dramatizar as limitações do saber enciclopédico, cujo processo fundamental seria buscar relatos exaustivos e dramatizar o acúmulo de informações, mas, no entanto, a maioria desses esforços se mostrariam exercícios vazios e fúteis, consequência do excesso caótico e desordenado delas.²⁶⁶ No fim, ficamos somente com a irresolução que o livro de Pynchon nos comunica, talvez como uma breve resistência da parte deste contra toda síntese totalizante.

²⁶⁵ Northrop Frye também esboçou os atributos do “enciclopédico”. Tudo o que ele, em *Anatomia da crítica* (1957), diz sobre “forma enciclopédica” encontra igualmente seu reflexo no universalismo da obra de Pynchon: “No modo mítico, a forma enciclopédica é a escritura sagrada e, nos outros modos, deveríamos esperar encontrar formas enciclopédicas que constituíssem uma série de *analogias* cada vez mais humanas da revelação mítica ou escritural” (FRYE, 2013, p. 172).

²⁶⁶ “Os romances de Pynchon são centrais para a moderna literatura norte-americana. Historicamente alertas e condicionados pela história, eles são romances cibernéticos que geram, como o próprio mundo contemporâneo, mais informações do que capacidade para dominá-las (...).” (BRADBURY, 1991, p. 190)

4. A TÉCNICA ENQUANTO COLUNA VERTEBRAL DO LIVRO DE PYNCHON

Vimos como Pynchon reforça tematicamente a complexa estrutura formal de *Gravity's Rainbow* associando eventos ligados à técnica moderna à morte e destruição. Vejamos agora em detalhes.

O foguete V-2 é um empreendimento de desumanização e morte perpetrado pela técnica. O foguete, para Pynchon, é o símbolo supremo da criação técnico-científica, de cuja atividade se segue finalmente uma autodestruição, uma virada contra si.²⁶⁷ Desde a época do Renascimento, o Ocidente vive sob o signo de uma relação instrumental com o mundo. Uma relação inteligente, racional, mas também de rapinagem.

Para o Ocidente moderno, a atividade científica designa, antes de tudo, uma atividade prática, que não se limita às impressões momentâneas e presentes, que não as acolhe como tal, não as reconhece, não as ordena, como faz a ciência antiga, a exemplo de Anaxágoras ou Demócrito, mas, ao contrário, as indaga e provoca, as viola e submete, a fim de superá-las em sua presença sensível e, assim, levá-las a um isolamento absoluto, através da qual a sua integridade é violentamente desfeita, destruída.

Nesse sentido, não seria já a ciência moderna um índice revelador da pretensão de domínio do homem sobre o mundo, muito diferente, portanto, da contemplação passiva (θεωρία), característica da ciência antiga?²⁶⁸ Não temos nisso como que uma virada gnosiológica, pela qual já não é mais o intelecto que se adapta à coisa (visão grega), mas a coisa enquanto tal que se adapta às condições colocadas pelo intelecto (visão moderna)?²⁶⁹

²⁶⁷ “Fazem para si armas de morte e fabricam suas flechas chamejantes. (...) Sua maldade se volta contra eles, sobre a cabeça lhes cai a própria violência.” (Salmos 7, 14. 17)

²⁶⁸ “O investigador antigo ‘contempla’ (...) já o ocidental quer dirigir o mundo de acordo com sua vontade.” (SPENGLER, 1923b, p. 627)

²⁶⁹ “Se chamamos de *técnica* o modo de o homem se relacionar com a natureza, será uma mudança técnica – de receptiva (grega) a construtiva (moderna) – que determinará essa *reviravolta gnosiológica*, pela qual não é mais o intelecto que se adapta à coisa, mas a coisa às condições colocadas pelo intelecto.” (GALIMBERTI, 2006, p. 370)

Ora, precisamente a técnica moderna foi promovida pela exigência humana de dominar a natureza, e esse domínio é a intenção básica e, ao mesmo tempo, o horizonte a partir do qual se dá a compreensão do mundo e o seu sentido. E, como vontade de domínio, a técnica só pode alcançar esse objetivo se for capaz de exercer um *controle* sobre o que acontece, e para que tal controle seja eficaz é necessário que se constitua como *planetário*, porque é próprio do controle ser total, do contrário já não é um verdadeiro controle.²⁷⁰

O domínio técnico da natureza é, pois, entendido por Pynchon como vontade *técnica* de poder, vontade esta cujo impulso por controle e domínio sobre a natureza dará origem ao mortal foguete capaz de desafiar a gravidade e romper com a barreira do som:

Mais que uma simples ereção de aço, o Foguete representava todo um sistema *conquistado, arrancado* das trevas femininas, mantido a despeito das entropias da adorável, mas desatenta Mãe Natureza (...). Esta mais imaquinada das técnicas, o Foguete – o Foguete, este mais terrivelmente potente dos bombardeios...²⁷¹

Como vimos, o significado da técnica moderna, no livro de Pynchon, não se resume apenas à conquista e domínio da natureza. É mais do que isso. Na verdade, a técnica ultrapassa-a, indo além da sua mera instrumentalidade²⁷²: considerada, assim, não do ponto de vista da sua instrumentalidade mas de sua *significação*, ou antes, de sua essencialidade, a técnica moderna será responsável igualmente por violar, por destruir a natureza.

Talvez a imagem no livro de Pynchon mais rica e importante nesse sentido seja a visão onírica de Kekulé von Stradonitz do anel de benzeno – sonho esse que tornou possível o advento de uma nova e radical tecnologia. O cientista “sonha a Grande Serpente que morde a própria cauda”,²⁷³ um símbolo da eternidade ou, mais precisamente, da perfeita harmonia da natureza. “Mas a mesquinhez, o cinismo com que este sonho há de ser usado. A Serpente que anuncia, ‘O Mundo é uma coisa fechada,

²⁷⁰ “A tendência à expansão planetária pertence enquanto tal à essência da técnica.” (GALIMBERTI, 2006, p. 381)

²⁷¹ “Beyond simple steel erection, the Rocket was an entire system won, away from the feminine darkness, held against the entropies of lovable but scatterbrained Mother Nature (...). This most immaculate of techniques, the Rocket – the Rocket, this most terribly potential of bombardments...” (PYNCHON, 2006, p. 329, 742)

²⁷² “A técnica não é somente uma atividade humana, nem mesmo um simples meio dentro dessa atividade. A determinação meramente instrumental, meramente antropológica da técnica, se torna caduca por princípio (...).” (HEIDEGGER, 1959, p. 28-29)

²⁷³ PYNCHON, 2006, p. 419.

cíclica, ressoante, eternamente retornando’, será entregue a um sistema cujo único objetivo é *violar* o Ciclo.”²⁷⁴ O conhecimento desse círculo naturalmente equilibrado de átomos de carbono abre a possibilidade de adulterá-lo, ou antes, de “melhorá-lo”. Pynchon converte este célebre marco na história da ciência em um símbolo do que a humanidade tecnológica criou: uma violação deliberada da natureza. A técnica moderna contorna a natureza em favor de uma natureza transcendente e ideal – neste caso, o mundo dos plásticos e das fibras sintéticas. O resultado é o tipo de catástrofe ecológica que envolve “o Castelo”, a usina petroquímica fictícia de *Gravity’s Rainbow*, com suas torres negras e irregulares, com uma chama a arder continuamente no alto de uma chaminé, onde a pesquisa e o desenvolvimento do Imipolex G é empreendida. O mundo parece sufocar com os resíduos dos processos industriais que dão origem ao poliestireno:

Estávamos ao lado de um reator. Havia um cheiro forte de thinner no ar. Bastões de alguma espécie de plástico transparente saíam sibilando através de um extrusor na parte inferior da torre e entravam em um tubo de resfriamento, ou em um cortador. O calor no lugar era pesado. Pensei numa coisa muito profunda, negra e viscosa, abastecendo aquela fábrica. (...) Serpentes de plástico rastejavam incessantemente à esquerda e à direita. (...) Nada crescia ali. Algo havia sido depositado num grande leque que se estendia por quilômetros. Algum tipo de refugio.²⁷⁵

Assim sendo, a técnica moderna busca superar a natureza com o propósito de dominá-la e, ao fim, para destruí-la em sua integridade. (Nenhum limite é capaz de detê-la, nem mesmo a destruição dos recursos naturais e, conseqüentemente, de toda a vida.) Neste sentido, a técnica é indiferente a qualquer outra finalidade, porque o seu valor é medido exclusivamente pela sua eficiência, e não pelo fato de ser utilizado, por exemplo, para a paz ou para a guerra.

“O objetivo da técnica é a destruição do mundo” – este parece ser o diagnóstico de Pynchon, para quem o mundo sem vida da tecnicalização total seria apenas uma outra forma do mundo da destruição e da morte: “*É nossa missão promover*

²⁷⁴ “But the meanness, the cynicism with which this dream is to be used. The Serpent that announces, ‘The World is a closed thing, cyclical, resonant, eternally-returning’, is to be delivered into a system whose only aim is to *violate* the Cycle.” (PYNCHON, 2006, p. 419)

²⁷⁵ “We were by a tower reactor. A strong paint-thinner smell was in the air. Clear rods of some plastic came hissing out through an extruder at the bottom of the tower, into cooling channels, or into a chopper. The heat was heavy in the room. I thought of something very deep, black and viscous, feeding this factory. (...) Plastic serpents crawled endlessly to left and right. (...) Nothing grew there. Something had been deposited in a great fan that went on for miles. Some tarry kind of waste.” (PYNCHON, 2006, p. 495-496)

a morte. A forma como matamos, a forma como morremos, não tem igual entre as Criaturas. Era algo que tínhamos que elaborar, histórica e pessoalmente.”²⁷⁶ Como já apontamos, o ideal da ciência é o poder e o domínio, consistente em reduzir a multiplicidade dos fenômenos a um número limitado de leis, e em reduzir essas mesmas leis a uma só fórmula, de tal modo que seja capaz de *calcular* o mundo, em lugar de compreendê-lo, atingido assim o poder técnico sobre a natureza.²⁷⁷

O aspecto prático do ideal científico, neste caso, se revela no progresso da ciência moderna, do século XVIII até o presente. Suas etapas principais são as descobertas sucessivas postas a serviço do homem: o vapor, a eletricidade e a energia atômica.²⁷⁸ Contudo, por mais diferente que possam parecer, essas descobertas têm como base um mesmo princípio, o da destruição da matéria, destruição pela qual a energia é liberada para ser novamente captada pelo homem e colocada assim ao seu serviço. Se se trata do carvão, da gasolina ou do átomo de hidrogênio, pouco importa, é sempre da produção de energia mediante a destruição da matéria que se trata. Neste sentido, o aspecto prático do ideal científico é o domínio da natureza mediante a aplicação do princípio da destruição ou da morte.

Assim, o ideal da ciência aspira ao poder sobre as forças da natureza por meio da violação da matéria, obrigando a natureza a obedecer à vontade do homem, conforme ele quer:

Agora eles [os animais do laboratório] voltam para as gaiolas e as formas racionalizadas de morte – morte a serviço da única espécie amaldiçoada com o conhecimento de que vai morrer... (...) “Todos os animais, as plantas, os minerais, até mesmo outros tipos de homens, estão sendo quebrados e remontados todos os dias, para preservar uma pequena elite, cujos membros são os que mais alto teorizam sobre a liberdade, mas são os menos livres de todos. Eu não posso sequer dar-lhes a esperança de que algum dia isso será diferente – que Eles vão sair, e esquecer a morte, e perder o terror complexo de Sua tecnologia, e parar de usar impiedosamente todas as outras formas de vida para manter o que atormenta os homens em um nível tolerável – e em vez

²⁷⁶ “*It is our mission to promote death*. The way we kill, the way we die, being unique among the Creatures. It was something we had to work on, historically and personally.” (PYNCHON, 2006, p. 734)

²⁷⁷ Fato é que o homem moderno está posicionado no mundo a partir da relação sujeito-objeto. O mundo é, para ele, objeto do conhecimento, ou antes, de domínio. Coisa talvez muito estranha para um oriental, cuja existência parece estar fundada sobre outras bases que não as do problema do domínio ou do assenhoreamento do homem sobre a natureza; ao contrário, parece que, no Oriente, o “gênio tecnológico” da inteligência se voltou inteiramente para o domínio da vida interior, ao passo que, no Ocidente moderno, o mesmo “gênio” da inteligência esgota sua criatividade no domínio da vida exterior.

²⁷⁸ “Um primeiro período, que se estende até 1750, não conhece senão a energia hidráulica; um segundo período, de 1750 a 1880, é o do carvão; o terceiro, é o da eletricidade. O uso da desintegração atômica apareceu depois (...).” (ELLUL, 1968, p. 44)

disso ser como vocês, simplesmente presentes, simplesmente vivos...”²⁷⁹

Segundo o texto, o homem é o único ser que conhece a morte. Todos os outros seres envelhecem, porém com uma consciência limitada ao momento, ao presente imediato. Eles vivem, mas nada sabem sobre a morte, assim como as crianças em seus primeiros anos de vida. Contudo, o homem é o único ser que tem conhecimento da morte, e se utiliza da ciência precisamente para aplacar este medo, submetendo e modificando toda a criação, com vistas ao aproveitamento dos seus recursos e energias, até o seu completo esgotamento:

Um sistema cujo único objetivo é *violar* o Ciclo, tomando e não dando nada em troca, exigindo que “produtividade” e “rendimentos” continue a aumentar com o tempo, (...) retirando do resto do Mundo essas vastas quantidades de energia para manter sua minúscula e desesperada fração dando lucro: e não apenas a maior parte da humanidade – a maior parte do Mundo, animal, vegetal e mineral é devastada nesse processo. O Sistema pode ou não entender que está apenas tentando ganhar tempo. E que o tempo é um recurso artificial que, para começar, não tem valor para ninguém mais exceto para o Sistema, o qual mais cedo ou mais tarde há de morrer, quando seu vício em energia se tornar maior do que o resto do Mundo é capaz de fornecer, arrastando com ele almas inocentes ao longo de toda a cadeia da vida.²⁸⁰

Essas características, no entanto, tornam-se mais claramente visíveis se examinarmos a comprovação mais direta da fusão do aparato técnico-científico com a destrutividade, algo de que o século XX oferece tantos exemplos. Tal conexão encontrou sua primeira grande expressão em F.T. Marinetti (1876-1944), fundador e líder do movimento futurista italiano. Em seu primeiro *Manifesto Futurista* (1909), Marinetti proclama os ideais que seriam plenamente realizados somente no nacional-

²⁷⁹ “Now it’s back to the cages and the rationalized forms of death – death in the service of the one species cursed with the knowledge that it will die... (...) ‘All the animals, the plants, the minerals, even other kinds of men, are being broken and reassembled every day, to preserve an elite few, who are the loudest to theorize on freedom, but the least free of all. I can’t even give you hope that it will be different someday – that They’ll come out, and forget death, and lose Their technology’s elaborate terror, and stop using every other form of life without mercy to keep what haunts men down to a tolerable level – and be like you instead, simply here, simply alive...’” (PYNCHON, 2006, p. 233)

²⁸⁰ “A system whose only aim is to *violate* the Cycle. Taking and not giving back, demanding that ‘productivity’ and ‘earnings’ keep on increasing with time,(...) removing from the rest of the World these vast quantities of energy to keep its own tiny desperate fraction showing a profit: and not only most of humanity – most of the World, animal, vegetable and mineral, is laid waste in the process. The System may or may not understand that it’s only buying time. And that time is an artificial resource to begin with, of no value to anyone or anything but the System, which sooner or later must crash to its death, when its addiction to energy has become more than the rest of the World can supply, dragging with it innocent souls all along the chain of life.” (PYNCHON, 2006, p. 419)

socialismo e nos métodos técnico-científicos empregados a partir da Segunda Guerra Mundial.

Contudo, a fusão da técnica com a destrutividade não se mostrava ainda visível por ocasião da Primeira Guerra Mundial. Houve, na ocasião, pouca destruição por parte, por exemplo, dos aviões, e o tanque era apenas uma evolução (motorizada) das armas tradicionais. A Segunda Guerra Mundial, no entanto, trouxe uma mudança decisiva: o emprego da técnica para a mortandade em massa. Trata-se, agora, de matar centenas de milhares de pessoas no bombardeio aéreo de Dresden ou no holocausto nuclear de Hiroshima.²⁸¹

“Nesta última Guerra, a morte não era nenhum inimigo, mas um colaborador.”²⁸²

Pois bem. Se estas rápidas considerações relativas à natureza destrutiva da técnica estão corretas, elas não confirmam a hipótese central do livro de Pynchon que, segundo acreditamos, diz respeito à natureza destrutiva da técnica total a operar no mundo moderno? O fato é que os determinantes tecnológicos a operar sobre o homem moderno, embasados no pensamento científico, que recuam do presente até o século XVII, conduzem, no livro de Pynchon, uma reflexão quanto ao significado da técnica na sociedade contemporânea, estabelecendo, desta forma, uma relação explícita com o que acontecia já então, à época do nazismo.

Cabe recordarmos, neste sentido, que o nazismo foi, sob diversos aspectos, um fenômeno autenticamente moderno,²⁸³ entusiástico no uso da tecnologia bem como de métodos “científicos” para remodelar a sociedade alemã segundo a sua vontade ou, então, quando consideramos o problema da técnica, definida planetariamente, e de seu encontro, ou antes, de seu agenciamento, com o homem moderno, realizado pelo

²⁸¹ “A destruição da guerra moderna segue o princípio da produção técnica moderna, em que tanto o trabalhador como o engenheiro ficam completamente alienados do produto de seu trabalho. Realizam tarefas técnicas conforme o plano geral de administração, mas frequentemente nem chegam sequer a ver o produto acabado. Deles não se espera que perguntem se se trata de um produto útil ou nocivo – isso é assunto que compete à decisão do encarregado da administração (...). Para o engenheiro, assim como para um piloto, é suficiente conhecer as decisões dos escalões de mando, e espera-se que nenhum deles faça perguntas sobre essas decisões, nem está ele interessado em formulá-las. Trata-se de matar cem mil em Dresden ou Hiroxima (...), não lhe compete preocupar-se com as justificações militares ou morais de suas ordens; a sua única tarefa é a de servir à sua máquina adequadamente.” (FROMM, 1987, p. 462)

²⁸² “In this latest War, death was no enemy, but a collaborator.” (PYNCHON, 2006, p. 627)

²⁸³ O nacional-socialismo entendido, portanto, não como um desvio do projeto moderno, mas como sua conclusão lógica, como fenômeno eminentemente moderno e, como tal, racionalista: “A única ambição do nacional-socialismo deve ser construir cientificamente uma doutrina que seja em sua essência uma homenagem à razão.” (HITLER, 2004, p. 30)

nazismo²⁸⁴ (como vimos pela história do foguete V-2, dos homens bem como da tecnologia que o tornaram possível), não são indícios de somenos importância na caracterização deste que talvez seja o grau zero da idade da técnica.²⁸⁵

Não por acaso Pynchon escolheu esse momento crucial da história como cenário para sua obra.²⁸⁶ A ditadura nacional-socialista foi, como dissemos, a primeira ditadura de um Estado industrial moderno, na era da técnica moderna, uma ditadura que, para dominar o mundo, valeu-se de todos os meios técnicos disponíveis. Contudo, os crimes cometidos durante aqueles anos não foram somente fruto da personalidade doentia de Hitler, mas se devem ao fato de Hitler ter sido, isto sim, o primeiro ditador a utilizar-se da técnica moderna para a disseminação desses atos, numa guerra de aniquilação que terminou por utilizar foguetes teleguiados, aviões supersônicos, bombas atômicas, estando inclusive já previstas armas químicas e bacteriológicas.²⁸⁷ (Neste sentido, com a invenção da bomba atômica, dos foguetes teleguiados e das armas eletrônicas a guerra tornou-se completamente diferente, assim como seu nível de letalidade.)

Para Pynchon, a Segunda Guerra Mundial, ela mesma, não aconteceu por razões políticas, e que a política, neste caso, foi mero teatro, com o fim único de manter as pessoas distraídas, e de que esta guerra, enquanto tal, fora inteiramente ditada por necessidades tecnológicas²⁸⁸:

²⁸⁴ “Aquilo que hoje é anunciado como filosofia do nacional-socialismo, mas que nada tem a ver com a verdade interna e a grandeza desse movimento, nomeadamente com o encontro da técnica definida planetariamente com o homem moderno (...)” (HEIDEGGER, 1987, p. 152)

²⁸⁵ “A experiência nazista, que não pela sua crueldade, mas pela *irracionalidade que nasce da perfeita racionalidade de uma organização*, para a qual ‘exterminar’ tinha o mero significado de ‘executar um trabalho’, pode ser assumida como o evento que marca o *ato de nascimento da idade da técnica*. Não foi, então, como hoje pode parecer, um evento errante ou atípico para a nossa época e para o nosso modo de sentir; antes, foi um *evento paradigmático* (...)” (GALIMBERTI, 2006, p. 24)

²⁸⁶ Segundo David Cowart, “Pynchon escolhe cuidadosamente seu momento histórico, pois a Segunda Guerra Mundial viu a maioria da tecnologia. Prometendo à humanidade o completo controle de seu ambiente e seu destino, a tecnologia oferece algo muito semelhante à transcendência – ou oferece aniquilação” (COWART, 2011, p. 12).

²⁸⁷ “Os crimes cometidos durante aqueles anos não eram somente fruto da personalidade de Hitler. A enormidade daqueles delitos podia ser atribuída ao fato de Hitler ter sido o primeiro ditador a utilizar-se da técnica para a disseminação daqueles atos. Pensei nas consequências que poderá ter, no futuro, o poder político ilimitado, assistido e, por sua vez, dominado pela técnica. Eu disse que aquela guerra terminaria utilizando foguetes teleguiados, aviões supersônicos, bombas atômicas, estando já previstas armas químicas e bacteriológicas. Dentro de cinco ou dez anos, um foguete com uma bomba atômica e dirigido por uma dúzia de homens poderia em segundos matar até um milhão de pessoas no centro de Nova York.” (SPEER, 1975, p. 563)

²⁸⁸ E não apenas para Pynchon. Para Albert Speer, também a Segunda Guerra Mundial foi uma guerra de natureza técnica, e que – acreditava ele – mais e melhores armamentos a decidiriam. Sobre este ponto, cf. Ian Kershaw, *O fim do Terceiro Reich: a destruição da Alemanha de Hitler, 1944-1945*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, pág. 109ss.

Esta Guerra nunca foi de todo política, a política era mero teatro, tudo isso só para manter as pessoas distraídas... secretamente, ela estava sendo ditada pelas necessidades da tecnologia... por uma conspiração entre seres humanos e técnicas, por algo que necessitava do ímpeto de energia da guerra (...). As verdadeiras crises eram crises de alocação e prioridade, não entre firmas – somente foram encenadas de modo a que parecesse assim – mas entre as diferentes Tecnologias, Plásticos, Eletrônica, Aeronaves, e as necessidades destas que são compreendidas somente pela elite dominante...²⁸⁹

Deve-se, no entanto, ressaltar que Pynchon, nesse ponto da narrativa, dá livre curso “a seu modo paranoico”, ao revelar camada após camada de conspirações por trás dos fatos históricos oficiais da Segunda Guerra Mundial, ligando a guerra a uma conspiração das grandes corporações e cartéis internacionais, em sua luta por novas tecnologias, plásticos, eletrônicas, aeronaves etc. Porém, como salientado por McHale, “os fatos, como reinterpretados por Pynchon, poderiam sustentar uma ou mais dessas teorias, mas nenhuma conclusão final é possível; somos deixados numa espécie de paranoia flutuante”.²⁹⁰

Seja como for, a Segunda Guerra Mundial, que foi provocada basicamente pela fúria expansionista da Alemanha nazista e acabou se estendendo para a maior parte do planeta, deixando mais de 40 milhões de pessoas mortas apenas na porção européia dos conflitos (sem contar os mortos no Extremo Oriente),²⁹¹ entrando para a história da humanidade como a época do extermínio incondicional de imensas camadas da população humana, não pode ser entendida sem se considerar o papel desempenhado pela técnica.²⁹²

A questão, portanto, já não é o que podemos fazer com a técnica, mas sim o que a técnica pode fazer conosco.²⁹³ Porque se, no mundo “pré-tecnológico”, a

²⁸⁹ “This War was never political at all, the politics was all theatre, all just to keep the people distracted... secretly, it was being dictated instead by the needs of technology... by a conspiracy between human beings and techniques, by something that needed the energy-burst of war (...). The real crises were crises of allocation and priority, not among firms – it was only staged to look that way – but among the different Technologies, Plastics, Electronics, Aircraft, and their needs which are understood only by the ruling elite...” (PYNCHON, 2006, p. 529-530)

²⁹⁰ McHALE, 1987, p. 91.

²⁹¹ Sobre isto, ver Ian Kershaw, *O fim do Terceiro Reich: a destruição da Alemanha de Hitler, 1944-1945*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 436ss.

²⁹² “Os líderes do Terceiro Reich usavam uma técnica e uma administração burocrática completamente racionalizadas para arrastar milhões de seres humanos às câmaras de gás e exterminá-los com o máximo de eficiência. (...) O transporte dos judeus era organizado tão racionalmente, se não mais, quanto o tráfego em Paris ou Nova York.” (ARON, 1965, p. 73)

²⁹³ “Quanto mais avançar a técnica, maior será o perigo... Na qualidade de antigo ministro, cuidando do fabrico de moderníssimos armamentos, é meu dever declarar: uma nova guerra destruiria a civilização. Nada impediria a consumação da obra de aniquilamento iniciada pela técnica nessa guerra. Sob o regime autoritário de Hitler, quase se realizou tal pesadelo, que aflige tanta gente, a saber: serem os povos

técnica era empregada como ferramenta ou instrumento para a satisfação das necessidades humanas, na era da técnica é ela que emprega o homem para as suas exigências de operacionalidade, inversão essa que faz do homem mera extensão do aparato técnico – como é o caso de Franz Pökler, convertido de sujeito humano em objeto pela técnica (“Pökler era uma extensão do Foguete, muito antes de este ser construído.”²⁹⁴).

Um dos desenvolvimentos mais característicos e perturbadores da técnica moderna, portanto, é o fato de que o homem, ao se tornar cada vez mais um instrumento nas mãos desta, transforma-se progressivamente em algo relacionado à suas [da técnica] próprias exigências e necessidades, convertendo-se, assim, em fundo à disposição da técnica. Assim, o homem que, outrora, concebeu a técnica exclusivamente como um instrumento a seu serviço, agora experimenta o inverso dessa condição, em que a técnica emancipa-se de seu senhor, passando então a subordiná-lo às suas exigências e necessidades.

Com a era da técnica, pois, a antiga relação se inverte, no sentido de que o homem não é mais o sujeito que se serve da técnica como instrumento, mas, ele próprio, se converte em objeto do aparato técnico (neste ponto, é o próprio homem quem torna-se uma extensão do aparato, e não mais o seu contrário²⁹⁵). Com isso, o homem, pela primeira vez, objetiva-se a si mesmo e, desse modo, passa a defrontar-se com seus próprios produtos ou criações autonomizados, em que o desenvolvimento técnico se desprende pouco a pouco do substrato do organismo humano, ou seja, como ferramenta nas mãos deste, e se transfere para o plano das máquinas, autonomizando-se.²⁹⁶ Desta forma, o homem, cujo engenho forjou outrora a técnica, cai agora

dominados pela técnica. Todos os Estados correm hoje o perigo de ficarem sob o terror da técnica, mas em um regime ditatorial isso será inevitável. Portanto, quanto maiores forem os programas da técnica, mais necessário será fomentar-se a liberdade individual, o respeito de cada homem à própria dignidade.” (SPEER, 1975, p. 564)

²⁹⁴ “Pökler was an extension of the Rocket, long before it was ever built.” (PYNCHON, 2006, p. 408)

²⁹⁵ Em *V.*, a mudança concebida pela personagem Fergus Mixolydian para conectar seu corpo ao seu aparelho de TV já chama nossa atenção para a inversão da noção de que o aparato técnico é uma extensão das faculdades humanas: “Fergus Mixolydian bolara um engenhoso comutador de sono, e recebia o sinal da coisa através de dois eletrodos colocados sob a pele interna do antebraço. Quando Fergus caía abaixo de um certo nível de consciência, a resistência sob a pele aumentava além de um valor preestabelecido e acionava o comutador. Fergus tornara-se assim uma extensão do aparelho de TV” (PYNCHON, 1988, p. 62-63).

²⁹⁶ Neste sentido, a técnica moderna também é suscetível de “reificação”, no sentido de adquirir um status ontológico, como se ela existisse independentemente da atividade e significação humanas, ao confundir-se com mundos autônomos.

prisioneiro de sua própria criação, e se converte então em sua criatura, em seu órgão executor e, finalmente, em sua vítima.

Pois bem. O primeiro critério de entendimento que deve ser modificado neste ponto é, então, aquele que tradicionalmente vê o homem como sujeito e a técnica como instrumento à sua disposição. A técnica, de instrumento nas mãos dos homens para dominar a natureza, se torna agora o ambiente do homem, aquilo que o circunscreve e o constitui, e que, seguindo os critérios da funcionalidade e da eficiência, segundo as regras da racionalidade instrumental, não hesita em subordinar as demandas do próprio homem às exigências do aparato técnico. Ora, se a técnica se torna esse horizonte a partir do qual se desvelam todos os campos da experiência humana, e se não é mais a experiência humana que, reiteradamente, comanda o processo técnico, mas é antes a técnica que se coloca como condição a decidir o modo da experiência humana, então assistimos a uma viragem na qual o sujeito da história não é mais o homem, e sim a técnica, que, emancipando-se da condição de mero instrumento, dispõe da natureza como fundo e do homem com funcionário seu.

“Ali [em Nordhausen] nós *víamos* como tínhamos de nos adaptar... a própria maquinaria determinava isso...”²⁹⁷

Assim, a tecnologia tornou-se uma força da natureza, uma espécie de segunda natureza, a qual já não podemos controlar e, se a guerra e tecnologia foram as engrenagens da mudança no século XX, a tecnologia atualmente é o principal motor de uma transformação alucinante, cujas implicações são excitantes, mas igualmente assustadoras, porquanto suas consequências são, como vimos, potencialmente devastadoras.

A problemática não é nova, tendo sido matéria de reflexão de inúmeros pensadores, entre eles o sociólogo e filósofo alemão (naturalizado norte-americano) Herbert Marcuse (1898-1979). Ainda que discutida não de maneira sistemática mas apenas em linhas gerais, a obra de Marcuse, na verdade, nos ajudará a refletir sobre os conteúdos temáticos do livro de Pynchon relativos ao problema da técnica moderna, sendo, portanto, imprescindível para a sua compreensão.

²⁹⁷ “There we *saw* how we had to fit in... the machinery itself determined that...” (PYNCHON, 2006, p. 527)

Marcuse foi um dos primeiros teóricos críticos das novas formas de dominação tecnológica e política nas sociedades industriais modernas, emergindo como um dos mais importantes teóricos da tecnologia, do fascismo e dos impasses da sociedade industrial moderna, temas estes que viria a desenvolver em seus escritos do período da Segunda Guerra Mundial. Um destes escritos, intitulado “Algumas implicações sociais da tecnologia moderna” (1941), contém o primeiro esboço teórico de Marcuse sobre o papel da tecnologia nas sociedades industriais modernas e antecipa, como veremos na sequência, sua análise posterior contida em *A ideologia da sociedade industrial* (1964).

Em “Algumas implicações sociais da tecnologia moderna”, Marcuse delinea o declínio histórico do individualismo, desde o tempo das revoluções burguesas até a ascensão da sociedade tecnológica moderna. Se, afirma o autor, a racionalidade venceu a luta contra as superstições reinantes, a irracionalidade e a dominação, colocando o indivíduo em uma posição crítica em relação à sociedade então vigente, o desenvolvimento da indústria moderna e da racionalidade tecnológica, por seu lado, minou as bases da racionalidade crítica e submeteu o indivíduo à dominação crescente do aparato técnico.

Pois bem. A partir da distinção entre *tecnologia*, definida “como modo de produção, como a totalidade dos instrumentos, dispositivos e invenções que caracterizam a era da máquina”,²⁹⁸ e *técnica*, definida como os instrumentos e práticas “da indústria, transportes, comunicação”,²⁹⁹ para distinguir o sistema de dominação tecnológica dos instrumentos técnicos e seus usos, Marcuse define assim tecnologia como uma “forma de organizar e perpetuar (ou modificar) as relações sociais, uma manifestação do pensamento e dos padrões de comportamento dominantes, um instrumento de controle e dominação”,³⁰⁰ contrastada à técnica, a qual se refere a técnicas de produção e a instrumentos tais como carros ou computadores, aviões ou foguetes. Neste sentido, Marcuse com o termo “técnica” entende o universo dos meios ou instrumentos, que em seu conjunto compõe o aparato técnico, e “tecnologia” como a racionalidade que preside o emprego de tal aparato, em termos de funcionalidade e eficiência; enquanto esta [a tecnologia] constitui, para ele, um sistema de controle e dominação, aquela [a técnica] pode, a depender do uso que se faça, “promover tanto o

²⁹⁸ MARCUSE, 1999, p. 73.

²⁹⁹ MARCUSE, 1999, p. 73.

³⁰⁰ MARCUSE, 1999, p. 73.

autoritarismo quanto a liberdade, tanto a escassez quanto a abundância, tanto o aumento quanto a abolição do trabalho árduo”.³⁰¹

A crítica de Marcuse, assim, focaliza a tecnologia como um sistema de controle e dominação, e apresenta o nacional-socialismo como um exemplo na qual a tecnologia, a sociedade e a economia racionalizadas podem servir como instrumentos da dominação totalitária, descrevendo o Terceiro Reich como uma forma de “tecnocracia” dedicada à maior eficiência tecnológica. Diz Marcuse:

O nacional-socialismo é um exemplo marcante dos modos pelos quais uma economia altamente racionalizada e mecanizada, com a máxima eficiência na produção, também pode operar o interesse da opressão totalitária e da escassez continuada. O Terceiro Reich é, na verdade, uma forma de “tecnocracia” (...). Na Alemanha nacional-socialista, o reino do terror é não apenas sustentado pela força bruta, que é estranha à tecnologia, mas também pela engenhosa manipulação do poder inerente à tecnologia: a intensificação do trabalho, a propaganda, o treinamento de jovens e operários, a organização da burocracia governamental, industrial e partidária (...) seguem as diretrizes da maior eficiência tecnológica. Essa tecnocracia terrorista não pode ser atribuída aos requisitos excepcionais da “economia de guerra”; a economia de guerra é, antes, o estado normal do ordenamento nacional-socialista do processo social e econômico, e a tecnologia é um dos principais estímulos desse ordenamento.³⁰²

A crítica da racionalidade tecnológica, na verdade, irá direcionar toda sua obra subsequente, especialmente em *A ideologia da sociedade industrial* (1964), para a qual nos voltaremos agora. A tese central de Marcuse aí é a de que, ao invés do homem dominar a tecnologia, como pretendia a utopia iluminista, é o homem que está sendo dominado pela tecnologia.

Marcuse repõe então o problema da tecnologia em seu verdadeiro sítio, para além de qualquer suposta neutralidade: o poder, enquanto um instrumento de controle e dominação:

A noção tradicional de “neutralidade” da tecnologia não mais pode ser sustentada. A tecnologia não pode, como tal, ser isolada do uso que lhe é dado; a sociedade tecnológica é um sistema de dominação que já opera no conceito e na elaboração das técnicas.³⁰³

Como tal, as sociedades industriais modernas, que torna suas a tecnologia e a ciência, são organizadas para a dominação cada vez mais eficaz do homem e da natureza, para a utilização cada vez mais eficaz de seus recursos, como fundo à

³⁰¹ MARCUSE, 1999, p. 74.

³⁰² MARCUSE, 1999, p. 74.

³⁰³ MARCUSE, 1982, p. 19.

disposição, tornando-se, por conta de suas pretensões hegemônicas, totalitária. Diz Marcuse:

O aparato tecnológico impõe suas exigências econômicas e políticas (...). Em virtude do modo pelo qual organizou a sua base tecnológica, a sociedade industrial contemporânea tende a tornar-se totalitária. Pois “totalitária” não é apenas uma coordenação política terrorista da sociedade, mas também uma coordenação técnico-econômica não-terrorista que opera através da manipulação das necessidades por interesses adquiridos.³⁰⁴

Marcuse descobre, pois, na sociedade industrial avançada tal tendência totalitária, tendência essa baseada num controle social crescente, intermediado e cada vez mais aperfeiçoado pela tecnologia:

Hoje, a dominação se perpetua e se estende não apenas através da tecnologia, mas *como* tecnologia, e esta garante a grande legitimação do crescente poder político que absorve todas as esferas da cultura. (...) A racionalidade tecnológica protege, assim, em vez de cancelar, a legitimidade da dominação, e o horizonte instrumentalista da razão se abre sobre uma sociedade racionalmente totalitária.³⁰⁵

Com isso, o que acaba por impor-se é o fato brutal de o poder da tecnologia superar o do indivíduo tornando a tecnologia o mais eficiente instrumento político de dominação:

A racionalidade tecnológica revela o seu caráter político ao se tornar o grande veículo de melhor dominação, criando um universo verdadeiramente totalitário no qual sociedade e natureza, corpo e mente são mantidos num estado de permanente mobilização para a defesa desse universo.³⁰⁶

Desta forma, a submissão e a dominação são recursos de que a tecnologia precisa para a sua própria existência e reprodução social. Ela necessita da nossa submissão para se manter no poder. Precisa dos nossos apetites por dominação para poder cooptar-nos no seu próprio jogo de poder. Neste sentido, nas sociedades industriais avançadas, os indivíduos são meros apêndices dos instrumentos de produção, destruição e dominação e, apesar de estes apêndices humanos trabalharem com um alto grau de iniciativa e espontaneidade, seus desempenhos individuais estão inteiramente ajustados ao aparato tecnológico e cronometrados e coordenados de acordo com suas exigências. Com isso, o homem passa a ser visto como uma coisa, ou antes, como um objeto, e não mais como indivíduo e, assim, convertidas em coisas passam a ser

³⁰⁴ MARCUSE, 1982, p. 24-25.

³⁰⁵ MARCUSE, 1982, p. 154.

³⁰⁶ MARCUSE, 1982, p. 37.

reproduzidas em sequência, massificadas, como produtos saídos de uma linha de montagem, invertendo, desta maneira, o princípio dialético de dominação, pela qual o homem passa da condição de sujeito a objeto da técnica.

É neste ponto que Marcuse denuncia a criação do que ele denominou o homem unidimensional: um indivíduo que consegue enxergar apenas a aparência das coisas, nunca indo até a sua essência. Conformista e acrítico, o homem unidimensional se acha feliz porque o universo da locução e do comportamento comuns lhe diz que ele o é. É a vitória final da *Consciência Feliz*, conforme a irônica formulação de Marcuse:

Assim como essa sociedade tende a reduzir e até a absorver a oposição no âmbito da política e da cultura superior, também tende a fazê-lo na esfera instintiva. O resultado é a atrofia dos órgãos mentais, impedindo-os de perceber as contradições e alternativas e, na única dimensão restante da racionalidade tecnológica, prevalece a *Consciência Feliz*.³⁰⁷

Assim, a técnica, na opinião de Marcuse, em sua atual fase de desenvolvimento, coloca o homem em uma condição de impotência em relação ao seu aparato como nunca se viu antes,³⁰⁸ e isso porque ela se converteu em um instrumento de política destrutiva: “A tecnologia estabelecida se tornou um instrumento de política destrutiva.”³⁰⁹

O tema da preponderância da técnica nas sociedades industriais enseja ainda algumas considerações sobre a noção de racionalidade tecnológica, como proposta por Marcuse. Ora, a ênfase no aspecto social da noção de racionalidade tecnológica remete à investigação de seus pressupostos históricos. Neste sentido, Marcuse atribui a uma nova racionalidade e a novos padrões de individualidade um papel fundamental para o desenvolvimento de tal aparato. Para a compreensão desse processo, o autor propõe o exame da racionalidade tradicional e dos padrões de individualidade em vias de dissolução. Vejamos.

Para Marcuse, o indivíduo característico dos séculos XVI e XVII poderia ser definido como “o sujeito de certos padrões e valores fundamentais que nenhuma autoridade externa deveria desrespeitar”.³¹⁰ Enquanto tais, esses padrões e valores eram

³⁰⁷ MARCUSE, 1982, p. 88.

³⁰⁸ “A técnica, como um universo de instrumentos, pode aumentar tanto a fraqueza como o poder do homem. Na fase atual, ele se apresenta talvez mais impotente com relação ao seu aparato do que nunca dantes.” (MARCUSE, 1982, p. 217)

³⁰⁹ MARCUSE, 1982, p. 211.

³¹⁰ MARCUSE, 1999, p. 75.

estabelecidos tendo como referência o desenvolvimento pleno das qualidades e habilidades do homem. Como ser racional, o indivíduo era considerado capaz de encontrar formas de vida que pudessem propiciar tal desenvolvimento, cabendo à sociedade conceder liberdade de pensamento ao indivíduo bem como eliminar restrições à sua ação racional. Havia neste contexto, segundo ele, um pressuposto fundamental, qual seja, de que o interesse próprio era racional, isto é, orientado pelo pensamento autônomo. Essa colocação, no entanto, não impede Marcuse de distinguir e até mesmo opor o interesse próprio racional ao interesse próprio imediato do indivíduo. Isto porque este último encontrava-se vinculado a padrões e demandas da ordem social dominante, a qual não havia sido instituída pelo pensamento autônomo ou pela consciência, mas, antes, por autoridades externas.

Na verdade, a efetuação desse tipo de racionalidade pressupunha um ambiente socioeconômico adequado, notadamente a sociedade liberal em que as realizações do indivíduo, que transformava em necessidades sociais seus produtos e ações, eram as marcas da sua individualidade. No entanto, a base econômica que sustentava tal racionalidade foi arruinada pelo processo de produção capitalista. Com isso, tendo em vista a influência das instituições, dos dispositivos e organizações da indústria, houve a transformação da racionalidade individual em racionalidade tecnológica. Isso, no entanto, não significou o desaparecimento da individualidade. Diz Marcuse:

O sujeito econômico livre, em vez disso, tornou-se objeto de organização e coordenação em larga escala, e o avanço individual se transformou em eficiência padronizada. Esta última se caracteriza pelo fato de que o desempenho individual é motivado, guiado e medido por padrões externos ao indivíduo, padrões que dizem respeito a tarefas e funções predeterminadas. O indivíduo eficiente é aquele cujo desempenho consiste numa ação somente enquanto seja a reação adequada às demandas objetivas do aparato, e a liberdade do indivíduo está confinada à seleção dos meios mais adequados para alcançar uma meta que ele não determinou. Enquanto o avanço individual independe de reconhecimento e se consuma no próprio trabalho, a eficiência é um desempenho recompensado e consumado apenas em seu valor para o aparato. Para a maioria da população, a liberdade anterior do sujeito econômico foi gradualmente submersa na eficiência com a qual ele desempenhava serviços a ele atribuídos. O mundo tinha se racionalizado a tal ponto, e esta racionalidade se tornou tal poder social, que o indivíduo não poderia fazer nada melhor do que adaptar-se sem reservas.³¹¹

³¹¹ MARCUSE, 1999, p. 78.

Marcuse sustenta que, neste ponto, não os fatos da natureza que dirigem o pensamento e a ação do homem, “que devem ser aceitos para que possam ser controlados”,³¹² tampouco os fatos da sociedade, “que devem ser modificados porque já não correspondem às necessidades e potencialidades humanas”;³¹³ na verdade, esta nova atitude se caracteriza por uma submissão altamente racional aos fatos vinculados ao processo técnico, os quais, segundo o autor, aparecem como a personificação da racionalidade e da eficiência, a tudo reunindo em um mecanismo racional e conveniente:

O ponto decisivo é que esta atitude – que dissolve todas as ações em uma sequência de reações semi-espontâneas a normas mecânicas prescritas – não é apenas perfeitamente racional, mas também perfeitamente razoável. Todo protesto é insensato e o indivíduo que persistisse em sua liberdade de ação seria considerado excêntrico. Não há saída pessoal do aparato que mecanizou e padronizou o mundo. É um aparato racional, combinando a máxima eficiência com a máxima conveniência, economizando tempo e energia, eliminando o desperdício, adaptando todos os meios a um fim, antecipando as consequências, sustentando a calculabilidade e a segurança.³¹⁴

Com as leis e mecanismos da racionalidade tecnológica assim difundidos por toda a sociedade, desenvolva-se por fim aquilo que Marcuse denomina de um conjunto de valores de verdade próprios – que abrangeria as condutas humanas nas mais diversas áreas –, os quais são considerados verdadeiros ou falsos em termos de sua instrumentalidade e eficiência, sendo testados e perpetuados pela própria racionalidade tecnológica:

A racionalidade aqui pede submissão e coordenação incondicional e, conseqüentemente, os valores de verdade relacionados a esta racionalidade implicam a subordinação do pensamento a padrões externos preestabelecidos. Podemos chamar verdade tecnológica este conjunto de valores de verdade, tecnológica no duplo sentido de que é um instrumento de eficácia em vez de um fim em si, e de que segue o padrão do comportamento tecnológico.³¹⁵

Deste modo, no decorrer do processo tecnológico, uma nova racionalidade e novos padrões de individualidade se disseminaram na sociedade, formas estas diferentes e até mesmo opostas àquelas que deram início à marcha da tecnologia no mundo moderno, terminando em submissão ao aparato que elas próprias criaram e que tudo abrange – uma racionalidade que conduzirá, em linha reta e acriticamente, da bancada

³¹² MARCUSE, 1999, p. 79.

³¹³ MARCUSE, 1999, p. 79.

³¹⁴ MARCUSE, 1999, p. 80.

³¹⁵ MARCUSE, 1999, p. 84.

do cientista aos centros de extermínio nazista, onde “exterminar” tem o mero sentido de “executar um trabalho”.³¹⁶

Vimos como os grandes desastres técnicos, ocasionados pela Segunda Guerra Mundial, geraram ou pelo menos influenciaram uma onda de críticas e um grande ceticismo em relação ao futuro das sociedades modernas e sua tecnologia, tomando contato, neste sentido, com a argumentação de Herbert Marcuse, referente ao caráter de dominação da técnica moderna e da subsequente inversão do princípio de dominação, em que o homem passaria então da condição de sujeito a objeto da técnica, bem como pela constituição daquilo que ele denomina de racionalidade tecnológica.

Pois bem. Temos visto como parte da ficção norte-americana da segunda metade do século XX está tematicamente relacionada a forças imensas e invisíveis que operam no mundo contemporâneo,³¹⁷ ao impacto da tecnologia na sociedade e à chegada da era da técnica, e procura configurar isso literariamente. Temos, além de Burroughs e Pynchon, o também norte-americano Don DeLillo (n. 1936), em seu (oitavo) romance *Ruído Branco*.

Publicado originalmente em 1985, tendo como cenário uma cidadezinha americana do Meio-Oeste, o romance segue um ano da vida de Jack Gladney, um professor universitário especializado em “hitlerologia”, e sua família, cuja cidade é evacuada após um acidente envolvendo uma substância tóxica, funcionando, assim,

³¹⁶ Por exemplo, para Franz Stangl, comandante do campo de extermínio de Treblinka, em entrevista à Gitta Sereny: “Quantas pessoas chegavam por comboio? – perguntei. – Normalmente 5.000, às vezes mais. – Aconteceu-lhe falar com as pessoas que chegavam? – Falar? Não. (...) Eu trabalhava habitualmente no meu escritório – havia muita papelada – até as 11 horas. Depois fazia uma nova ronda começando pelo *Totenlager*. A essa hora, o trabalho já estava bem avançado. Ele queria dizer que as 5.000 ou 6.000 pessoas chegadas pela manhã já estavam mortas: o ‘trabalho’ era a destruição dos corpos, que tomava todo o resto do dia e que continuava mesmo até de noite durante alguns meses. (...) Ah, a essa hora da manhã, tudo estava quase pronto no campo de baixo. Normalmente um comboio era classificado em duas ou três horas. Ao meio-dia eu almoçava (...) e depois do almoço eu repousava por uma meia hora mais ou menos. Depois novamente uma ronda e o trabalho de escritório. (...) – Chegavam e, duas horas depois, já estavam mortos – disse Stangl. E essas duas horas estavam repletas de uma tal onda de violência, tão cuidadosamente planejada, que tirava dessas centenas de milhares de seres humanos qualquer oportunidade de respirar por um instante e refletir. (...) – O senhor não podia modificar nada? Na posição em que estava, não poderia impedir o desnudamento, as chicotadas, o horror dos cercados para gado? – Não, não, não. Era o sistema. [Christian] Wirth o inventara. Funcionava. E como funcionava, era irretocável” (SERENY, 1981, p. 151-152, 176, 178).

³¹⁷ Conforme salienta Tony Tanner a esse respeito, “o possível pesadelo de ser totalmente controlado por agências e poderes invisíveis nunca está longe na ficção americana contemporânea” (TANNER, 1971, p. 16).

como uma espécie de conto sobre uma sociedade dominada pela tecnologia bem como dos efeitos desta sobre as relações sociais e humanas, e, como tal, segundo DeLillo, posta a serviço da morte. A significação da técnica alcança, neste ponto, o coração do texto:

Você pode ter fé na tecnologia. Foi ela que levou você à sua situação, ela há de poder tirá-lo daí. É pra isso que serve a tecnologia. Por um lado, ela cria o apetite da imortalidade. Por outro, ameaça destruir toda a Terra. (...) Mas também é vida, não é? Ela prolonga a vida, cria órgãos novos para substituir os que se estragaram. Novas invenções, novas técnicas todos os dias. Lasers, masers, ultrassom. Entregue-se a ela. Tenha fé nela.³¹⁸

Aparecem sinais ameaçadores concernentes ao uso de substâncias tóxicas, relatos de inúmeros desastres são transmitidos frequentemente por rádio e TV;³¹⁹ a escola local é evacuada,³²⁰ e um homem morre durante a inspeção de uma sala de aula do segundo andar do prédio.³²¹ Finalmente, ocorre um acidente que teve origem em uma colisão de trem em um pátio de manobras de trens próximo. A nuvem negra e movente formada pelo acidente está cheia de Niodene D., uma substância química altamente tóxica.³²² O rádio cita uma série de sintomas que variam de palmas das mãos suadas a *déjà vu* até o coma.

De início, há uma perplexidade geral. A sensação de que se trata de algo extraordinário, algo desconhecido para todos: o que temer e o que não temer, o que evitar e não evitar? Ninguém sabia. E não havia ninguém que pudesse responder. Era uma autêntica evacuação:

“Evacuar todas as residências. Nuvem química mortífera, nuvem química mortífera.” (...) Vinte minutos depois, já estávamos no carro. O rádio dizia que as pessoas na zona oeste da cidade deveriam ir para

³¹⁸ DELILLO, 1987, p. 346-347.

³¹⁹ “Naquela noite – era sexta-feira – nos reunimos à frente da televisão, como de costume (...). Havia enchentes, terremotos, avalanches de lama, vulcões em erupção. (...) Permanecemos em silêncio, vendo casas sendo tragadas pelo oceano, vilas inteiras incendiando-se, cobertas por lavas. Cada desastre nos fazia desejar mais, algo maior, mais grandioso, mais completo.” (DELILLO, 1987, p. 81-82)

³²⁰ “Foi necessário evacuar a escola primária na terça. As crianças andavam sentindo dor de cabeça e irritação nos olhos, sentindo gosto de metal na boca. Uma professora rolou pelo chão falando em línguas estrangeiras. Ninguém entendia o que estava acontecendo.” (DELILLO, 1987, p. 47)

³²¹ “Foi no estacionamento [do supermercado] que ouvimos pela primeira vez os boatos de que um homem havia morrido na inspeção da escola primária, um dos grandalhões de máscaras de gases e trajas de *mylex* e botas pesadas. Caiu no chão e morreu – diziam – numa sala de aula do segundo andar.” (DELILLO, 1987, p. 54)

³²² “O Niodene D. é uma mistura de subprodutos da fabricação de inseticida. (...) Sob forma de pó, é incolor, inodoro e extremamente perigoso, só que ninguém sabe exatamente qual o efeito que a substância tem sobre seres humanos (...). Passaram anos fazendo experiências, e ou não têm muita certeza ou não querem divulgar nada. Tem coisas que são terríveis demais para se divulgar. (...) Depois que penetra o solo, a substância dura quarenta anos.” (DELILLO, 1987, p. 163)

o acampamento de escoteiros abandonado, onde voluntários da Cruz Vermelha distribuiriam suco de frutas e café. As pessoas da zona leste deveriam pegar a estrada e ir até o quarto posto de gasolina, onde havia um restaurante chamado Kung Fu Palace (...). Enquanto esperávamos nossa vez de entrar na estrada de quatro faixas, ouvimos a voz amplificada atrás de nós, gritando para as casas vazias numa rua ladeada por plátanos e altas cercas-vivas: “Abandonar todas as residências, imediatamente. Nuvem tóxica, nuvem tóxica”.³²³

Quando então contemplan a grande nuvem negra pairando acima, no céu, num misto de horror e fascínio:

Apareceu no céu, à nossa frente, à esquerda, obrigando-nos a afundar nos bancos e baixar a cabeça para enxergar melhor (...). Era a grande nuvem negra, a formação da nuvem tóxica, iluminada pelos faróis poderosos de sete helicópteros do exército. (...) A imensa massa escura vagava pelo céu como um navio-fantasma de alguma lenda escandinava, escoltado por criaturas metálicas de asas espirais. Não sabíamos direito como devíamos reagir. Era terrível ver tão de perto, ali tão baixo, aquele acúmulo de cloretos, benzinhas, fenóis, hidrocarbonetos ou lá o que fosse exatamente sua fórmula tóxica. Mas era também algo espetacular; tinha um pouco da grandeza de um evento épico (...). Nosso medo vinha acompanhado de uma admiração quase religiosa. Certamente é possível sentir uma espécie de admiração por aquilo que nos ameaça a vida, encará-lo como uma força cósmica, muito maior do que nós, mais poderosa, criada por forças primevas e caprichosas. Essa era uma morte feita no laboratório, definida e mensurável (...). Era extraordinário.³²⁴

Já no acampamento de escoteiros abandonado, convertido em abrigo da Cruz Vermelha, um novo alerta é emitido, informando que a nuvem tóxica agora aproxima-se do abrigo improvisado, e para que todos voltem para seus veículos e abandonem o local imediatamente:

“Mudança de ventos, mudança de ventos. Nuvem mudou de direção. Nuvem tóxica está vindo para cá. (...) Nuvem tóxica, nuvem tóxica. Voltem para seus veículos, voltem para seus veículos.”³²⁵

Ainda estava escuro, chovia muito. Cenas de caos descortinam-se durante a nova evacuação: carros atolam na lama, alguns não pegam, outros são bloqueados por árvores ou outros carros, sirenes e buzinas zunem e guincham em sinal de protesto e desespero, homens correm, barracas são arrastadas pelo vento, num grande desconcerto a explodir contra um pano de fundo de total despreparo da consciência e absoluta fé na técnica:

³²³ DELILLO, 1987, p. 148-149.

³²⁴ DELILLO, 1987, p. 158.

³²⁵ DELILLO, 1987, p. 195.

Havia homens correndo, barracas arrastadas pelo vento, famílias inteiras abandonando seus veículos e seguindo a pé em direção à estrada. Do fundo do mato vinha o ruído de motocicletas acelerando, vozes gritando coisas incoerentes. Era como a queda de uma capital colonial sitiada por rebeldes tenazes, um grande drama com componentes de humilhação e culpa.³²⁶

A chuva converte-se em gelo, e o gelo em neve. Então são ouvidos os rotores dos helicópteros, e novamente surge a grande nuvem tóxica, iluminada agora por dezoito helicópteros. A morte em um novo disfarce, com uma fisionomia desconhecida:

Vimos por entre as árvores nuas a imensa nuvem tóxica, agora iluminada por dezoito helicópteros; de uma imensidão quase inconcebível, muito maior do que qualquer lenda, qualquer boato, uma massa fluída e inchada, em forma de lesma. Parecia gerar tempestades em seu próprio interior. Ouviam-se estampidos e estalos, viam-se relâmpagos e longos riscos de fogo químico. (...) A grande nuvem tinha um núcleo turbulento e bordas prateadas pela luz dos holofotes. Arrastava-se, uma lesma horrenda, pelo céu escuro, e os helicópteros pareciam ganir, impotentes, em seu encalço. Com suas proporções imensas, sua forma escura e ameaçadora, cercada de uma escolta metálica, aquela nuvem parecia uma promoção nacional da morte, uma campanha de milhões de dólares (...).³²⁷

Será o caso de dizer que o homem inventou algo para o qual ainda não está preparado, que não está ao seu nível? Seja como for, o que fica evidentemente em aberto aqui, com a ascensão da técnica moderna, e como tal configurada literariamente, é a possibilidade real de aniquilação. Isso é o que está colocado como problema, e o mistério de *Gravity's Rainbow*, neste sentido, talvez seja o mistério de por que a humanidade persegue a sua própria destruição, o mistério de fato do século XX, o qual aponta repetidamente para a loucura da aniquilação:

Creio que existe uma terrível possibilidade agora, no Mundo. Não podemos varrê-la para debaixo do tapete, temos que encará-la de frente. (...) A Morte tem sido a fonte de poder d'Eles. Foi fácil para nós perceber isso. (...) Temos que tocar em frente sob a possibilidade de que morreremos *apenas* porque Eles querem: porque Eles precisam do nosso terror para a sobrevivência d'Eles. Nós somos a colheita d'Eles...³²⁸

³²⁶ DELILLO, 1987, p. 196.

³²⁷ DELILLO, 1987, p. 197.

³²⁸ "I think that there is a terrible possibility now, in the World. We may not brush it away, we must look at it. (...) Death has been the source of Their power. It was easy enough for us to see that. (...) We have to

Tal possibilidade foi trazida à nossa consciência pela primeira vez em 6 agosto de 1945, quando os Estados Unidos lançaram a bomba atômica sobre Hiroshima,³²⁹ conforme narrada em *Gravity's Rainbow* em uma linguagem saturada de imagens astrológicas:

No instante em que a coisa aconteceu, a pálida Virgem estava ascendendo no leste, cabeça, ombros, seios, 17° 36' até o hímen do horizonte. Uns poucos Japoneses condenados conheciam-na como uma divindade Ocidental. Ela pairava no céu oriental baixando os olhos para a cidade prestes a ser sacrificada. O sol estava em Leão. A explosão de fogo veio troante e soberana...³³⁰

Estes detalhes astrológicos são precisos: a bomba atômica foi lançada sobre Hiroshima às 9:15 da manhã, horário de Hiroshima, no dia 6 de agosto de 1945, no momento em que a constelação de Virgem, geralmente representada como uma donzela ornada com um vestido branco, erguia-se à leste, conforme o ângulo fornecido pelo narrador, enquanto o sol estava no meio do signo de Leão (23 de julho a 22 de agosto).

Fato é que a bomba lançada sobre Hiroshima em 6 de agosto de 1945 foi a primeira;³³¹ três dias depois, seguiu-se a segunda, sobre Nagasaki.³³² Diante de tamanha força destruidora, o Japão finalmente capitulou. No entanto, essas primeiras bombas, que eram já tão assustadoras, foram superadas de longe pelas bombas que desde então foram detonadas experimentalmente em regiões desertas, e cuja liberação de energia supera em muito às bombas de Hiroshima e Nagasaki.³³³

carry on under the possibility that we die *only* because They want us to: because They need our terror for Their survival. We are their harvests..." (PYNCHON, 2006, p. 548)

³²⁹ "A aniquilação é o pesadelo do século XX, e é talvez o nosso destino – uma possibilidade trazida à nossa consciência pela primeira vez em 1945 quando os Estados Unidos lançaram a bomba atômica." (OLDERMAN, 1973, p. 124)

³³⁰ "At the instant it happened, the pale Virgin was rising in the east, head, shoulders, breasts, 17° 36' down to her maidenhead at the horizon. A few doomed Japanese knew of her as some Western deity. She loomed in the eastern sky gazing down at the city about to be sacrificed. The sun was in Leo. The fireburst came roaring and sovereign..." (PYNCHON, 2006, p. 707-708)

³³¹ Estima-se que 350.000 pessoas estavam em Hiroshima quando a bomba explodiu. O número preciso de pessoas mortas pelo ataque é desconhecido. Para mais detalhes, cf. Hiroshima Peace Memorial Museum, *The spirit of Hiroshima: an introduction to the atomic bomb tragedy*. Hiroshima: Hiroshima Peace Memorial Museum, 1999. Ver Referências bibliográficas.

³³² Em 09 de agosto de 1945, às 11h02min da manhã, outra bomba atômica foi lançada sobre a cidade de Nagasaki. De uma população total de 240.000 pessoas, estima-se que 74.000 pessoas morreram em decorrência desse ataque. Para mais detalhes, cf. Hiroshima Peace Memorial Museum, *The spirit of Hiroshima: an introduction to the atomic bomb tragedy*. Hiroshima: Hiroshima Peace Memorial Museum, 1999. Ver Referências bibliográficas.

³³³ Como diz Erich Fromm: "Desde então a raça humana foi defrontada com uma ameaça ainda maior: a destruição de nossa civilização, senão de toda a humanidade, por armas termonucleares tais como existem atualmente e tal como são desenvolvidas em proporções crescentes e assustadoras. (...) A bomba atômica lançada sobre as cidades japonesas parece pequena e ineficaz quando comparada à chacina em massa que

A temática da aniquilação, contudo, já aparece presente na primeira obra de Pynchon, *V.*, e inúmeros trechos desse romance testemunham essa preocupação,³³⁴ como no excerto a seguir, que, numa linguagem altamente poética, conclui com a questão mesma do pesadelo da aniquilação como sendo o pesadelo *sui generis* do século XX:

Assim, quando dobram uma esquina, como temos todos de fazer, como já fizemos e fazemos – alguns mais que outros – e vemo-nos na rua... Você sabe a que rua me refiro, criança. A rua do Século 20, em cuja outra extremidade ou dobra – esperamos – há algum senso de lar ou segurança. Mas sem garantias. Uma rua em cuja ponta errada somos colocados, por motivos mais conhecidos pelos agentes que nos puseram lá. Se é que há agentes. Mas uma rua temos de percorrer. É esse o teste do ácido. Povoar ou não povoar. Fantasmas, monstros, criminosos, desviados representam melodrama e fraqueza. O único horror neles é o horror do isolamento daquele que sonha. Mas o deserto, ou uma fila de falsas fachadas de lojas; um monte de escória, uma forja cujos fogos estão apagados, esses e a rua e o sonhador, apenas uma sombra insequente ele próprio na paisagem, partilhando da ausência de alma dessas outras massas e sombras; este é o pesadelo do Século XX, o pesadelo da aniquilação.³³⁵

O pesadelo da aniquilação, historicamente considerado, é o pesadelo do século XX. Basta, para tanto, como prova, que recordemos, além de Hiroshima e Nagasaki, Auschwitz e Treblinka (sem falar de Tchernóbil, o mais grave desastre tecnológico do século XX). Por certo que todos estes eventos, fartamente documentados, dão testemunho e ajudam a explicar tal temor, separando tal século dos demais períodos da história como um período mais violento, sanguinário e cruel que qualquer outro.

Os campos de extermínio foram abolidos; a guerra atômica ainda não ocorreu, mas continua a assombrar-nos. Encontramo-nos agora diante de um novo marco aniquilatório, não mais baseado em genocídio étnico-racial produzido em campos

pode ser obtida com a utilização de armas termonucleares capazes de varrer do mapa noventa ou cem por cento da população de um país” (FROMM, 2009, p. 368, 372).

³³⁴ Na verdade, segundo David Cowart, “este temor apocalíptico é uma característica padrão do trabalho de Pynchon. As primeiras histórias ‘Entropy’ e ‘Mortality and Mercy in Vienna’ concluem com imagens de aniquilação, e tanto *V.* quanto *Against the Day* podem ser lidos como parte de uma meditação de muitas camadas sobre as tendências apocalípticas da história moderna e pós-moderna” (COWART, 2011, p. 103-104).

³³⁵ PYNCHON, 1988, p. 366-367.

de morte, mas em avanços técnico-científicos, inaugurando o poder do homem de pôr fim à vida na terra.³³⁶

É provável que a explosão das primeiras bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki fez-nos, enquanto espécie, pressentir que algo de inteiramente novo e ao mesmo tempo terrível acabara de suceder, talvez compreendendo que naquela bola de fogo uma era da história humana se houvesse encerrado e outra se estivesse inaugurando.

Passado o trauma, o mundo retornou à suas ocupações rotineiras certo de que tudo talvez não passasse de um grande equívoco, o qual nunca mais tornaria a se repetir. Ademais, o imenso poder destrutivo de tais armamentos era uma garantia em relação ao seu emprego, porquanto seria insensato admitir que as nações pudessem vir a utilizá-los, sob o risco de aniquilarem-se mutuamente. O bom senso e o interesse da espécie humana na própria sobrevivência representavam uma garantia de que as armas nucleares jamais seriam utilizadas em larga escala (em qualquer caso, as bombas atômicas não seriam mais empregadas).

E, no entanto, a ameaça continua a rondar-nos, espreitando-nos a cada nova escalada nuclear.³³⁷ O que faz da questão nuclear e do apocalipse vindouro uma questão ainda premente, algo frente ao qual devemos manter-nos criticamente vigilantes, sob o risco de, ao domesticar ou naturalizar tal terror, tornarmo-nos sonâmbulos suicidas.

³³⁶ “Com a ‘Bomba Cósmica’, a sinistra diferença desse novo resultado dos avanços técnico-científicos, especialmente do complexo militar-industrial, é que ele inaugura o poder do homem de pôr fim à vida na terra. E *essa* é a nova história ‘excepcionalista’.” (HERMAN e WEISENBURGER, 2013, p. 189)

³³⁷ E quem poderá negar que a ameaça de uma guerra nuclear hoje é muito maior do que durante a Guerra Fria?

5. O FOGUETE SEGUNDO PYNCHON

Como vimos, o título do livro de Pynchon refere-se à trajetória parabólica da V-2, o caminho em forma de arco formado pelo foguete, que se move sob a influência da gravidade, após a desativação do motor, assim como à própria circularidade da trama, que, como um arco parabólico – representada na queda de um foguete –, liga o começo e o final da obra. Mais ainda: a trajetória parabólica do foguete, ao desafiar a gravidade, faz lembrar um arco-íris. Contudo, se o arco-íris faz-nos pensar de imediato no arco-íris bíblico (Gênesis 9, 12-17), o qual simboliza a aliança entre Deus e os homens (e, portanto, um símbolo de renovação), tomar a trajetória parabólica do foguete, a qual faz lembrar um arco-íris, como uma promessa de vida implicaria num completo equívoco, posto que ele acarreta morte e destruição³³⁸:

“O verdadeiro movimento não é da morte para alguma espécie de renascimento. É da morte para a morte-transfigurada. (...) A persistência de estruturas que favorecem a morte. Morte convertida em mais morte. Aperfeiçoando o seu reino (...).”³³⁹

Mas o Foguete não apenas desafia a gravidade como é mais rápido que a velocidade do som, o que não só assombra como também perturba todas as personagens da “narrativa”, como algo saído de um autêntico pesadelo diretamente para o mundo da vida:

O suor no rosto do Pirata é quase tão frio quanto gelo. Ele leva algum tempo para acender um cigarro. Não vai ouvir o barulho da coisa chegando. Ela viaja mais rápida que a velocidade do som. A primeira coisa que a gente sente é a explosão. Depois, se não tiver morrido, a gente ouve o barulho dele vindo. E se ela atingisse *exatamente* – ahh, não –, por uma fração de segundo daria para gente sentir a ponta, seguida de uma massa terrível, atingindo o topo do crânio...³⁴⁰

³³⁸ “Em todos os lugares em *Gravity’s Rainbow* o arco parabólico simboliza doença, demência e destruição.” (WEISENBURGER, 2006, p. 10)

³³⁹ “The real movement is not from death to any rebirth. It is from death to death-transfigured. (...) The persistence of structures favoring death. Death converted into more death. Perfecting its reign (...).” (PYNCHON, 2006, p. 169)

³⁴⁰ “Pirate’s sweat lies on his skin almost as cold as ice. He takes some time lighting a cigarette. He won’t hear the thing come in. It travels faster than the speed of sound. The first news you get of it is the blast. Then, if you’re still around, you hear the sound of it coming in. What if it should hit *exactly* – ahh, no –

O verdadeiro horror do foguete: a certeza da morte. Uma morte sem aviso prévio, muda, silenciosa:

Não é nada que ele [Slothrop] possa ver ou sobre a qual possa impor as mãos – gases repentinos, uma violência sobre o ar que não deixa vestígios depois... uma Palavra, pronunciada sem nenhum aviso em seu ouvido, e depois silêncio para sempre. Além da sua invisibilidade, além do golpe do martelo e do irromper do apocalipse, aqui está o seu verdadeiro horror, zombeteiro, prometendo-lhe a morte com confiança e precisão alemãs, rindo baixo de todos os pequenos escrúpulos de Tantivy... não, nada de bala com aletas... apenas a Palavra, a única Palavra que rasga o dia...³⁴¹

O Foguete é impossível de adivinhar, é impossível de prever, e nenhum lugar está seguro, protegido de ataques:

Uma bomba voadora dá tempo para procurar um abrigo, já um foguete atinge o alvo antes mesmo que eles tenham tempo de ouvi-lo chegar. Uma coisa bíblica, talvez, assustadora como um velho conto de fadas germânico, mas não é A Guerra, não é a grande luta entre o bem e o mal que o rádio relata todos os dias. E não há nenhuma razão para que, bem, a vida não continue... Roger já tentou explicar para Jessica as estatísticas sobre os bombardeios de foguetes: a diferença entre a distribuição, do ponto de vista dos anjos, por todo o mapa da Inglaterra, e as chances deles próprios serem atingidos, do ponto de vista de quem está aqui embaixo. Ela [Jessica] quase conseguiu: quase entendeu a equação de Poisson, mas não conseguiu juntar as duas coisas – colocar a própria calma que ela consegue manter no dia-a-dia ao lado das cifras puras e manter ambas à vista. Tem sempre uma peça que sai do lugar. “Por que sua equação só serve para anjos, Roger? Por que *nós* não podemos fazer nada aqui embaixo? Não poderia haver uma equação para nós também, algo que nos ajude a encontrar um lugar mais seguro?” (...) “Você não pode... *prever*”, Pointsman oferecendo a Mexico um de seus Kyprinos Orientes, que ele guarda em bolsos secretos costurados dentro de todos os seus jalecos, “com base nesse seu mapa aqui, quais os lugares em que seria mais seguro ficar, mais protegido de ataques?” “Não.”³⁴²

for a split second you'd have to feel the very point, with the terrible mass above, strike the top of the skull...” (PYNCHON, 2006, p. 07-08)

³⁴¹ “It’s nothing he can see or lay hands on – sudden gases, a violence upon the air and no trace afterward... a Word, spoken with no warning into your ear, and then silence forever. Beyond its invisibility, beyond hammerfall and doomcrack, here is its real horror, mocking, promising him death with German and precise confidence, laughing down all of Tantivy’s quiet decencies... no, no bullet with fins, Ace... not the Word, the one Word that rips apart the day...” (PYNCHON, 2006, p. 26)

³⁴² “A doodle will give time to get to safety, a rocket will hit before they can hear it coming. Biblical, maybe, spooky as an old northern fairy tale, but not The War, not the great struggle of good and evil the wireless reports everyday. And no reason not just to, well, to keep on... Roger has tried to explain to her the V-bomb statistics: the difference between distribution, in angel’s-eye view, over the map of England, and their own chances, as seen from down here. She’s almost got it: nearly understands his Poisson equation, yet can’t quite put the two together – put her own enforced calm day-to-day alongside the pure numbers, and keep them both in sight. Pieces keep slipping in and out. ‘Why is your equation only for angels, Roger? Why can’t *we* do something, down here? Couldn’t there be an equation for us too, something to help us find a safer place?’ (...) ‘Can’t you... *tell*’, Pointsman offering Mexico one of his

O foguete não apenas desafia as fronteiras nacionais e os oceanos, como também não conhece nem raça, nem gênero, nem classe: “É eminentemente justo (...). Todo mundo é igual. As mesmas chances de ser atingido. Igual aos olhos do foguete.”³⁴³

Ou ainda:

O foguete vem como o Revelador. Mostrando que nenhuma sociedade pode proteger, jamais pôde – que são todas inúteis como escudos de papel... (...) Eles mentiram para nós. Eles não podem nos proteger da morte, e por isso Eles mentem para nós sobre a morte. Toda uma estrutura cooperativa de mentiras. (...) Por acaso Eles podem nos proteger sequer de pegar resfriados? dos piolhos, da solidão? do *que quer que seja?* Antes do foguete, nós continuávamos acreditando, porque queríamos acreditar. Mas o foguete é capaz de penetrar, vindo do céu, qualquer ponto. Nenhum lugar é seguro. Não podemos mais acreditar n’Eles. Não se ainda temos sanidade mental, e ainda amamos a verdade.³⁴⁴

Na base de lançamento de foguetes a operar em Haia, Katje, Gottfried e até mesmo Blicero se sentem desamparados: “a Guerra”, com sua “regra absoluta do acaso”, força-os a reconhecer “sua própria lastimosa contingência aqui, no meio dela”.³⁴⁵ E, por causa do foguete, que exprime a indefinição e incerteza a que está associada estes novos tempos, ninguém está a salvo ou protegido, nem mesmo dentro de casa:

Não estão a salvo, nem mesmo dentro de casa... quase todo dia um foguete falha. No final de outubro, não muito longe desta propriedade, um deles caiu para trás e explodiu, matando 12 homens da equipe de lançamento (...). Segundo o boato oficial, fora apenas uma explosão de combustível e oxidante. Mas o capitão Blicero, com um prazer trêmulo – até mesmo niilista (...) –, contou que a carga de amatol na ogiva também havia explodido, tornando-os tanto alvo como local de lançamento... Que todos estavam condenados. A casa fica a oeste do

Kyprinos Orients, which he guards in secret fag fobs sewn inside all his lab coats, ‘from your map here, which places would be safest to go into, safest from attack?’ ‘No.’” (PYNCHON, 2006, p. 55-57)

³⁴³ “It’s eminently fair (...). Everyone’s equal. Same chances of getting hit. Equal in the eyes of the rocket.” (PYNCHON, 2006, p. 58)

³⁴⁴ “‘It comes as the Revealer. Showing that no society can protect, never could - they are as foolish as shields of paper... (...) They have lied to us. They can’t keep us from dying, so They lie to us about death. A cooperative structure of lies. (...) Can They keep us from even catching cold? from lice, from being alone? from anything? Before the Rocket we went on believing, because we wanted to. But the Rocket can penetrate, from the sky, at any given point. Nowhere is safe. We can’t believe Them any more. Not if we are still sane, and love the truth.’” (PYNCHON, 2006, p. 742-743)

³⁴⁵ “(...) the War, absolute rule of chance, their own pitiable contingency here, in its midst...” (PYNCHON, 2006, p. 98)

hipódromo de Duindigt, na direção oposta a Londres, mas nenhuma direção está protegida (...).³⁴⁶

A incerteza que paira sobre nossas cabeças, a vida por um fio, o risco de morte: o foguete:

Foguetes são como projéteis de artilharia, dispersam-se em torno do ponto mirado em uma elipse gigantesca – a Elipse de Incerteza. Mas Pökler, embora confiando tanto quanto qualquer cientista na incerteza, não está se sentindo muito seguro aqui. Afinal, é o esfínter latejante de seu próprio rabo que está exatamente em cima do Ponto Zero.³⁴⁷

Elipse de Incerteza – genial metáfora destes novos tempos. Símbolo supremo da criação técnico-científica, o foguete exprime igualmente o tempo de indefinição e incerteza a que está associada estes novos tempos, em que a incerteza instala-se como o núcleo da existência:

“Nós todos nos movemos numa Elipse de Incerteza, não é?”³⁴⁸

Estaríamos, portanto, diante do estabelecimento de uma nova compreensão do sentimento da existência, marcado não só por novas representações do tempo (de tipo sincrônico), como igualmente pela incerteza e insegurança generalizadas? Pois não é verdade que nestes novos tempos tudo se joga segundo um “princípio de incerteza”? Esse não é o modo como vivemos agora?³⁴⁹ E ainda: não seria o caso de dizer que a ausência de meta narrativa no livro de Pynchon reflete precisamente a incerteza com relação ao futuro, como uma espécie de reação contra os desastres que todos aguardam, e ao qual as pessoas se esforçam por adiar por todos os meios possíveis (inclusive formais)?³⁵⁰

³⁴⁶ “It isn’t safe, even inside, in the house... nearly every day a rocket misfires. Late in October, not far from this estate, one fell back and exploded, killing 12 of the ground crew (...) The official rumor stated that only fuel and oxidizer had gone off. But Captain Blicero, with a trembling – she must say nihilistic – pleasure, said that the Amatol charge in the warhead had also exploded, making them as much target as launch site... That they were all condemned. The house lies west of the Duindigt racecourse, quite the other direction from London, but no bearing is exempt (...).” (PYNCHON, 2006, p. 98)

³⁴⁷ “Rockets are supposed to be like artillery shells, they disperse about the aiming point in a giant ellipse – the Ellipse of Uncertainty. But Pökler, though trusting as much as any scientist in uncertainty, is not feeling too secure here. It is after all his own personal ass whose quivering sphincter is centered right on Ground Zero.” (PYNCHON, 2006, p. 432)

³⁴⁸ “We all move in an Ellipse of Uncertainty, don’t we?” (PYNCHON, 2006, p. 434)

³⁴⁹ “Que já não vivemos no tempo histórico pode ser mais claramente entendido com relação ao futuro. Para nós, o futuro não se apresenta mais como horizonte aberto de possibilidades; ao invés disso, ele é uma dimensão cada vez mais fechada a quaisquer prognósticos – e que, simultaneamente, parece aproximar-se como ameaça.” (GUMBRECHT, 2015, p. 14-15)

³⁵⁰ O fato é que, desde o término da Segunda Guerra Mundial, o fim do mundo assomou como uma possibilidade real, contudo, nos últimos decênios, a sensação de perigo cresceu ainda mais, não apenas por conta da proliferação das armas de destruição em massa, mas também porque as condições sociais, econômicas e ambientais sofreram uma rápida deterioração, e essa angústia parece se manifestar

O caso é que já não temos nada em que nos apoiar, nenhuma certeza, nada, e – novamente – é a personagem Franz Pökler quem ilustra bem esta condição. Como tal, Pökler também necessita de algo em que se apoiar, alguma certeza, qualquer que seja:

Pökler sabia como encontrar segurança entre as abscissas e ordenadas internas dos gráficos: encontrando os pontos de que necessitava, não correndo a curva em si, não passando sobre pedra alta, vulnerável, mas, antes, percorrendo pacientemente os x s e y s, P (atü), W (m/s), T_i ($^{\circ}$ K), movendo-se sempre pelos ângulos retos, seguros, ao longo das linhas desmaiadas...³⁵¹

Ora, Pynchon nos fala em seu romance daquelas pessoas que estão num estado de absoluta indeterminação, como se fossem “vítimas de um vácuo” – sendo este vácuo o vazio espiritual, a perda de tensão em direção a uma *meta*. Tais personagens parecem mover-se em um vácuo, numa espécie de vazio espiritual em que ninguém possui vontade própria, substituída, neste ponto, por uma espécie de *vis inertiae* [força da inércia], resultante da própria condição de indeterminação do sujeito.

Mas, de onde, afinal, parte este vácuo, de dentro ou de fora? Virá acaso de fora?

Consideremos, novamente, o caso de Franz Pökler, uma das personagens, neste sentido, mais emblemáticas, vítima desse vácuo existencial ao qual nos referimos acima:

Os dias se passavam, todos muito parecidos para Pökler. Idênticos mergulhos matinais numa rotina tão sombria quanto o inverno. Ele aprendeu a manter uma aparência tranquila, pelo menos. Aprendeu a sentir o movimento conjunto em direção à guerra, que é único dos programas de armamentos. A princípio ele simula depressão ou ansiedade não-específica. Pode haver espasmos do esôfago e sonhos irrecuperáveis. Se pega escrevendo recados para si mesmo, logo que se levanta de manhã: mensagens razoáveis, tranquilizadoras, dirigidas ao louco varrido interior – 1. É uma combinação. 1.1 É uma grandeza escalar. 1.2. Seus aspectos negativos se distribuem isotropicamente. 2. Não é uma conspiração. 2.1 Não é um vetor. 2.11 Não é dirigido a ninguém. 2.12 Não é dirigido a *mim...* u.s.w. O café começa a ficar com um gosto cada vez mais metálico. Cada prazo agora é uma crise,

igualmente nas formas artísticas, inclusive o romance. Neste sentido, a forma artística romance, ao configurar os perigos à nossa frente, reage a esses riscos gerando uma forma em que a ideia mesmo de um fim torna-se problemática.

³⁵¹ “Pökler knew how to find safety among the indoor abscissas and ordinates of graphs: finding the points he needed not by running the curve itself, not up on high stone and vulnerability, but instead tracing patiently the x s and y s, P (atü), W (m/sec), T_i ($^{\circ}$ K), moving always by safe right angles along the faint lines...” (PYNCHON, 2006, p. 406)

cada uma mais intensa que a anterior. Por trás deste emprego-como-qualquer-outro-emprego parece haver alguma coisa vazia, alguma coisa terminal, alguma coisa a cada dia mais perto de se manifestar...³⁵²

Como já dissemos, a verdadeira força da narrativa pynchoniana não corresponde mais ao sentido de nenhuma delimitação ou certeza, mas, ao contrário, pela mais completa indeterminação, e esta falta de delimitação ou certeza dá lugar ao aparecimento de um vazio, o qual se insinua por toda a parte, inclusive entre as personagens, que segregam, cada qual, o seu próprio vazio, como no caso de Franz Pökler.

Procuremos indagar, neste ponto, sobre as causas do vácuo espiritual experimentado pela personagem em questão, tentando, desta forma, fornecer uma interpretação para o mesmo, relacionando-o com o processo de secularização do mundo, supostamente levado a cabo pelo mundo moderno.³⁵³

Ora, não seria este vácuo precisamente a consequência da destruição da “ordem” transcendente da história pelo secularismo moderno, o subproduto de uma exagerada “mundanização” do mundo? (Consideremos, neste sentido, as teorias modernas que lançam mão exclusivamente de causas imanentes para explicar ou interpretar o mundo, a exemplo da teoria marxista, em sua anulação do metafísico pelo sociológico.³⁵⁴)

Sabemos que os séculos XVI e XVII, no tocante a essa questão, representaram um tempo de transição, que partiu de um mundo fundamentado pela metafísica e que se seguiu como um período que procura explicar tudo por meio de

³⁵² “Days passed, much like one another to Pökler. Identical morning plunges into a routine dreary as winter now. He learned to keep an outward calm, at least. Learned to feel the gathering, the moving toward war that is unique to weapons programs. At first it simulates depression or non-specific anxiety. There may be esophageal spasms and unrecoverable dreams. You find you are writing notes to yourself, first thing in the morning: calm, reasoned assurances to the screaming mental case inside – 1. It is a combination. 1.1 It is a scalar quantity. 1.2. Its negative aspects are distributed isotropically. 2. It is not a conspiracy. 2.1 It is not a vector. 2.11 It is not aimed at anybody. 2.12 It is not aimed at *me...* u.s.w. The coffee begins to taste more and more metallic. Each deadline is now a crisis, each is more intense than the last. Behind this job-like-any-other-job seems to lie something void, something terminal, something growing closer, each day, to manifestation...” (PYNCHON, 2006, p. 422)

³⁵³ Somente a título de exemplo: Ao longo de *V.*, alusões também aparecem regularmente a fim de evocar o senso de vácuo espiritual no mundo moderno: imagens de deserto, a automação mortal da vida na cidade e as evocações de monotonia e tédio reforçam essa impressão de vácuo espiritual associado à experiência moderna.

³⁵⁴ “No lugar da esvanecida autoridade de Deus, e do magistério da Igreja, surge a autoridade da consciência moral, impõe-se a autoridade da razão. (...) A fuga do mundo para o supra-sensível é substituída pelo progresso histórico. A meta do além de uma glória eterna transforma-se na felicidade terrena da maioria. (...) O que é criador, o que antes era próprio do Deus bíblico, torna-se uma marca do fazer humano.” (HEIDEGGER, 2014, p. 255)

princípios puramente imanentes, ou seja, pelo abandono paulatino do plano de transcendência em favor do plano de imanência (noutras palavras, um campo horizontal de imanência em vez de uma transcendência vertical). Esse paulatino processo de secularização, de profunda “mundanização” do mundo, iniciado entre os séculos XVI e XVII, pode ser melhor observado na obra do pintor italiano Michelangelo Merisi da Caravaggio (1571-1610), em que os temas retratados são de natureza religiosa, porém, o tratamento dado a eles é absolutamente mundano. Aí, os objetos sacros, por exemplo, encontram-se sempre dispostos na horizontal, e os homens santos por ele representados, ao invés de mirarem o céu, têm os olhos continuamente voltados para o chão, ou seja, para o mundo.³⁵⁵

Neste sentido, seríamos nós, modernos, as principais vítimas e porta-vozes deste processo de secularização do mundo, iniciado com a modernidade? Afinal, o que significa dizer que, em toda a história universal, o homem nunca foi entendido apenas como um “mortal”, mas como um ser que participa de um movimento em direção à imortalidade, e que, somente com o Ocidente moderno, esta compreensão do homem foi completamente rejeitada?³⁵⁶ Trata-se, assim entendido, de algum tipo de cegueira ou obliteração, a qual tornara o homem moderno demoniacamente fechado a qualquer realidade transcendente?³⁵⁷

Tudo é, enfim, dissociação antinatural e secular no espírito moderno, e uma comparação deste estado com os ciclos “pré-modernos” da cultura ocidental pode nos ajudar a entender melhor essa situação, em que cada percepção física possui simultaneamente um componente espiritual que a anima e sustenta (a exemplo da astrologia e da alquimia medievais). Não temos aí, afinal, um bom índice do que pode significar a posterior separação do cosmos em duas metades (isto é, em sujeito e objeto) nascida com a ciência moderna, ou seja, como consequência de uma oclusão espiritual que conduziu o homem ocidental a um materialismo sem precedentes na história universal?

³⁵⁵ Conferir, neste sentido, as telas “São Jerônimo Que Escreve” e “São Francisco Em Meditação”.

³⁵⁶ “Notamos que ocorre dentro desse período [da História] uma mudança imensa da ênfase na representação do que é a realidade. A realidade da razão e do espírito, que se revela nas experiências noética e pneumática, desaparece, e em seu lugar a ênfase é transferida para a experiência do mundo das coisas na existência espaço-temporal. (...) O período em si é dúbio, na medida em que toda realidade que não tem a maneira de ser das coisas existentes num mundo imanente afunda na não-realidade.” (VOEGELIN, 2007, p. 339)

³⁵⁷ “Podemos descrever a deformação moderna como uma ortodoxia da alienação que exclui da consciência uma importante esfera da realidade: a relação do homem com o plano divino.” (VOEGELIN, 2007, p. 156)

Pois bem, tendo-se fechado completamente a qualquer realidade transcendente, não restou ao homem ocidental senão o domínio incondicionado sobre o mundo?

O fato é que, de modo semelhante a Lutero, que, um dia, rejeitou o ideal monástico com um ódio verdadeiramente mortal, após ter querido ser, em seu mosteiro agostiniano de Frankfurt, o autêntico homem da vida monástica, o Ocidente moderno, após ter procurado incansavelmente o Deus no mundo empírico e não encontrá-lo, rejeitou sua existência categoricamente, ou seja, como algo falso, não-real. Precisamente neste ponto, não se deve denominar a ambos os empreendimentos, exatamente como faz Nietzsche, de “rebelião camponesa no âmbito do espírito”, ou seja, como coisa vulgar, produto de uma mentalidade estreita, desastrosamente limitada e superficial?³⁵⁸

Tudo isto, na verdade, não constituirá nenhuma novidade se compreendermos a história do Ocidente moderno à luz do conceito de Vontade de Poder, chegando assim à conclusão de que a história do Ocidente moderno é a história do domínio ou do assenhoreamento do mundo pelo homem. Pois é justamente a partir da chamada Era Moderna que, pela primeira vez, se concebe a história do mundo como a história do domínio ou do assenhoreamento do homem sobre o mundo e a natureza, ao dispor de maneira estratégica de todos os meios e recursos para tal asseguramento.

(De um ponto de vista filosófico, todas estas atitudes se mantêm no nível daquela relação para com a realidade que desde os tempos de Nietzsche se caracteriza como Vontade de Poder, em que se faz a experiência do próprio real como Vontade de Poder.³⁵⁹)

Pois bem. O período histórico transicional acima mencionado corresponde, como se sabe, ao período da Reforma, o que faz o seu estudo um fecundo ponto de partida para a compreensão do panorama social e psicológico evocado por Pynchon em seu romance. Pois, a despeito das diferenças óbvias entre os dois períodos, a saber, o

³⁵⁸ Sobre este ponto, ver Friedrich Nietzsche, *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, § 358.

³⁵⁹ Consideremos, portanto, o nexos essencial entre o conceito de Vontade de Poder e a história do Ocidente moderno, desde as Cruzadas até o presente. Pois precisamente o conceito de Vontade de Poder reflete o *ethos* ocidental, sua paixão da distância, e que se manifesta tanto nas façanhas de Colombo e Vasco da Gama, de Cortés e Pizarro, bem como nas de Napoleão e de Hitler, enquanto domínio do espaço cósmico, como uma espécie de pretensão de domínio que a alma moderna enuncia sobre todas as coisas.

período da Reforma e o da Alemanha de Hitler, há uma analogia fundamental na situação social e psicológica do indivíduo, principalmente no que concerne ao sentimento da existência, conforme estabelecida por Erich Fromm (1900-1980) em seu livro *O medo à liberdade* (1941).

Fromm considera a ideologia e a política nazista como sintomáticas dos esforços do homem moderno para resolver os problemas resultantes da perda de autoridade tradicional, experimentada pela primeira vez com o fim da Idade Média e depois, mais decisivamente, quando o protestantismo e o capitalismo se espalharam pelo Ocidente no século XVII. A leitura da história de Fromm, neste sentido, fornece um referencial adequado para uma análise do retrato que Pynchon faz da Alemanha nazista.

No curso da história, segundo Fromm, o homem “se tornou livre dos vínculos externos que o impediam de fazer e pensar o que achava adequado”,³⁶⁰ mas isso criou muitas dificuldades. Dúvidas sobre a própria identidade, o significado da vida e a moralidade levaram o indivíduo a se retirar dessa liberdade recém-descoberta para antigas formas de sujeição.

Para Fromm, o homem moderno representa o ápice do desenvolvimento da liberdade desde o fim da Idade Média. O problema que a sociedade moderna enfrenta é que vários distúrbios afligem tal liberdade, e Fromm os diagnostica como falhas para harmonizar o individual e o coletivo, falhas que, segundo ele, são sintomáticas do protestantismo.

A tarefa da psicologia social, como Fromm a entende, é “compreender [o] processo da criação do homem na História”.³⁶¹ Ao contrário de Freud, Fromm sustenta que as forças psicológicas que determinam a história são elas mesmas condicionadas socialmente, “nascidas do relacionamento do indivíduo com o mundo”.³⁶² A autopreservação é uma necessidade em todas as circunstâncias, mas aspirações e traços de caráter tais como “amor, destrutividade, sadismo, a tendência à submissão, a sede de poder, o alheamento, o desejo de auto-engrandecimento, a paixão da poupança, a fruição do prazer sexual e o temor à sensualidade”³⁶³ podem variar muito conforme o lugar e o momento histórico. Ora, Fromm enxerga um paralelo entre o crescimento de

³⁶⁰ FROMM, 1960, p. 209.

³⁶¹ FROMM, 1960, p. 21.

³⁶² FROMM, 1960, p. 20.

³⁶³ FROMM, 1960, p. 24.

um indivíduo e o da sociedade em geral. Para ele, toda criança “torna-se mais livre para formar e expressar seu próprio eu individual, desembaraçada [dos] vínculos que a cerceavam”.³⁶⁴ Ainda assim, essa liberdade expansiva e expressiva é perigosa, pois tal pessoa também “se torna mais livre de um mundo que lhe dava segurança e tranquilidade”.³⁶⁵ Essa dinâmica de liberdade e medo, crescimento individual e ansiedade destrutiva, é inerente à modernidade, e por ser sempre conflituosa, é fonte de várias dificuldades psicológicas que Fromm localiza na história social, que, como tais, começaram quando o homem conseguiu superar a “determinação instintiva de suas ações”³⁶⁶ em favor de uma maior autonomia.

Ao longo da história subsequente, a liberdade foi diminuindo porque as condições econômicas, sociais e políticas frustraram sua plena realização e consignaram a humanidade a sentir a liberdade como um fardo insuportável. De fato, Fromm vê a época da Reforma e o período do fascismo europeu como se assemelhando, porque o protestantismo e o nazismo manifestam, segundo ele, uma ênfase “[na] maldade da natureza humana, [na] insignificância e impotência do indivíduo, e [na] necessidade deste de submeter-se a um poder extrínseco a si mesmo” (exceção feita, segundo Fromm, da ênfase dada pelo protestantismo à liberdade e aos princípios morais, ausentes na ideologia nazista).³⁶⁷

Gravity's Rainbow é preenchido de ponta a ponta com personagens desejando ardentemente – muitas vezes masoquisticamente, a exemplo de Pökler – essa sujeição que Fromm analisa. Seu enfoque da história também coincide com o de Pynchon, que considera o puritanismo e o nazismo essenciais para uma organização política e social que mantenha as autoridades no comando de indivíduos angustiados, incapazes de autodeterminarem-se.

Fromm argumenta que tanto o luteranismo como o calvinismo apelaram a partes ou grupos da população que desejavam um poder autoritário porque “eles davam expressão a um novo sentimento de liberdade e independência, assim como ao de impotência e angústia, de que seus membros se achavam impregnados”.³⁶⁸ Para Fromm, ambas as religiões protestantes expressam a forte necessidade de certeza em uma época de dúvida individual persistente, sobretudo entre a nascente classe média,

³⁶⁴ FROMM, 1960, p. 35.

³⁶⁵ FROMM, 1960, p. 35.

³⁶⁶ FROMM, 1960, p. 36.

³⁶⁷ FROMM, 1960, p. 41.

³⁶⁸ FROMM, 1960, p. 61.

apertada entre a pobreza e a riqueza, o que acabou por conduzi-la à nova fé, a qual espelhava sua condição ao mesmo tempo em que fornecia uma solução infalível: submissão completa a Deus ao invés de à igreja. Esta submissão, ao fim, segundo Fromm, tornou-se tão central para a sociedade pós-medieval que “preparou o caminho para uma evolução em que o homem não só deveria obedecer às autoridades seculares, como igualmente subordinar sua vida aos fins das realizações econômicas”.³⁶⁹ É a vitória da secularização sobre os fatores transcendentais da experiência (e, ironicamente, vindo de uma forma de religião, a qual acelerara o desaparecimento da própria religiosidade).³⁷⁰

Ora, na análise de Fromm, o apelo do nazismo não difere tanto do protestantismo. Ele aponta para “um estado de fadiga e resignação interior”³⁷¹ para explicar por que a classe trabalhadora alemã e a burguesia pronta e conscientemente se submeteram ao regime nazista. De acordo com Fromm, Hitler administrava efetivamente as classes média e trabalhadora da Alemanha porque seu poder era autoritário e, como tal, exercia um “poderoso fascínio sobre aqueles segmentos da população que eram – mais ou menos – da mesma estrutura de caráter”.³⁷² Essa tese se junta ao argumento de Fromm de que o caráter autoritário da Alemanha nazista geralmente combinava sadismo e masoquismo, “a sede de poder sobre outros homens e a ânsia de submeter-se a um poder exterior irresistivelmente forte”.³⁷³ Ambos os esforços teriam, por fim, compensado o indivíduo atormentado por sentimentos de solidão e desamparo, devolvendo-lhe a segurança decorrente da autoridade constituída a partir de *fora* (como um criado desempregado esperando apenas que alguém lhe diga o que fazer³⁷⁴):

Mondaugen deve ter percebido o quanto Pökler precisava de alguém que lhe impusesse autoridade. Leni aprendera a dominar o marido com seu rosto, sabia que linhas cruéis ele esperava ver em sua boca, que tons de voz ele precisava... quando ela o abandonou deixou em

³⁶⁹ FROMM, 1960, p. 77.

³⁷⁰ Conforme salienta Max Weber a esse propósito, “o desencantamento do mundo, a eliminação da *magia* como meio de salvação, não foi realizado na piedade católica com as mesmas conseqüências que na religiosidade puritana (...)” (WEBER, 2004, p. 106).

³⁷¹ FROMM, 1960, p. 172.

³⁷² FROMM, 1960, p. 182.

³⁷³ FROMM, 1960, p. 194.

³⁷⁴ “Um desempregado é alguém que procura ordens e não encontra ninguém que lhas dê. Por que as procura? Porque ordens cumpridas dão direitos. (...) As respostas às ordens dadas fundam direitos. Os milhões de desempregados dos anos 30 [na Alemanha] esperavam alguém que lhes dissesse o que fazer.” (ROSENSTOCK-HUESSY, 2002, p. 60)

casa um criado desempregado que iria com o primeiro senhor que o chamasse, apenas uma VÍTIMA EM UM VÁCUO!³⁷⁵

E, no entanto, a própria forma do romance já não nos informa algo sobre este vácuo espiritual experimentado pelas personagens de Pynchon (a exemplo de Pökler)? Não aparece igualmente refletido, por exemplo, nas contínuas reiterações de linguagem, que acabam por criar uma narrativa que está sempre como que a recomeçar do zero?

Para ilustrarmos melhor o que acabamos de dizer, tomemos agora um trecho de *Graça Infinita* (1996), romance de David Foster Wallace (1962-2008), onde também aparecem tais reiterações. Tal salto poderá parecer absurdo, mas os resultados do exame o justificarão. Vejamos:

Havia um inseto numa das prateleiras de aço que sustentavam o equipamento de áudio dele. O inseto ficava entrando e saindo de um dos buracos dos suportes em que se encaixavam as prateleiras. O inseto era escuro e tinha um invólucro brilhante. Ele ficava olhando para o inseto. (...) O inseto da prateleira estava de volta. Ele parecia não fazer muita coisa. Só saía do buraco do suporte para a borda da prateleira de aço e ficava lá parado. Depois de um tempo ele desaparecia de novo no buraco do suporte, e ele quase podia apostar que o inseto também não fazia nada lá dentro. Ele se sentia parecido com o inseto dentro do suporte em que se encaixava a sua prateleira, mas não sabia exatamente como. (...) Agora só uma antena do inseto protuberava do buraco no suporte. Ela protuberava mas não se mexia. (...) O inseto agora estava inteiramente visível. Ele estava na prateleira que sustentava o seu equalizador digital. Pode até ser que o inseto nunca tenha se recolhido totalmente ao buraco no suporte da prateleira. O que parecia uma reimersão podia ser só uma mudança na atenção dele (...). O inseto estava ali parado dentro do seu invólucro brilhante com uma imobilidade que parecia a de uma força que se acumulava, ele estava ali parado como a carcaça de um veículo cujo motor tivesse sido temporariamente removido. Era escuro e tinha um invólucro brilhante e antenas que protuberavam mas não se mexiam.³⁷⁶

O inseto aqui representado é como a própria forma, que está procurando sempre superar seus próprios limites, mas que acaba por esbarrar nos próprios limites, e que, ao fim, está sempre a retornar para o interior destes mesmos limites, e que,

³⁷⁵ “Mondaugen must have seen how much Pökler needed to be at someone’s command. Leni had learned to subdue her husband with her face, knew what cruel lines he expected of her mouth, what tones of voice he needed... when she left him she left an unemployed servant who’d go with the first master that called, just a VICTIM IN A VACUUM!” (PYNCHON, 2006, p. 421)

³⁷⁶ WALLACE, 2014, p. 22-29.

portanto, é algo que, de modo ineludível, parece estar confinado, preso a determinados limites.

Mas o que são, afinal, todas estas tentativas reiteradamente frustradas de superação destes limites? A essência mesma do problema? E por quê? Isto não aparece refletido, como dissemos, nas contínuas reiteraões de linguagem, que acabam por instituir uma narrativa que está sempre como que a recomeçar do zero? Porque efetivamente há em David Foster Wallace (assim como há em Burroughs e em Pynchon) contínuas reiteraões de linguagem que acabam por criar esta narrativa que está sempre como que a recomeçar do zero, como no excerto abaixo: “(...) e ele devia ter querido que aquela mulher se sentisse obrigada a fazer o que tinha dito, depois que o que ela tinha dito que ia fazer tinha dado partida no motor dele. Depois que o motor dele tinha dado partida (...).”³⁷⁷

O próprio título do romance de David Foster Wallace faz total sentido se tivermos em conta o tom altamente paródico e a linguagem saturada e excessiva de sua narrativa: *Graça Infinita* (orig: *Infinite Jester*), o que é bastante revelador das suas ambições.³⁷⁸

Romance enciclopédico, com centenas de notas, dezenas de personagens e vários gêneros discursivos, com sua profusão de estórias e temas, dispostos numa estrutura intrincada, *Graça Infinita* pode ser considerado uma obra-prima inovadora. Escrito num estilo torrencial e caótico, com trechos em linguagem coloquial, incluindo gírias e incorreções gramaticais, entremeado por trechos em linguagem erudita, é impossível ignorar o romance de David Foster Wallace quando se trata de literatura contemporânea³⁷⁹ que, na complexa tessitura de sua narrativa, capta os numerosos problemas da sociedade americana bem como de seu momento histórico. Como afirma Perrone-Moisés a propósito da obra:

O romancista tece uma crítica amarga ao modo de vida americano atual, apontando o agravamento futuro das diversas calamidades que afligem as sociedades desenvolvidas na virada do século: o fanatismo, as drogas, o mercantilismo, o terrorismo, o lixo acumulado, a tecnologia.³⁸⁰

³⁷⁷ WALLACE, 2014, p. 24.

³⁷⁸ Se há algo, no livro de Wallace, de infinitamente engraçado, há também algo de infinitamente triste em sua investigação do problema do vício em todas as suas formas e modalidades: álcool, drogas, entretenimento, consumo, sexo, poder, etc.

³⁷⁹ “Qualquer que seja a opinião sobre a obra de Foster Wallace, é impossível ignorá-la quando se fala de literatura contemporânea.” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 172)

³⁸⁰ PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 172.

Graça Infinita é ambientado entre os anos de 2002 a 2010 num tempo em que EUA, México e Canadá formam um único superestado, a Organização das Nações da América do Norte (ONAN), e uma boa parcela do continente foi transformado num depósito de lixo tóxico. A ONAN, enquanto tal, é presidida por uma caricatura grotesca de Ronald Reagan (?) chamada Johnny Gentle, responsável por essa assim chamada “Reconfiguração Territorial”. Com a Reconfiguração, em uma espécie de América corporativa, o tempo passou a ser subsidiado, ou seja, os anos do calendário são leiloados e renomeados após o maior lance; assim, um dos anos mais importantes do romance é o “Ano da Fralda Geriátrica Depend” (tempo em que se passa boa parte do livro).³⁸¹

Grande parte do romance gira em torno de uma família absolutamente disfuncional, os Incandenza. O pai, James Orin, referido pelos filhos como “Siprório”, foi (ele se matou) um cientista óptico, fundador da Academia de Tênis Enfield (ATE) e cineasta. A mãe, Avril (nascida Mondragon, também chamada pelos filhos “Mães”), uma acadêmica respeitada, assumiu a ATE junto com o irmão adotivo (ou meio-irmão, mas que, no entanto, é mais do que isso) Charles Tavis, após o suicídio do marido. Os filhos são Harold “Hal” (o mais jovem dos Incandenza, aluno da ATE, personagem principal do romance, narrador de alguns capítulos), Mario (segundo filho dos Incandenza, deficiente físico severamente deformado, assistente de direção do pai, realizador de alguns filmes, incluindo a produção sobre a formação da ONAN) e Orin (o mais velho dos Incandenza, jogador de futebol americano, espécie de mulherengo serial, ex-namorado de Joelle Van Dyne, estrela de alguns dos filmes do patriarca James Incandenza).

Outro núcleo narrativo está na clínica de reabilitação Ennet, localizada proximamente à ATE (em uma cidadezinha fictícia da área metropolitana de Boston). Joelle é internada ali após tentar “eliminar seu próprio mapa” (eufemismo para

³⁸¹ Embora Wallace ofereça uma cronologia dos nove anos de “tempo subsidiado” (p. 230), a data em que tal patrocínio começou nunca é explicitamente dada no texto, o que, diante dessa incerteza, alguns críticos de *Graça Infinita* têm especulado sobre a datação precisa da ação do romance. No entanto, conforme explica Stephen Burn a partir do cruzamento de duas notas finais do romance (notas 24 e 60) referentes aos Distúrbios Linguísticos do MIT do ano de 1997, doze anos antes do Ano da Fralda Geriátrica Depend, então, se o oitavo ano do tempo subsidiado, o Ano da Fralda Geriátrica Depend, é 2009, tendo tal subsidição começado em 2002, com o Ano do Whopper, a última ação do romance, que ocorre no Ano Feliz, pode ser datada de 2010. Para mais detalhes, cf. Stephen J. Burn, *David Foster Wallace's Infinite Jest: a reader's guide*. London, New York: Continuum International Publishing Group, 2012, p. 34ss. Ver Referências bibliográficas.

suicídio), e se aproxima do ex-viciado, ex-capanga de gângster e agora conselheiro Don Gately, funcionário residente da Casa Ennet.

Há ainda um terceiro núcleo, associado a personagem Rémy Marathe, membro dos *Assassins des Fauteuils Rollents* (AFR), ou “Assassinos Cadeirantes”, grupo separatista québécois surgido após a Reconfiguração. Marathe repassa informações a um agente americano chamado Hugh Steeply em troca de tratamento médico para as doenças da esposa inválida. A grande ameaça representada pelos separatistas é a veiculação clandestina ou *samizdat* do Entretenimento ou, mais exatamente, o derradeiro filme de James O. Incandenza, intitulado “Graça Infinita”, filme este tão inconcebivelmente divertido que seus espectadores morrem de prazer ao assisti-lo, o que faz com que seja proibido pelas autoridades, temendo que o filme possa vir a ser usado como “arma” por grupos separatistas anti-ONAN, perturbando assim as relações diplomáticas entre Estados Unidos e Canadá.

No entanto, separar a narrativa em três núcleos produz um esquema enganosamente simples da obra, e o romance resiste explicitamente a esse tipo de redução, perguntando: “Você só está procurando um resumex molinho pra poder incorporar a impressão de profundidade a alguma nova campanha de remoção de calcinhas?”³⁸² É mais do que isso, muito mais. Na verdade, em vez de estarem isoladas, as três narrativas de *Graça Infinita* são projetadas para interagir sincronicamente, como que a sugerir como os efeitos de uma ação particular estão contidas dentro de um quadro maior, mais amplo. (Por exemplo: tais interconexões se tornam mais complexas à medida que Wallace começa a entrelaçar o universo pessoal e o universo político; para tanto, Wallace utiliza a mudança esportiva de Orin do tênis para o futebol americano, que coincide com a introdução do tempo subsidiado, como um ponto focal em redor do qual várias linhas de enredo importantes ocorrem paralelamente. Da mesma forma, a narrativa de Hal parece se projetar sutilmente sobre o impacto da Reconfiguração. O ano em que o tempo subsidiado começa coincide com o pai de Hal (“Sipróprio”) desenvolvendo, por dois anos antes de morrer, “alucinações de silêncio” sempre que Hal começava a falar,³⁸³ um efeito que talvez se destine a refletir a perda das vozes nacionais canadenses e mexicanas resultantes da reconfiguração territorial. Tais reverberações, criadas por ideias semelhantes repetidas em diferentes narrativas e

³⁸² WALLACE, 2014, p. 1044 n110.

³⁸³ “Sipróprio, por dois anos antes de morrer, teve umas alucinações de silêncio quando eu falava: eu achava que estava falando e ele achava que eu não estava falando.” (WALLACE, 2014, p. 918)

em diferentes níveis, oferecem outro bom exemplo da estrutura sincrônica do romance.³⁸⁴) Neste sentido, as complexas interações do enredo de *Graça Infinita* têm mais em comum com a rejeição da narrativa linear, o que faz dele um dos mais sofisticados romances do pós-guerra. Como *Gravity's Rainbow*, o romance de Wallace visa minar esse desejo por causalidade mostrando como os eventos raramente se encaixam em tais esquemas lineares simplistas. Como enuncia o narrador a certa altura: “Talvez fosse esse o sentido desse negócio, não ter nada efetivamente de sentido rolando.”³⁸⁵

Pois bem. Para dar conta da enorme teia de relações, idas, vindas e digressões, David Foster Wallace – assim como Pynchon – recorre a vários registros e domínios. Além das notas que tomam 133 páginas ao final do livro (que inclui também a descrição da filmografia de James O. Incandenza), estão presentes cartas, relatórios, testemunhos, interrogatórios, descrições de filmes, etc. Contudo, em nenhum momento tem-se a impressão de um exercício estilístico gratuito, supérfluo. *Graça Infinita* não é cifrado ou hermético. O romance, na verdade, configura uma realidade alternativa, brinca com o caos político, mas sem jamais se desviar da paisagem humano-afetiva que o anima e compõe.

O tom enciclopédico, de um detalhismo absurdamente maníaco, jamais oblitera o que importa: o olhar tristemente lúcido sobre as relações humanas e familiares (por exemplo, no monólogo avassalador do pai de James O. para o filho pequeno,³⁸⁶ nas conversas telefônicas entre Orin e Hal sobre o pai suicida,³⁸⁷ ou nas lembranças de Gately sobre a mãe³⁸⁸), os vícios (nos testemunhos dos residentes na Casa Ennet ou ouvidos por eles em reuniões do AA, NA etc.) e a depressão (destaque para a lancinante descrição da personagem Kate Gompert, que sofre de uma depressão unipolar extrema: “É tipo horror mais que tristeza. É mais tipo horror. É tipo que uma coisa horrorosa está para acontecer, a coisa mais horrorosa que você conseguir imaginar. Não, é pior que você conseguir imaginar (...).”³⁸⁹).

³⁸⁴ Um último exemplo: no mesmo ano em que o vício em cocaína de Joelle Van Dyne se torna incontrolável, Don Gately começa a tomar Demerol e os terroristas da AFR levam a cabo uma série de assassinatos.

³⁸⁵ WALLACE, 2014, p. 720.

³⁸⁶ WALLACE, p. 162-175.

³⁸⁷ WALLACE, p. 255-266.

³⁸⁸ WALLACE, p. 457-460.

³⁸⁹ WALLACE, 2014, p. 78.

Fato é que *Graça Infinita* se abre a partir do material humano que prolifera em suas páginas, avesso a todo e qualquer exclusivismo personalista. E, por mais insana e absurda que pareça, sua narrativa remete a um tatear interno, anímico, do que nos constitui enquanto seres humanos, ligando-nos, assim, ao outro, ao outro absolutamente outro.³⁹⁰ Observemos, neste sentido, o acerto de contas final com Gene “Fax” Fackelmann, comparsa de Gately (ao som de Linda McCartney, sua voz desafinada e o pandeiro que chacoalha, isolados do restante da música³⁹¹), uma orgia ultraviolenta, mas que desemboca, ao fim, na imagem de Gately deixado numa praia deserta, sob a “chuva de um céu baixo”:

A última visão giratória foram os chinês voltando pela porta, segurando uns quadradões brilhantes do quarto. Enquanto o chão voava pra cima e o C finalmente teve que largar, a última coisa que Gately viu foi um oriental se aproximando com o quadrado na mão e ele olhou pro quadrado e viu nitidamente um reflexo da sua própria cabeça pálida e quadrada com os olhos fechando quando o chão finalmente saltou sobre ele. E quando voltou a si, ele estava estendido de costas na praia sobre a areia congelante, e caía chuva de um céu baixo, e a maré ia bem longe.³⁹²

Ao analisarmos outro excerto da obra, o que salta imediatamente à vista é o caráter altamente paródico bem como crítico de sua narrativa. Seleccionamos, neste sentido, um fragmento a propósito de Johnny Gentle, espécie de caricatura grotesca de Ronald Reagan. Vejamos:

Eis então Johnny Gentle, A Voz de Veludo, fundador e porta-bandeira do novo e seminal “Partido dos E.U. Limpos”, essa agnação anular de aparência improvável mas politicamente presciente (...). Johnny Gentle, o primeiro presidente dos EU a balançar o microfone pelo cabo durante o discurso de Posse. (...) Cujo Discurso de Posse saudava o advento de uma Nação Mais Certinha, Mais Limpinha. (...) Aquele Johnny Gentle cujo PEUL tinha sido totalmente claro sobre ver a renovação da América como uma questão essencialmente estética.

³⁹⁰ “Poucos outros ficcionistas demonstram tão claramente, com tanta franqueza, que seu projeto maior na literatura é empregar as formas da narrativa para entender melhor o ser humano. Para se entender. Para te entender e te ajudar a se entender. E entender o outro (...).” (GALINDO, 2018, p. 285)

³⁹¹ “O CD que estava tocando era um que o C ficava tocando o tempo todo na porra do carro quando o Gately estava com ele no carro: alguém tinha pegado um disco antigo do McCartney com os Wings – assim tipo o McCartney histórico dos Beatles – pegado o disco e passado por uma mesa Kurtzweil e apagado todos os canais das músicas a não ser os canais da coitada da sra. Linda McCartney cantando corinhos e batendo pandeiro. (...) A coitada da sra. Linda McCartney simplesmente não sabia cantar nem fodendo, e arrancarem aquela vozinha trêmula e desafinada dela do abrigo de todo aquele som profissional multicanais bem-acabado pra mandar ver no solo era pra Gately indizivelmente deprimente – a voz dela soando tão perdida, tentando se esconder e se enterrar no meio das vozes corais profissionais; Gately imaginava a sra. Linda McCartney (...) imaginava a coitada ali parada perdida no meio do mar de ruídos profissionais do marido, com baixa autoestima e sussurrando desafinada, sem saber quando sacudir o pandeirinho (...).” (WALLACE, 2014, p. 999-1000)

³⁹² WALLACE, 2014, p. 1002.

Aquele Johnny Gentle que prometeu ser o quem sabe às vezes impopular arquiteto de uma América mais ou menos imaculada que Varria o Seu Lado da Rua. (...) Um Johnny Gentle que estava a partir deste novo minuto transmitindo a mensagem de que ‘não estava nessa pra ganhar concurso de popularidade’ (...). Um presidente J. G., V.d.V., que disse que não ia ficar ali na boa e pedir pra nós tomarmos decisões difíceis porque ele estava ali prometendo que as tomaria por nós. Que pedia simplesmente que nós relaxássemos para aproveitar o espetáculo. (...) Aquele Johnny Gentle que sublinhou acima de tudo (...) um fim para a atomizada fragmentação americana em busca de culpar uns aos outros pelos nossos terríveis problemas internos. (...) Aquele Johnny Gentle, Líder do Executivo, que com um punho de luva emborrachada soca o púlpito com tanta força que entorna o Selo e declara Cacilda *tem* que ter outro pessoal que não seja a gente pra gente culpar. Pra gente se unir contra eles. E ele promete comer frugalmente e dormir pouco até encontrar esse pessoal – na Ucrânia, ou os teutos, ou esses cucarachos malucos. (...) Ele jura que vai nos encontrar algum Outro que renove a nossa coesão. E que aí vai tomar umas decisões difíceis. Alude a uma América novíssima para um mundo pós-milenar muito louco. O primeiro presidente dos EU a usar *show* como adjetivo.³⁹³

O que se depreende, de imediato, do referido fragmento é o tom altamente paródico, cômico, bem como o caráter eminentemente crítico do texto, articulados aos sentimentos de decadência do *Imperium*, representadas na figura do presidente Johnny Gentle, como expoente maior dessa sociedade em processo de desagregação, pela criação de inimigos externos a fim de contornar ou justificar essa mesma derrocada, e, como que por derivação, a solidão e o vazio que se instaurava cada vez mais em certas camadas da sociedade americana, especialmente as classes médias – tal como Wallace, pela voz do narrador, a descreve, ao se referir à personagem principal, Hal Incandenza:

Uma das coisas realmente americanas no Hal, provavelmente, é como ele despreza o que na verdade gera a sua solidão: esse horrendo eu interno, incontinente de sentimentos e necessidades, que lamenta e se contorce logo abaixo da máscara vazia e descolada, a anedonia. (...) Essa havia sido uma das mais profundas e preñes abstrações de Hal, uma abstração que ele tinha encontrado uma vez enquanto se chapava secretamente na Sala da Bomba. De que nós todos estamos sozinhos por alguma coisa que não sabemos que estamos sozinhos. Senão como explicar a curiosa sensação de que ele anda por aí sentindo saudade de alguém que nunca conheceu? Sem a abstração universalizante, a sensação não faria sentido.³⁹⁴

Assim, o projeto ficcional wallaciano, em sua abrangência e inventividade, além de certa autoficcionalidade (relacionada às drogas e ao álcool) que, no entanto,

³⁹³ WALLACE, 2014, p. 392-395.

³⁹⁴ WALLACE, 2014, p. 710, 1100 n281.

exclui a figura pessoal e biográfica do autor, de fato parece motivar certas aproximações com o livro de Pynchon, transcorridos os mais de trinta anos desde o lançamento de *Gravity's Rainbow* até a publicação do romance de Wallace, que vão – como apontamos – do tom jocoso saturado de informações, passando pelo tratamento dado ao tempo e à(s) forma(s) narrativa(s), bem como as usuais marcas de virtuosismo e engenhosidade de ambos autores, todas devidamente instaladas em suas posições hierárquicas em relação à tradição do romance, tendo-se em conta todas as reformas e inovações a que essa tradição foi submetida ao longo do tempo, do realismo formal ao experimentalismo moderno.

Burroughs inspirou Pynchon, que inspirou Wallace que, por sua vez, também foi influenciado por Burroughs.³⁹⁵ Uma corrente direta, uma verdadeira linha de sucessão. Estaríamos, assim, diante do desenvolvimento de uma forma romanesca que, partindo de William Burroughs, passaria por Thomas Pynchon e culminaria em David Foster Wallace, se caracterizaria por um traço expressivo informe, enquanto amálgama indiferenciado de registros e domínios justapostos (ou antes, sincrônicos), desprovida de sentido ou direção?

Ora, Burroughs é uma presença marcante no romance de Wallace, detectável talvez no grotesco corpóreo, em personagens como Mario Incandenza e Don Gately, e certamente em sua preocupação com o problema do vício e o pensamento do controle. Já a presença da influência de Pynchon no romance de Wallace é detectável não apenas no nível formal como também no nível de sua caracterização. Por exemplo: a droga “incrivelmente potente” DMZ, um anticolinérgico-delirante, cujos efeitos são “menos visuais e espacialmente-cerebrais e mais tipo *cronologicamente*-cerebrais e quase ontológicos”,³⁹⁶ parece semelhante em seus efeitos a Onirina do livro de Pynchon, cuja “propriedade de modulação do tempo”³⁹⁷ fez com que a tripulação do contratorpedeiro americano *John E. Badass*, tendo ingerido uma dose maciça da droga, não estivesse onde deveria estar quando um torpedo alemão cruza o seu caminho: “as

³⁹⁵ “Se eu tenho um inimigo real, um patriarca para meu parricídio, é provavelmente Barth, Coover e Burroughs, igualmente Nabokov e Pynchon” (em entrevista a Larry McCaffery na *Review of Contemporary Fiction*). Para maiores esclarecimentos, cf. David Foster Wallace, *Conversations with David Foster Wallace*. Ed. Stephen J. Burn. Jackson: University of Mississippi Press, 2012, p. 48. Ver Referências bibliográficas.

³⁹⁶ WALLACE, 2014, p. 176.

³⁹⁷ PYNCHON, 2006, p. 395.

duas rotas fatais cruzam-se no espaço, mas não no tempo”³⁹⁸; no ápice do catastrófico jogo Eschaton, em *Graça Infinita*, o disco rígido, o monitor e o modem do computador do jogo são catapultados para o ar e, em câmera lenta, o “equipamento que agora está no topo do arco de seu arco-íris”³⁹⁹ desce sobre o mestre-de-jogo, Otis P. Lord. Ora, esse “arco do arco-íris” não é o arco-íris da gravidade, a própria trajetória parabólica traçada pelo foguete V-2 em *Gravity’s Rainbow*? O arco de possibilidades da nossa aniquilação?

³⁹⁸ PYNCHON, 2006, p. 395.

³⁹⁹ WALLACE, 2014, p. 352.

6. O PROBLEMA DA PARANOIA

Estes novos tempos injetaram uma grande sensação de insegurança, incerteza e precariedade em nossas vidas. Foi assim que se criou um mundo em permanente desequilíbrio e do qual é difícil escapar, um mundo com um grau de incerteza que causa grande ansiedade a todos. E esse é precisamente o fio condutor do que ocorre hoje: o mundo se tornou vacilante, inconsistente, sem rumo claro. No momento, não nos resta outra opção a não ser entendê-lo como tal e conviver com isso.

Por outro lado, existem atualmente muitas “realidades” díspares a ocorrerem simultaneamente e, neste complexo panorama, é difícil encontrar um sentido no que ocorre, ou mesmo, achar um fio condutor que esclareça tudo – o que acaba por abrir caminho à *paranoia*.

Ora, num mundo em que o sentido parece estar ausente, este foi substituído pela paranoia, enquanto único sentido possível. Supondo que não seja possível viver em um vácuo, este deve ser preenchido com algum sentido. Sendo assim, a perda do referente parece ter aberto caminho para a paranoia, como uma espécie de “segundo referente”, depois de perdido o primeiro: a própria realidade (neste ponto, esvanecida).

Vejam, então, como se dá isso em alguns trechos do livro de Pynchon. Após deixar o hospital Sta. Verônica, onde foi submetido a vários testes psicológicos (muitos dos quais envolvendo barbitúricos), Tyrone Slothrop sente que está sendo seguido, que está sendo vigiado:

Puseram Slothrop a solta outra vez, ele está de volta às ruas, que merda, a última chance de ser desligado do exército por inaptidão e ele desperdiçou-a... Por que não o mantiveram naquela ala de doidinhos pelo tempo que disseram que iam deixá-lo – não ia ser por algumas semanas? Nenhuma explicação – apenas ‘Tchau!’ e o papel cor de casca de cebola enviando-o de volta a tal ACHTUNG. (...) Porém, alguma coisa está diferente... alguma coisa... *mudou*... sem nenhuma intenção de criar caso, gente, mas – por exemplo, ele quase podia jurar que está sendo seguido, ou em todo caso sendo vigiado. Alguns dos espões são bem profissionais, mas outros ele pode perceber com facilidade. Ontem, fazendo compras de Natal na

Woolworth's, ele viu um par de olhos reluzentes na seção de brinquedos, logo depois de uma pilha de aviões de caça em madeira de balsa e rifles Enfield em miniatura. Há algo de constante no que ele vê no retrovisor do seu Humber, não que seja sempre a mesma cor ou o mesmo modelo, mas há *alguma coisa* sempre presente dentro da estreita moldura do espelho, que o leva a prestar atenção nos outros carros quando sai de manhã para trabalhar. Na ACHTUNG, as coisas em sua mesa parecem não estar mais onde estavam antes. As garotas têm inventado desculpas para não comparecer aos encontros. Ele sente que está sendo delicadamente afastado da vida que levava antes de ir para o St. Verônica. Mesmo no cinema há sempre alguém atrás dele tomando cuidado para não falar, não fazer barulho com papel, não rir alto demais: Slothrop já esteve em tantos cinemas que pode perceber uma anomalia dessas imediatamente. O cubículo perto do Grosvenor Square começa a parecer-lhe cada vez mais com uma armadilha. Ele passa seu tempo, às vezes dias inteiros, perambulando pelo East End, respirando o ar fétido de Thamside, buscando lugares onde aqueles que o seguem não podem segui-lo.⁴⁰⁰

O que pretendemos aqui, pois, é uma consideração da paranoia não de um ponto de vista psicopatológico, mas histórico-existencial, como faz Pynchon em *Gravity's Rainbow*, em que processos patológicos tais como a paranoia tornam-se socialmente predominantes, perdem seu caráter individual e tornam-se fenômenos coletivos.

O grande mérito de Pynchon foi o de ter determinado a essência ou a natureza da paranoia não mais como entidade clínica, mas como problema, pela universalização e, em certo sentido, pela despatologização da estrutura de pensamento paranoico,⁴⁰¹ elevando a paranoia à categoria de questão, à questão propriamente

⁴⁰⁰ "They've cut Slothrop loose again, he's back on the street, shit, last chance for a Section 8 'n' he blew it... Why didn't they keep him on at that nut ward for as long as they said they would – wasn't it supposed to be a few weeks? No explanation – just "Cheerio!" and the onionskin sending him back to that ACHTUNG. (...) But something's different... something's... been *changed*... don't mean to bitch, folks, but – well for instance he could almost swear he's being followed, or watched anyway. Some of the tails are pretty slick, but others he can spot, all right. Xmas shopping yesterday at that Woolworth's, he caught a certain pair of beady eyes in the toy section, past a heap of balsa-wood fighter planes and little-kid-size En-fields. A hint of constancy to what shows up in the rearview mirror of his Humber, no color or model he can pin down but *something* always present inside the tiny frame, has led him to start checking out other cars when he goes off on a morning's work. Things on his desk at ACHTUNG seem not to be where they were. Girls have found excuses not to keep appointments. He feels he's being gently separated from the life he lived before going into St. Veronica's. Even in movies there's always someone behind him being careful not to talk, rattle paper, laugh too loud: Slothrop's been to enough movies that he can pick up an anomaly like that right away. The cubicle near Grosvenor Square begins to feel more and more like a trap. He spends his time, often whole days, ranging the East End, breathing the rank air of Thameside, seeking places the followers might not follow." (PYNCHON, 2006, p. 116-117)

⁴⁰¹ "Em todas as mudanças de perspectiva interpretativa sobre a paranoia, a palavra, fiel à sua etimologia (*paranoia* é uma palavra em grego que designa uma mente distraída ou demente), tem sempre designado uma desordem mental. Pelo menos até *Gravity's Rainbow*. (...) Pynchon está menos interessado em justificar as suspeitas de conspiração de suas personagens do que na universalização e, em certo sentido, na despatologização da estrutura de pensamento paranoico." (Leo Bersani, "Pynchon, paranoia, and

transcendental da paranoia: como a paranoia é possível enquanto problema? O problema da paranoia é, então, colocado de maneira filosófica, a significar uma situação histórico-existencial, como problema das relações entre a paranoia e o pensamento do controle (controle através do progresso tecnológico):

“Uma vez que os meios técnicos de controle tenham atingido uma certa dimensão, um certo grau de *interligação*, as possibilidades de liberdade desaparecerão para sempre.”⁴⁰²

É por isso que afirmarmos aqui a centralidade da paranoia no livro de Pynchon, pela importância que tem tanto em termos de conteúdo como formalmente na obra – porque justamente quem fornece a forma do romance e a preenche como tal é a própria paranoia, como uma forma de continuidade na qual o romance pode variar tanto o modo da narrativa, bem como as constantes mudanças nos registros, nas repetidas transformações do texto em texto não-literário (sonhos, filmes, documentos industriais, fórmulas matemáticas, canções de teatro de revista, história em quadrinhos, etc.).⁴⁰³

Pois bem. Pertencente ao campo da psicopatologia, a noção de paranoia tem como referencial uma forma de loucura em que a mania de perseguição e a ocorrência de delírios deixam entrever uma psicose, isto é, uma forma de desordem mental. Pynchon, por sua vez, traz para o contexto de suas obras um outro enfoque de paranoia, enfoque este modificado semanticamente, a significar uma situação histórico-existencial na qual suas personagens se vêm envolvidas.⁴⁰⁴ Assim, a desordem mental, associada inicialmente à noção psicopatológica de paranoia, torna-se uma desordem na vida individual e coletiva, na qual se busca uma ordem em um outro plano de realidade, enquanto o “reflexo de buscar outras ordens por detrás do visível, também conhecido como paranoia”.⁴⁰⁵ Assim, paranoicas, as personagens do livro de Pynchon procuram os significados ocultos por detrás de uma série indiscriminada de eventos ligados ao Foguete.

literature”. In: BLOOM, H. (ed.). *Thomas Pynchon*. Philadelphia: Chelsea House Publishers, 2003, p. 148.)

⁴⁰² “Once the technical means of control have reached a certain size, a certain degree of *being connected* one to another, the chances for freedom are over for good.” (PYNCHON, 2006, p. 548)

⁴⁰³ SEED, 1988, p. 206.

⁴⁰⁴ Conforme assinala David Seed (1988, p. 208) a esse respeito, a paranoia, em *Gravity's Rainbow*, é uma noção que Pynchon usa em um sentido não-patológico para significar a organização conspiratória dos eventos em torno do eu.

⁴⁰⁵ “(...) reflex of seeking other orders behind the visible, also known as paranoia (...)” (PYNCHON, 2006, p. 190)

Neste sentido, paranoia, no livro de Pynchon, define-se pela crença na existência de uma conspiração, cuja origem se perde em uma rede de conexões, e cujo agente relaciona-se a forças que escapam a uma definição precisa:

Temos que procurar aqui por fontes de poder, e redes de distribuição que nunca nos foram ensinadas, rotas de poder que nossos professores jamais imaginaram, ou foram encorajados a evitar... temos de encontrar medidas cujas escalas são desconhecidas no mundo, obter nossos próprios esquemas, recolher reações, estabelecer conexões, reduzir a margem de erro, tentar aprender a verdadeira função... mirando em que conspiração incalculável? Aqui em cima, na superfície, alcatrões de hulha, hidrogenação, sínteses foram sempre imposturas, funções fictícias para ocultar a verdadeira missão, *a missão planetária*, sim, que talvez demore séculos para desenrolar-se...⁴⁰⁶

Tais forças convergem para o que Pynchon denomina a “Firma” ou “Eles”, constituindo-se em um dos motivos que leva as personagens à paranoia, presentificada sob a forma de uma estrutura terrificante da qual ninguém escapa.⁴⁰⁷

“Existe uma conspiração dirigida contra mim ou eu estou apenas delirando?” – esta é, portanto, a familiar pergunta paranoica que assalta a muitas de suas personagens, a exemplo de Franz Pökler, que tem de lidar com a questão da identidade aparentemente mutável de sua filha Ilse, a quem ele pode reencontrar apenas uma vez por ano, ou de Tchitcherine, que rastreia a Zona em busca de seu meio-irmão herero Enzian, que, por sua vez, considera o foguete V-2 uma espécie de escritura sagrada.

Antes de avançarmos, porém, devemos nos perguntar: afinal, do que se trata a paranoia? Qual a origem do termo?

A nosografia psiquiátrica nos ensina que, diferentemente da experiência esquizofrênica, caracterizada por um alto grau de dissociação e fragmentação, na

⁴⁰⁶ “We have to look for power sources here, and distribution networks we were never taught, routes of power our teachers never imagined, or were encouraged to avoid... we have to find meters whose scales are unknown in the world, draw our own schematics, getting feedback, making connections, reducing the error, trying to learn the real function... zeroing in on what incalculable plot? Up here, on the surface, coaltars, hydrogenation, synthesis were always phony, dummy functions to hide the real, the planetary mission yes perhaps centuries in the unrolling...” (PYNCHON, 2006, p. 530)

⁴⁰⁷ “O que emerge do livro é o senso de uma força e de um sistema – alguma coisa, alguém mencionado simplesmente como a Firma ou ‘Eles’ – que está ativamente tentando levar tudo ao zero ou além, tentando instituir um mundo do não ser, um mundo operativo de morte que cobre o mundo orgânico com um mundo de papel e plástico, e transforma todos os recursos naturais em poderes destrutivos e em devastação: o foguete e as ruínas em torno dele. Perversamente, não especificamente, ‘Eles’ não são localizáveis. Há sempre a possibilidade de um Eles atrás do Eles, uma conspiração atrás da conspiração: a busca para identificar ‘Eles’ consome o identificador em potencial em uma regressão infinita. Todavia, qualquer que seja sua fonte e origem, Eles dedicam-se à aniquilação.” (TANNER, 1982, p. 79)

paranoia, o problema do *sentido* está sempre presente. De fato, a paranoia é o império do sentido, sentido esse dirigido sempre contra o sujeito. Porém, esse sentido é sempre um sentido único, invariável, fixo, unívoco. Por conseguinte, podemos concluir que todo paranoico é um narcisista por excelência, já que tudo está sempre diretamente remetido à sua pessoa – o paranoico é um autorreferente, o que muita vez explica o caráter megalomaniaco de seus delírios.

Essa megalomania aparece sob a forma de vários delírios, pois o paranoico se acha e acredita ser o centro do mundo: todos o olham, todos falam dele, todos o odeiam, todos querem destruí-lo. Temos com isso, então, o que poderíamos chamar de um fenômeno extremamente presente na dinâmica paranoica, o “delírio de perseguição”.

Uma breve incursão pela história da psiquiatria nos permite localizar o termo paranoia em meados da segunda metade do século XIX, com a prevalência do seu significado etimológico: “pensar ao largo, de maneira enviesada”.⁴⁰⁸

Sua significação clínica possui, no entanto, precedência sobre qualquer sentido que, tanto a psicanálise freudiana como a psicologia analítica (junguiana), como principais representantes das teorias que sustentam a hipótese do inconsciente, por exemplo, vieram a lhe atribuir posteriormente.

Na verdade, o termo “paranoia” tem uma longa tradição na história da psicopatologia, e é necessário remontar às suas origens na Grécia antiga a fim de compormos uma ideia mais clara das transformações que sofreu até chegar a seu uso médico contemporâneo.

Naquele contexto, *παρanoia* referia-se, antes de tudo, ao desvario extremo provocado pelas paixões, não designando, portanto, uma forma particular de loucura, mas a loucura em si, em suas dimensões de delírio e de arrebatamento insensato, sendo empregada tanto na língua comum, como na medicina hipocrática, na qual recebia o sentido genérico de alienação mental.⁴⁰⁹

Permanecendo restrita durante séculos a um uso meramente descritivo e informal, o termo precisaria aguardar a psiquiatria alemã do século XIX para finalmente

⁴⁰⁸ Do grego: *para* = contra, *noos* = espírito.

⁴⁰⁹ “De acordo com Ésquilo, foi a paranoia que fez de Jocasta e Édipo um casal. De acordo com Eurípedes, o assassinato de Clytemnestra foi paranoia. Em *Theatetus*, de Platão, o diálogo que aborda o correto pensar, a paranoia é usada para descrever quem constantemente vê, ouve e pensa erroneamente, que classifica as coisas de maneira errada.” (HILLMAN, 1993, p. 17)

ser utilizado como conceito nosológico específico, o qual será progressivamente elaborado e delimitado.

Somente então, nos anos 1770, o alemão Rudolph August Vogel resgataria o termo paranoia para o vocabulário médico, referindo-o apenas como sinônimo genérico de “loucura”, conotação essa que seria retomada de maneira mais sistemática pelo também alemão Johann Christian August Heinroth, em 1818.⁴¹⁰

Assim, em 1863, na Alemanha, o conceito toma uma significação precisa com o médico Karl Kahlbaum, que descreve um quadro psicótico no qual a atividade delirante instala-se desde o início, sem ser precedida por manifestações depressivas, dando a essa condição a denominação de “paranoia”, primeira utilização desse termo para designar um transtorno mental específico. Logo após, em 1865, Ludwig Snell propõe a existência de um estado delirante e alucinatório primário em que o tema da perseguição é mais freqüente que as ideias de grandeza e ao qual denominará de *primäre Wahnsinn* [delírio primário].⁴¹¹ A partir de 1879, também Richard von Krafft-Ebing passa a empregar o termo “paranoia” para designar os delírios sistematizados, admitindo também que esses poderiam ser primários.

Já no contexto psiquiátrico francês, o termo “paranoia” teve uma implantação bem mais tardia, embora os fatos clínicos aos quais se refere já tivessem sido amplamente estudados pela tradição psiquiátrica francesa. Basta evocar, entre outros, o trabalho decisivo de Charles Lasègue sobre delírios de perseguição (1852), os estudos de Bénédict Morel sobre perturbações interpretativas observadas na loucura hereditária dos degenerados, assim como a distinção estabelecida por Valentin Magnan (a partir de 1881) entre os “delírios dos degenerados” e o “delírio crônico de evolução sistemática”, para se ter uma ideia da grande importância que o estudo dos delírios crônicos teve na psiquiatria francesa.

Dispondo, portanto, de sua própria tradição nesse campo, foi somente a partir de 1895, com o emprego por Jules Séglas do termo “paranoia” para designar as loucuras sistemáticas, que essa palavra passaria a fazer parte do vocabulário habitual da psicopatologia francesa.

Contudo, com a universalização da necessidade de se desvendar as espécies do gênero “loucura” e com a proliferação dos estudos, sobretudo franceses e alemães,

⁴¹⁰ Cf. GARRABÉ, 1992.

⁴¹¹ Cf. POSTEL & QUETEL, 1983, p. 336.

sobre os delírios crônicos sistematizados e sobre os quadros psicóticos desestruturantes da personalidade, no final do século XIX, o campo clínico recortado pelo termo “paranoia” era o mais heterogêneo possível. Nos termos do próprio Jules Séglas (1887), “não existe palavra, em psiquiatria, que tenha uma acepção mais vasta e mais mal definida”.⁴¹² Inúmeros quadros psicopatológicos – muito diferentes em sua natureza, mas que apresentavam um quadro delirante com temas de perseguição e ideias de grandeza – terminavam por ser genericamente designados pelo termo “paranoia”, o que fazia com que esse conceito perdesse inteiramente seu valor discriminativo. Assim, foram descritas paranoias agudas e crônicas, primárias e secundárias, acompanhadas ou não de alucinações e, ainda, correlativas a estados de confusão mental primária, a estados de intoxicação, ou então, segundo algumas descrições, que conduziam a um desfecho demencial. Foi necessário aguardar o psiquiatra alemão Emil Kraepelin para que um mínimo de ordem e clareza conceitual pudesse finalmente ser estabelecido.⁴¹³

Na passagem do século XIX para o século XX, Emil Kraepelin era a maior autoridade científica no que se referia à nosografia psiquiátrica. Apoiado em um método de rigorosa observação clínica, a qual não se restringia apenas ao momento atual do quadro apresentado pelo paciente, mas focalizando também as transformações do quadro ao longo do tempo, o psiquiatra alemão propunha-se a construir um sistema de diagnósticos psiquiátricos fundado nas características e regularidades clínicas diretamente observáveis segundo uma perspectiva diacrônica.⁴¹⁴ Do ponto de vista metodológico, Kraepelin buscava ativamente não levar em consideração quaisquer hipóteses etiológicas ou especulações de natureza psicológica, restringindo-se apenas aos dados imediatamente observáveis. Segundo seu ponto de vista, a depuração descritiva dos elementos regulares verificados no acompanhamento clínico tenderia a isolar entidades mórbidas específicas.

Em sua obra principal, o *Tratado de Psiquiatria* (1893), Kraepelin introduz o conceito de *demencia praecox*, expressão anteriormente utilizada por Morel para designar um quadro clínico de imobilização súbita das faculdades psíquicas ocorridas durante a juventude. Com essa expressão, o autor francês buscava apenas enfatizar o

⁴¹² Apud CLAUDE & MONTASSUT, 1926, p. 57.

⁴¹³ “A novidade do sistema de classificação de Kraepelin decorreu de ele introduzir ordem e clareza na anarquia das nosografias anteriores.” (PLON e ROUDINESCO, 1998, p. 572)

⁴¹⁴ Cf. PEREIRA, 2001, p. 126-129.

aspecto cronológico juvenil da instalação dessa alteração psíquica, sem pretender fazer do termo a denominação de uma nova entidade psicopatológica.

Esta foi a inovação proposta por Kraepelin com o resgate desse termo de Morel, ao estabelecer uma definição bastante ampla da “demência precoce”, nela incluindo os delírios crônicos sistematizados, de caráter persecutório, dando a esse quadro específico o nome de “demência paranoide”.

A *dementia paranoides* englobava aquilo que viria, após Eugen Bleuler, a ser conhecido como esquizofrenia em sua forma paranoide, bem como a paranoia em geral e o delírio crônico de evolução sistemática, de Valentin Magnan. Além disso, o critério evolutivo empregado por Kraepelin indicava que o destino desses sujeitos era um estado terminal de desagregação mental, o que era contraditório com as concepções clássicas da escola francesa, que sustentavam a preservação da personalidade malgrado o curso crônico e incurável do transtorno.

Dessa forma, o ponto de vista kraepeliniano foi fortemente criticado na França, onde se insistia no caráter autônomo e primário da paranoia em relação aos demais quadros delirantes crônicos que conduziam à deterioração do funcionamento psíquico.

A monografia de Paul Sérieux e Joseph Capgras, de 1909, sobre o delírio de interpretação (*Les folies raisonnantes*) inscreve-se precisamente no centro desse debate, enquanto um esforço no sentido de ratificar a posição francesa no que se refere à autonomia psicopatológica do delírio sistemático baseado em interpretações delirantes.

Nesse estudo, os autores consideram, portanto, que o delírio de interpretação constitui uma entidade psicopatológica autônoma. Trata-se, segundo eles, de uma psicose delirante crônica, sistematizada, de caráter não alucinatorio que se caracteriza por: 1) multiplicidade e organização de interpretações delirantes; 2) ausência ou penúria de alucinações (contingentes); 3) persistência da lucidez e da atividade psíquica; 4) evolução através da extensão progressiva das interpretações; e 5) incurabilidade, sem demência terminal.⁴¹⁵

O elemento fundamental dessa condição psicopatológica é, portanto, o sentido das interpretações delirantes, enquanto “um raciocínio falso que tem como ponto de partida uma sensação real, um fato exato, o qual em virtude de associações de

⁴¹⁵ SÉRIEUX e CAPGRAS, 1909, p. 4-5.

idéias ligadas às tendências e à afetividade e através de induções ou deduções erradas, acaba por adquirir para o doente uma significação pessoal, pela qual tudo se coloca invencivelmente a ele relacionado”,⁴¹⁶ destacando, assim, as loucuras raciocinantes – estas resultantes da organização cada vez mais complexa do delírio de interpretação, elaborado a partir de interpretações delirantes – dos delírios agudos e secundários, característicos da esquizofrenia.

Outra grande contribuição veio por meio do estudo do famoso caso Schreber pelo criador da psicanálise, Sigmund Freud, em 1911.⁴¹⁷

No Caso Schreber, Freud define paranoia como uma defesa contra um “ataque” homossexual desejado, produto de uma homossexualidade recalcada,⁴¹⁸ ao mesmo tempo em que estabelece a projeção como mecanismo principal do funcionamento paranoico.⁴¹⁹

Contudo, o mais interessante é o reconhecimento de Freud da acuidade interpretativa de Schreber. No final da sua análise do caso, Freud observa uma espantosa semelhança entre os delírios de Schreber e sua própria teoria sobre estes delírios. Os “raios de Deus” do *Senatspräsident*, por exemplo, “que se constituíam de uma condensação de raios de Sol, fibras nervosas e espermatozóides, nada mais são, na realidade, que uma representação concreta e uma projeção para o exterior de catexias libidinais (...)”;⁴²⁰ eles podem ser o que Freud chama de “percepções endopsíquicas” dos processos que ele mesmo supôs como fundamento para explicar a paranoia. Com apenas um toque de paranoia sobre a possibilidade de que possa ser acusado de ter retirado sua teoria da paranoia do livro de Schreber, Freud protesta, ante tal acusação, de que pode “invocar um amigo e colega especialista para testemunhar que desenvolvi minha teoria da paranoia antes de ter se familiarizado com o conteúdo do livro de Schreber. Compete ao futuro”, conclui Freud, “decidir se existe mais delírio em minha

⁴¹⁶ SÉRIEUX e CAPGRAS, 1909, p. 3.

⁴¹⁷ Cabe lembrar que, como jurista, Daniel Paul Schreber havia chegado à alta corte da Saxônia, de onde foi posteriormente afastado por insanidade. Em seu livro, *Memórias de um doente dos nervos*, ele descreveu suas experiências como se estas contivessem importantes revelações religiosas, fazendo assim com que sua obra se tornasse um clássico da psiquiatria. Retomaremos tal obra mais à frente.

⁴¹⁸ “Só é preciso ligeira correção da imprecisão paranoica característica do modo de expressão de Schreber, para permitir-nos adivinhar o fato de que o paciente temia um abuso sexual das mãos do próprio médico. A causa ativadora de sua doença, então, foi uma manifestação de libido homossexual (...)” (FREUD, 1969, p. 61-62)

⁴¹⁹ “A característica mais notável da formação de sintomas na paranoia é o processo que merece o nome de *projeção*.” (FREUD, 1969, p. 89)

⁴²⁰ FREUD, 1969, p. 103-104.

teoria do que eu gostaria de admitir, ou se há mais verdade no delírio de Schreber do que as outras pessoas estão, por enquanto, preparadas para acreditar”.⁴²¹

Diferentemente de Freud, o psiquiatra e psicoterapeuta suíço C.G. Jung, fundador da psicologia analítica, escreveu muito pouco diretamente sobre a paranoia (seu interesse psiquiátrico principal sempre foi a esquizofrenia). Indiretamente, porém, alguns escritos de Jung oferecem *insights* profundos no que diz respeito à paranoia. Os textos mais instrutivos, contudo, não são os trabalhos psiquiátricos do começo de sua produção, mas seu trabalho posterior, de caráter metafísico-especulativo.⁴²² Mesmo os junguianos escreveram muito pouco sobre o tema, com exceção de Alan Edwards, analista junguiano da Escola de Londres, e James Hillman, criador da psicologia arquetípica pós-junguiana. Entretanto, nenhum dos dois autores formula uma interpretação sistemática e rigorosa sobre a paranoia.⁴²³

Já o psicanalista francês Jacques Lacan, em sua tese de doutorado, “Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade” (1932), sublinha, através de uma interpretação exaustiva dos fenômenos mentais em função da história concreta de uma paciente que ele chamou de Aimée, o caráter masoquista e autopunitivo do delírio paranoico. Posteriormente, no *Seminário* (Livro III, “As psicoses”), Lacan retoma o estudo do caso Schreber e estabelece as bases para um tratamento possível das psicoses, ao mesmo tempo em que faz da psicose um novo paradigma para a própria psicanálise.

Por fim: o livro de Pynchon fornece-nos uma descrição da conceptualização da paranoia na obra de Ivan P. Pavlov, o qual, segundo o relato do Dr. Pointsman, acreditava que as obsessões e os delírios paranoicos resultavam de certos neurônios, no mosaico do cérebro, excitados ao ponto em que, por meio de indução recíproca, toda a área ao redor se tornava inibida, como “um ponto brilhante, luzente, rodeado de escuridão”:

Ele [Pavlov] chamou-lhe um “ponto de inércia patológica”. Andamos agora a trabalhar com um cão... ele passou pela fase “equivalente”, em que qualquer estímulo, forte ou fraco, suscita exatamente a mesma quantidade de gotas de saliva... e daí passou à fase “paradoxal” – estímulos fortes suscitam respostas fracas e vice-versa. Ontem fizemos ele chegar à fase ultraparadoxal. Ir além. Quando ligamos o

⁴²¹ FREUD, 1969, p. 104.

⁴²² Cf., neste sentido, as obras *Aion*, *Presente e futuro*, *Um mito moderno sobre coisas vistas no céu*, *Mysterium coniunctionis*, *Sincronicidade*, sua autobiografia (escrita em parceria com Aniela Jaffé), *Memórias, sonhos e reflexões*, e, particularmente, *Resposta a Jó*.

⁴²³ Cf. QUINTAES, 2011, p. 123-124.

metrônomo que costumava significar comida – que outrora fazia o Cão Vanya babar-se como uma fonte – ele agora afasta-se. Quando desligamos o metrônomo, ah *então* ele vira-se para este, cheira-o, tenta lambê-lo, mordê-lo – procura, no silêncio, pelo estímulo que não está lá. Pavlov pensava que todas as doenças da mente poderiam, finalmente, ser explicadas pela fase ultraparadoxal, os pontos patologicamente inertes no córtex, a confusão das ideias de opostos. Faleceu quando estava no limiar de pôr essas coisas sobre uma base experimental.⁴²⁴

Gostaríamos, contudo, de retomar a definição de Elisabeth Roudinesco e Michel Plon, bastante precisa e sintética, a qual, acreditamos, servirá de forma adequada aos propósitos desse trabalho: “a paranoia caracteriza-se por um delírio sistematizado, pela predominância da interpretação e pela inexistência de deterioração intelectual”.⁴²⁵

Ora, precisamente a ausência de enfraquecimento intelectual e a sistematização delirante são os grandes indicadores das paranoias no diagnóstico diferencial com relação à esquizofrenia. Mais: o sistema lógico da paranoia, o rigor sistemático de seus delírios, é que o torna plausível para o Outro, e seu tema dominante – como também vimos – será o delírio de perseguição.

Assim, o delírio na paranoia pode ser definido pela seguinte expressão: é uma forma ideativa que conduz a uma convicção inquebrantável, não modificável pela confrontação com a realidade, e com perda de sentido crítico quanto à sua certeza. (Nenhuma dúvida, apenas certezas, nada escapa à ordem sistemática do saber paranoico.) Neste sentido, o que caracteriza primordialmente a paranoia é a crença irrefutável de suas interpretações, a despeito da mais completa lucidez do sujeito paranoico.

A partir dessa definição de delírio na paranoia, podemos definir o sujeito paranoico como sendo fundamentalmente um intérprete compulsivo. Ora, para o

⁴²⁴ “One bright, burning point, surrounded by darkness. (...) He [Pavlov] called it a ‘point of pathological inertia’. We’re working right now with a dog... he’s been through the ‘equivalent’ phase, where any stimulus, strong or weak, calls up exactly the same number of saliva drops... and on through the ‘paradoxical’ phase – strong stimuli getting weak responses and vice versa. Yesterday we got him to go ultraparadoxical. Beyond. When we turn on the metronome that used to stand for food – that once made Dog Vanya drool like a fountain – now he turns away. When we shut off the metronome, oh *then* he’ll turn to it, sniff, try to lick it, bite it – seek, in the silence, for the stimulus that is not there. Pavlov thought that all the diseases of the mind could be explained, eventually, by the ultraparadoxical phase, the pathologically inert points on the cortex, the confusion of ideas of the opposite. He died at the very threshold of putting these things on an experimental basis.” (PYNCHON, 2006, p. 92)

⁴²⁵ ROUDINESCO e PLON, 1998, p. 572.

paranoico, o acaso não existe, não *pode* existir, pois, para ele, tudo está ligado, conectado:

Descobrimo em cada trivialidade um Significado Mais Profundo e tentando encadeá-las todas juntas como termos de uma série de potências na esperança de atingir a tremenda e secreta Função cujo nome, tal como os nomes permutados de Deus, não pode ser pronunciado... palheta de saxofone plástica *sons com timbres antinaturais*, frasco de xampu *imagem de ego*, Cracker Jack com brinde *diversão fortuita*, embalagem de eletrodoméstico *caretagem atraente para os ventos da cognição*, mamadeiras *tranquilização*, cortes de carne embalados *disfarce de carnificina*, sacos de lavagem a seco *estrangulamento de bebês*, mangueiras de regar jardim *alimentando interminavelmente o deserto...* mas juntá-los, na habilidosa persistência deles e na nossa preterição... fazer sentido a partir disso, encontrar a mais ínfima e afiada centelha de verdade em tanta replicação, tanto desperdício...⁴²⁶

Assim, nada acontece por acaso, tudo é sempre portador de um sentido e exige uma interpretação. É que se passa, por exemplo, com a personagem Thomas Gwenthidwy, que busca compulsivamente um sentido, ou antes, uma interpretação, para a queda dos foguetes sobre a região de East End, em Londres, interpretação essa exposta durante uma conversa com Pointsman:

“Pointsman, você quer ouvir algo verdadeiramente paranóico?” “Você também?” “Você consultou algum mapa de Londres ultimamente? Toda essa grande praga meteórica das armas-V, está sendo despejada aqui, compreende. Não lá sobre Whitehall, onde deveria ser, mas sobre mim, e eu acho isso bestial? (...) Mas sempre sobre a merda do East End (...). Mas você já pensou no porquê disso?”⁴²⁷

Gwenthidwy expõe, então, a sua interpretação para o fato dos foguetes caírem sempre sobre a mesma região da cidade, expressando assim a suspeita (paranoica) de que aquela fosse uma sociedade organizada de tal forma que eram as pessoas pobres que mais sofriam o impacto dos desastres naturais e dos causados pelo homem:

⁴²⁶ “Finding in each Deeper Significance and trying to string them all together like terms of a power series hoping to zero in on the tremendous and secret Function whose name, like the permuted names of God, cannot be spoken... plastic saxophone reed *sounds of unnatural timbre*, shampoo bottle *ego-image*, Cracker Jack prize *one-shot amusement*, home appliance casing *fairing for winds of cognition*, baby bottles *tranquilization*, meat packages *disguise of slaughter*, drycleaning bags *infant strangulation*, garden hoses *feeding endlessly the desert...* but to bring them together, in their slick persistence and our preterition... to make sense out of, to find the meanest sharp sliver of truth in so much replication, so much waste...” (PYNCHON, 2006, p. 600-601)

⁴²⁷ ““Pointsman, do you want to hear something really paranoid?” “You too?” “Have you consulted a map of London lately? All this great meteoric plague of V-weapons, is being dumped out here, you see. Not back on Whitehall, where it’s supposed to be, but on me, and I think it is beast-ly? (...) But all over the fucking East End (...). But have you ever thought of why?”” (PYNCHON, 2006, p. 174)

“Em algumas cidades os ricos vivem nos morros, e os pobres ficam lá embaixo. Em outras, os ricos ocupam o litoral, enquanto os pobres têm que viver no interior. Agora, aqui em Londres, há um gradiente de miséria? que aumenta à medida que o rio se alarga em direção ao mar. Só estou pergun-tando, por quê? É por causa dos na-vios? É por causa dos pa-drões de utilização da terra, sobretudo aqueles relacionados à Revolução Industrial? Será um caso de tabu tribal an-tigo, que sobrevive a todas as gerações ingle-sas? Não. A verdadeira razão é a Ameaça Que Vem Do Leste. E do Sul: da massa continental da Eu-ropa, certamente. As pessoas daqui foram *destinadas a morrer primeiro*. Nós somos dispensáveis: o pessoal do West End, e a norte do rio não o são. Ah, eu não estou dizendo que a Ameaça tem esta ou aquela forma específica. Não se trata de política. (...) Os peões maltrapilhos, o bis-po desmoralizado e o cavalo covarde, todos nós condenados, irreversivelmente perdidos, deixados de fora, expostos e espe-rando. Já se sabia, não negue – *sabia*, Pointsman! que o front na Eu-ropa algum dia *deveria* se desenvolver desta maneira? deslocar-se para leste, tornar os fo-guetes necessários, e se sabia como, e onde, os foguetes cairiam. Pergunte ao seu amigo Mexico? veja as densidades em seu mapa? leste, leste, e ao sul do rio também, onde todos os micróbios vivem, que é onde está ficando mais es-presso, meu amigo.” “Você tem razão, Gwenhidwy”, [Pointsman] judicioso, sorvendo seu chá, “isso é muito paranoico.”⁴²⁸

A compulsão da interpretação, no paranoico, se torna, portanto, uma paixão que é exercitada a respeito de tudo e a busca de outras ordens por detrás do visível tem, para ele, um significado fundamental. Desta forma, é impossível exagerar o sentido que as coisas assumem para o paranoico, sobretudo as palavras,⁴²⁹ que parecem a este como que colocadas entre aspas, tal como se dá com Slothrop, que aprenderá, além de “enxergar” coisas que ninguém mais consegue ver, a ouvir aspas de citação na fala dos outros:

⁴²⁸ “In some cities the rich live upon the heights, and the poor are found below. In others the rich occupy the shoreline, while the poor must live inland. Now in London, here is a gra-dient of wretchedness? increasing as the river widens to the sea. I am only ask-ing, why? Is it because of the ship-ping? Is it in the pat-terns of land use, especially those relating to the Industrial Age? Is it a case of an-cient tribal tabu, surviving down all the Eng-lish generations? No. The true reason is the Threat From The East, you see. And the South: from the mass of Eu-robe, certainly. The people out here were *meant to go down first*. We’re expendable: those in the West End, and north of the river are not. Oh, I don’t mean the Threat has this or that specific shape. Political, no. (...) The raggedy pawns, the disgraced bish-op and cowardly knight, all we condemned, we irreversibly lost, are left out here, exposed and wait-ing. It was known, don’t deny it – *known*, Pointsman! that the front in Eu-robe someday must develop like this? move away east, make the rock-ets necessary, and known how, and where, the rockets would fall short. Ask your friend Mexico? look at the densities on his map? east, east, and south of the river too, where all the bugs live, that’s who’s getting it thick-est, my friend.’ ‘You’re right, Gwenhidwy’, [Pointsman] judicious, sipping his tea, ‘that is very paranoid.’” (PYNCHON, 2006, p. 176)

⁴²⁹ Como salienta Canetti a este propósito: “É impossível exagerar o significado das palavras para o paranóico. Elas estão por todos os lados como insetos nocivos, sempre em estado de alerta. Elas se reúnem numa ordem que não exclui coisa alguma. A tendência mais extrema da paranoia talvez seja a de aprender por completo o mundo pelas *palavras* como se a linguagem fosse um punho fechado e o mundo estivesse dentro dele” (CANETTI, 1983, p. 502).

Sentindo as mandíbulas e dentes de alguma Criatura, alguma Presença tão grande que ninguém mais consegue vê-la – olhe lá! aquele é o monstro de que eu estava te falando. – Isso não é nenhum monstro, idiota, isso são *nuvens!* – Não, você não consegue *ver?* São seus *pés* – Bem, Slothrop consegue sentir este monstro no céu: suas garras e escamas, perfeitamente visíveis, estão sendo confundidas com nuvens e outras plausibilidades... ou então todo mundo concordou em *chamá-las por outros nomes* quando Slothrop estiver escutando... “É apenas uma ‘coincidência maluca’, Slothrop.” Ele vai aprender a ouvir aspas de citação na fala dos outros. É um tipo de reflexo livresco, talvez ele esteja geneticamente predisposto – todos aqueles Slothrops anteriores viajando por colinas azuis com Bíblias como parte do equipamento, decorando capítulos e versículos das descrições de Arcas, Templos, Tronos Visionários – todos os materiais e dimensões. Dados por detrás dos quais, mais perto ou mais longe, estava sempre a certeza numinosa de Deus.⁴³⁰

Ora, o paranoico acredita saber decifrar os sinais, interpretar a mensagem secreta das coincidências, dos acidentes, dos acasos aparentes que passam “despercebidos” para os outros; pensa que nada é acidental, que o casual não existe, que tudo tem um sentido profundo, uma raiz cujas ramificações conduzem ao âmago dos acontecimentos.

A paranoia pode, assim, se apresentar com fenômenos de interpretação delirante e sistemática, possuindo as seguintes formas: o delírio de perseguição, a erotomania, o delírio de grandeza e o delírio de ciúmes.⁴³¹ Em todas essas modalidades, o paranoico elege aquele que faz dele, na sua interpretação, um objeto especial: no delírio de perseguição, o perseguidor; na erotomania, aquele que o ama; no delírio de grandeza, a própria pessoa; e no delírio de ciúmes, aquele que o trai. Esta é, pois, a lógica da paranoia: o paranoico é sempre objeto de um Outro.

⁴³⁰ “By the jaws and teeth of some Creature, some Presence so large that nobody else can see it – there! that’s that monster I was telling you about. – That’s no monster, stupid, that’s *clouds!* – No, can’t you see? It’s *his feet* – Well, Slothrop can feel this beast in the sky: its visible claws and scales are being mistaken for clouds and other plausibilities... or else everyone has agreed to *call them other names* when Slothrop is listening... “It’s only a ‘wild coincidence’, Slothrop.” He will learn to hear quote marks in the speech of others. It is a bookish kind of reflex, maybe he’s genetically predisposed – all those earlier Slothrops packing Bibles around the blue hilltops as part of their gear, memorizing chapter and verse the structures of Arks, Temples, Visionary Thrones – all the materials and dimensions. Data behind which always, nearer or farther, was the numinous certainty of God.” (PYNCHON, 2006, p. 244-245)

⁴³¹ “No *tipo erotomaniaco*, o tema central do delírio é o de que outra pessoa está apaixonada pelo indivíduo. (...) No *tipo grandioso*, o tema central do delírio é a convicção de ter algum grande talento ou conhecimento ou de ter feito alguma descoberta importante. (...) No *tipo ciumento*, o tema central do delírio é ter um parceiro infiel. (...) No *tipo persecutório*, o tema central do delírio envolve a crença de que o próprio indivíduo está sendo vítima de conspiração, enganado, espionado, perseguido, envenenado ou drogado, difamado maliciosamente, assediado ou obstruído na busca de objetivos de longo prazo.” (DSM-V, 2014, p. 91-92)

O paranoico tende a interpretar o que ele vê à sua volta como profundamente importante, como repleto de significados, com mensagens codificadas ou ocultas dirigidas para si. O paranoico é, neste sentido, o centro do mundo, aquele para quem tudo se dirige e com o qual todos são hostis. E é junto com as pessoas, nas relações com elas, que ele interpreta e delira. Desse modo, podemos efetivamente caracterizar a paranoia como a compulsão da interpretação, em que o sujeito interpreta tudo a partir do signo ao qual está identificado e retido, e todas as imagens e eventos que surgem se transformam em significados a favor (como no caso da megalomania) ou contra ele (no caso da perseguição).

Estamos aqui, na verdade, diante de uma escala de fenômenos psíquicos que começa com formas relativamente inócuas, como a elevada opinião, não inteiramente justificada, que alguém tem de si mesmo, ou o desejo um tanto exagerado de seguir a própria opinião, passando por um negativismo depreciativo em relação aos outros, com as faculdades da apreciação, da gratidão e da adoração concentradas em si mesmo, até atingir o seu extremo, constituído por ilusões facilmente reconhecíveis como tais, ou seja, a megalomania pura e simples.

Outro traço marcante da paranoia é a tendência à criptografia, ou antes, à criptomania, na qual o sujeito busca sofregamente o que está por trás das coisas – a paranoia enquanto o reflexo de buscar outras ordens por trás do visível –, esforço este que aparece reiteradamente em sua busca pelo sentido último das coisas. O paranoico é, portanto, alguém que atribui um excesso de significações em tudo que está à sua volta, na tentativa de descobrir as “mensagens”, os códigos que estariam por trás de um gesto, de um olhar, de uma fala, palavra ou mesmo de um objeto.⁴³²

Contudo, o grande tema presente na maioria dos delírios paranoicos diz respeito à questão do olhar. Na paranoia, o sujeito nunca está sozinho, ao contrário, está sempre no centro dos olhares dos outros, está sempre acompanhado de seu duplo – Narciso paranoico? –, que irá se revelar nos olhares que o vigiam, observam, examinam e perseguem:

Ontem, fazendo compras de Natal na Woolworth's, ele [Slothrop] viu um par de olhos reluzentes na seção de brinquedos, logo depois de

⁴³² “Um de nossos psicóticos conta-nos em que mundo estranho ele entrou já há algum tempo. Tudo para ele tornou-se signo. Não somente ele é espiado, observado, vigiado, falam dele, julgam-no, apontam-no, olham-no, dão-lhe uma piscadela de olho, mas tudo isso invade (...) o campo dos objetos reais inanimados, não-humanos. Olhemos isso aí um pouco mais de perto. Se ele encontra na rua um carro vermelho – um carro não é um objeto natural –, não é por acaso, dirá ele, que esse passou naquele exato momento.” (LACAN, 1988, p. 17-18)

uma pilha de caças de pau-de-balsa e rifles Enfield em miniatura. Há algo de constante no que ele vê no retrovisor de seu Humber, não que seja sempre a mesma cor ou o mesmo modelo, mas há *alguma coisa* sempre presente dentro da estreita moldura do espelho, que o leva a prestar atenção nos outros carros quando sai de manhã para trabalhar.⁴³³

A sensação de estar sendo observado é um sentimento básico da paranoia, e essa sensação se expressa da maneira mais pura nas visões de olhos: vêm-se *olhos* por toda a parte, por todos os lados; e estes olhos não se interessam por qualquer outra coisa além da pessoa do paranoico, e fazem isto com um empenho por demais ameaçador.

Nessa prevalência do olhar, do ser visto, que faz com que o paranoico se sinta como que transparente, tanto em seus pensamentos como em seus atos, situando-o no centro do interesse e do conhecimento de todos, parece apontar para a existência de uma instância “imaginária” que o vigia e critica, fazendo-o queixar-se de que os outros conhecem seus pensamentos, observam e vigiam suas ações, advertindo-o sobre o funcionamento dessa instância pelas vozes que lhe falam, de maneira característica, na terceira pessoa: *Eles*.

Temos, então, a partir dessas considerações, duas características fundamentais na paranoia: olhar e voz. No delírio paranoico, olhar e voz estão conjugados e aparecem de modo bastante preciso, enquanto sujeito que é visto é falado pelo Outro. Tal olhar, na paranoia, torna-se visível, quase palpável, e o sujeito não consegue escapar da vigilância e da observação do Outro que ele supõe o estar perseguindo. (Slothrop, como vimos acima, sente que estão a vigiá-lo, supõe a existência de pessoas escondidas, como espiões, seguindo-o e observando-o, o que o leva a procurar abrigo em lugares onde não pode ser visto.) Porém, em casa, no escritório, na rua, dentro do carro, este olhar sempre emerge, seja nos olhos das mulheres, seja nos muros, seja nos carros que cruzam a cidade. Por todos os lados estão *Eles*. A transparência é total, não há ponto cego, o olhar nunca perde o paranoico de vista.

⁴³³ “Xmas shopping yesterday at that Woolworth’s, he caught a certain pair of beady eyes in the toy section, past a heap of balsa-wood fighter planes and little-kid-size En-fields. A hint of constancy to what shows up in the rearview mirror of his Humber, no color or model he can pin down but *something* always present inside the tiny frame, has led him to start checking out other cars when he goes off on a morning’s work.” (PYNCHON, 2006, p. 116)

Efeito da certeza delirante, traço marcante da paranoia, o sujeito não duvida da existência desse olhar ao qual está aprisionado, provocando reações de todo tipo diante da grande angústia provocada por esse *Eles* que tudo vê.

Em todos os momentos, o sujeito paranoico está na mira do Outro, é o alvo a ser atingido, aquele para quem todos se viram, a quem todos observam e cujos atos todos comentam. Delírio paranoico interpretativo, compulsão por sentido, ser visto e perseguido pelo olhar do Outro. Como se todo o campo de possibilidades semânticas dos eventos fosse comprometido e reduzido a um único sentido, a uma única definição: *Eles me perseguem...*

Ora, precisamente a oposição gerada pela estrutura paranoica, ou seja, a polaridade entre Nós e Eles, estabelecida em *Gravity's Rainbow*, é uma polaridade paranoica.⁴³⁴ Como estamos a ver, é uma peculiaridade da estrutura paranoica a oposição entre Nós e Eles. O paranoico Nós deve depender do inimigo Eles, e isso em virtude do fato de que o paranoico autoriza, ou antes, cria, a condição de possibilidade de existência desse Eles com base na crença da existência de um sentido único, monolítico. E, com base nesta crença, todos os eventos que se apresentam ao paranoico são vistos como uma conspiração, enquanto as outras pessoas têm simplesmente que completar a trama, tomando a posição estrutural de um Eles perseguidor, para, ao fim, o paranoico poder ocupar, no dizer de Bersani, “uma posição caracterizada por suspeitas angustiantes e sujeição permanente”.⁴³⁵ Na paranoia, portanto, a função primária do Eles parece ser a de fornecer uma definição do real que torne a paranoia absolutamente necessária⁴³⁶:

É claro que um sistema-Eles bem desenvolvido é necessário – mas é apenas metade da história. Para cada Eles deve haver um Nós. No nosso caso, existe. A paranoia exige que se elabore um sistema-Nós ao menos tão completo quanto um sistema-Eles (...). Eu me refiro ao que Eles e Seus psiquiatras contratados chamam de ‘sistemas delirantes’. Nem precisa dizer que os ‘delírios’ são sempre oficialmente definidos. Nós não temos que nos preocupar com a questão do que é real ou irreal. São apenas conveniência. O que

⁴³⁴ “Se não há como escapar da estrutura de pensamento paranoica, também pode não haver escapatória da oposição assassina gerada por essa mesma estrutura. A polaridade entre Nós e Eles estabelecida em *Gravity's Rainbow* é uma polaridade paranoica (...).” (BERSANI, 2003, p. 155)

⁴³⁵ BERSANI, 2003, p. 156.

⁴³⁶ “Na paranoia, a função primária do inimigo é fornecer uma definição do real que torne a paranoia necessária.” (BERSANI, 2003, p. 156)

importa é o *sistema*. O modo como os dados se organizam dentro dele. Alguns são coerentes, outros não se sustentam.⁴³⁷

O paranoico, pois, acreditando-se vítima de uma conspiração, sente-se objeto de um controle, ou antes, de uma manipulação, em que seus movimentos parecem programados (“tudo o que na vida dele [Slothrop] pareceu livre ou aleatório, descobriu que tinha estado sob algum Controle, todo o tempo”⁴³⁸), passando assim a viver a busca das causas de tal manipulação, no anseio de encontrar algum sentido. (O paranoico, levado, portanto, pelo desejo de estabelecer conexões, acredita que tudo está interligado, “*tudo está conectado, tudo na Criação*”.⁴³⁹) Contudo, essa busca, que se desenrola no sentido de uma iluminação que aponte a verdade, termina no mais completo malogro.⁴⁴⁰

O que parece estar por trás deste estado de coisas é um ser extirpado de um contexto em que a vida possui algum sentido. Afinal, não é este o modo como as personagens pynchonianas compreendem o mundo à sua volta, a maneira como suas consciências captam o sentido da história, aparentemente perdido? A paranoia surgiria, então, como uma *resposta* ao problema da perda de realidade, por meio da crença paranoica na existência de um sentido único, definitivo, final e unívoco da realidade, numa espécie de reação compensatória a sentimentos de inferioridade (a paranoia enquanto uma reação específica frente a um mundo sombrio e incerto, em meio a fragmentação da vida e da cultura).

Ora, assim como o niilismo está para o problema do sentido do sofrimento, a paranoia está para o problema da perda de sentido.⁴⁴¹ Pois não é verdade que o paranoico é alguém excluído da vida e da liberdade?⁴⁴² Mas não nos adiantemos. Voltemos, pois, ao livro de Pynchon. Desta vez, a personagem em questão é Roger

⁴³⁷ “Of course a well-developed They-system is necessary – but it’s only half the story. For every They there ought to be a We. In our case there is. Creative paranoia means developing at least as thorough a We-system as a They-system (...). I mean what They and Their hired psychiatrists call ‘delusional systems’. Needless to say, “delusions” are always officially defined. We don’t have to worry about questions of real or unreal. They only talk out of expediency. It’s the *system* that matters. How the data arrange themselves inside it. Some are consistent, others fall apart.” (PYNCHON, 2006, p. 650-651)

⁴³⁸ “(...) all in his life of what has looked free or random, is discovered to’ve been under some Control, all the time.” (PYNCHON, 2006, p. 211-212)

⁴³⁹ PYNCHON, 2006, p. 717.

⁴⁴⁰ “Você Realmente Acha Que Vai Encontrar Alguma Coisa? (...) E Se Nós Não Quisermos Que Você Encontre Coisa Alguma?” [“Are You Really Supposed To Find Anything? (...) What If We Don’t Want You To Find Anything?”] (PYNCHON, 2006, p. 613)

⁴⁴¹ “A paranoia, antes de se tornar clínica, é uma saída para a crise do sentido.” (PIGLIA, 2009, p. 97)

⁴⁴² “Slothrop sente que está sendo delicadamente afastado da vida que levava antes de ir para o [hospital] St. Verônica.” [“He feels he’s being gently separated from the life he lived before going into St. Veronica’s.”] (PYNCHON, 2006, p. 116)

Mexico, um jovem estatístico ligado a “White Visitation”, órgão do Serviço de Inteligência Britânico:

Uma manhã (...) ele [Roger] acordou na sua cela de eremita na “White Visitation” com o pau duro, as pálpebras coçando e um longo fio de cabelo castanho-claro emaranhado em sua boca. O cabelo não era seu. Só podia ser de Jessica. Mas não podia ser – ele não estivera com ela. Ele fungou algumas vezes, depois espirrou. A manhã se desenrolava pela janela. Seu canino direito doía. Desemaranhou o longo fio, coberto de saliva, tártaro dentário, penugem matinal, e olhou para ele. Como chegou aqui? Estranhíssimo, meu caro. Um pouco do je ne sais quoi de sinistre, sem dúvida. Ele precisava mijar. Indo para o banheiro, enfiando a fralda de flanela oficial dentro da calça do pijama, ocorreu-lhe de repente: e se for uma história de virada-do-século de vingança espectral, e esse fio de cabelo aqui for um Primeiro Passo... Ah, paranoia? Você deveria ter visto ele examinando todas as combinações possíveis enquanto executava as coisas de banheiro em meio a seus companheiros da Seção Psi, a tropeçar, peidar, barbear, se cortar, espirrar e tirar caca do nariz. Só depois disso que ele começou mesmo a pensar em Jessica – na segurança dela. Roger fica pensativo. E se, e se ela tivesse morrido durante a noite, um acidente no paiol... com este fio de cabelo sendo a derradeira despedida que seu amor espectral tinha sido capaz de deixar do lado de cá, para a única pessoa que tinha mesmo importado para ela... Estatístico-aranha: seus olhos encheram-se de lágrimas diante da Próxima Idéia – *ah*. Ah meu deus. Feche essa torneira, Enguiço, e dê uma olhada *nisso*. Ele levantou-se, meio curvado, sobre a pia, paralisado, colocando de lado por um tempo sua preocupação com Jessica, doido de vontade de olhar para trás, até mesmo para o, o velho espelho, sabe, ver o que eles estão tramando, mas está tão paralisado que nem mesmo ousa arriscar... *agora...* ah, sim, uma possibilidade fantástica acaba de encontrar terreno fértil em seu cérebro, e aqui está ela. E se eles todos, todos esses malucos da Seção Psi, estiverem conspirando contra ele em segredo? O.K.? Sim: suponhamos que eles *conseguem* ver o interior da nossa mente! e-e que tal – e se for *hipnotismo*? Hã? Jesus: nesse caso um monte de *outras* coisas ocultas tais como: projeção astral, controle mental (nada de oculto *nisso*), maldições secretas para impotência, furúnculos, loucura, yaaahhh – *poções!* (enquanto ele finalmente se endireita e mentalmente volta a sua sala e agora olha, *muito* cautelosamente, para a sala do café, ah meu *Deus...*), união-psíquica-com-a-Agência-Controladora de tal modo que Roger seria ele e ele Roger, sim sim, um monte de idéias assim vagando por sua cabeça, e nenhuma delas lá muito agradável – especialmente neste banheiro coletivo, com o rosto de Gavin Trefoil de um colorido magenta brilhante esta manhã, uma flor de trevo brilhando ao vento, Ronald Cherrycoke escarrando catarro âmbar marmorizado na pia – o que é isso, quem *são essas pessoas todas...* Anormais! *Anooooormais!* Ele está cercado! eles passam o tempo todo, dia e noite, futricando seu cérebro, telepatas, bruxos, agentes satânicos de todos os tipos controlando *tudo* – mesmo quando ele e Jessica estão na cama *fodendo* – Tente aguentar as pontas, meu velho, entre em pânico se for preciso, mas mais tarde, não aqui... (...) Manhã adorável, Segunda Guerra Mundial. A única coisa em que ele consegue pensar conscientemente é *Quero uma transferência*, uma espécie de

cantarolar desafinado diante do espelho, sim senhor, tenho que fazer o pedido imediatamente. Vou me oferecer como voluntário para ir para a Alemanha, é o que vou fazer. (...) “Qualquer coisa!” Roger voltando a seu quarto estreito, “qualquer coisa é melhor do que isso...” Era assim que ele se sentia. Sabia que se sentiria mais em casa na loucura da Alemanha, com o Inimigo, do que aqui na Seção Psi. A época do ano faz com que seja ainda pior. Natal. Bleeearrrrgh, apertando seu estômago. Jessica era a única coisa que tornava essa situação humana ou tolerável. Jessica...⁴⁴³

A paranoia serviria, então, como um substituto da realidade esvanecida, algo pouco animador, mas, em todo caso, preferível aos horrores da *antiparanoia*, estado este que ninguém consegue suportar por muito tempo sem desesperar-se por completo: “Se há algo de confortante – religioso, até – na paranoia, há também a antiparanoia, em que nada tem ligação com nada, um estado que muitos de nós não consegue suportar por muito tempo.”⁴⁴⁴

Necessitamos, pois, de uma ilusão de sentido (qualquer que seja), sem a qual o peso da existência torna-se insuportável. Moral da estória: qualquer sentido é

⁴⁴³ “One morning (...) he woke in his hermit’s cell at ‘The White Visitation’ with a hardon, scratchy eyelids and a long pale brown hair tangled in his mouth. It wasn’t one of his own hairs. It wasn’t anybody’s he could think of but Jessica’s. But it couldn’t be – he hadn’t seen her. He sniffled a couple of times, then sneezed. Morning developed out the window. His right canine ached. He unreeled the long hair, beaded with saliva, tooth-tartar, mouth-breather’s morning fur, and stared at it. How’d it get here? (...) He had to piss. Shuffling to the lavatory, his graying government flannel tucked limply inside the cord of his pajamas, it came to him: what if it’s some mauve turn-of-the-century tale of ghostly revenge and this hair here’s some First Step... Oh, paranoia? You should’ve seen him going through all the combinations as he moved around doing lavatory things among the stumbling, farting, razorscraping, hacking, sneezing and snot-crusting inmates of Psi Section. Only later in this did he even begin to think of Jessica – of her safety. Thoughtful Roger. What if, if she’d died in the night, an accident at the magazines... with this hair the only good-by her ghostly love had been able to push back through to this side, to the only one who’d ever mattered... Some spider-statistician: his eyes had actually filled with tears before the Next Idea – *oh*. Oboy. Turn off that faucet, Dorset, and get hep to *this*. He stood, half-stooped, over the washbasin, paralyzed, putting his worry for Jessica on Hold for a bit, wanting very much to look back over his shoulder, even into the, the old mirror, you know, see what they’re up to, but too frozen to risk even that... *now*... oh yes a most superb possibility has found seedbed in his brain, and here it is. What if they are all, all these Psi Section freaks here, ganged up on him in secret? O.K.? (...) yes yes a number of these notions rambling through his mind here, none of them really pleasant, either especially inside this staff latrine, with Gavin Trefoil’s face this morning colored bright magenta, a clover blossom flashing in the wind, Ronald Cherrycoke hawking fine-marbled amber phlegm into the basin – what’s all this, who *are all these people*... Freaks! *Freeeeaks!* He’s surrounded! they’ve been out there night and day all the war long tapping his brain, telepaths, witches, Satanic operators of all descriptions tuning in on *everything* – even when he and Jessica are in bed *fucking* – Try to hold it down old man, panic if you must but later, not here... (...) Lovely morning, World War Two. All he can keep in front of his mind are the words *I want a transfer*, kind of humming tunelessly at the mirror, yes sir got to put in a chit right away. I’ll volunteer for duty in Germany’s what I’ll do. (...) ‘Anything!’ Roger groping back to his narrow quarters, ‘anything at all’s better than this...’ That’s how bad it was. He knew he’d feel more at home in mad Germany with the Enemy than here in Psi Section. The time of year makes it even worse. Christmas. Bwweeaaaagghh, clutching to his stomach. Jessica was all that made it human or tolerable. Jessica...” (PYNCHON, 2006, p. 126-128)

⁴⁴⁴ “If there is something comforting – religious, if you want – about paranoia, there is still also antiparanoia, where nothing is connected to anything, a condition not many of us can bear for long.” (PYNCHON, 2006, p. 441)

melhor que nenhum sentido. E, pensando bem – sugere o narrador –, talvez seja até melhor haver um tal sentido, do contrário, como dissemos, o peso da existência torna-se insuportável (e, nesse sentido, aquilo que acreditávamos ser uma justaposição oportuna pode vir a ser, ao fim, como dissemos, um acoplamento necessário, desejado⁴⁴⁵):

Slothrop percebe que está perdendo a razão. Se há algo de confortante – religioso, até – na paranoia, há também a antiparanoia, em que nada tem ligação com nada, um estado que muitos de nós não consegue suportar por muito tempo. Bem, Slothrop sente agora que está entrando na parte antiparanoica de seu ciclo, sente que toda a cidade a sua volta está destelhada, vulnerável, descentrada, assim como ele, e que há somente cartazes do Inimigo Atento colocados entre ele e o céu chuvoso. Ou Eles o colocaram aqui por um motivo, ou ele está aqui só por estar. Pensando bem, talvez fosse até melhor que houvesse o tal *motivo...*⁴⁴⁶

A crítica especializada da obra de Pynchon enfatizou o efeito de conectividade do romance: tudo, em *Gravity's Rainbow*, parece estar conectado a tudo o mais (em Slade, por exemplo). No entanto, a última centena de páginas do romance estão aptas a frustrar um hipotético leitor que busca uma tal coerência narrativa. Porque, à medida que o romance se aproxima do fim, a narrativa se torna fragmentária e caótica: o texto, neste ponto, passa a consistir de partes incompatíveis que parecem se ligar a nada. Joseph Slade vê a temática paranoide aí também – só que em sentido inverso, ou seja, como efeito da antiparanoia. De acordo com Slade, a parte final de *Gravity's Rainbow* ilustra precisamente uma situação em que nada está ligado a nada: “Quando Slothrop entra em ‘antiparanoia’, a própria narrativa começa a se dissolver”.⁴⁴⁷ De fato, a partir do sexto episódio do quarto capítulo, a narrativa começa a se fragmentar em uma variedade de discursos, modos e formas ao longo de doze subseções, onze delas intituladas, incluindo paródias da escrita etimológica/filológica, de histórias em quadrinhos, da escrita científica, de manuais de viagem, de formas

⁴⁴⁵ O caso é que o livro de Pynchon está estruturado como uma rede de conexões entre elementos heterogêneos, como um *acoplamento*, em que cada elemento remete, por sua vez, a pares de elementos de outra ordem ou natureza, formando, deste modo, como que um “feixe” de elementos estreitamente ligados.

⁴⁴⁶ “Slothrop perceives that he is losing his mind. If there is something comforting – religious, if you want – about paranoia, there is still also anti-paranoia, where nothing is connected to anything, a condition not many of us can bear for long. Well right now Slothrop feels himself sliding onto the antiparanoic part of his cycle, feels the whole city around him going back roofless, vulnerable, uncentered as he is, and only pasteboard images now of the Listening Enemy left between him and the wet sky. Either They have put him here for a reason, or he’s just here. He isn’t sure that he wouldn’t, actually, rather have that *reason...*” (PYNCHON, 2006, p. 441)

⁴⁴⁷ SLADE, 1974, p. 240.

poéticas, e de cartas. (Da mesma forma, segundo Herman e Weisenburger, sinais verbais tais como a conjunção “e-e” e a exclamação “hmm” manifestariam igualmente a mudança de condições de paranoia na primeira metade do romance para condições aceleradas de antiparanoia na segunda.⁴⁴⁸)

Na verdade, o livro de Pynchon, à medida que se aproxima do fim, parece se recusar a clarificar os contextos que mostram relações entre objetos ou eventos, uma negação a encontrar padrões de qualquer tipo, uma ênfase na qualidade aleatória da experiência contemporânea e uma insistência em que cada coisa, ao fim, pode existir separada e independente de toda e qualquer outra, numa espécie de reação antiparanoica.

Por certo, a questão do aleatório versus o padronizado está no centro da estética pynchoniana e, como tal, levada a termo em seus dois primeiros romances. Em *V.*, por exemplo, Pynchon fornece uma longa lista de desastres naturais tirado de um almanaque mundial do ano de 1957, em que tipifica a fragilidade do homem diante do inanimado, começando com as seguintes palavras:

“Vinte dias antes da Estrela do Cão entrar em conjunção com o sol, começaram os dias de canícula. O mundo entrou cada vez mais em rota de colisão com o inanimado.”⁴⁴⁹

Para, em seguida, passar a enumerar todas as catástrofes ocorridas naquele ano:

Quinze pessoas morreram num desastre de trem perto de Oaxaca, no México. No dia seguinte, mais quinze morreram quando um prédio de apartamentos desmoronou em Madri. No 4 de Julho um ônibus caiu num rio perto de Karachi e trinta e um passageiros se afogaram. Outros trinta e nove se afogaram dois dias depois numa tempestade tropical no centro das Filipinas. A 9 de julho as ilhas do Egeu foram abaladas por um terremoto e ondas gigantescas, que mataram quarenta e três. A 14 de julho um avião da MATS caiu após decolar da Base McGuire da Força Aérea em New Jersey, matando quarenta e cinco. Um terremoto em Anjar, na Índia, a 21 de julho, matou 117. De 22 a 24 de julho, inundações causaram estragos no centro e no sul do Irã, matando trezentos. A 28 de julho, um ônibus caiu de um *ferry-boat* em Kuopio, Finlândia, e morreram quinze. Quatro tanques de petróleo explodiram perto de Dumas, Texas, a 29 de julho, matando dezenove. A 1º de agosto, dezessete morreram num acidente de trem perto do Rio de Janeiro. Outros quinze morreram nos dias 4 e 5, em inundações no sudoeste da Pensilvânia. Duas mil cento e sessenta e uma pessoas morreram na mesma semana num tufão que açoitou as províncias de

⁴⁴⁸ HERMAN e WEISENBURGER, 2013, p. 173.

⁴⁴⁹ PYNCHON, 1988, p. 326.

Chekiang, Honan e Hopeh. A 7 de agosto, seis caminhões de dinamite explodiram em Cáli, Colômbia, matando cerca de 1.100. No mesmo dia houve um desastre de trem em Pierov, na Tchecoslováquia, matando nove. No dia seguinte, 266 mineiros, acuados pelo fogo, morreram numa mina de carvão em Marcinelle, na Bélgica. Avalanches de neve no Mont Blanc varreram quinze alpinistas para o reino da morte na semana de 12 e 18 de agosto. Na mesma semana, uma explosão de gás em Monticello, Utah, matou quinze, e um tufão que varreu o Japão e Okinawa matou trinta. Outros vinte e nove mineiros de carvão morreram de envenenamento por gás numa mina da Alta Silésia a 27 de agosto. Também a 27 de agosto um bombardeiro da Marinha caiu entre casas em Stanford, na Flórida, e matou quatro. No dia seguinte, uma explosão de gás em Montreal matou sete, e inundações súbitas na Turquia mataram 138. Estas foram as mortes em massa. Houve também os consequentes estropiados, inválidos, desabrigados, desamparados. Isso acontece todo mês, numa sucessão de choques entre grupos de seres vivos e um mundo coerente que simplesmente não dá a mínima. Procurem em qualquer anuário, sob o título “Tragédia” – que é de onde vêm os números acima.⁴⁵⁰

Como se vê, Pynchon dedica uma longa passagem a um catálogo simples, porém altamente convincente, dos desastres que tiveram lugar em um único ano (1957). O ponto aqui é: o aleatório não revela padrões. Ora, a mesma coisa se dá em uma passagem de *Gravity's Rainbow*, em torno de um conjunto de coincidências envolvendo o ano de 1904:

Se a análise tensorial é boa o suficiente para a turbulência, há de ser boa o suficiente para a história. Tem que haver nós, pontos críticos... tem que haver superderivadas do abundante e insaciável fluxo que possam ser igualadas a zero e encontrados estes pontos críticos... 1904 foi um deles – 1904 foi quando o Almirante Rozhdestvenski levou sua frota até ao outro lado do mundo para socorrer Porto Arthur, o que pôs (...) Enzian no planeta, foi o ano em que os Alemães praticamente exterminaram os Hereros, o que deu a Enzian algumas ideias peculiares sobre sobrevivência, foi o ano em que a Agência de Alimentos e Fármacos Americana tirou a cocaína da fórmula da Coca-Cola, o que nos deu uma geração de Ianques alcoólatras e orientados para a morte idealmente equipados para lutar na Segunda Guerra Mundial, e foi o ano em que Ludwig Prandtl propôs o conceito de camada limite, o que realmente deu partida na aerodinâmica (...).⁴⁵¹

⁴⁵⁰ PYNCHON, 1988, p. 326. Da mesma forma, no epílogo, Pynchon organiza uma lista de agravos tiradas diretamente do relatório do governo britânico sobre as perturbações do ano de 1919, separadas tipograficamente por indicadores, impelindo conscientemente o leitor a reuni-los em termos de uma conspiração.

⁴⁵¹ “If tensor analysis is good enough for turbulence, it ought to be good enough for history. There ought to be nodes, critical points... there ought to be superderivatives of the crowded and insatiate flow that can be set equal to zero and these critical points found... 1904 was one of them – 1904 was when Admiral Rozhdestvenski sailed his fleet halfway around the world to relieve Port Arthur, which put (...) Enzian on

Pois bem. Talvez fosse o caso de dizer que o livro de Pynchon contém uma tensão que, como um pêndulo, oscila, ora para um lado, ora para outro, irresolvelmente, entre certeza interpretativa e dúvida radical, ou então, entre paranoia e antiparanoia, entre aleatório e padronizado, tensão essa que se mantém ao longo de todo o romance enquanto conceitos centrais da obra?⁴⁵² Fato é que Pynchon apresenta longos trechos que discorrem sobre uma rede crescente de conexões, até chegar – segundo o próprio narrador – a “uma estrutura paranoica digna do nome”,⁴⁵³ a qual é trazida para o interior do próprio romance, estabelecendo conexões de sentido que revelam vínculos entre elementos e categorias diversas, que convergem de várias direções, para finalmente se unirem na demonstração de uma estrutura paranoica que pode ser limitada a uma personagem ou mesmo abranger toda a “narrativa”.

Vejamus um exemplo: o condicionamento do tesão do (então) bebê Tyrone pelo pavloviano Laszlo Jamf deve ser visto à luz dos acordos de negócio firmados entre as duas Guerras Mundiais, negócios esses envolvendo megacartéis envolvidos nos esforços para arruinar o marco alemão, como parte de uma estratégia para que a Alemanha não tivesse que pagar suas dívidas de guerra:

Lyle Bland é um nome que ele [Slothrop] conhece bem. E é também um nome que aparece frequentemente nos registros privados que Jamf mantinha de seus próprios negócios. Ao que parece, Bland, no início dos anos 20, estava profundamente envolvido com a operação Hugo Stinnes na Alemanha. Stinnes, enquanto durou, foi o menino-prodígio das finanças européias. Estabelecido no Vale do Ruhr, onde sua família tinha sido barões do carvão por gerações, o jovem Stinnes construiu um império razoável de aço, gás, energia elétrica e hidráulica, bondes e linhas de barcas antes de completar 30 anos. Durante a Guerra Mundial, trabalhou em estreita colaboração com Walter Rathenau, que comandava a economia com mão de ferro na época. Após a guerra, Stinnes conseguiu juntar o cartel horizontal de eletricidade da Siemens-Schuchert com as reservas de carvão e ferro da Rheinelbe Union, de modo a formar um super-cartel que era tanto horizontal como vertical, além de comprar participações em

the planet, it was the year the Germans all but wiped out the Hereros, which gave Enzian some peculiar ideas about survival, it was the year the American Food and Drug people took the cocaine out of Coca-Cola, which gave us an alcoholic and death-oriented generation of Yanks ideally equipped to fight WWII, and it was the year Ludwig Prandtl proposed the boundary layer, which really got aerodynamics into business (...).” (PYNCHON, 2006, p. 459)

⁴⁵² O que se estabelece aqui, portanto, não é um dualismo, mas uma tensão, como se pode depreender dos exemplos a seguir: “‘Isso aqui é algum tipo de complô, certo?’ Slothrop chupando saliva do veludo. ‘Tudo é um complô, rapaz’, Bodine rindo.” [“‘This is some kind of a plot, right?’ Slothrop sucking saliva from velvet pile. ‘Everything is some kind of a plot, man’, Bodine laughing.”] (PYNCHON, 2006, p. 613) [“[Tchitcherine:] Você faz alguma ideia do que está acontecendo?’ Mravenko riu. ‘E alguém faz?’” [“‘Do you have any idea what’s going on?’ Mravenko laughed. ‘Does anybody?’”] (PYNCHON, 2006, p. 622)

⁴⁵³ PYNCHON, 2006, p. 592.

praticamente tudo o mais – estaleiros, linhas de navio a vapor, hotéis, restaurantes, florestas, fábricas de celulose, jornais – ao mesmo tempo especulando com moeda, comprando moeda estrangeira com marcos emprestados do Reichsbank, baixando a cotação do marco e, em seguida, pagando os empréstimos a uma fração do valor original. Mais do que qualquer outro financista, ele foi considerado o culpado pela Inflação. Foi nessa época que as pessoas usavam carrinhos de mão para transportar cédulas de marcos para suas compras cotidianas e usavam-nas como papel higiênico, supondo que tivessem algo para cagar. As conexões internacionais de Stinnes abarcavam todo o mundo – Brasil, as Índias Orientais, os Estados Unidos – e, para empresários como Lyle Bland, sua taxa de crescimento era irresistível. A teoria, por essa época, era que Stinnes estava conspirando com Krupp, Thyssen e outros para arruinar o marco para que, assim, a Alemanha não tivesse que pagar suas dívidas de guerra.⁴⁵⁴

Como alude o narrador, o marco alemão começara a desvalorizar-se em 1921, quando caiu a 75 por dólar; no ano seguinte, caíra a quatrocentos e, em princípios de 1923, a sete mil. Por ocasião da ocupação do Ruhr pelos franceses, em janeiro de 1923, o marco caiu a mil por dólar; a 1º de julho, descera a 160 mil; a 1º de agosto, a um milhão. Em novembro, eram necessários quatro bilhões de marcos para comprar um dólar e, a partir de então, as cifras se converteram em trilhões.⁴⁵⁵ Daí portanto o emprego pelo narrador da imagem do carrinho de mão para transportar as cédulas de marcos desvalorizados para as compras cotidianas, tão comuns durante a *Inflationszeit*,

⁴⁵⁴ “Lyle Bland is a name he knows, all right. And a name that also shows up often in the private records Jamf kept of his own business deals. Seems that Bland, during the early twenties, was heavily involved with the Hugo Stinnes operation in Germany. Stinnes, while he lasted, was the Wunderkind of European finance. Based out of the Ruhr, where his family had been coal barons for generations, young Stinnes built up a good-sized empire of steel, gas, electric and water power, streetcars and barge lines before he was 30. During the World War he worked closely with Walter Rathenau, who was ramrodding the whole economy then. After the war Stinnes managed to put the horizontal electrical trust of Siemens-Schuchert together with the coal and iron supplies of the Rheinlbe Union into a super-cartel that was both horizontal and vertical, and to buy into just about everything else – shipyards, steamship lines, hotels, restaurants, forests, pulp mills, newspapers – meantime also speculating in currency, buying foreign money with marks borrowed from the Reichsbank, driving the mark down and then paying off the loans at a fraction of the original figure. More than any one financier he was blamed for the Inflation. Those were the days when you carried marks around in wheelbarrows to your daily shopping and used them for toilet paper, assuming you had anything to shit. Stinnes’s foreign connections went all over the world – Brazil, the East Indies, the United States – businessmen like Lyle Bland found his growth rate irresistible. The theory going around at the time was that Stinnes was conspiring with Krupp, Thyssen, and others to ruin the mark and so get Germany out of paying her war debts.” (PYNCHON, 2006, p. 288-289)

⁴⁵⁵ “Incitado pelos grandes industriais e senhores rurais, que pretendiam lucrar com a guerra, embora a massa do povo estivesse arruinada, o governo [da República de Weimar] deixou deliberadamente que o marco fosse por água abaixo, a fim de livrar o Estado de suas dívidas públicas, [e] fugir ao pagamento das reparações de guerra (...). Ademais, a destruição da moeda permitia à indústria pesada alemã extinguir seus débitos, pagando suas obrigações por meio de marcos sem valor algum.” (SHIRER, 2008, p. 96-97)

que, juntamente com os retratos de Hugo Stinnes,⁴⁵⁶ Walter Rathenau e Hjalmar Schacht (presidente dos Reichsbank à época), complementam a descrição deste período, ao mesmo tempo em que oferece a imagem, de um lado, da elite econômica alemã, representada por Stinnes, Rathenau e Schacht, e, de outro, uma vasta camada de miseráveis composta por aqueles cujas vidas a inflação arruinou, representada em Pökler.

Um outro exemplo, tendo agora como centro a personagem Franz Pökler, já na condição de engenheiro químico ligado à seção de material bélico do Exército alemão,⁴⁵⁷ onde, juntamente com outros “técnicos”, se dedica às pesquisas para o desenvolvimento do foguete V-2, primeiro em Peenemünde e, posteriormente, em Nordhausen:

Poderia alguma coisa ter durado com ele [Pökler]? Se o lobo judeu Pflaumbaum não tivesse tocado fogo em sua própria fábrica de tintas junto ao canal, Franz poderia ter dedicado sua vida ao empreendimento impossível do judeu de desenvolver uma tinta estampada, dissolvendo cristal após cristal, pacientemente, controlando as temperaturas com um cuidado obsessivo para que, ao esfriar, a mistura amorfa, desta vez, pudesse se fixar num padrão de listras, bolinhas, xadrezes, estrelas de Davi – em vez de encontrar, de manhã cedo, um caos enegrecido, latas de tinta explodidas numa grande apoteose de escarlata e verde-garrafa, cheiros de madeira queimada e nafta, Pflaumbaum retorcendo as mãos oy, oy, oy, hipócrita desgraçado. Tudo para embolsar o seguro. Assim, Franz e Leni [sua esposa] passaram muita fome por um tempo, com Ilse crescendo dentro da barriga de Leni a cada dia. Os empregos que surgiam eram braçais e pagavam uma ninharia. Franz estava se desestruturando. Então ele encontrou seu velho amigo [Kurt Mondaugen] do T.H. Munique uma noite no subúrbio pantanoso. Ele havia passado o dia todo fora, o marido proletário, colando cartazes anunciando alguma alegre fantasia cinematográfica de Max Schlepzig, enquanto Leni estava deitada grávida, forçada a se virar na cama quando a dor nas costas ficava insuportável, na sua lixeira mobiliada no último Hinterhöfe do cortiço. Já estava bem escuro e muito frio quando o balde de cola ficou vazio e todos os anúncios já estavam pregados, prontos para serem mijados, rasgados, riscados com suásticas.⁴⁵⁸

⁴⁵⁶ Segundo faz notar Franz Neumann, “a inflação de começos da terceira década permitiu aos empresários desprovidos de escrúpulos construir, às expensas da classe média e dos trabalhadores, gigantescos impérios econômicos. Protótipo deles foi o império de Stinnes e é, no mínimo, simbólico que Hugo Stinnes fosse o inimigo mais encarniçado da democracia e da política exterior de Rathenau” (NEUMANN, 1943, p. 31-32).

⁴⁵⁷ PYNCHON, 2006, p. 156.

⁴⁵⁸ “Could anything with him ever have lasted? If the Jewish wolf Pflaumbaum had not set the torch to his own paint factory by the canal, Franz might have labored out their days dedicated to the Jew’s impossible scheme of developing patterned paint, dissolving crystal after patient crystal, controlling tie temperatures with obsessive care so that on cooling the amorphous swirl might, this time might, suddenly shift, lock

O episódio é então abandonado para ser retomado mais a frente – quatrocentas páginas depois –, onde ganhará contornos absolutamente paranoides. Vejamos:

Na verdade, houve quem visse a mão de [Lyle] Bland nesse acidente, embora o judeu [Pflaumbaum] tenha levado a culpa, quem se fodeu nos tribunais, foi arrestado até falir, e, quando chegou a hora, foi enviado para o leste, juntamente com muitos outros da sua raça. Teríamos também que demonstrar alguma ligação entre Bland e os distribuidores da Ufa⁴⁵⁹ que mandaram Pökler com seus cartazes de publicidade para Reinickendorf naquela noite, para seu fatídico encontro com Kurt Mondaugen e a Verein für Raumschiffahrt – para não mencionar as ligações *em separado* com Achtfaden, Närrisch e outras pessoas vinculadas ao [foguete] S-Gerät – antes de termos uma estrutura paranoica digna do nome. Infelizmente, o estado da tecnologia em 1945 nem de longe se adequava a esse tipo de obtenção de dados.⁴⁶⁰

Pois bem. Para se obter “uma estrutura paranoica digna do nome”, é preciso não apenas “demonstrar alguma ligação” entre indivíduos, eventos e empresas que a

into stripes, polka-dots, plaid, stars of David – instead of finding one early morning a blackened waste, paint cans exploded in great bursts of crimson and bottle-green, smells of charred wood and naphtha, Pflaumbaum wringing his hands oy, oy, oy, the sneaking hypocrite. All for the insurance. So Franz and Leni were very hungry for a time, with Ilse growing in her belly each day. What jobs came along were menial and paid hardly enough to matter. It was breaking him. Then he met his old friend from the T.H. Munich one night out in the swampy suburbs. He'd been out all day, the proletarian husband, out pasting up bills to advertise some happy Max Schlepzig film fantasy, while Leni lay pregnant, forced to turn when the pain in her back got too bad, inside their furnished dustbin in the last of the tenement's Hinterhöfe. It was well after dark and bitter cold by the time his paste bucket was empty and the ads all put up to be pissed on, torn down, swastikaed over.” (PYNCHON, 2006, p. 162-163)

⁴⁵⁹ Universum Film Aktiengesellschaft, mais conhecida como Ufa ou UFA, foi o principal estúdio de cinema na Alemanha, sede da indústria cinematográfica alemã durante a República de Weimar e durante a Segunda Guerra Mundial, e uma grande força no mundo do cinema durante sua breve existência entre 1917-1945. Segundo Siegfried Kracauer, “quando, após a entrada dos Estados Unidos na [primeira] guerra, o cinema norte-americano varreu o mundo, causando o ódio à Alemanha, atingindo com uma força sem rival os inimigos e os neutros do mesmo modo, influentes círculos alemães concordaram que apenas uma organização de enormes proporções seria capaz de neutralizar aquela campanha. O onipotente general Ludendorff tomou a iniciativa, recomendando a fusão das principais companhias cinematográficas, a fim de que suas energias dispersas fossem canalizadas no interesse nacional. (...) No rastro de uma resolução adotada em novembro de 1917 pelo alto Comando alemão, em estreito entendimento com proeminentes financistas, industriais e armadores, Messter Film, a Union de Davidson e as companhias controladas pela Nordisk – com o apoio de um grupo de bancos – se fundiram numa nova empresa: a UFA. (...) A missão oficial da UFA era fazer propaganda da Alemanha de acordo com as diretrizes governamentais. Estas estabeleciam não apenas propaganda direta, mas também filmes característicos da cultura alemã e filmes servindo ao propósito de educação nacional” (KRACAUER, 1988, p. 51).

⁴⁶⁰ “Indeed, there were those who could see Bland's hand in that disaster, though the Jew got blamed, fucked under by the courts, attached till he was bankrupt, and, in the fullness of time, sent east along with many others of his race. We would also have to show some interlock between Bland and the Ufa movie-distribution people who sent Pökler out with his advertising bills to Reinickendorf that night, to his fateful meeting with Kurt Mondaugen and the Verein für Raumschiffahrt – not to mention *separate* connections for Achtfaden, Närrisch, and the other S-Gerät people – before we'd have a paranoid structure worthy of the name. Alas, the state of the art by 1945 was nowhere near adequate to that kind of data retrieval.” (PYNCHON, 2006, p. 592)

princípio não estavam relacionadas, como também estabelecer linhas de conexão diferentes ou paralelas, aquilo que denominamos anteriormente de “estilo de conexão”, em que tudo está conectado, e cujo modelo é a paranoia, a paranoia enquanto “a descoberta de que *tudo está conectado*”.⁴⁶¹

Mais um exemplo, agora envolvendo a estória da personagem Peter Sachsa (típico exemplo de narrativa periférica, lateral, constituída no interior do livro de Pynchon), amante de Leni Pökler (esposa de Franz Pökler), morto, segundo o narrador, “em 1930 por um golpe de cassetete desferido por um policial durante uma agitação de rua em Neukölln”, Berlim.⁴⁶² O trecho a seguir relata o instante exato da morte da personagem, acompanhada em dita agitação de rua por Leni, pelo policial Schutzmann Jöche:

Eles estão sendo empurrados para trás por um cordão de policiais. Peter Sachsa está encravado no interior deste, tentando manter o equilíbrio, sem fuga possível... O rosto de Leni movendo-se, inquieto, contra a janela do Hamburg Flyer, estradas de concreto, pedestais, torres industriais do Mark voando a mais de cento e sessenta quilômetros por hora como pano de fundo perfeito, acastanhado, difuso, qualquer erro mínimo, nas agulhas, na pista a esta velocidade e eles estão feitos... a saia dela está repuxada atrás, o fundo desnudo das coxas dela, marcadas de vermelho pelo assento do trem, viram-se para ele... sim... na iminência do desastre, sim, quem quer que esteja vendo, sim... “Leni, cadê você?” Ela estava junto a seu cotovelo nem dez segundos atrás. Eles haviam combinado de antemão tentar se manter juntos. Mas há duas espécies de movimento aqui fora – tão frequentemente quanto os ocasionais deslocamentos de estranhos, através de uma nítida linha de conflito da Força, reunirão pessoas que assim permanecerão por algum tempo, num amor que até poderá fazer a opressão parecer um fracasso, assim também o amor, aqui na rua, pode ser centrifugamente apartado de novo: rostos vistos pela última vez aqui, palavras proferidas inutilmente, por cima do ombro, dando por garantido que ela lá está, já últimas palavras – “Será que o Walter vai trazer vinho hoje à noite? É que eu me esqueci –” é uma piada privada, os esquecimentos dele, a girar em torno de alguma confusão adolescente, a esta altura já desesperadamente apaixonado também pela menina, Ilse. (...) Só que nesta última semana... o que ele sabe sobre política? mas ele consegue ver que ela cruzou um limiar, chegou a uma encruzilhada do tempo, onde ele talvez não seja capaz de segui-la – (...) Se ela não quer Peter nas ruas, por que então ela se mantém em silêncio em tais momentos? (...) [Peter] não aprendeu a ouvir com espírito revolucionário, jamais terá, a bem dizer, tempo suficiente para formar um espírito revolucionário a partir do inóspito amor camaradeiro dos outros, não, não há tempo para isso agora, ou para qualquer outra coisa a não ser mais uma respiração, a respiração

⁴⁶¹ PYNCHON, 2006, p. 717.

⁴⁶² “Peter taken forcibly over in 1930 by a blow from a police truncheon during a street action in Neukölln (...)” (PYNCHON, 2006, p. 154)

ofegante de um homem que teme as ruas, nem sequer tempo suficiente para perder o medo da maneira tradicional, não, porque aí vem Schutzmann Jöche, cassetete já erguido, a seção de cabeça Comunista movendo-se estupidamente para vê-lo, tão inconsciente dele e do seu poder... o primeiro golpe certo de Schutzmann no dia todo... ah, a noção de tempo dele é perfeita, ele sente-a no braço e no cassetete já não pendente ao lado dele mas agora esticado para trás numa curva muscular, no alto de seu movimento, pico de energia potencial... bem embaixo aquela veia cinzenta na têmpora do homem, frágil como pergaminho, destacando-se com tanta nitidez, já a latejar com a sua penúltima pulsação... e, MERDA!⁴⁶³

O mesmo episódio é recontado mais à frente, agora da perspectiva de Pökler, que, depois de abandonado por Leni, decide sair às ruas no intuito de encontrar Leni novamente e se depara com o “combate de rua” que culminaria na morte de Sachsa, ligando ambas as personagens (que efetivamente não se conheciam, segundo faz constar o próprio narrador):

Mais tarde, depois que Leni se foi, ele ficou um pouco bêbado uma manhã, um pouco sentimental, e saiu, finalmente, pela primeira e última vez, esperando que, de alguma forma, graças às pressões do Destino ou à hidrodinâmica das multidões, eles voltassem a se encontrar novamente. Ele encontrou uma rua cheia de uniformes pardos e verdes, cassetetes, couro, cartazes agitando-se instáveis em todas as direções menos a longitudinal, dezenas de civis em pânico. Um policial tentou acertá-lo, mas Pökler se esquivou, e em vez disso atingiu um velho, algum velho Trotskista barbudo e empedernido por reconstruir... ele via os fios de cabo de aço sob a camada de borracha

⁴⁶³ “They are being pushed backward by a line of police. Peter Sachsa is jammed inside it, trying to keep his footing, no escape possible... Leni’s face moving, restless, against the window of the Hamburg Flyer, concrete roads, pedestals, industrial towers of the Mark flying away at over a hundred miles an hour the perfect background, brown, blurred, any least mistake, in the points, in the roadbed at this speed and they’re done for... her skirt is pulled up in back, the bare bottoms of her thighs, marked red from the train seat, turn toward him... yes... in the imminence of disaster, yes, whoever’s watching yes... ‘Leni, where are you?’ She was at his elbow not ten seconds ago. They’d agreed beforehand to try and keep together. But there are two sorts of movement out here – as often as the chance displacements of strangers, across a clear skirmish-line from the Force, will bring together people who’ll remain that way for a time, in love that can even make the oppression seem a failure, so too love, here in the street, can be taken centrifugally apart again: faces seen for the last time here, words spoken idly, over your shoulder, taking for granted she’s there, already last words – ‘Will Walter be bringing wine tonight? I forgot to –’ it’s a private joke, his forgetting, going around in some adolescent confusion, hopelessly in love too by now with the little girl, Ilse. (...) Just in this past week... what does he know of politics? but he can see that she has crossed a threshold, found a branching of the time, where he might not be able to follow – (...) If she doesn’t want him out in the street, why does she only keep her silence at such moments? (...) [Peter] hasn’t learned to hear with the revolutionary heart, won’t ever, in fact, be given enough time to gather a revolutionary heart from the bleak comradely love of the others, no, no time for it now, or for anything but one more breath, the rough breath of a man growing afraid in the street, not even enough time to lose his fear in the time-honored way, no, because here comes Schutzmann Jöche, truncheon already in backswing, the section of Communist head moving into view for him stupidly, so unaware of him and his power... the Schutzmann’s first clear shot all day... oh, his timing is perfect, he feels it in arm and out the club no longer flabby at his side but tensed back now around in a muscular curve, at the top of his swing, peak of potential energy... far below that gray vein in the man’s temple, frail as parchment, standing out so clear, twitching already with its next to last pulsebeat... and, SHIT!” (PYNCHON, 2006, p. 221-223)

preta, um sorriso meticuloso nos lábios do policial enquanto levantava a arma, a mão livre segurando a lapela oposta de um modo algo feminino, a luva de couro da mão com o cassetete desabotoada na altura do punho, e seus olhos piscando no último instante possível, como se o cassetete compartilhasse de seus nervos e pudesse se machucar ao atingir o crânio do velho. Pökler conseguiu chegar à entrada de uma porta, doente de medo. Outros policiais vieram correndo tal como correm alguns dançarinos, cotovelos junto às ilhargas, antebraços levantados num ângulo preciso. Terminaram usando mangueiras de incêndio para dispersar a multidão. Mulheres deslizavam como bonecas ao longo das pedras lisas do calçamento e sobre os trilhos dos bondes, o esguicho forte atingindo-as no ventre e na cabeça, o vetor branco e brutal dominando-as. Qualquer uma delas poderia ser Leni. Pökler estremeceu em sua entrada de porta e assistiu àquilo. Ele não podia voltar à rua.⁴⁶⁴

O episódio então encerra-se com a suspeita paranoica sobre os verdadeiros motivos da morte de Peter Sachsa: “Todo mundo sabe como Sachsa morreu. Mas ninguém sabe porque ele estava na rua naquele dia, o que o levou àquilo”.⁴⁶⁵

Outro exemplo: o físico James Clerk Maxwell e o químico August Kekulé, em *Gravity's Rainbow*, são imaginados como sendo completamente obcecados e paranoicos em suas explorações científicas. Assim, aprendemos que o “Demônio” de Maxwell pode não ter sido, em sua criação, um modelo destinado a demonstrar algo nas ciências físicas. Ainda que tenha servido para isso, ele pode ter sido concebido principalmente como um alerta codificado, concebido com o intuito de alertar o mundo sobre uma conspiração em curso no século XX, relacionada ao foguete V-2:

Testemunhas sugeriram posteriormente que Clerk Maxwell projetou seu Demônio não tanto como um recurso para discutir um conceito da termodinâmica, mas como uma parábola sobre a *existência real* de pessoas como Liebig... podemos fazer uma ideia de quão longe a

⁴⁶⁴ “Later, after she left, he got a little drunk one forenoon, a little sentimental, and went out at last, his first and last time, hoping that somehow the pressures of Fate or crowd hydrodynamics might bring them together again. He found a street full of tan and green uniforms, truncheons, leather, placards fluttering unstable in all modes but longitudinal, scores of panicked civilians. A policeman aimed a blow at him, but Pökler dodged, and it hit an old man instead, some bearded old unreconstructed geezer of a Trotskyite... he saw the strands of steel cable under black rubber skin, a finicky smile on the policeman’s face as he swung, his free hand grasping his opposite lapel in some feminine way, the leather glove of the hand with the truncheon unbuttoned at the wrist, and his eyes flinching at the last possible moment, as if the truncheon shared his nerves and might get hurt against the old man’s skull. Pökler made it to a doorway, sick with fear. Other police came running as some dancers run, elbows close to sides, forearms thrusting out at an angle. They used firehoses to break up the crowd, finally. Women slid like dolls along the slick cobbles and on tram rails, the thick gush catching them by belly and head, its brute white vector dominating them. Any of them might have been Leni. Pökler shivered in his doorway and watched it. He couldn’t go out in the street.” (PYNCHON, 2006, p. 405-406)

⁴⁶⁵ “Everyone knows how Sachsa died. But no one knows why he was out there that day, what led up to it.” (PYNCHON, 2006, p. 221)

repressão havia chegado por esse tempo, vendo como Clerk Maxwell sentiu-se obrigado a codificar suas advertências... de fato, alguns teóricos, geralmente os que vêm significados sinistros por trás até mesmo da conhecida frase da Sra. Clerk Maxwell “É hora de ir para casa, James, você está começando a se divertir”, lançaram a hipótese extrema de que as próprias Equações de Campo contém uma advertência funesta – eles citam como evidência a intimidade perturbadora das Equações com o comportamento do circuito de integral dupla no sistema de guiagem do foguete A4 (...).⁴⁶⁶

Em outra parte, o narrador especula que Justus Freiherr von Liebig, renomado professor de química na Universidade de Giessen, era um agente, cuja tarefa foi colocar Kekulé numa posição em que ele pudesse receber um sonho da “burocracia do outro lado”⁴⁶⁷ (o mundo dos mortos) – um sonho sobre a forma do anel de benzeno, cuja forma seria a base da química aromática e que, juntamente com as teorias da aceleração, tornaria possível o foguete A4. Kekulé, que entrara na Universidade de Giessen como estudante de arquitetura, foi inspirado por Liebig para mudar de área:

Aqui, aqui está o resumo sobre o problema de Kekulé. Começou por se tornar arquiteto, mas acabou tornando-se um dos Titãs da química, a maior parte da ala orgânica deste utilíssimo edifício foi erguida sobre seus ombros para todo o sempre – e não somente do ponto de vista da IG, mas do Mundo (...). Mais uma vez foi a influência de Liebig, o grande professor de química que deu nome à rua em Munique onde Pöckler viveu enquanto frequentava o T.H. Liebig estava na Universidade de Giessen quando Kekulé entrou como aluno. Ele inspirou o jovem a mudar de área. Assim, Kekulé trouxe à química um olhar de arquiteto. Foi uma mudança de importância crítica. O próprio Liebig parece ter ocupado o papel de um portão, ou de demônio-distribuidor, tal como propôs seu contemporâneo mais jovem Clerk Maxwell, ajudando a concentrar energia em um recinto favorecido da Criação em detrimento de tudo o mais (...). O jovem ex-arquiteto Kekulé pôs-se a procurar entre as moléculas de sua época pelas formas ocultas que ele sabia estarem lá, formas que preferia não encarar como estruturas físicas reais, mas sim como “fórmulas racionais”, que demonstravam as relações que se davam nas “metamorfoses”, seu curioso modo oitocentista de dizer “reações químicas”. Mas Kekulé podia visualizar. Ele viu as quatro ligações de carbono, formando um tetraedro – ele *mostrou* como os átomos de

⁴⁶⁶ “Later witnesses have suggested that Clerk Maxwell intended his Demon not so much as a convenience in discussing a thermodynamic idea as a parable about the actual existence of personnel like Liebig... we may gain an indication of how far the repression had grown by that time, in the degree to which Clerk Maxwell felt obliged to code his warnings... indeed some theorists, usually the ones who find sinister meaning behind even Mrs. Clerk Maxwell’s notorious ‘It is time to go home, James, you are beginning to enjoy yourself’, have made the extreme suggestion that the Field Equations themselves contain an ominous forewarning – they cite as evidence the disturbing intimacy of the Equations with the behavior of the double-integrating circuit in the guidance system of the A4 rocket (...).” (PYNCHON, 2006, p. 418)

⁴⁶⁷ “(...) bureaucracies of the other side.” (PYNCHON, 2006, p. 417)

carbono poderiam se ligar, um ao outro, formando longas cadeias... Mas ficou perplexo quando chegou ao benzeno. Sabia que havia seis átomos de carbono com um de hidrogênio ligado a cada um – mas não conseguia enxergar a forma. Até que teve o sonho: até que foi levado a ver a forma, para que outros pudessem ser seduzidos por sua beleza física, e começassem a pensar nela como um plano, uma base para novos compostos, novos arranjos, para que surgisse todo um ramo de química aromática para unir-se com o poder secular e descobrir novos métodos de síntese, para que surgisse uma indústria Alemã de pigmentos que se tornaria a IG [Farben]⁴⁶⁸ ...⁴⁶⁹

Como se vê pelos exemplos todos coligidos acima, os elementos que compõem o livro de Pynchon estão conectados não apenas pelo sentido, mas também estruturalmente, porquanto suas partes constituintes encontram-se formalmente interligadas, compondo estruturas ficcionais que formalmente reproduz a premissa paranoica, segundo a qual “tudo está conectado em grandes teias contínuas de detalhes interdependentes”.⁴⁷⁰

O paranoico é, na verdade, abundantemente dotado do talento (compulsivo) para fornecer razões e estabelecer sentidos, como no excerto a seguir, em que forças do

⁴⁶⁸ I.G. Farben: Interessen Gemeinschaft Farbenindustrie Aktiengesellschaft (Comunidade de Interesses das Indústrias de Tintas S/A): Conglomerado de empresas formado em 1925, que deteve o monopólio quase completo da produção química na Alemanha nazista, tendo sido, durante seu apogeu, a maior corporação da Europa e a quarta maior do mundo, atrás da General Motors, da United States Steel e da Standard Oil Company. Segundo Raul Hilberg, “a I.G. Farben não era apenas uma das principais empresas industriais, mas um grande aparelho burocrático e uma parte notável da máquina de destruição [nazista]. Inicialmente, a empresa participou da demissão dos empregados judeus e da propagação da arianização. (...) Suas decisões ao longo desse envolvimento fatal estavam incorporadas em uma elaborada estrutura administrativa. (...) Contudo, a presença da I.G. nos campos de extermínio pode ser atribuída não apenas a um desejo de assassinar judeus ou de explorá-los até a morte, mas também a um complicado problema industrial: a produção de borracha sintética (*Buna*).” (HILBERG, 2016, p. 1145, 1149)

⁴⁶⁹ “Here, here’s the rundown on Kekulé’s problem. Started out to become an architect, turned out instead to be one of the Atlantes of chemistry, most of the organic wing of that useful edifice bearing down on top of his head forever – not just under the aspect of IG, but of World (...). Once again it was the influence of Liebig, the great professor of chemistry on whose name-street in Munich Pökler lived while he attended the T.H. Liebig was at the University of Giessen when Kekulé entered as a student. He inspired the young man to change his field. So Kekulé brought the mind’s eye of an architect over into chemistry. It was a critical switch. Liebig himself seems to have occupied the role of a gate, or sorting-demon such as his younger contemporary Clerk Maxwell once proposed, helping to concentrate energy into one favored room of the Creation at the expense of everything else (...). Young ex-architect Kekulé went looking among the molecules of the time for the hidden shapes he knew were there, shapes he did not like to think of as real physical structures, but as ‘rational formulas’, showing the relationships that went on in ‘metamorphoses’, his quaint 19th-century way of saying ‘chemical reactions’. But he could visualize. He saw the four bonds of carbon, lying in a tetrahedron – he *showed* how carbon atoms could link up, one to another, into long chains... But he was stumped when he got to benzene. He knew there were six carbon atoms with a hydrogen attached to each one – but he could not see the shape. Not until the dream: until he was made to see it, so that others might be seduced by its physical beauty, and begin to think of it as a blueprint, a basis for new compounds, new arrangements, so that there would be a field of aromatic chemistry to ally itself with secular power, and find new methods of synthesis, so there would be a German dye industry to become the IG...” (PYNCHON, 2006, p. 417-418)

⁴⁷⁰ COWART, 2011, p. 06.

“outro mundo” determinam, segundo a narração, o modo de um acontecimento terreno, quando o piloto de um avião bombardeiro cumpre a sua missão sobre a cidade de Lübeck, na noite de 28 de março de 1942, no ataque que enfureceu Hitler, e que teria dado origem à denominação dos A4 como V-2, (“armas de retaliação” ou “vingança”⁴⁷¹), e vemos surgir então o Anjo de Lübeck, um incidente que apenas o piloto e seu asa haviam partilhado e concordado em não reportar aos seus superiores imediatos⁴⁷²:

O anjo de Basher St. Blaise, muito além de qualquer designação, elevando-se acima de Lübeck naquele Domingo de Ramos com as cúpulas verde-veneno sob seus pés, uma sucessão obsessiva de telhas vermelhas subindo e descendo milhares de telhados íngremes enquanto os bombardeiros mergulhavam, o Báltico já sumido por trás de uma cortina de fumaça incendiária, ali estava o Anjo: cristais de gelo varridos com silvos das bordas traseiras de asas perigosamente fundas, abrindo-se enquanto eram deslocadas para novo abismo branco... Durante meio minuto o silêncio do rádio é interrompido. A comunicação se abre: St. Blaise: Freakshow Dois, *you viu aquilo*, câmbio. Ala: Freakshow Dois falando – afirmativo. St. Blaise: Bom. Ninguém mais na missão parece ter tido comunicação de rádio. Após o ataque, St. Blaise inspecionou o equipamento dos que regressaram à base e não encontrou nada de errado: todos os cristais na frequência correta, as fontes de energia tão sem oscilações quanto seria de esperar – porém outros lembravam-se como, durante os poucos momentos que a aparição durou, até mesmo a estática desapareceu dos fones de ouvido. Alguns ouviram talvez uma espécie de canto agudo, como vento soprado em meio a mastros, ovéns, antenas espirais ou parabólicas das esquadras inverniais lá embaixo nos estaleiros... mas somente Basher e seu ala o viram, zumbindo diante das ígneas léguas de rosto, os olhos, que se elevavam por quilômetros, acompanhando o voo dos aviões, as íris vermelhas como brasas, cambiando de amarelo para branco, enquanto eles largavam todas as suas bombas sem obedecer a nenhum padrão em particular, o intrincado dispositivo Norden, gotas de suor no ar em torno da ocular móvel, perplexo diante da súbita necessidade deles de ascender, para em lugar de atacar a terra atacar o céu... O Capitão da Equipe St. Blaise não incluiu uma descrição desse anjo em seu relatório oficial (...). Extra-oficialmente, nas duas semanas entre o incêndio de Lübeck e a ordem

⁴⁷¹ “A primeira dessas armas a ser usada era uma ‘bomba voadora’ sem piloto. Com a aprovação imediata de Hitler, ela foi batizada de V-1 por Hans Schwarz van Berkl, um jornalista do periódico de Goebbels, *Der Reich*, no dia 17 de junho de 1944. O nome indicava sua função como um meio de retaliação contra os aliados, uma vingança pela destruição das cidades alemãs por bombas aliadas (...). Em 13 de junho de 1944, devido à ordem de urgência dada por Hitler, as dez primeiras bombas voadoras V-1 foram lançadas de suas rampas de lançamento costeiras na direção de Londres.” (EVANS, 2012, p. 755)

⁴⁷² Cabe frisar que a epifania do Anjo de Lübeck traz de volta as sessões espíritas da White Visitation, durante a qual o médium Carroll Eventyr tentou “confirmar o anjo de Lübeck”, em que “ele e seu controle, Peter Sachsa, patinavam no atoleiro entre os mundos” (p. 220). Essa transição leva à história da morte de Sachsa vista anteriormente, uma espécie de trama política oculta justaposta à história de Slothrop no Cassino Hermann Goering, na Riviera Francesa. Pois a morte de Peter Sachsa parece ser “parte” do mesmo plano.

de Hitler para que fossem feitos “ataques aterrorizantes de caráter retaliatório” – querendo isto dizer armas-V – a história do Anjo se espalhou.⁴⁷³

O Anjo de Lübeck, como anjo da vingança, assume o lugar do horror dos bombardeios aéreos, ao perfazer uma mediação com as imagens da cidade atingida pelas bombas: a visualização da destruição desta faz figura-e-fundo com a aparição do Anjo, aparição essa que se subtrai tão-logo é manifestada, deixando o seu significado reverberar por domínios e estratos que não lhe dizem diretamente *sentido*: o horror entrelaçado na imagem do Anjo, nas linhas dos telhados da cidade, na ação destrutiva do bombardeio, na eficiência e profissionalismo dos pilotos, na ira desperta de Hitler (que curiosamente não aparece uma única vez no romance⁴⁷⁴) – ira essa que o teria levado, por fim, segundo o narrador, a acelerar os planos para a operacionalização dos A4:

Como o Anjo que pairava sobre Lübeck durante o ataque de Domingo de Ramos, que aquele dia não viera para destruir nem para proteger, mas para testemunhar um jogo de sedução. Foi o penúltimo passo que Londres tomou antes da submissão dela (...)... porque enviar a RAF para fazer um ataque terrorista contra os civis de Lübeck foi como um longo olhar inequívoco que dizia *depressa, me fodam*, que trouxe os foguetes com força e gritando, os A4, que iam ser disparados de qualquer maneira, só que em vez disso um pouco mais cedo...⁴⁷⁵

⁴⁷³ “Basher St. Blaise’s angel, miles beyond designating, rising over Lübeck that Palm Sunday with the poison-green domes underneath its feet, an obsessive crossflow of red tiles rushing up and down a thousand peaked roofs as the bombers banked and dived, the Baltic already lost in a pall of incendiary smoke behind, here was the Angel: ice crystals swept hissing away from the back edges of wings perilously deep, opening as they were moved into new white abyss... For half a minute radio silence broke apart. The traffic being: St. Blaise: Freakshow Two, *did you see that*, over. Wingman: This is Freakshow Two – affirmative. St. Blaise: Good. No one else on the mission seemed to’ve had radio communication. After the raid, St. Blaise checked over the equipment of those who got back to base and found nothing wrong: all the crystals on frequency, the power supplies rippleless as could be expected – but others remembered how, for the few moments the visitation lasted, even static vanished from the earphones. Some may have heard a high singing, like wind among masts, shrouds, bedspring or dish antennas of winter fleets down in the dockyards... but only Basher and his wingman saw it, droning across in front of the fiery leagues of face, the eyes, which went towering for miles, shifting to follow their flight, the irises red as embers fairing through yellow to white, as they jettisoned all their bombs in no particular pattern, the fussy Norden device, sweat drops in the air all around its rolling eyepiece, bewildered at their unannounced need to climb, to give up a strike at earth for a strike at heaven... Group Captain St. Blaise did not include an account of this angel in his official debriefing (...). Unofficially, in the fortnight between the fire-raising at Lübeck and Hitler’s order for ‘terror attacks of a retaliatory nature’ – meaning the V-weapons – word of the Angel got around.” (PYNCHON, 2006, p. 153-154)

⁴⁷⁴ Será o caso de dizer que a surpreendente redução da importância de Hitler, que não aparece uma única vez em *Gravity’s Rainbow*, se deva ao fato de Pynchon localizar as fontes de poder muito mais em organizações do que em indivíduos?

⁴⁷⁵ “As the Angel that stood over Lübeck during the Palm Sunday raid, come that day neither to destroy nor to protect, but to bear witness to a game of seduction. It was the next-to-last step London took before her submission (...)... because sending the RAF to make a terror raid against civilian Lübeck was the

(Cabe recordar que as primeiras V-2 só viriam a cair sobre Londres em setembro de 1944, muito posteriormente, portanto, ao bombardeamento de Lübeck pelos ingleses. Fato é que, imediatamente após o ataque sobre Lübeck, Hitler ordenou à Luftwaffe que realizasse ataques retaliatórios sobre a Inglaterra.⁴⁷⁶ O primeiro ocorreu na noite de 23 de abril de 1942, quando 45 aviões Dorniers atingiram Exeter, repetindo o ataque no dia seguinte.)

Pois bem. O gênio de Pynchon consiste em elaborar gigantescos mosaicos a partir de elementos ou motivos aparentemente insignificantes ou desconexos, mas que, quando conectados entre si, adquirem plena significação; assim, cada episódio ou evento deve ser visto como um fragmento de um todo inclusivo, imanente, no qual ele encontra seu sentido. No dizer de Nancy Hayles, o mais essencial aqui talvez seja precisamente a noção de que as coisas estão interligadas.⁴⁷⁷

Assim, o livro de Pynchon está configurado como uma rede de conexões, sendo esta aquilo que estamos interessados em entender corretamente. Ora, a conexão é o fundamento enquanto “com”, a ligação que um evento ou personagem mantém com outros eventos ou personagens e que a todos reúne na narrativa, sob o mesmo plano de composição. (É nesta direção que procuramos realizar a reconstrução do conceito de paranoia não apenas como problema mas também como móvel, como operador narrativo.)

O livro de Pynchon está, portanto, configurado na forma de estilo de conexão, e, como vimos, mesmo os fragmentos aparentemente isolados estão, na

unmistakable long look that said *hurry up and fuck me*, that brought the rockets hard and screaming, the A4s, which were to've been fired anyway, a bit sooner instead..." (PYNCHON, 2006, p. 217)

⁴⁷⁶ “Em abril de 1942, depois do ataque britânico a Lübeck, Hitler ordenou o começo dos ‘ataques terroristas de caráter retaliatório’ à Grã-Bretanha. Por muitos meses, contudo, não existiam os meios para executá-los de modo que surtisse efeito. Enquanto isso, os ataques anglo-americanos a cidades alemãs grandes e pequenas se intensificavam rapidamente; durante esses ataques – em 1943 –, até 70% de bombas altamente explosivas e 90% dos dispositivos incendiários caíram em áreas residenciais, e com isso criaram um generalizado desejo popular de retaliação, não com o intuito de se vingar dos britânicos, e sim de fazer com que eles parassem com a destruição. (...) Contudo, muito antes de a ofensiva alemã chegar ao fim, em maio de 1944, estava claro que algo novo era necessário. Uma variedade de ‘armas maravilhosas’ ou ‘milagrosas’ já estava sendo desenvolvida. Hitler e Goebbels mantiveram a promessa de que logo iriam reverter o destino da guerra e arrancar a vitória das garras da derrota.” (EVANS, 2012, p. 753-754)

⁴⁷⁷ “Talvez o mais essencial seja a noção de que as coisas estão interligadas. As formulações mais rigorosas desta ideia são encontradas na física moderna. Em marcante contraste com a ideia atomista newtoniana da realidade, em que os objetos físicos são distintos e os eventos são capazes de ocorrer independentemente uns dos outros e do observador, em uma tal visão da realidade, objetos, eventos e observadores pertencem inextricavelmente ao mesmo campo; a disposição de cada um, nesta visão de campo, é influenciada (...) pela disposição dos outros.” Para mais detalhes, cf. N. Katherine Hayles, *The cosmic web: scientific field models and literary strategies in the twentieth century*. London: Cornell University Press, 1986, p. 09ss. Ver Referências Bibliográficas.

verdade, ligados ao conjunto da narrativa e, como tal, inseridos na rede de significação geral do texto, e, uma vez estabelecido seu complexo central, é possível reconhecer outros complexos, menores, em conexão com o complexo central (mesmo quando o elemento estruturante pareça estar ausente), posto que seu conteúdo está intimamente relacionado ao complexo central, identificado por uma referência explícita ao foguete V-2.

A noção de conexão é, pois, uma noção fundamental em *Gravity's Rainbow*.

Contudo, a noção de conexão não é sequer pensável se se representar a conexão como uma mera relação causal. Aqui, não é suficiente remeter causalmente um elemento a outro, ou passar de uma ideia a outra, segundo uma ordem de associações. Na verdade, as conexões estabelecidas aqui não concernem à mera associação de ideias ou à sucessão de causas e efeitos, não constituem um conjunto de ideias associadas, nem tampouco uma série de ideias ordenadas causalmente, mas se formam antes por *justaposição*, deixando assim de ser associáveis segundo as formas da representação ou ordenáveis segundo as exigências da causalidade, para compor verdadeiros blocos de relações.⁴⁷⁸

É assim, pois, que as coisas se passam no livro de Pynchon: como se em cada evento ou em cada acontecimento, houvesse uma interconexão invisível, fazendo tudo encaixar-se – uma suástica, as aletas de um foguete, uma aldeia herero, maços de lenços de papel cheios de muco, um pinheiro luminoso contra nuvens noturnas, uma motocicleta em ponto morto, moinhos de vento de Frans van der Groov –, *interconectar-se*:

(...) rostos de crianças em janelas de trens, dois compassos de música dançante vindo de algum lugar, de alguma outra rua à noite, agulhas e galhos de um pinheiro nítido e luminoso contra nuvens noturnas, um diagrama de circuito saído de um maço amarelecido e manchado contendo centenas de outros, risos vindo de um milharal de manhã cedo quando ele caminhava para a escola, uma motocicleta em ponto morto num fim de tarde pesado de verão...⁴⁷⁹

⁴⁷⁸ Conforme Thomas Schaub aponta, o interesse de Pynchon pela ideia de conexão “se torna uma metáfora para a dificuldade de se saber desde *dentro* se um conjunto de eventos constitui ou não um enredo planejado ou é mera coincidência” (SCHAUB, 1981 p. 105).

⁴⁷⁹ “(...) faces of children out the train windows, two bars of dance music somewhere, in some other street at night, needles and branches of a pine tree shaken clear and luminous against night clouds, one circuit diagram out of hundreds in a smudged yellowing sheaf, laughter out of a cornfield in the early morning as he was walking to school, the idling of a motorcycle at one dusk-heavy hour of the summer...” (PYNCHON, 2006, p. 638)

Se é verdade que todo delírio é histórico – pois não é disso que se trata aqui, da história? –, então o livro de Pynchon delira a história. Porque se, em *Gravity's Rainbow*, a configuração é paranoica, de estilo paranoico, o conteúdo dos delírios é eminentemente histórico, sobretudo no que respeita ao conteúdo historiográfico das tramas conspiratórias por ele mobilizados, bem como à ideia da “dominação do mundo”, tema frequente em todo delírio paranoico.

Ora, todo delírio arrasta e mistura conteúdos históricos, políticos, sociais, geográficos.⁴⁸⁰

Consideremos, neste sentido, o delírio do presidente Schreber. Acontece que seus delírios são percorridos de uma ponta a outra por uma espécie de teoria dos povos eleitos por Deus bem como dos perigos que o povo atualmente eleito, o alemão, corre, ameaçado por católicos, por judeus e por eslavos.⁴⁸¹ Em suas inúmeras metamorfoses, Schreber torna-se aluno dos jesuítas, prefeito de uma cidade onde os alemães combatem contra os eslavos, uma jovem que defende a Alsácia contra os invasores franceses, para, finalmente, se tornar um príncipe mongol.⁴⁸²

Será o caso de dizermos – como Freud – que há mais verdade no delírio paranoico do que estamos preparados para acreditar?

Para confirmarmos o que foi dito anteriormente, vejamos um trecho de *Gravity's Rainbow*, em que um esquizo delirante acredita ser a Segunda Guerra Mundial, que cai doente por ocasião da invasão da Normandia pelas tropas aliadas, recupera-se quando os alemães contra-atacam nas Ardenas e fadado a morrer no Dia da Vitória:

Na “White Visitation”, há um esquizo, internado há muito tempo, você sabe, que acredita que *ele* é a Segunda Guerra Mundial. Ele não

⁴⁸⁰ “Todos os delírios têm um conteúdo histórico-mundial, político, racial, arrastam e misturam todas as raças, culturas, continentes, reinos (...). Não há nenhum delírio paranoico que não remexa em massas históricas, geográficas e raciais.” (DELEUZE e GUATTARI, 2004, p. 93-94)

⁴⁸¹ “No ‘primeiro julgamento de Deus’ tratava-se de uma série contínua de visões, que se sucediam dia e noite, e que tinham no fundo uma *ideia geral* em comum. Era a ideia de que o povo alemão, e em particular à Alemanha evangélica, não poderia mais ser concedida a hegemonia, enquanto povo eleito de Deus, depois que do interior do círculo do povo alemão, através do conflito surgido entre o professor [Flechsigt] e eu [Schreber], surgiu uma crise perigosa para a subsistência dos reinos de Deus; os alemães talvez até devessem ser excluídos no caso da ocupação de outras ‘esferas cósmicas’ (planetas habitados?) (...). Ligada ao pensamento que estava na base do primeiro julgamento de Deus, estava a penetração do catolicismo, do judaísmo e do eslavismo (...).” (SCHREBER, 1995, p. 86)

⁴⁸² “Eram-me sucessivamente atribuídos os papéis de uma ‘hiperboreana’, de um ‘noviço de jesuítas em Ossegg’, um ‘prefeito de Klattau’, uma ‘jovem alsaciana que tem que defender sua honra sexual contra um oficial francês vitorioso’ e finalmente um ‘príncipe mongol’.” (SCHREBER, 1995, p. 87)

recebe jornais, recusa-se a ouvir rádio, mas mesmo assim, no dia da invasão da Normandia, por algum motivo, sua temperatura disparou para 40°. Agora, quando as pinças do Leste e do Oeste dão continuidade a seu lento reflexo de contração, ele fala numa escuridão que lhe invade a mente, num desgaste de seu eu... A ofensiva de Rundstedt, porém, o animou, deu-lhe um novo sopro de vida – “Um belo presente de Natal”, confessou ele ao médico-residente de sua enfermaria, “é a estação do nascimento, dos novos começos”. Sempre que os foguetes caem – os que são audíveis – ele sorri, dá uma volta pela enfermaria, lágrimas prestes a escorrer dos cantos de seus olhos alegres, a tez tão corada que seus colegas de enfermaria não têm como não se sentir animados. Seus dias estão contados. Ele vai morrer no Dia da Vitória.⁴⁸³

Como, pois, entender tal delírio? Como um problema coletivo que toma a forma individual e que provoca, ocasionalmente, a ilusão de uma certa desordem no domínio da psique individual? Ora, tais fenômenos ocorrem na esfera individual, mas não são necessariamente primários: são secundários, derivados, e, ao que parece, decorrem de uma mudança desfavorável da situação histórico-social.

Não estaria Pynchon pretendendo com este exemplo justamente caracterizar (literariamente) o desenvolvimento dos distúrbios da personalidade e, conseqüentemente, da ordem social correspondente? Nesse caso, já não devemos procurar as causas da desordem exclusivamente na ambiência individual, mas também na situação coletiva:

Este símbolo [referindo-se a antiga runa alemã para “S”, utilizada pelos nazistas em *SS*] certamente tem origem numa época de descontinuidades, talvez de fragmentação tribal, alienação – o que é análogo, num sentido social, ao desenvolvimento de um ego independente em uma criança bem pequena (...).⁴⁸⁴

Mas se é da história, de uma certa visão da história, que trata o delírio, como está ela aqui representada? Qual o tratamento dado à ela no livro de Pynchon, como ela está aí constituída, *configurada*? Ora, não é verdade que, para Pynchon, do fim da Segunda Guerra Mundial até à publicação do livro, o que se descortina, via tecnologia

⁴⁸³ “At ‘The White Visitation’ there’s a longtime schiz, you know, who believes that he is World War II. He gets no newspapers, refuses to listen to the wireless, but still, the day of the Normandy invasion somehow his temperature shot up to 40°. Now, as the pincers east and west continue their slow reflex contraction, he speaks of darkness invading his mind, of an attrition of self... The Rundstedt offensive perked him up though, gave him a new lease on life – ‘A beautiful Christmas gift’, he confessed to the resident on his ward, ‘it’s the season of birth, of fresh beginnings’. Whenever the rockets fall – those which are audible – he smiles, turns out to pace the ward, tears about to splash from the corners of his merry eyes, caught up in a ruddy high tonicity that can’t help cheering his fellow patients. His days are numbered. He’s to die on V-E Day.” (PYNCHON, 2006, p. 133)

⁴⁸⁴ “This broken line evidently dates from a time of discontinuities, tribal fragmenting perhaps, alienation – whatever’s analogous, in a social sense, to the development of an independent ego by the very young child (...).” (PYNCHON, 2006, p. 209)

de foguetes, é morte e destruição? E o que busca ele revelar, ao fim, não é o nexo existente entre técnica moderna e morte?

“Agora estamos na última fase. A Morte Americana veio ocupar a Europa. (...) Só a Morte governa aqui. (...) Estará o ciclo agora concluído, e um novo está prestes a começar? Nosso novo Limite, nosso novo Reino da Morte, será a Lua, o espaço?”⁴⁸⁵

O presente deita raízes profundas no passado, e este, projeta-se para o futuro. Ora, assim como não é possível entender a Segunda Guerra Mundial sem entender a Primeira e, assim como não é possível entender o nacional-socialismo sem levar em conta a República de Weimar, da mesma forma, para Pynchon, não é possível entender as hodiernas viagens espaciais sem entender a história do desenvolvimento do foguete V-2, porquanto a exploração espacial seria posteriormente erigida com base na tecnologia de foguetes V-2 desenvolvida por Wernher von Braun e outros “técnicos” alemães durante o regime nacional-socialista, e é a esse nexo histórico que *Gravity's Rainbow* nos reporta, atando, desta forma, passado, presente e futuro.⁴⁸⁶

Contudo, o que importa saber é a *forma* como isso está configurado esteticamente.

O livro de Pynchon está inserido dentro do quadro de um conjunto significativo de problemas, fixados historicamente e, portanto, deve ser entendido tendo-se em conta o seu contexto histórico específico, em que o sonho ocidental de construir o mundo somente com base na razão, descartando a tradição e rejeitando toda transcendência, chegou a um impasse, ao não conseguir conciliar valores humanos, progresso técnico e bem-estar para todos: deve ser entendido, portanto, dentro do quadro do esgotamento do projeto moderno.

Neste sentido, mais que um problema de invenção, trata-se de uma condição histórica, experimentada e sofrida como tal, ou seja, como *princípio*, e da qual não é possível se evadir (não será esse efetivamente o caso da escrita por

⁴⁸⁵ “Now we are in the last phase. American Death has come to occupy Europe. (...) Death only rules here. (...) Is the cycle over now, and a new one ready to begin? Will our new Edge, our new Deathkingdom, be the Moon, the space?” (PYNCHON, 2006, p. 764)

⁴⁸⁶ O livro de Pynchon, neste sentido, não é uma afirmação em contrário à tese de Fredric Jameson de que a suposta falta de profundidade “pós-moderna” impede um maior envolvimento com a reflexão histórica, criando assim um horizonte temporal incapaz de alcançar paragens mais remotas do passado que não seja sob a forma de nostalgia? O fato é que a História como matéria referencial está avassaladoramente presente no livro de Pynchon.

justaposição?). Porque, se não a considerarmos como um problema de estilo (como de fato não é), então suas causas devem ser buscadas em outra parte, ou seja, precisamente no mundo histórico. Nascida do apagamento das fronteiras operado na contemporaneidade, ela é levada para dentro do romance, sob a forma de registros e domínios justapostos.

E o que significa tudo isso se não a emergência de uma nova *formação* histórica?

No caso do livro de Pynchon, a forma do romance e o mundo histórico correspondem integralmente, se imbricam e se completam, ao mesmo tempo que conduz uma reflexão sobre o lugar da técnica e de seu significado na sociedade contemporânea, e configura isso literariamente, estabelecendo assim uma relação explícita com o que acontecia então, com os foguetes V-2, e aquilo que, segundo o próprio narrador, já se fazia sentir desde Leibniz (por meio do cálculo infinitesimal), avançando até o presente:

Tem havido esta estranha ligação entre o espírito Alemão e o rápido desfile de imagens sucessivas, para imitar o movimento, há pelo menos dois séculos – desde que Leibniz, no processo de invenção do cálculo, utilizou a mesma abordagem para decompor as trajetórias de balas de canhão através do ar. (...) As formas se mantêm, persistem, como monumentos à Análise. Trezentos anos atrás, os matemáticos estavam aprendendo a decompor a trajetória de ascensão e queda das balas de canhão em degraus de alcance e altura, Δx e Δy , cada vez menores, aproximando-se de zero (...). Este legado analítico nos chegou intacto – foi o que levou os técnicos de Peenemünde a estudar os filmes de voos do Foguete feitos pela Askania, a examiná-los quadro a quadro, Δx a Δy , cada quadro imóvel em si mesmo... filme e cálculo, ambas pornografias do voo...⁴⁸⁷

O fato é que Pynchon reforça tematicamente a complexa estrutura formal de *Gravity's Rainbow* associando eventos ligados à técnica moderna, à morte e destruição, fazendo do problema da técnica, e de sua significação, a coluna vertebral do livro.

⁴⁸⁷ “There has been this strange connection between the German mind and the rapid flashing of successive stills to counterfeit movement, for at least two centuries – since Leibniz, in the process of inventing calculus, used the same approach to break up the trajectories of cannonballs through the air. (...) They hold shape, they endure, like monuments to Analysis. Three hundred years ago mathematicians were learning to break the cannonball’s rise and fall into stairsteps of range and height, Δx and Δy , allowing them to grow smaller and smaller, approaching zero (...). This analytic legacy has been handed down intact – It brought the technicians at Peenemünde to peer at the Askania films of Rocket flights, frame by frame, Δx by Δy , flightless themselves... film and calculus, both pornographies of flight.” (PYNCHON, 2006, p. 413, 577)

Nesse sentido, não seria lícito pensar, como parece nos sugerir Pynchon, que a ameaça de aniquilação que nos rodeia, a nós, contemporâneos, tenha começado muito antes, com o nacional-socialismo? E ainda: que doença nos eventos, ou antes, na própria História, foi capaz de criar uma arma mortífera semelhante a V-2 (o foguete como uma manifestação de impulsos e fantasias latentes, próprias de uma cultura de morte, a que o narrador chama de “prazeres antissociais e irracionais”⁴⁸⁸)? Terá sido a mesma que tornou possível a chegada do nacional-socialismo ao poder? Talvez certas paixões ou desejos (como o de aniquilação) que governavam o planeta à época, tal como era capaz de perceber, pelo sugestivo arco parabólico do Foguete, a personagem Katje Borgesius?

A ela [Katje] agradava-lhe, outrora, pensar em um pavão, cortejando, abanando sua cauda... via-o nas cores que se moviam na chama enquanto ele se erguia da plataforma, escarlate, laranja, verde iridescente... havia Alemães, até mesmo soldados da SS, que chamavam o foguete de *Der Pfau*. “Pfau Zwei”. Ascendendo, programado em um ritual de amor... no Brennschluss está concluído – a contraparte puramente feminina do Foguete, o ponto zero no centro de seu alvo, se submete. Todo o resto acontecerá de acordo com as leis da balística. O Foguete é impotente. Alguma outra coisa assumiu o controle. Alguma coisa além do que ele foi projetado para fazer. Katje vê o grande arco sem ar como uma clara alusão a certas paixões secretas que movem o planeta e ela própria, e Aqueles que a usam – chegando ao seu ápice e depois caindo, mergulhando, ardendo, em direção a um orgasmo terminal... que certamente não é nada que ela possa contar a Slothrop.⁴⁸⁹

Ou então:

É uma curva que cada um deles [Katje e Slothrop] sente, inequivocamente. É a parábola. Eles devem ter adivinhado, uma ou duas vezes – adivinhado e se recusado a acreditar – que tudo, sempre, coletivamente, estivera movendo-se em direção a essa forma purificada latente no céu, essa forma sem surpresas, sem segunda chance, sem volta. No entanto, eles se movem para sempre sob essa forma, reservados para suas próprias más notícias em preto-e-

⁴⁸⁸ “(...) antisocial and mindless pleasures.” (PYNCHON, 2006, p. 695)

⁴⁸⁹ “She was pleased, once, to think of a peacock, courting, fanning his tail... she saw it in the colors that moved in the flame as it rose off the platform, scarlet, orange, iridescent green... there were Germans, even SS troops, who called the rocket *Der Pfau*. ‘Pfau Zwei’. Ascending, programmed in a ritual of love... at Brennschluss it is done – the Rocket’s purely feminine counterpart, the zero point at the center of its target, has submitted. All the rest will happen according to laws of ballistics. The Rocket is helpless in it. Something else has taken over. Something beyond what was designed in. Katje has understood the great airless arch as a clear allusion to certain secret lusts that drive the planet and herself, and Those who use her – over its peak and down, plunging, burning, toward a terminal orgasm... which is certainly nothing she can tell Slothrop.” (PYNCHON, 2006, p. 226)

branco, certamente como se fosse ela o Arco-Íris e eles seus filhos...⁴⁹⁰

Arco ou parábola, cada qual se eleva sobre uma promessa, cada qual é traído à gravidade. “Esta ascensão será traída à Gravidade. Mas o motor do Foguete, o grito profundo da combustão que abala a alma, promete fuga. A vítima, atada à queda, eleva-se sobre uma promessa, uma profecia, de Fuga...”⁴⁹¹ Neste sentido, um dos significados prováveis do título do romance é amargamente irônico: é a ascensão (promissora) e a queda (irreversível) da civilização ocidental. O paradigma se aplica igualmente à tecnologia de foguetes, que promete domínio sobre a natureza mas flerta com a catástrofe.⁴⁹² De fato, o romance começa com o impacto de uma V-2 sobre o símbolo vitoriano da tecnologia e sua promessa, o Palácio de Cristal,⁴⁹³ e termina com a queda de um Foguete sobre um cinema de Los Angeles, codificando, desta forma, a visão unificada de um mundo que se precipita em direção à sua própria aniquilação.⁴⁹⁴

O caso é que o Foguete como veículo simbólico para nossa época e para sua tensão irresolvida (mal quando carrega uma ogiva nuclear, bom quando leva os homens a lugares que, ironicamente, não podem sustentar a vida humana: “um Foguete bom para levar-nos às estrelas, um Foguete mal para o suicídio do Mundo, os dois

⁴⁹⁰ “It is a curve each of them feels, unmistakably. It is the parabola. They must have guessed, once or twice – guessed and refused to believe – that everything, always, collectively, had been moving toward that purified shape latent in the sky, that shape of no surprise, no second chances, no return. Yet they do move forever under it, reserved for its own black-and-white bad news certainly as if it were the Rainbow, and they its children...” (PYNCHON, 2006, p. 212)

⁴⁹¹ PYNCHON, 2006, p. 774.

⁴⁹² Para David Cowart, “a ambivalência mais difundida atribui-se ao Foguete, mas seu significado está enquadrado em uma riqueza bipolar na política, filosofia, economia, ciência e tecnologia que são primeiramente alemãs, depois globais. Esses produtos da ingenuidade alemã começam de maneira ideal, mas terminam de forma corrupta – eles sofrem traições em sua primeira aplicação e em sua exportação. Polímeros aromáticos, a política de esquerda e direita, até mesmo o ‘arco sinfônico alemão’ – todos compartilham a ambigüidade fundamental do Foguete e ensaiam o mesmo *agon*, a mesma ‘traição à gravidade’. Implicada em cada estágio, a cultura maior que abarca a Alemanha abraça e corrompe suas idéias, sua ciência, as aplicações locais de sua herança idealista. Desenvolve o foguete militar juntamente com o foguete espacial, a filosofia nietzschiana do poder assim como a dialética hegeliana (o marxismo é uma exportação alemã não menos que o fascismo), o culto à natureza romântica juntamente com a implacável exploração da natureza e a tonalidade na música bem como a tentativa dos serialistas de libertar a música de cadências terrestres” (COWART, 2011, p. 78-79).

⁴⁹³ Uma referência ao salão de exposição de vidro e ferro fundido projetado por Sir Joseph Paxton para albergar a Grande Exposição de 1851, em Londres. Segundo Steven Weisenburger, “de 1854 (quando foi colocado de volta depois de ter sido desmontado em 1851) até 1936, quando foi arrasado pelo fogo, a estrutura permaneceu – um símbolo do progresso vitoriano – no Hyde Park de Londres” (WEISENBURGER, 2006, p. 17).

⁴⁹⁴ HITE, 1983, p. 98.

perpetuamente em conflito”⁴⁹⁵) dificilmente poderia ser mais característico, pois, à parte a narrativa altamente paródica, a característica essencial do livro de Pynchon é que, de modo um tanto delirante, ele aborda todas as questões importantes do período do pós-guerra, principalmente àquelas relativas ao pesadelo da aniquilação oriundas do emprego da técnica moderna e, como tal, manifestada do modo mais categórico na Segunda Guerra Mundial.

Seja como for, o que está dramatizado aqui é a passagem de uma ordem à outra ordem, de uma velha ordem para uma nova, interregno esse pensado e sentido como crise e o livro de Pynchon configura precisamente essa crise, essa desordem, que é a passagem para a ordem do pós-guerra que se seguiu ao fim da Segunda Guerra Mundial, tendo como centro a tecnologia, com suas exigências e necessidades, o Estado-Foguete. “Um Estado começa a tomar forma na caótica noite Alemã, um Estado que abrange oceanos e políticas de superfície (...), e o Foguete é sua alma. IG Raketen.”⁴⁹⁶

Esse novo Estado ou condição é a ordem do pós-guerra, representada no Foguete, e que, sob a forma de míssil nuclear, se converterá no ícone daquilo que virá a ser chamado de Guerra Fria (“Há um grande futuro nessas armas-V. Elas vão ser realmente grandes.”⁴⁹⁷), fato esse que acaba por colocar o livro de Pynchon dentro de seu ambiente histórico-cultural, ao tomar os anos de 1944-45 como um divisor de águas, como o início da Guerra Fria.

⁴⁹⁵ “(...) a good Rocket to take us to the stars, an evil Rocket for the World’s suicide, the two perpetually in struggle.” (PYNCHON, 2006, p. 741)

⁴⁹⁶ “A State begins to take form in the stateless German night, a State that spans oceans and surface politics (...), and the Rocket is its soul. IG Raketen.” (PYNCHON, 2006, p. 576)

⁴⁹⁷ “There’s a great future in these V-weapons. They’re gonna be really big.” (PYNCHON, 2006, p. 568)

EXIT: À guisa de conclusão

Psicologia comportamental, teorias da aceleração, química orgânica, sistemas paranoicos – como vimos, *Gravity's Rainbow*, pela quantidade de conexões que estabelece, compõe uma espécie de supertrama, com tramas menores contidas dentro de tramas maiores, semelhante à forma do anel de benzeno,⁴⁹⁸ forma esta que servirá de base para a química aromática, que, juntamente com as teorias da aceleração, viria a tornar possível o foguete V-2, alertando-nos, deste modo, para a existência de uma conspiração científica, militar e econômica em curso no século XX, envolvendo megacartéis e obscuras corporações, a serviço de uma tecnologia de morte. Uma sofisticada e acachapante conspiração cuja origem se perde em uma rede de conexões: delírio paranoico interpretativo pynchoniano.

Mas não sejamos ingênuos: ao propor diferentes níveis de realidade, abrindo seu texto para um campo multifacetado de pontos de vista e significações, Pynchon busca escapar precisamente do literalismo paranoico da leitura monolítica, isto é, da crença paranoica na existência do sentido único, definitivo, final e unívoco, porquanto a crença no sentido único, característico da paranoia, é a condição de morte da pluralidade de significações, de sentidos. Ora, se a razão paranoica é o lugar do discurso homogêneo, centralizador, apagador das diferenças e promulgador de um lugar da verdade e saber único em relação à realidade, Pynchon, fiel à pluralidade, resiste a ser capturado por essa trama.

Neste sentido, Pynchon faz a crítica da paranoia, não um elogio dela,⁴⁹⁹ para quem são as dúvidas, e não a certeza, que nos fazem escapar à ordem rigorosa do saber paranoico (inequivocidade é literalidade e, portanto, conduz à paranoia, mas a pluralidade é o caminho da vida):

Imagine que *Eles* não querem que a gente saiba que existe um meio lá fora (...). Mesmo um eclipse parcial é melhor do que jamais descobrir – melhor do que passar o resto da vida encolhido sob o grande Vácuo celeste que lhe ensinaram (...). E se não houver vácuo? Ou se houver –

⁴⁹⁸ Para adotar um termo a partir das próprias discussões do narrador de *Gravity's Rainbow* sobre química orgânica. Para Weisenburger, “como metáfora, a ideia de círculos dentro de círculos é compatível com aspectos estruturais do próprio romance” (WEISENBURGER, 2006, p. 158).

⁴⁹⁹ A opinião de Lasch (1986, p. 143) é de que Pynchon nega inclusive a ideia de que suas personagens sejam vítimas de uma conspiração, tudo não passando de uma ilusão das mesmas com o fito de tornar a história inteligível, dotada de sentido.

e se Eles o estiverem *usando* para enganar você? E se Lhes interessar pregar que a vida é uma ilha cercada por um vazio? Não apenas a Terra no espaço, mas sua própria vida individual no tempo? E se *interessar a Eles* que você acredite nisso?⁵⁰⁰

Não se trata, pois, de negar a existência da paranoia enquanto desordem na vida individual e coletiva. É inegável. A questão aqui, ao contrário, é entender quais são as consequências dessa desordem sobre o entendimento da realidade. Este é o ponto, porque a paranoia deixa de se constituir como desordem mental e se converte em visão de mundo, onde, como vimos, o campo de possibilidades de sentido fica reduzido a uma única definição, um único sentido.

Desse modo, o homem (ou sociedade) que teve a infelicidade de cair vítima da paranoia não pode mais ver o mundo, nem os homens, nem os acontecimentos históricos como eles são; ele os vê somente através do prisma deformado do sistema delirante pelo qual está obcecado. Assim, o paranoico *não é capaz* de ver na história outra coisa que não seja uma conspiração. Os sistemas delirantes são formações que monopolizam o pensamento e, pelo papel que desempenham, são comparáveis a complexos psicopatológicos, sob a forma de teorias (delirantes) lógica e racionalmente elaboradas.

Consideremos o nacional-socialismo. A paranoia desempenhou aí um papel crucial, sobretudo no que respeita ao conteúdo histórico das tramas conspiratórias contra as quais dizia lutar (entre os quais incluíam-se judeus, comunistas, franco-maçons e social-democratas). Ou, então, o stalinismo, cuja propaganda, desde meados da década de 1930, alardeava, em tom de paranoia, sucessivas conspirações,⁵⁰¹ a começar pelo complô dos trotskistas, passando pelo domínio das trezentas famílias, até as sinistras maquinações imperialistas dos serviços secretos britânicos e americanos.⁵⁰² Ou, ainda, a história norte-americana, cujo “estilo paranoide”, no dizer

⁵⁰⁰ “Suppose They don’t want us to know there is a medium there (...). Even a partial eclipse is better than never finding out – better than cringing the rest of your life under the great Vacuum in the sky they have taught you (...). What if there is no Vacuum? Or if there is – what if They’re *using* it on you? What if They find it convenient to preach an island of life surrounded by a void? Not just the Earth in space, but your own individual life in time? What if it’s *in Their interest* to have you believing that?” (PYNCHON, 2006, p. 708, 710-711)

⁵⁰¹ “A mania da conspiração era um dos traços fundamentais da loucura stalinista.” (SOLJENÍTSIN, 1976, p. 243)

⁵⁰² “É interessante notar que os bolchevistas, durante a era de Stálin, de certa forma acumularam conspirações, e que a descoberta de uma nova trama não significava que abandonassem a anterior. A conspiração trotskista começou por volta de 1930; a das trezentas famílias foi acrescentada no período da Frente Popular na França, a partir de 1935; o imperialismo britânico foi apontado como verdadeira

de Domenico Losurdo, “caracteriza profundamente a história dos Estados Unidos” desde a sua fundação:

A crença na intenção de Londres de escravizar os colonos sediados além do Atlântico, bem viva também em George Washington, é um elemento central da Revolução americana; quando depois, no final do século XVIII, surgem contradições agudas no novo grupo dirigente, se Jefferson é suspeito de ser um agente da França, Hamilton é rotulado de agente britânico. Uma dialética semelhante se manifesta algumas décadas depois, por ocasião da crise que leva à Guerra de Secessão, quando os dois partidos opostos trocam a acusação de terem traído a herança dos Pais Fundadores.⁵⁰³

Para além de todos estes exemplos colhidos da história, o caso é que o que convence o paranoico da existência de conspirações não são os fatos, mas somente a coerência com o sistema (delirante) do qual esses fatos fazem parte. A paranoia se define, portanto, não pela coincidência, mas pela coerência “horrorosamente racional”.⁵⁰⁴

O problema da conspiração, nesse sentido, atravessa toda a obra de Pynchon e, como tal, perseguida em todas as suas formas, no esforço de revelar o seu sentido último, a saber: que todas as conspirações apontam para a morte, sejam elas políticas, terroristas, amorosas ou narrativas.⁵⁰⁵ É o caso, por exemplo, de seu último romance, intitulado (na tradução brasileira) *O Último Grito*, cuja ameaça de aniquilação

conspiração durante a aliança Stálin-Hitler; o ‘Serviço Secreto Americano’ seguiu-se-lhe pouco depois do fim da guerra.” (ARENDDT, 1989, p. 400-401)

⁵⁰³ LOSURDO, 2010, p. 254.

⁵⁰⁴ PYNCHON, 2006, p. 347. Da mesma forma as ideologias: assim que se lhes toma literalmente a pretensão de validade absoluta, tornam-se núcleos de sistemas lógicos nos quais, assim como nos sistemas paranoicos, tudo se segue compreensiva e compulsoriamente, uma vez que se aceite a lógica em que se baseiam. Sobre isso, Eric Voegelin comenta, em conexão com a obra de Pynchon: “No último ano [1978] aconteceu de eu me deparar com os romances de Thomas Pynchon. Eu li primeiro o romance *V.*, em seguida *Gravity’s Rainbow*, e eu vim agora a saber que há um romance entre eles, *The Crying of Lot 49*, eu acho. E fiquei impressionado com isso, que aqui se encontra um exame quase clássico das situações patológicas criadas pela alienação e pela *paranoia*. Pois bem, alienação e *paranoia* não são simplesmente problemas individuais, mas eles dominam a cena contemporânea na forma de vários ideólogos, que sempre querem perseguir alguém, ou se sentem perseguidos por outra pessoa, ou principalmente ambas ao mesmo tempo. E nessa ocasião eu me deparei com o problema da *paranoia* em um sentido teórico, que não tinha ficado claro para mim antes, porque a *paranoia* costumava ser tratada por psicopatologistas. Mas esse não é o problema, porque se você tem todo mundo em um estado paranoico (praticamente), isso é mais do que a questão de um paciente para um psicopatologista. Existe alguma estrutura fundamental envolvida nisso. E a estrutura fundamental envolvida (...) – e fui orientado (...) pela observação de que, obviamente, Thomas Pynchon tomou a sugestão de Romain Gary em seu [*Dance of*] *Genghis Cohn* – está conectada com o problema geral das ideologias como concepções de ordem na história, que tem uma natureza determinada na qual você tem que caber (lógica e racionalmente)” (VOEGELIN, 1989, p. 379-380).

⁵⁰⁵ “Todas as conspirações apontam para a morte. É da natureza delas, sejam políticas, terroristas, amorosas, narrativas (...). Nos aproximamos mais da morte cada vez que tramamos algo. É como um contrato que todos têm de assinar, tanto os que conspiram quanto os que são os alvos da conspiração.” (DELILLO, 1987, p. 37)

já não aparece representada pela tecnologia de foguetes, mas pela rede mundial de computadores, a Internet, cuja origem remontaria aos tempos da Guerra Fria, mais precisamente ao Departamento de Defesa norte-americano, como forma de garantir a sobrevivência e o domínio dos Estados Unidos em caso de um confronto nuclear com os soviéticos⁵⁰⁶:

Essa coisa mágica que agora se intromete nos menores detalhes da nossa vida, que nem um cheiro, nas compras, nos trabalhos domésticos, no dever de casa, nos impostos, absorvendo a nossa energia, consumindo o nosso precioso tempo. E não tem inocência, não. Em lugar nenhum. Nunca teve. Essa rede foi concebida em pecado, o pior de todos. E à medida que ela foi crescendo, nunca deixou de ter no fundo do coração um desejo de morte para o planeta, um desejo amargo e gelado (...).⁵⁰⁷

A conspiração de domínio mundial é, neste ponto, levada ao seu fim último pelas máquinas de terceira geração, as máquinas de informação, nascidas da ligação com o silício, e que, em Pynchon, já desde *Gravity's Rainbow*, é considerada “a onda do futuro”: “Algum dia tudo será feito por máquinas. Máquinas de informação. Vocês são a onda do futuro.”⁵⁰⁸ Ou quando o novo motivo é anunciado pelo próprio Prof. Jamf, em sua última preleção do ano para a turma de Pökler no T.H., e coloca diante deles o caminho para a forma futura de morte, representada pelas forças do silício⁵⁰⁹:

Todos os desejos apontando para o mesmo caminho, para uma forma de morte (...)... “Vocês têm duas opções”, bradara Jamf, na sua última preleção do ano (...) “ficar para trás com o carbono e o hidrogênio (...) ou ir *além*. Silício, boro, fósforo – esses elementos podem substituir o carbono, e podem ligar-se ao nitrogênio em vez de ao hidrogênio (...) ir além da vida, em direção ao inorgânico. Aqui não há fragilidade, não há mortalidade – aqui há Força, e o Intemporal.” Então o seu bem conhecido final, enquanto apagava o C–H rabiscado a giz no

⁵⁰⁶ “Você sabe qual a origem desse seu paraíso on-line, [a Internet]? Começou no tempo da Guerra Fria, quando os *think tanks* estavam cheios de gênios imaginando guerras nucleares. Pastinha 007 debaixo do braço, óculos de tartaruga, aquela aura de santidade de acadêmico, indo pro trabalho todo dia pra imaginar as mil maneiras do mundo acabar. A sua internet, naquele tempo o Departamento de Defesa chamava de DARPA-net, e a intenção original era garantir a sobrevivência do comando e controle dos Estados Unidos depois de uma troca de bombas nucleares com os soviéticos. (...) A ideia era criar tantos nódulos que por maiores que fossem as perdas, eles sempre iam conseguir formar uma rede com o que sobrasse.” (PYNCHON, 2017, p. 509)

⁵⁰⁷ PYNCHON, 2017, p. 510.

⁵⁰⁸ “Someday it’ll all be done by machine. Information machines. You are the wave of the future.” (PYNCHON, 2006, p. 262)

⁵⁰⁹ “Não se diz, corretamente, que as forças do homem já entraram em relação com outras forças, as da informação, que compõem com elas uma coisa diferente do homem, sistemas indivisíveis ‘homem-máquina’, com as máquinas de terceira geração? Uma união com o silício, mais do que com o carbono?” (DELEUZE, 2006, p. 95-96)

quadro-negro e escrevia, em letras garrafais, Si-N. A onda do futuro.⁵¹⁰

Ao que o narrador, ao fim do relato, então, pergunta, engrossando as suspeitas paranoicas: “Teria ele [Jamf] apenas permanecido atrás na trincheira, enquanto gerações de acadêmicos tocavam em frente, ou saberia ele algo que Pökler e os outros não sabiam? Seriam suas exortações no anfiteatro algum tipo de piada excêntrica?”⁵¹¹

Pois bem. A tecnologia, atualmente sob a forma de máquinas de terceira geração, trabalha, na opinião de Pynchon, a favor da dominação em todos os níveis da vida, em especial a Internet, uma criação que promete controle social numa escala com que os grandes tiranos do século XX, a exemplo de Hitler e Stálin, nem sequer sonhavam.⁵¹²

O livro de Pynchon, neste sentido, tanto apresenta como reflete sobre a dominação (em todas as suas formas, psicológicas, políticas, tecnológicas, etc.). Preocupado tematicamente, do começo ao fim, com tal problema, o romance enfoca, como vimos, os meios físicos, as configurações e as lógicas de dominação como contrapartes fundamentais aos seus esforços para considerar as possibilidades de resistência na era da técnica.

A visão pynchoniana de uma conspiração tecnológica aponta, desta forma, para um movimento em direção à morte, para o qual nossa cultura, quase que deterministicamente, inclina-se, impelida por seus próprios feitos e realizações, invocada como tal na imagem, ao término do romance, do Foguete que desloca-se no tempo até o presente e anuncia a iminência da destruição que envolve a tudo e a todos, inescapavelmente.⁵¹³

⁵¹⁰ “All yearnings aimed the same way, toward a form of death (...). ‘You have the two choices’, Jamf cried, his last lecture of the year (...) ‘stay behind with carbon and hydrogen (...) or move *beyond*. Silicon, boron, phosphorus – these can replace carbon, and can bond to nitrogen instead of hydrogen (...) move beyond life, toward the inorganic. Here is no frailty, no mortality – here is Strength, and the Timeless.’ Then his well-known finale, as he wiped away the scrawled C-H on his chalkboard and wrote, in enormous letters, Si-N. The wave of the future.” (PYNCHON, 2006, p. 589-590)

⁵¹¹ “Had he only remained behind in the trough, academic generations swelling away just ahead, or had he known something Pökler and the others didn’t? Were his exhortations in the lecture hall some kind of eccentric joke?” (PYNCHON, 2006, p. 590)

⁵¹² PYNCHON, 2009, p. 405.

⁵¹³ “A via, que deveria estar se abrindo para uma estrada mais ampla, em vez disso está ficando mais estreita, mais sinuosa, com curvas cada vez mais fechadas até que de repente, rápido demais, estamos sob o arco final (...). É um julgamento do qual não há apelo. (...) Que terrível. Que coisa tão terrível...” (PYNCHON, 2006, p. 04-05)

Assim, o livro de Pynchon dramatiza acontecimentos que processam a desumanização do homem e a objetificação da natureza, acontecimentos estes capazes de levar ao inorgânico e ao desaparecimento da vida, tropo frequente e enfático ao longo de todo o romance, igualmente sentido e vivido por suas personagens, desde Slothrop a Pökler e Enzian, que percebem a irracionalidade fora de controle do Sistema,⁵¹⁴ empenhado cada vez mais por controle e dominação, em um contexto histórico-ideológico de uma visão do homem e da natureza como ser ou coisa programável.

Mas, surpreendentemente ou não, Pynchon convida a humanidade inteira, ameaçada de aniquilação, a cantar um hino, ao fim do livro, num gesto de reação antiparanoica, em favor da fé, do amor e da vida, contrapondo assim paralelamente a um quadro de controle e dominação tecnológica, que engendra paranoia, uma mensagem redentora, que opõe a criação à destruição, o orgânico ao inorgânico, a vida à morte. E, assim, se, por um lado, *Gravity's Rainbow* termina na iminência de uma hecatombe nuclear, por outro, ele se move contra tal destruição ao reunir as vozes marginalizadas de incontáveis seres humanos, em um grandioso gesto de esperança e fé na humanidade:

Há uma Mão que gira o tempo, / Embora hoje sua Ampulheta esteja correndo, / Até que a Luz que trouxe as Torres abaixo / Encontre o último e pobre Preterido... / Até que os Cavaleiros durmam em cada estrada, / Na nossa Zona em que nada medra, / Com um rosto em cada encosta de montanha, / E uma Alma em cada pedra... Agora todo mundo —⁵¹⁵

⁵¹⁴ “Viver dentro do Sistema é como atravessar o país num ônibus dirigido por um maníaco suicida... (...) que, é claro, isso tudo vai acabar em sangue, em choque, sem dignidade (...).” (PYNCHON, 2006, p. 419-420)

⁵¹⁵ “There is a Hand to turn the rime, / Though thy Glass today be run, / Till the Light that hath brought the Towers low, / Find the last poor Pret’rite one... / Till the Riders sleep by ev’ry road, / All through our crippl’d Zone, / With a face on ev’ry mountainside, / And a Soul in ev’ry stone... Now everybody —” (PYNCHON, 2006, p. 776)

APÊNDICE

Durante a pesquisa de um trabalho de pós-graduação sobre os bondelzwarts, Thomas F. Hirsch leu *V.* e escreveu a Pynchon perguntando sobre seu uso de materiais relativo ao Sudoeste Africano no capítulo 9 do livro (“A história de Mondaugen”). Em 8 de janeiro de 1969, Pynchon respondeu a Hirsch. O texto de sua resposta, reproduzido por David Seed, e que pode nos ajudar a alcançar um maior entendimento sobre *Gravity’s Rainbow*, é o seguinte:

Caro Sr. Hirsch,

Como você diz, eu obtive muitas informações para o capítulo 9 de *V.* a partir de um relatório do governo. Eu não sabia que havia um relatório do administrador e uma comissão do relatório do inquérito. Eu tenho medo de ter abordado a questão de uma maneira casual. Na verdade, estava procurando um relatório sobre Malta e aconteceu de eu encontrar o do bondelzwarts bem próximo a ele, no mesmo “volume de panfleto”, como a Biblioteca Pública de Nova Iorque o chama. Mas desde então eu fiquei fissurado nisso. Estou tentando no momento, de fato, trabalhar mais com o material sobre o Südwest no romance que estou escrevendo agora. Por alguma razão, eu não posso deixá-lo de lado, e fico feliz que você e possivelmente outros tenham percebido isso. Quando escrevi *V.*, eu estava pensando na campanha de 1904 como uma espécie de ensaio geral para o que mais tarde aconteceu com os judeus nos anos 30 e 40. O que é duramente significativo; isso deve ocorrer a qualquer um que entrar nisso tão superficialmente quanto eu. Mas desde que McLuhan, especialmente, e coisas aqui e ali sobre religiões comparadas, sinto que agora a coisa é muito mais profunda. Por incrível que pareça, eu encontrei a maior parte do material que eu deveria ter pesquisado para *V.* muito tempo depois de escrever o livro, coisas que eu presumo que você já conhece: o histórico oficial do Estado-Maior sobre as campanhas, uma espécie de programa de *souvenirs* chamado *Deutsche Reiter im Südwest*, um livro de memórias pessoais de Klaus Alguma Coisa, que parece um garoto de nove anos com um bigode e fala muito sobre sua mãe, chamado, eu acho, *Im Kämpfe Gegen Die Herero*. Eu gostaria de poder ser mais específico sobre eles, mas eu não tomei nenhuma nota, apenas olhei as fotos (meu alemão é quase inexistente) e você provavelmente já os leu de qualquer forma. Eu encontrei algumas coisas que você pode usar, especialmente se você estiver interessado em motivações africanas: uma delas é uma monografia de um tal Luttig, H.G., *The Religious System and Social Organization of the Herero*, Kemink & Zoon, Over den dom, Utrecht, não há data, embora alguém tenha escrito a lápis, entre parênteses na página de título “1933?”. O outro é um panfleto por um tal Steenkamp, W.P., *Is the South-West African Herero Committing Race Suicide?*, Unie-Volkspers Bpk, Cape Town, novamente sem data, embora evidências internas sugiram por volta de 1935. O problema que eu acho que você aprecia, pelo lado africano, é que os hereros eram ágrafos e tudo o que há disponível sobre eles é (a) anedótico e (b) filtrado pelos preconceitos literários (McLuhan), de viés ocidental e cristão, dos repórteres europeus, geralmente missionários. Mas eu pessoalmente sinto que o que foi feito aos hereros pelos alemães é o mesmo que foi feito aos índios americanos por nossos

próprios colonos e o que está sendo feito agora aos budistas no Vietnã pela minoria cristã em Saigon e seus conselheiros: a imposição de uma cultura de valorização da análise e da diferenciação em uma cultura que valorizava a unidade e a integração. É impossível, penso eu, considerar o herero pré-colonial separado de sua religião, a qual, por sua vez, governava sua organização social. Suas aldeias eram circulares, montadas como o antigo diagrama yang/yin, as mulheres vivendo na metade norte, os homens na metade sul, a coisa toda orientada como uma mandala para os pontos da bússola, cada direção tendo um significado especial. O deus deles/delas encarnava masculino e feminino, criação e destruição, vida e morte. Os missionários entraram e estabeleceram dicotomias, arrebentaram essa união, criaram categorias e, historicamente, ninguém foi melhor nisso do que os alemães. Tanto na matemática quanto na política, como testemunha toda a Kleinstaaterei arranjada desde antes da paz de Westfália. Contraste a forma de uma aldeia herero com o plano em grade do sistema cartesiano em Windhök ou Swakopmund, leia Lewis Mumford ou fale com alguém do departamento de planejamento aqui da cidade. A forma física de uma cidade é uma forma infalível relacionada ao lugar onde as pessoas que a construíram estão. Tem a ver com nossas respostas mais profundas para mudança, morte, ser humano. Duvido que tenha sido apenas poder de fogo e agressividade que derrotou os herero durante aquele tempo “complexo e terrível”. Eu acho que os hereros tinham tanto a ver com isso quanto von Trotha. Talvez pelas mesmas razões os Incas, que, tendo tudo a seu favor e estando em maior número, se deixaram subjugar por um então desesperançado e inepto criador de porcos de Estremadura. É por isso que acho o panfleto de Steenkamp tão fascinante, embora eu não saiba quão válidos seus argumentos são. Ele tenta explicar a taxa de natalidade em declínio entre os hereros com números como superpopulação e deficiência de vitamina E, e para diminuir a noção, ao que parece amplamente aceita na época, de que os hereros estavam deliberadamente tentando se exterminar. Mas acho isso perfeitamente plausível, talvez não como uma conspiração consciente, mas em termos de como um povo talvez não completamente ocidentalizado possa responder. Eles não tinham nenhum conceito de propriedade no sentido europeu antes que os missionários viessem, se sentiam integrados a tudo, como místicos em transe profundo ou pessoas sob efeito de ácido; o gado deles tinha alma, alma como as deles próprios e parte possível de uma alma universal, embora seja melhor você checar isso. Mas eles não tinham nenhum obstáculo para sacrificar o gado, era parte de um esquema universal, e assim é duvidoso que eles tivessem qualquer dificuldade em sacrificar-se a si mesmos, dado seu conceito unificado de criação, que aparece nas religiões em todo o mundo, sendo o cristianismo uma exceção gritante. E o cristianismo alemão sendo talvez a expressão mais perfeita de toda a linguagem ocidental/analítica/“linear”/alienada. Não é por acaso que Leibniz foi co-inventor do cálculo, tentando lidar com a mudança, interrompendo-a, cortando-a em partes infinitesimais, analisando, a bala de canhão congelada no meio do vôo, pedacinho por pedacinho – não foi por acaso que Gauss, que contribuiu mais fortemente para a análise moderna, passou seu tempo livre trabalhando como mediador diplomático viajando de um pequeno estado a outro, tentando amenizar as disputas entre as centenas de príncipes do período. Isso tudo pode parecer irrelevante, mas não é. Eu não gosto de usar essa expressão, mas acho que o que aconteceu lá atrás no Südwest é típico de todos os confrontos entre o Ocidente e o não-Ocidente, confrontos que ainda acontecem agora mesmo no sudeste da Ásia.

Espero que tudo isso apareça, em breve, em outro romance. Eu não sei se isso ajuda, mas eu espero que sim – obviamente eu não tenho tudo completamente claro na minha cabeça ainda. Escrever para você começou a esclarecer um pouco, então estou feliz que você tenha me escrito. Se você quiser falar mais sobre isso, sinta-se à vontade para fazê-lo.

Boa sorte em sua tese, embora eu suspeite que não seja um “pequeno empreendimento”. Espero que algum dia você, ou alguém, faça um livro completo sobre o assunto. Longe de ser uma atração menor na história da África, acho que pode ser de vital importância para o entendimento das pessoas sobre o que está acontecendo no mundo atualmente.

Sinceramente,
Thomas Pynchon

P.S. – Para V. eu também utilizei um panfleto de propaganda britânico impresso por volta de 1917, cujo nome eu esqueci há muito tempo. Bom tanto para uma revisão anti-alemã dos eventos de 1903-7, bem como contém algumas fotos de atrocidades muito assustadoras. Estava na Biblioteca Pública de Seattle, se isso ajuda de alguma maneira.

T. P.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, T. *Teoria estética*. Lisboa: Edições 70, 2008.
- ADORNO, T. e HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- ALEKSIÉVITCH, S. *O fim do homem soviético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- APPLEBAUM, A. *Gulag: uma história dos campos de prisioneiros soviéticos*. São Paulo: Ediouro, 2004.
- ARENDT, H. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- _____. *Eichmann em Jerusalém*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- ARON, R. *A era da tecnologia*. Rio de Janeiro: Editora Cadernos Brasileiros, 1965.
- BARTLETT, S. *A bíblia do tarô*. São Paulo: Pensamentos, 2011.
- BERSANI, L. “Pynchon, paranoia, and literature”. In: BLOOM, H. (ed.). *Thomas Pynchon*. Philadelphia: Chelsea House Publishers, 2003.
- BÍBLIA. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.
- BLOOM, H. O cânone ocidental. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- _____. (ed.). *Thomas Pynchon*. Philadelphia: Chelsea House Publishers, 2003.
- BRADBURY, M. *O romance americano moderno*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.
- BRADBURY, M. e TEMPERLEY, H. *Introdução aos estudos americanos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- BRAUMAN, R. e SIVAN, E. *Elogio de la desobediencia*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 1999.
- BRITTO, P. H. “A tradução do romance-mundo de Thomas Pynchon”. In: WERKEMA A. S., SOARES, M. V. N., ARAÚJO, N. (org). *Variações sobre o romance*. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2016.
- BULLOCK, A. *Hitler: estudio de una tiranía*. México: Biografías Ganesa, 1959.
- BURN, S. J. *David Foster Wallace’s Infinite jest: a reader’s guide*. London, New York: Continuum International Publishing Group, 2012.
- BURROUGHS, W. *Almoço Nu*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- _____. *Junky*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.
- _____. *Naked lunch*. London: Fourth Estate, 2010.

- _____. *Os escritores: as históricas entrevistas da Paris Review*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- CANETTI, E. *Massa e poder*. São Paulo: Melhoramentos, 1983.
- CLAUDE, H. e MONTASSUT, M. *Délimitation de la paranoïa légitime*. L'encéphale, 1926.
- CLERC, C. (ed.). *Approaches to Gravity's Rainbow*. Columbus: Ohio State University Press, 1983.
- CONNOR, S. *Cultura pós-moderna: introdução às teorias do contemporâneo*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- COWART, D. *Thomas Pynchon & the dark passages of history*. Athens, Georgia: University of Georgia Press, 2011.
- DELEUZE, G. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- _____. *Foucault*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.
- DELILLO, D. *Ruído branco*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- DELEUZE, G. e GATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 5*. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- _____. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia I*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.
- _____. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DORNBERGER, W. *V-2: the nazi rocket weapon*. Canada: Ballantine Books, 1958.
- DSM-V. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- DUGDALE, J. *Thomas Pynchon: allusive parables of power*. New York: Palgrave Macmillan, 1990.
- EBERLE, H. e UHL, M. *O dossiê Hitler*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- EGAN, J. *A visita cruel do tempo*. Rio de Janeiro: Ed. Intrínseca, 2011.
- ELLUL, J. *A técnica e o desafio do século*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.
- EVANS, R. J. *A chegada do Terceiro Reich*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2016.
- _____. *O Terceiro Reich no poder*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.
- _____. *O Terceiro Reich em guerra*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2012.
- _____. *Terceiro Reich na história e na memória*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2018.

- FIGES, O. *Sussurros: a vida privada na Rússia de Stalin*. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- FLAUBERT, G. *A educação sentimental*. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- FOWLER, D. *A reader's guide to Gravity's Rainbow*. Ann Arbor: Ardis, 1980.
- FREUD, S. *O Caso de Schreber: artigos sobre técnica e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- FROMM, E. *Anatomia da destrutividade humana*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- _____. *O medo à liberdade*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1960.
- _____. "Posfácio" (1961). In: ORWELL, G. *1984*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- FRYE, N. *Anatomia da crítica: quatro ensaios*. São Paulo: É Realizações, 2013.
- GALIMBERTI, U. *Psiche e techne: o homem na idade da técnica*. São Paulo: Paulus, 2006.
- GALINDO, C. W. "Graça Infinita no Brasil". In: *Revista Versalete*, Curitiba, vol. 6, nº 10, pp. 265-286, jan.-jun. 2018.
- _____. *Sim, eu digo sim: uma visita guiada ao Ulysses de James Joyce*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- GARRABÉ, J. *Histoire de la schizophrénie*. Paris: Seghers, 1992.
- GIFFORD, D. *Ulysses annotated: notes for James Joyce's Ulysses*. Los Angeles: University of California Press, 1988.
- GROSSMAN, V. *Vida e destino*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.
- GUMBRECHT, H. U. *A modernização dos sentidos*. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- _____. *O nosso amplo presente*. São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- HAYLES, N. K. *The cosmic web: scientific field models and literary strategies in the twentieth century*. London: Cornell University Press, 1986.
- HEIDEGGER, M. "A palavra de Nietzsche 'Deus morreu'". In: *Caminhos de floresta*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014.
- _____. "Die Frage nach der Technik". In: HEIDEGGER, M. *Vorträge und Aufsätze*. Pfullingen: Verlag Günther Neske, 1959.
- _____. *Einführung in die Metaphysik*. Tübingen: Niemeyer, 1987.
- HERMAN, L. e WEISENBURGER, S. *Gravity's Rainbow, domination, and freedom*. Athens: University of Georgia Press, 2013.
- HILBERG, R. *A destruição dos judeus europeus*. São Paulo: Amarelis, 2016.
- HILLMAN, J. *Paranóia*. Petrópolis: Vozes, 1993.

- HIROSHIMA PEACE MEMORIAL MUSEUM. *The spirit of Hiroshima: an introduction to the atomic bomb tragedy*. Hiroshima: Hiroshima Peace Memorial Museum, 1999.
- HITE, M. *Ideas of order in the novels of Thomas Pynchon*. Columbus: Ohio State University Press, 1983.
- HITLER, A. *Las conversaciones privadas de Hitler*. Barcelona: Crítica, 2004.
- HORKHEIMER, M. *Eclipse da razão*. São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- HUTCHEON, L. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.
- HUYSSSEN, A. “Mapeando o pós-moderno”. In: *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- INGRAO, C. *Crer e destruir: os intelectuais na máquina de guerra da SS nazista*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.
- JAMESON, F. “Pós-modernidade e sociedade de consumo”. In: *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, nº 12, pp. 16-26, jun. 1985.
- JOYCE, J. *Ulysses*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.
- JUNG, C. G. *Memórias, sonhos, reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- KERMODE, F. *El sentido de un final: estudios sobre la teoría de la ficción*. Barcelona: Gedisa Editorial, 2000.
- KERSHAW, I. *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. *O fim do Terceiro Reich: a destruição da Alemanha de Hitler, 1944-1945*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- KRACAUER, S. *De Caligari a Hitler: uma história psicológica do cinema alemão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.
- LACAN, J. *O seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.
- LASCH, C. *O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- LEVINE, G. “Risking the Moment: Anarchy and Possibility in Pynchon’s Fiction”. In: BLOOM, H. (ed.). *Thomas Pynchon*. Philadelphia: Chelsea House Publishers, 2003.
- LITTELL, J. *As benevolentes*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- LONGERICH, P. *Joseph Goebbels: uma biografia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.
- LOSURDO, D. *Stalin: história crítica de uma lenda negra*. Rio de Janeiro: Revan, 2010.

- McHALE, B. *Postmodernist fiction*. Cambridge: University Press, 1987.
- _____. “The Pale King, Or, The White Visitation”, In: BOSWELL, Marshall & BURN, Stephen J. (ed.). *A companion to David Foster Wallace studies*. New York: Palgrave Macmillan, 2013.
- MARCUSE, H. “Algumas implicações sociais da tecnologia moderna”. In: MARCUSE, H. *Tecnologia, guerra e fascismo*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.
- _____. *A ideologia da sociedade industrial*. Rio Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- MENDELSON, E. “Gravity’s Encyclopedia”, in: LEVINE, G. e LEVERENZ, D. (orgs.). *Mindful pleasures*. Boston: Little, Brown and Company, 1976.
- MICHEL, J. *Dora*, vol. 1. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1981a.
- _____. *Dora*, vol. 2. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1981b.
- MIKICS, D. “Postmodern fictions”. In: HENDIN, J. G. (ed.). *A concise companion to postwar american literature and culture*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2004.
- MILES, B. *William Burroughs, El hombre invisible: a portrait*. Nova York: Hyperion, 1993.
- MIRA, R. e LANGER, S. *Burroughs para principiantes*. Buenos Aires: Editora Longseller, 2001.
- NEUFELD, M. J. *The rocket and the Reich: Peenemünde and the coming of the ballistic missile era*. New York: The Free Press, 1995.
- _____. *Wernher von Braun: Dreamer of Space, Engineer of War*. New York: Alfred A. Knopf, 2007.
- NEUMANN, F. *Behemoth: pensamiento y acción en el nacional-socialismo*. México: Fondo de Cultura Econômica, 1943.
- NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- OLDERMAN, R. M. “The illusion and the possibility of conspiracy”, In: *Beyond the waste land: the american novel in the nineteen-sixties*. London: Yale University Press, 1973.
- PEREIRA, M. E. *Kraepelin e a criação do conceito de demência precoce*. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, ano IV, n. 4, dez./2001.
- PERRONE-MOISÉS, L. “A modernidade em ruínas.” In: PERRONE-MOISÉS, L. *Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

- _____. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- PIGLIA, R. “Teoria do complô”. In: Revista Serrote, São Paulo, n.2, p. 96-111, jul. 2009.
- _____. *Respiração artificial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- POIRIER, R. “The rocket power”. In: MENDELSON, E. (org.). *A collection of critical essays*. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, 1978.
- _____. “The Importance of Thomas Pynchon”. In: BLOOM, H. (ed.). *Thomas Pynchon*. Philadelphia: Chelsea House Publishers, 2003.
- POSTEL, J. e QUETEL, C. (org.). *Nouvelle histoire de la psychiatrie*. Toulouse: Privat, 1983.
- PYNCHON, T. V.. São Paulo: Paz e Terra, 1988.
- _____. *O leilão do lote 49*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- _____. *Gravity’s rainbow*. New York: Penguin, 2006.
- _____. “Posfácio” (2003). In: ORWELL, G. 1984. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- _____. *Arco-íris da gravidade*. Lisboa: Bertrand Editora, 2012.
- _____. *O arco-íris da gravidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- _____. *O último grito*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- QUINTAES, M. *Letras imaginativas: breves ensaios de psicologia arquetípica*. São Paulo: Paulus, 2011.
- RANCIÈRE, J. *O fio perdido: ensaios sobre a ficção moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- RAUSCHNING, H. *Hitler disse-me: confidências do Führer sobre os seus planos de conquista do mundo*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1940.
- REICH, W. *Psicologia de massas do fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- RICOEUR, P. *História e verdade*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Forense, 1968.
- RILKE, R. M. *Elegias de Duíno*. São Paulo: Globo, 2001.
- ROBBE-GRILLET, A. *Por um novo romance*. São Paulo: Editora Documentos, 1969.
- ROSENSTOCK-HUESSY, E. *A origem da linguagem*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- ROUDINESCO, E. e PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

- SCHAUB, T. *Pynchon: the voice of ambiguity*. Urbana: University of Illinois Press, 1981.
- SCHREBER, D. P. *Memórias de um doente dos nervos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- SEBALD, W. G. *Guerra aérea e literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- SEED, D. *The fictional labyrinths of Thomas Pynchon*. London: Macmillan Press, 1988.
- SERENY, G. *No meio das trevas: da eutanásia ao assassinato em massa - um exame de consciência*. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1981.
- SÉRIEUX, P. e CAPGRAS, J. *Les folies raisonnantes, le délire d'interprétation*. Paris: Félix Alcan, 1909.
- SHIRER, W. L. *Ascensão e queda do Terceiro Reich, volume I: triunfo e consolidação (1933-1939)*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.
- SIM, S. (ed.) *The Routledge companion to postmodernism*. New York: Routledge, 2005.
- SLADE, J. W. *Thomas Pynchon*. New York: Warner Paperback Library, 1974.
- SMITH, E. L. *Thomas Pynchon and the postmodern mythology of the underworld*. New York: Peter Lang, 2012.
- SOLJENÍTSIN, A. *Arquipélago gulag*. São Paulo: Círculo do Livro, 1976.
- SPEER, A. *Por dentro do III Reich*. São Paulo: Círculo do Livro, 1975.
- SPENGLER, O. *Der Untergang des Abendlandes* (Erster Band: Gestalt und Wirklichkeit). München: C.H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung, 1923a.
- _____. *Der Untergang des Abendlandes* (Zweiter Band: Welthistorische Perspektiven). München: C.H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung, 1923b.
- TANNER, T. *City of words: american fiction 1950-1970*. New York: Harper & Row, 1971.
- _____. *Thomas Pynchon*. London: Methuen, 1982.
- TREVOR-ROPER, H. R. *Os últimos dias de Hitler*. Rio de Janeiro: Editora Record, 19--.
- TOOZE, A. *O preço da destruição: construção e ruína da economia alemã*. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- WALLACE, D. F. *Graça infinita*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- _____. *Conversations with David Foster Wallace*. Ed. Stephen J. Burn. Jackson: University of Mississippi Press, 2012.

- WATT, I. “O realismo e a forma romance”. In: *A ascensão do romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- WEBER, M. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- WEISENBURGER, S. C. *A Gravity’s Rainbow companion: sources and contexts for Pynchon’s novel*. Athens: University of Georgia Press, 2006.
- WHITE, H. “Historical Pluralism”, In: *Critical Inquiry*, Chicago, vol. 12, n. 3, pp. 480-493, 1986.
- _____. *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- WOOD, J. *Como funciona a ficção*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- VOEGELIN, E. *As religiões políticas*. Lisboa: Vega, 2002.
- _____. *Anamnese: da teoria da história e da política*. São Paulo: É Realizações, 2009.
- _____. *Hitler e os alemães*. São Paulo: É Realizações, 2007.
- _____. *Reflexões autobiográficas*. São Paulo: É Realizações, 2007.
- _____. “Structures of Consciousness”. In: *The Drama of Humanity and Other Miscellaneous Papers: 1939-1985* (Collected Works of Eric Voegelin, Volume 33). Columbia: University of Missouri Press, 1989.